



**Filipa Daniela Correia
Marques**

**FAMÍLIAS ENVELHECIDAS: PERCURSOS E
DIVERSIDADE**



**Filipa Daniela Correia
Marques**

**FAMÍLIAS ENVELHECIDAS: PERCURSOS E
DIVERSIDADE**

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Gerontologia e Geriatria: Especialização em Gerontologia, realizada sob a orientação científica da Prof. Doutora Liliana Xavier Marques de Sousa, Professora Auxiliar com Agregação na Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro.

Apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, e do Fundo Social Europeu, no âmbito do POPH-QREN – Formação Avançada – Tipologia 4.1. (referência SFRH / BD / 45318 / 2008).

Dedico este trabalho à minha família.

o júri

presidente

Prof. Doutor Aníbal Guimarães da Costa
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Maria Constança Leite de Freitas Paúl Reis Torgal
Professora Catedrática do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto

Prof. Doutora Marília Martins Vizzotto
Professora Titular da Universidade Metodista de São Paulo – Brasil

Prof. Doutora Rosa Marina Lopes Brás Martins Afonso
Professora Auxiliar da Universidade da Beira Interior

Prof. Doutora Liliana Xavier Marques de Sousa
Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Daniela Maria Pias de Figueiredo
Professora Adjunta da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

agradecimentos

À Prof. Doutora Liliana Sousa, por quem tenho profunda admiração, quero agradecer pela sua dedicação e disponibilidade, otimismo e rigor, que foram imprescindíveis para que este trabalho decorresse com entusiasmo e confiança.

A minha gratidão estende-se à Prof. Doutora Marília Martins Vizzoto e Prof. Doutora Tânia Helena Bonfim onde além-fronteiras para *terras de Vera Cruz* enriqueceram o meu conhecimento transcultural.

À Marta Patrão pelas palavras de reconforto que aguçaram a minha firmeza.

À minha família que me *formatou* para aquilo que hoje sou, me instruiu a lutar e chegar mais além.

Às famílias deste estudo que expuseram as suas confidências e depositaram em mim a confiança necessária para a execução dos estudos. Sem elas não seria possível concretizar esta investigação.

Às minhas amigas, que mesmo sem perceber bem o que eu ia fazendo ao longo destes quatro anos depositaram em mim uma imagem sábia, a qual procurei nunca desapontar.

Ao Nuno, pelo amor, apoio, compreensão, e interesse incondicional no meu trabalho. Uma referência na dedicação, persistência e entusiasmo com que encara os desafios diários.

palavras-chave

famílias envelhecidas, integridade familiar, diversidade.

resumo

O conhecimento sobre famílias envelhecidas é ainda escasso. Neste âmbito, a pesquisa tem incidido nos cuidados familiares a idosos dependentes, focando os problemas de saúde, dependência funcional e declínio cognitivo. Esta investigação pretende contribuir para aprofundar o conhecimento sobre as famílias envelhecidas, assumindo uma perspetiva normativa e desenvolvimental, e contemplando a diversidade de contextos de vida e envelhecimento.

O capítulo 1 centra casais compostos por pessoas idosas, e tem por objetivos: caracterizar a estrutura, dinâmica e valores do agregado familiar dos casais idosos; evidenciar valores e dinâmica relacional dos casais idosos. A amostra compreende 136 participantes, a quem foi administrado um questionário sobre a fase última do ciclo de vida familiar (Cervený, 1997). A análise de dados efetuou-se com recurso ao programa de análise de dados estatística SPSS 17.1.

Os resultados indicam que os casais vivem predominantemente em casal, com uma dinâmica relacional do agregado caracterizada pelo respeito, diálogo e carinho; dinâmica relacional do casal caracterizada por clima afetivo, amizade e diálogo, e valores assentes no amor, diálogo e convívio familiar. A dinâmica relacional do casal é pautada por atividades de lazer realizadas em conjunto e vida sexual tão boa como antes; os valores dão ao casamento significados de realização pessoal e perpetuação através dos filhos na juventude, e adaptação e descoberta na velhice.

O capítulo 2 foca a construção da integridade familiar considerando a diversidade de contextos socioeconómicos (pessoas idosas que viveram em contexto de pobreza ao longo da vida), socioculturais (ex-emigrantes portugueses) e novas formas de famílias (homens homossexuais). Foi aplicada uma entrevista semiestruturada (King & Wynne, 2004) a uma amostra de 12, 20 e 10 pessoas, respetivamente. A análise de dados foi efetuada com base na análise de conteúdo com recurso a juizes independentes baseada na *grounded theory*, contudo no caso do contexto socioeconómico recorreu-se ao programa de análise de dados qualitativa N-Vivo 7.

Os resultados sugerem que a diversidade de contextos analisada coloca desafios à rutura familiar o que pode potenciar o caminho da desconexão e alienação. Contudo, o contexto das significações exerce um papel fundamental na construção da integridade familiar. A redefinição da identidade associada a uma filosofia de vida que enfatize as forças em vez dos fracassos parece determinar a construção da integridade familiar, contudo existem especificidades. Relativamente ao contexto socioeconómico: as pessoas idosas no caminho da integridade revelam um sentido de autovalorização (ter vivido uma vida significativa) apesar da pobreza; as pessoas idosas no caminho da desconexão/alienação alimentam sentimentos de insignificância devido à escassez de recursos económicos. Ainda neste contexto, os valores (princípios de conduta) reinterpretam a identidade ao longo da vida e permitem compreender que a integridade familiar ocorre quando ser pobre é encarado pelas conquistas; a desconexão/alienação emerge quando ser pobre incorpora sentimentos de desvalorização e inferioridade. No contexto sociocultural, as pessoas idosas ex-emigrantes cujo processo de emigração se desenvolveu em família (a família está envolvida no processo de emigração e funciona como um pilar desde a fase de decisão até ao regresso) desenvolveram uma filosofia de vida assente numa atitude ativa e solidária e estão em integridade familiar; as pessoas em desconexão relatam episódios de conflito familiar que marcam a trajetória de emigração, e uma atitude passiva na resolução desses conflitos até à atualidade; as pessoas em alienação familiar, cujo processo de emigração se desenrolou de forma solitária, desenvolvem uma filosofia de vida assente na luta solitária: a sua força e identidade estão em enfrentar tudo sem precisar de ninguém. Relativamente às novas formas de família, a integridade familiar evolui desde a revelação da homossexualidade (em idade jovem) e conclui-se na velhice quando a homossexualidade se torna um legado. A desconexão parece evoluir da luta constante da falha da aceitação da homossexualidade pela família e outras pessoas significativas.

O capítulo 3 analisa as trajetórias de vida de homens homossexuais atualmente idosos, para compreender melhor a influência da homossexualidade e os principais eventos. Adotou-se a técnica da linha de acontecimentos de vida (Acquaviva et al., 2007), aplicada a 10 participantes com 60 anos ou mais. Os resultados sugerem que vários eventos de vida influenciam o curso de vida: i) o autoconhecimento da homossexualidade; ii) tentar passar por heterossexual; iii) assumir a homossexualidade (explícita ou implicitamente); iv) sentir limitações e desafios relacionados com o ser idoso e homossexual.

O capítulo 4 procurou alargar a perspetiva do envelhecimento considerando uma abordagem transcultural. Assim, realizou-se um estudo numa comunidade indígena (Guarani Mbya, Brasil). Neste estudo analisa-se o modo de viver e ser idoso nessa comunidade. A amostra compreende 6 participantes a quem foi administrada uma entrevista aberta. Este estudo contemplou ainda a observação com registo etnográfico e realização de um diário de bordo. A análise de conteúdo efetuou-se com apoio do software de dados qualitativa WebQDA 1.4.3. Os resultados sugerem o papel das pessoas idosas na preservação de uma cultura ágrafa, garantindo que as tradições estejam presentes nas gerações atuais através da oralidade.

A adoção de lentes normativas no estudo e compreensão das famílias envelhecidas permite compreender as tarefas desenvolvimentais e normativas no fim da vida.

keywords

aging families, family integrity, diversity

abstract

The knowledge about aging families is still scarce. In this context, the research has focused on family caregiving, centering on health problems, functional dependency and cognitive decline. This research aims to contribute to deepening the knowledge about aging families, assuming a normative and developmental perspective, and considering the diversity of contexts of life and aging.

Chapter 1 focuses on elderly couples, and aims to characterize the structure, dynamics and values of the household of elderly couples, and highlight their values and relational dynamics. The sample includes 136 participants, who were administered a questionnaire of the last stage of the family life cycle (Cervený, 1997). Data analysis was carried out using the program SPSS statistical data analysis 17.1.

The results indicate that participants live predominantly as a couple, with a family dynamic characterized by kindness, dialogue and friendship and values based on love, dialogue and living in family. The relational dynamics of the couple is guided by leisure activities performed together and sex life as good as before, the values give to marriage meaning of perpetuation of personal fulfillment through their children in youth, and discovery and adaptation in old age.

Chapter 2 focuses on the construction of family integrity considering the diversity of socioeconomic contexts (older people who lived lifelong in poverty context), sociocultural (former Portuguese emigrants) and new forms of families (gay men). A semi-structured interview was administered (King & Wynne, 2004) to a sample of 12, 20 and 10 people respectively. The data analysis was based on content analysis using independent judges based on grounded theory, and in the economic context, it was used the qualitative program data analysis N-Vivo 7.

The results suggest that the diversity of contexts analyzed poses challenges to family breakdown which can enhance the way of disconnection and alienation. However, the context of meanings plays a fundamental role in the construction of family integrity. The redefinition of identity associated with a philosophy of life that emphasizes forces instead of failures seems to determine the construction of family integrity, but there are specifics. Regarding the socioeconomic context: the elderly in the path of family integrity reveal a sense of self-worth (having lived a meaningful life) despite the poverty, the elderly in the way of disconnection / alienation feed feelings of insignificance due to the scarcity of economic resources. Also in this context, values (principles of conduct) reinterpret the identity lifelong and demonstrate that family integrity occurs when being poor is seen by conquest; disconnection / alienation emerges when being poor incorporates feelings of worthlessness and inferiority. In the sociocultural context, the elderly former emigrants whose emigration process has developed in a family context (family is involved in the process of migration and works like a pillar from initial decision to return) developed a philosophy of life based on an active and solidarity attitude and are in familiar integrity, people in disconnection report episodes of family conflict that mark the path of emigration, and a passive attitude in resolving these conflicts up to the present, people in family alienation, whose emigration process unfolded in loneliness, develop a philosophy of life based on lonely struggle: its strength and identity are facing all without anyone. For new family forms, family integrity evolves from the revelation of homosexuality (being young) and concludes in old age when homosexuality becomes a legacy. The disconnection seem to evolve from the constant struggle of the failure of the acceptance of homosexuality by family and significant others. Chapter 3 analyzes the life trajectories of gay men currently aged over 60 to better understand the influence of homosexuality and major events in life course. The technique of line life events was adopted (Acquaviva et al., 2007), and applied to 10 participants. The results suggest that various life events influence the course of life: i) self-awareness of homosexuality ii) try to pass as heterosexual iii) assume homosexuality (explicitly or implicitly), iv) perceived limitations and challenges associated with being elderly and homosexual.

Chapter 4 sought to extend the perspective of aging considering a transcultural approach. This study was conducted in an indigenous community (Mbya Guarani, Brazil). This study analyzes the way of living and being elderly in this community. An open interview was applied to 6 participants. This study also included ethnographic observation with registration and completion of a logbook. Content analysis was carried out with support from the qualitative data software WebQDA 1.4.3. The results suggest the role of older people in the preservation of an unwritten culture, ensuring that traditions are present in current generations through oral tradition.

The adoption of normative lenses in the study of aging families allows understand the normative and developmental tasks at the end of life.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL	1
1. DA PERSPETIVA INDIVIDUAL DO ENVELHECIMENTO ÀS FAMÍLIAS ENVELHECIDAS	3
2. DESENVOLVIMENTO NO FIM DA VIDA	4
2.1 INTEGRIDADE DO EGO VS DESESPERO	4
2.2 DA INTEGRIDADE DO EGO À INTEGRIDADE FAMILIAR	8
3. FAMÍLIA E CICLO DE VIDA FAMILIAR	9
3.1 ÚLTIMO ESTÁDIO DO CICLO DE VIDA FAMILIAR: FAMÍLIAS ENVELHECIDAS	12
3.2 FAMÍLIAS ENVELHECIDAS	13
4. DESENVOLVIMENTO FAMILIAR: TRAJETÓRIAS DE VIDA E DIVERSIDADE DE CONTEXTOS SOCIAIS, FAMILIARES E CULTURAIS	14
4.1 CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÓMICA	15
4.2. NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: FAMÍLIAS HOMOSSEXUAIS	16
4.3. ENVELHECER EM DIFERENTES CULTURAS	17
4.3.1. O desafio da emigração	17
4.3.2. Minorias étnicas: famílias indígenas	18
5. ENFOQUE DE INVESTIGAÇÃO	19
5.1 ENVELHECER EM CASAL	19
5.2 CONSTRUIR A INTEGRIDADE FAMILIAR: A DIVERSIDADE DE PERCURSOS FAMILIARES	20
5.3 TRAJETÓRIAS DE VIDA DE HOMENS IDOSOS HOMOSSEXUAIS	21
5.4 A VELHICE NUM CONTEXTO TRANSCULTURAL: FAMÍLIAS INDÍGENAS	22
6. BIBLIOGRAFIA	23
CAPÍTULO I - ENVELHECER EM CASAL	31
1. AGREGADO FAMILIAR DE CASAIS IDOSOS: ESTRUTURA, DINÂMICAS E VALORES	33
1.1 INTRODUÇÃO	35
1.2 OBJETIVOS	39
1.3 METODOLOGIA	39
1.4 RESULTADOS	43
1.5 DISCUSSÃO	51
1.6 LIMITES E PERSPETIVAS DE PESQUISA	55

1.7	CONCLUSÃO	55
1.8	BIBLIOGRAFIA	56
2.	LONGEVIDADE DAS RELAÇÕES CONJUGAIS: VALORES E DINÂMICA RELACIONAL EM CASAIS IDOSOS PORTUGUESES	59
2.1	INTRODUÇÃO	61
2.2	OBJETIVOS	62
2.3	METODOLOGIA	63
2.4	RESULTADOS	65
2.5	DISCUSSÃO	71
2.6	LIMITES E PERSPETIVAS DE PESQUISA	75
2.7	CONCLUSÃO	75
2.8	BIBLIOGRAFIA	76
	CAPÍTULO II - CONSTRUIR A INTEGRIDADE FAMILIAR: A DIVERSIDADE DE PERCURSOS FAMILIARES	81
3.	INTEGRIDADE FAMILIAR: ESPECIFICIDADES EM IDOSOS POBRES	83
3.1	INTRODUÇÃO	85
3.2	OBJETIVOS	89
3.3	METODOLOGIA	89
3.4	RESULTADOS	93
3.5	DISCUSSÃO	99
3.6	CONCLUSÃO	103
3.7	BIBLIOGRAFIA	104
4.	INTEGRIDADE FAMILIAR EM PESSOAS IDOSAS POBRES: VALORES E SIGNIFICADOS	107
4.1	INTRODUÇÃO	109
4.2	OBJETIVOS	114
4.3	METODOLOGIA	115
4.4	RESULTADOS	118
4.5	DISCUSSÃO	135
4.6	CONCLUSÃO	141
4.7	BIBLIOGRAFIA	143
5.	TRAJETÓRIAS DE VIDA DE IDOSOS EX-EMIGRANTES PORTUGUESES: A CONSTRUÇÃO DA INTEGRIDADE FAMILIAR	147
5.2	OBJETIVOS	155
5.3	METODOLOGIA	156
5.4	RESULTADOS	160

5.5	DISCUSSÃO	177
5.6	INTERVENÇÃO INDIVIDUAL, FAMILIAR E COMUNITÁRIA	181
5.7	LIMITES E PERSPETIVAS DE PESQUISA	182
5.8	CONCLUSÃO	183
5.9	BIBLIOGRAFIA	184
6.	OLDER GAY MEN: PATHWAYS TO FAMILY INTEGRITY	189
6.1	INTRODUCTION	190
6.2	OBJECTIVES	193
6.3	METHODOLOGY	194
6.4	RESULTS	200
6.5	DISCUSSION	205
6.6	LIMITATIONS AND RESEARCH PERSPECTIVES	209
6.7	CONCLUSION	209
6.8	REFERENCES	211
	CAPÍTULO III - TRAJETÓRIAS DE VIDA DE HOMENS IDOSOS HOMOSSEXUAIS	215
7.	LIFE TRAJECTORIES OF OLDER GAY MEN	217
7.1	INTRODUCTION	218
7.2	OBJECTIVES	222
7.3	METHODS	222
7.4	RESULTS	224
7.5	DISCUSSION	232
7.6	LIMITATIONS AND PERSPECTIVES OF RESEARCH	235
7.7	CONCLUSIONS	236
7.8	ACKNOWLEDGMENTS	236
7.9	REFERENCES	237
	CAPTÍTULO IV - A VELHICE NUM CONTEXTO TRANSCULTURAL: FAMÍLIAS INDÍGENAS	245
8.	VIVER E SER VELHO NUMA COMUNIDADE INDÍGENA GUARANI MBYÁ	247
8.1	INTRODUÇÃO	249
8.2	OBJETIVO	257
8.3	METODOLOGIA	257
8.4	RESULTADOS	263
8.5	DISCUSSÃO	278
8.6	LIMITES E PERSPETIVAS DE PESQUISA	283
8.7	CONCLUSÃO	283
8.8	BIBLIOGRAFIA	284

CONCLUSÕES GERAIS	293
1. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS RESULTADOS E CONCLUSÕES	293
1.1 ESTRUTURA, DINÂMICA FAMILIAR E VALORES DE CASAIS IDOSOS	293
1.2 INTEGRIDADE FAMILIAR: O DESAFIO DA DIVERSIDADE	295
1.3 INFLUÊNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE: TRAJETÓRIAS DE VIDA	300
1.4 ENVELHECIMENTO E FAMÍLIAS INDÍGENAS	301
2. METODOLOGIA: CONSIDERAÇÕES	302
3. LIMITES E PERSPETIVAS DE PESQUISA: CONSIDERAÇÕES	305
4. BIBLIOGRAFIA	308
ANEXOS	313
ANEXO 1. QUESTIONÁRIO FASE ÚLTIMA DO CICLO DE VIDA FAMILIAR	315
ANEXO 2. ENTREVISTA INTEGRIDADE FAMILIAR	320
ANEXO 3. TÉCNICA DA LINHA DE ACONTECIMENTOS DE VIDA	321
ANEXO 4. PARECER DA COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA A AUTORIZAR A REALIZAÇÃO DO ESTUDO.	323
ANEXO 5. AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DO ESTUDO POR PARTE DOS CACIQUES DA COMUNIDADE GUARANI MBYA	327

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1. ESTÁDIOS PSICOSSOCIAIS DE DESENVOLVIMENTO	6
QUADRO 2. INTEGRIDADE FAMILIAR: COMPETÊNCIAS DO SISTEMA FAMILIAR	9
QUADRO 3. ESTÁDIOS DO CICLO DE VIDA FAMILIAR (CARTER & MCGOLDRICK, 2005)	12
TABELA 1.1. ESCOLARIDADE DO CASAL	42
TABELA 1.2. TIPOLOGIAS ESTRUTURAIS DOS AGREGADOS FAMILIARES DOS CASAIS E DINÂMICA RELACIONAL COM OS FILHOS.	44
TABELA 1.3. TIPOLOGIAS ESTRUTURAIS DOS AGREGADOS FAMILIARES DOS CASAIS E DINÂMICA RELACIONAL NO CASAL	45
TABELA 1.4. TIPOLOGIAS ESTRUTURAIS DOS AGREGADOS FAMILIARES DOS CASAIS E RITUAIS FAMILIARES	47
TABELA 1.5. TIPOLOGIAS ESTRUTURAIS DOS AGREGADOS FAMILIARES DOS CASAIS E DINÂMICA RELACIONAL NO AGREGADO.	48
TABELA 1.6. TIPOLOGIAS ESTRUTURAIS DOS AGREGADOS FAMILIARES DOS CASAIS E VALORES FAMILIARES.	50
TABELA 2.1 ESCOLARIDADE DO CASAL	65
TABELA 2.2 ESTRUTURA DO AGREGADO FAMILIAR E TEMPO DE RELAÇÃO CONJUGAL	66
TABELA 2.3 DINÂMICA CONJUGAL E TEMPO DE RELAÇÃO CONJUGAL	68
TABELA 2.4 VALORES DO CASAL/FAMÍLIA E TEMPO DE UNIÃO CONJUGAL	69
TABELA 3.1 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E REFERENTES A INTEGRIDADE VS DESCONEXÃO/ALIENAÇÃO FAMILIAR DA AMOSTRA	89
TABELA 3.2 ÁREAS DE VIDA COM INFLUÊNCIA NA INTEGRIDADE FAMILIAR	93
TABELA 4.1 AMOSTRA	117
TABELA 4.2 PALAVRAS SELECIONADAS.	119
TABELA 4.3 PALAVRAS SELECIONADAS, DOMÍNIOS DE CONSTRUÇÃO DA INTEGRIDADE FAMILIAR	124
TABELA 4.4 VALORES E SIGNIFICADOS VS DOMÍNIOS INTEGRIDADE FAMILIAR	133
TABELA 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	158
TABELA 5.2 PERFIS DE EMIGRAÇÃO	163
TABELA 5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES	164
TABELA 5.4 INTEGRIDADE, DESCONEXÃO E ALIENAÇÃO FAMILIAR EM IDOSOS EX-EMIGRANTES PORTUGUESES	174
TABELA 5.5 TRAJETÓRIAS (PERFIS DE EMIGRAÇÃO) VERSUS CONSTRUÇÃO DA INTEGRIDADE FAMILIAR	176
TABELA 6.1 SAMPLE	195
TABELA 6.2 PARTICIPANTS' CLASSIFICATION ON SUB/CATEGORIES	197

TABELA 6.3 CATEGORIES AND SUBCATEGORIES	198
TABELA 7.1 SAMPLE	223
TABELA 7.2 LIFE EVENTS AND CHRONOLOGICAL AGE	225
TABELA 8.1 AMOSTRA	261
TABELA 8.2 PALAVRAS MAIS FREQUENTES	263
TABELA 8.3 PALAVRAS MAIS FREQUENTES E CATEGORIAS	264

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1. ALDEIA GUARANI KRUKUTU E AS SUAS CASAS	265
ILUSTRAÇÃO 2. REPRESA DE BILLINGS	265
ILUSTRAÇÃO 3. CECI	268
ILUSTRAÇÃO 4. UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE	271
ILUSTRAÇÃO 5. CASAS DA ALDEIA GUARANI <i>KRUKUTU</i>	273
ILUSTRAÇÃO 6. CASA DE REZA	274
ILUSTRAÇÃO 7. INTERIOR DA CASA DE REZA	274

INTRODUÇÃO GERAL

O projeto inicialmente submetido e aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia centrava a integridade familiar na velhice, considerando a diversidade familiar (famílias reconstituídas, i/emigrantes, homossexuais e pessoas solteiras sem filhos); e a construção de uma medida *standardizada* para avaliar o *continuum* entre integridade, desconexão e alienação familiar. No entanto, foram introduzidas modificações ao plano inicial, pois a revisão da literatura revelou escassez de pesquisa sobre perspectivas desenvolvimentais de envelhecimento em família. A integridade familiar (o resultado positivo do esforço do adulto idoso para a construção de sentido, ligação e continuidade com a sua família, vivenciado pela pessoa idosa como uma sensação de profunda e contínua paz e satisfação com o passado, presente e futuro das relações familiares) manteve-se como o principal foco, tendo-se analisado várias configurações familiares: pessoas em situação de pobreza ao longo da vida (para compreender o impacto do contexto socioeconómico); ex-emigrantes portugueses (para incluir o impacto das influências sociais e culturais); homens idosos homossexuais (que encaram o desafio da discriminação social e constituem minorias sociais).

O desenvolvimento destes estudos salientou a necessidade de aprofundar as trajetórias de vida, uma vez que salientou o cariz epigenético do desenvolvimento na velhice. A recolha de dados junto de homossexuais e a constatação da parca investigação nesta área relativa ao envelhecimento tornou relevante analisar as trajetórias de vida destas pessoas para melhor compreender o seu processo desenvolvimental até à velhice.

Assim, foi-se tornando claro que o envelhecimento e a vivência da velhice necessitam de perspectivas individuais, sociais, familiares, culturais e também transculturais. Nesta linha foi realizado um intercâmbio doutoral com a Universidade Metodista de São Paulo, no

Brasil. Neste contexto realizou-se um estudo com pessoas indígenas Guarani no estado de São Paulo.

Ao longo desta investigação que inicialmente centrava a diversidade, constatou-se que a literatura é escassa mesmo sobre as configurações familiares mais comuns na velhice. Assim, realizaram-se estudos que centram o casal idoso (composição do agregado familiar; relações conjugais e longevidade) analisando a sua estrutura, dinâmica e valores associados.

Esta tese é constituída por oito estudos apresentados sob a forma de artigos científicos, publicados ou submetidos a publicação, distribuídos por quatro capítulos. Por razões de lógica estrutural optou-se por organizar os estudos partindo das configurações familiares mais comuns às mais diversificadas. Assim, os dois estudos relativos ao *Envelhecer em casal* compõem o capítulo 1. O capítulo 2, *Construir a integridade familiar: diversidade de percursos familiares*, compreende quatro estudos. O capítulo 3, *Trajetórias de vida de homens idosos homossexuais*, focaliza as trajetórias de vida de homens idosos homossexuais. O capítulo 4, *A velhice num contexto transcultural: famílias indígenas*, foca a abordagem transcultural do envelhecimento.

Apesar da diversidade de populações reunida nesta investigação, todos os estudos e capítulos se desenvolvem em torno do mesmo tema e propósito: as famílias envelhecidas, tendo como referência a perspectiva da pessoa idosa na família. O termo “famílias envelhecidas” é aqui utilizado em referência às famílias com um ou mais elementos idosos sendo que a designação “famílias no fim da vida” é usada como sinónimo (e.g. Santos & Silva, 2008; Carter & McGoldrick, 2005; Kart & Kinney, 2001).

Assim, o objetivo geral destes estudos é aprofundar o *olhar* normativo e desenvolvimental sobre as famílias envelhecidas contribuindo, com o estudo da diversidade, para uma visão mais alargada sobre estas famílias. Considerar a diversidade permite contemplar a existência de várias trajetórias de vida, bem como os aspetos comuns e diferenciadores do desenvolvimento e vivência da velhice. A introdução contextualiza teoricamente a interligação e evolução desses estudos, enquadrando os principais referenciais teóricos da tese e enunciando o seu enfoque e objetivos. O enquadramento teórico apresenta a

evolução de uma perspectiva mais individual do envelhecimento para uma abordagem desenvolvimental, que considera o indivíduo e suas famílias e contempla a diversidade.

1. Da perspectiva individual do envelhecimento às famílias envelhecidas

O desenvolvimento individual e familiar são indissociáveis. Porém, tradicionalmente têm sido estudados separadamente com maior ênfase no desenvolvimento individual (e.g. Carter & McGoldrick, 2005; Falicov, 1988). Erik Erikson (1980, 1959, 1950) conceptualizou o desenvolvimento individual ao longo do ciclo de vida, ou seja, que as pessoas se desenvolvem do nascimento até à morte. Contudo, a investigação sobre a família carece ainda de modelos que enfatizem as forças e o processo de desenvolvimento no último estágio do ciclo de vida familiar (Falicov, 1988). Este último estágio do ciclo de vida familiar tem sido designado como famílias envelhecidas ou famílias no fim da vida (Carter & McGoldrick, 2005; King & Wynne, 2004). Nesta fase, a investigação tem centrado questões de doença e dependência e cuidados familiares a idosos dependentes (Sousa, 2009). Provavelmente este foi o rumo mais adequado num momento de rápido envelhecimento populacional que exigia atenção às necessidades das pessoas idosas e em que os cuidados familiares constituíam o principal apoio disponível (Sousa, 2009). Contudo, envelhecer não significa somente adaptar-se aos declínios, pois também envolve continuar a evoluir e aprender, ou seja continuar o desenvolvimento individual, familiar, social e cultural. Apesar disso, os indivíduos, famílias e sociedades ainda não estão prontos para enfrentar/confrontar os desafios do fim da vida, ou aproveitar as oportunidades que advêm com a maturidade (Sousa, Patrão & Vicente, 2012). O processo de extensão da velhice (quando alguém atinge os 65 anos, idade cronológica oficial da velhice, ainda pode esperar viver mais 20 a 30 anos) é recente e, por isso, ainda desconhecido ou pouco vivenciado; assim as pessoas idosas, as famílias no fim da vida e as sociedades envelhecidas enfrentam a falta de modelos heurísticos e sociais (ou modelos de aprendizagem social) para o envelhecimento. A tarefa de bem envelhecer é desafiada pela escassez de modelos de envelhecimento (Walsh, 2005): alguns procuram esses modelos nos pais e avós; outros procuram em amigos ou personalidades reconhecidas na sociedade. Neste contexto, à medida que a velhice se expande em anos de vida e em número de elementos da população que a vivencia, diversos autores (e.g. Sousa, 2009; Walsh, 2005;

Tornstam, 1997) têm sublinhado a importância de desenvolver para as famílias envelhecidas modelos normativos (a velhice como uma fase normal e expectável da vida com desafios específicos) e desenvolvimentais (uma fase com sentido e propósito). Esta perspectiva normativa e desenvolvimental reconhece esta fase de vida como expectável, com significado, desafios e propósito, indo além da perspectiva patológica que tem dominado a literatura sobre envelhecimento; sem esquecer as fragilidades que tendem a ocorrer nesta fase de vida. Neste sentido, é relevante aprofundar o último estágio do ciclo de vida individual e familiar, contribuindo para consubstanciar um paradigma teórico para a família envelhecida. A procura de uma compreensão ampla do desenvolvimento na velhice requer uma abordagem que conjugue, cruze e integre contributos teóricos (e.g. King & Wynne 2004; Carter e McGoldrick, 2005; 1999; Cervený, 1997; Erikson 1950).

2. Desenvolvimento no fim da vida

2.1 Integridade do Ego Vs desespero

O estudo científico do desenvolvimento na velhice é recente (Neri, 2001). Alguns autores marcam a noção de desenvolvimento ao longo da vida argumentando com a existência de novos estádios de desenvolvimento além da adolescência (cf. Erikson, 1950; Commons, Richards & Armon, 1984; Loevinger, 1976; Levinson, 1986). Erik Erikson (1980, 1959, 1950) foi um dos primeiros autores a propor o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida. A primeira publicação *Childhood and Society* (1950) teve um forte impacto na comunidade científica por constituir a mais importante perspectiva do desenvolvimento do adulto; uma vez que: i) considera a vida humana em toda a sua extensão desde o nascimento até à morte; ii) propõe que as influências socioculturais contextualizam a manifestação e a resolução das crises evolutivas do ciclo de vida. Erikson (1963) refere que:

“Identity formation neither begins with nor ends with adolescence; it is a lifelong development largely unconscious to the individual and to his society” (p.113).

A ideia central da sua teoria psicossocial do desenvolvimento é a emergência gradual do sentido de identidade. Para Erikson (1972) construir uma identidade, implica definir quem

a pessoa é, quais os seus valores e as direções que deseja seguir na vida. Este autor considera que *identidade* é uma concepção de si, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido.

Erikson (1950) conceptualizou a experiência de vida através de oito estádios ou idades psicossociais que se vão sucedendo ao longo do ciclo de vida (Erikson, 1998, 1950; Erikson, Erikson & Kivnick, 1986;) (quadro 1). Cada estádio é vivenciado por uma crise e existem duas possibilidades opostas de a resolver: “a possibilidade sintónica ou a distónica; sendo que o envolvimento vital do indivíduo depende do equilíbrio destas disposições” (Erikson, Erikson, & Kivnick, 1986:33). O indivíduo pode resolver essa crise situando-se num *continuum* que vai da possibilidade ótima à possibilidade mais negativa de resolução (Marchand, 2005).

Quadro 1. Estádios psicossociais de desenvolvimento

Velhice (65 + anos)	Integridade vs desespero	Se as crises precedentes tiverem sido resolvidas adequadamente, o sujeito vivencia o sentimento de integridade do ego. Caso contrário pode desenvolver desespero.
Maturidade (35-65 anos)	Generatividade vs estagnação	O adulto jovem ou de meia-idade deve encontrar formas de satisfazer a generatividade., i.e. de ajudar a nova geração, de se dedicar aos outros. Não o fazendo ocorre um risco de desenvolver um sentimento de estagnação.
Adulo jovem (18-35)	Intimidade vs isolamento	O jovem adulto deve ser capaz de integrar o seu eu no “nós criando uma relação de intimidade com o outro. Caso contrário desenvolverá um sentimento de isolamento.
Adolescência (13-18 anos)	Identidade vs confusão de papéis	A tarefa central do adolescente é a construção do sentido de identidade em diversas áreas incluindo profissão, papéis sexuais, caso contrário pode desenvolver um sentimento de difusão e confusão do eu.
Infância escolar (6-13 anos)	Trabalho vs inferioridade	A criança em idade escolar tem de lidar com as exigências decorrentes da aprendizagem e novas e complexas capacidades. Se tal não acontecer poderá desenvolver um sentimento de inferioridade.
Infância pré-escolar (3-5 anos)	Iniciativa vs culpa	A criança torna-se mais assertiva, toma mais iniciativa, podendo porém tornar-se muito agressiva com os outros ou com os objetos e desenvolver um sentimento de culpa.
Primeira infância (1-3 anos)	Autonomia vs vergonha e dúvida	As energias da criança orientam-se para o desenvolvimento e controlo das capacidades físicas que lhe proporcionam um sentimento crescente de autonomia. Se não o fizer adequadamente pode desenvolver um sentimento de vergonha.
Bebé (0-1 anos)	Confiança vs desconfiança	O bebé forma a primeira relação baseada no amor e confiança com a mãe ou seu substituto. Se tal não acontecer pode desenvolver um sentido persistente de desconfiança.

Fonte: Erikson, 1950; Erikson, Erikson & Kivnick, 1986.

Erikson, Erikson e Kivnick (1986) explicam que estes oito estádios ou idades psicossociais produzem as forças necessárias para um envolvimento cada vez maior numa dimensão mais social, desde a infância à velhice, sublinhando o desenvolvimento coextensivo à duração da vida humana e salientando o caráter epigenético. A epigénese, *epi* (significa acima no espaço e antes no tempo) em conexão com *gênese* (a natureza tempo-espaço do desenvolvimento), é basilar nesta teoria. O princípio epigenético indica que cada estádio contribui para a formação da identidade total, por isso todos os estádios continuam

importantes depois de terem sido vividos; os estádios ultrapassados influenciam o modo como se vivem os estádios seguintes. Assim, a personalidade do indivíduo é um *continuum* hierarquizado, em que as estruturas mais complexas são as mais tardias. Nas palavras de Erikson (1950):

“Só aquele que de alguma forma tem cuidado de coisas e pessoas e se tem adaptado aos triunfos e desilusões inerentes à sua condição de criador de outros seres humanos e gerador de produtos e ideias, pode amadurecer o fruto dessas sete etapas.” (p. 247)

O último estágio (após os 65 anos) é vivido na dicotomia integridade vs desespero, constituindo o cumprimento e culminar das sete etapas anteriores. A integridade do *ego*¹ começa a ser questionada na vida adulta e ganha ascendência na velhice, quando a pessoa idosa procura dar sentido à vida e construir um sentimento de integridade do *ego* (por oposição ao desespero). Durante este período ocorre um momento de contemplação e revisão de vida, de lidar com a perda e preparar a morte. O indivíduo faz a avaliação do seu desempenho ao longo do ciclo de vida: se for capaz de aceitar a sua vida sem *pesares*, aceitando que é o responsável pela sua vida, a sensação de paz e integridade é alcançada. Se, por outro lado, a pessoa idosa é incapaz de chegar a esse ponto de reconciliação consigo e com o mundo, surge um sentimento de perda, decepção e insatisfação, e vive esta fase da vida em desespero. Uma pessoa que tenha gerido bem as tarefas psicológicas e resolvido o conflito de estádios prévios (por exemplo, construção de relações de intimidade e consolidação de sentimentos de realização pessoal e profissional) pode enfrentar a velhice com força, competência e sabedoria de forma a encarar a fragilidade e a aproximação da morte sem desespero.

Nos anos 1950/1960, altura em que Erikson desenvolveu o seu modelo, a esperança de vida era inferior à atualidade, por isso o tempo de vida esperado na velhice era menor. Provavelmente por isso, em revisões posteriores da sua teoria, em conjunto com a esposa Joan Erikson (1998), propõe um nono estágio de desenvolvimento (desespero *versus* integridade) em que mantém a dialética entre integridade e desespero. Contudo realça a

¹ *Ego* é o sentido consciente de si que se desenvolve através da interação social. Erikson (1950) considera que a identidade do *ego* está em constante mudança devido a novas experiências e adquire informações mediante interações diárias com os outros.

progressiva deterioração da saúde e fragilidade, que acentua a procura de significado e integridade. No nono estágio, o elemento distónico assume posição dominante e o conflito e a tensão (emergências e perdas de capacidades funcionais) são fontes de crescimento e compromissos. Nesta reformulação, Erikson atribui dois momentos de desenvolvimento à velhice: doação material e simbólica à família alargada e comunidade; e crescimento espiritual. Assim, na velhice as pessoas irão assumir novos papéis e atingir novos níveis de crescimento e maturidade.

2.2 Da integridade do ego à integridade familiar

Ainda existem poucos modelos teóricos sobre os processos de desenvolvimento e evolução de famílias envelhecidas (e.g.Sousa, Silva, Marques & Santos, 2009; King & Wynne, 2004). Assim, na tentativa de compreender a relação entre o desenvolvimento individual e familiar nas famílias envelhecidas, King & Wynne (2004) associam a construção da identidade do *ego* de Erikson (1959) a um processo mais vasto de construção de significado e sentido (para a vida): a *integridade familiar*.

A *integridade familiar* representa o resultado do desenvolvimento da pessoa idosa dentro do sistema familiar: o resultado positivo do esforço do adulto idoso para a construção de sentido, ligação e continuidade com a sua família multigeracional. Em oposição, a *desconexão* familiar é caracterizada por contactos familiares pouco frequentes, ausência de comunicação e sentimentos de isolamento; e a *alienação familiar* pela ausência de partilha de valores, crenças e inexistência de um sentimento de identidade familiar em relação à família multigeracional. Subjetivamente a integridade familiar é vivenciada como uma profunda e contínua sensação de paz e satisfação com o passado, presente e futuro das relações familiares (King & Wynne, 2004). A desconexão e a alienação familiar são vivenciadas como um sentimento de insatisfação com as relações familiares e vida individual (King & Wynne, 2004).

A integridade familiar depende de três competências do sistema familiar (King & Wynne, 2004) (quadro 2): i) transformação das relações familiares ao longo do tempo; ii) resolução ou aceitação de perdas passadas ou de conflitos familiares; iii) a criação de sentido através da transmissão de legados individuais ou familiares sob a forma de histórias ou rituais partilhados entre as gerações.

Quadro 2. Integridade Familiar: competências do sistema familiar

COMPETÊNCIAS DO SISTEMA FAMILIAR	
Transformação das relações familiares	Promover continuidade com maturação: <ul style="list-style-type: none">▪ Renegociar o poder intergeracional e alcançar relações entre pais e filhos adultos (mutualidade e maturidade filial).▪ Promover ou permitir a autonomia dos idosos (por exemplo, para que explore novos papéis na família multigeracional e na comunidade).
Resolução e/ou aceitação de conflitos e perdas	Aceitar o passado e viver o presente e o futuro: <ul style="list-style-type: none">▪ Dar tempo e espaço ao idoso para integrar assunto passados e presentes.▪ Antecipar necessidades e tomar decisões sobre o futuro.▪ Envolver o idoso nos assuntos familiares atuais.
Criação de significado e legado	Ligar o passado, o presente e o futuro: <ul style="list-style-type: none">▪ Dar espaço para o legado.▪ Aceitar a transmissão.▪ Reconhecer o contributo do idoso para a vida da família no passado, presente e futuro.

(Baseado em King & Wynne, 2004).

Sousa *et al.* (2009) estudaram os processos conducentes à integridade em famílias nucleares intactas. Estes estudos permitiram compreender melhor os processos na base da construção da *integridade familiar*, aprofundando as componentes já definidas por King e Wynne (2004) e fazendo emergir novas (e.g. projetos de futuro que implicam a redefinição do tempo na velhice e a atribuição de um futuro a esta fase da vida).

3. Família e ciclo de vida familiar

Família é das palavras mais utilizadas do léxico das diversas ciências sociais e humanas, apresentando um carácter polissémico que pode gerar mal-entendidos, pois abrange um “leque de conteúdos que diferem consoante as circunstâncias do discurso e dos países” (Segalen, 1999: 33). A diversidade de modelos familiares, ao longo dos tempos e nas diferentes culturas, torna difícil um consenso de definição única de família (Gimeno, 2001). Neste sentido, a definição do conceito é um dos primeiros e mais complexos problemas que se colocam a quem procura compreender a família (Fuster & Ochoa, 2000). Adotamos aqui a definição de família segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) por constituir uma definição operacional e ampla:

“O conceito de família não pode ser limitado a laços de sangue, casamento, parceria sexual, ou adoção. Qualquer grupo cujas ligações sejam baseadas na confiança, suporte mútuo e um destino comum, deve ser encarado como família.” (OMS, cit. in Rodrigues, et. al, 2007, p.54).

A família é tão importante na velhice como nos outros estádios de desenvolvimento (Carter & McGoldrick, 2005). O desenvolvimento familiar remete para a mudança e evolução da família enquanto grupo, e para as alterações nos seus membros individuais (Sousa et al., 2009). O caráter desenvolvimental desta abordagem reside no reconhecimento de uma sucessão previsível de transformações na organização familiar, em função de tarefas definidas (Relvas, 1996), que tem sido designado por *ciclo de vida familiar*. Partimos da abordagem do ciclo de vida familiar para centrar no último estágio desse ciclo. Nesta perspectiva, a família, como os indivíduos, evolui e desenvolve-se num percurso pontuado por etapas (com características e funções diferenciadas), em que a família e os seus membros coevoluem no seu processo de formação e desenvolvimento (e.g. Patrão, 2010; Carter & McGoldrick, 2005; Cerveny, 1997). O desenvolvimento individual e familiar ocorrem concomitantemente.

O desenvolvimento familiar (ou seja, o movimento de evolução em cada fase de transição entre etapas) implica que diferentes gerações se adaptem aos diversos estádios da vida familiar, através de um rearranjo contínuo dos papéis, pertenças, distância e limites emocionais (Sousa, Vicente e Patrão, 2012). As transições normativas entre as etapas do ciclo de vida envolvem mudanças relacionais (Carter & McGoldrick, 1999; Cerveny, 1997), destinadas a apoiar a entrada, saída e desenvolvimento dos diversos elementos do sistema familiar. Assim, os períodos de transição tendem a ser marcados por sentimentos de perda, incerteza e ansiedade que rodeiam o processo de adaptação, reorganização e consolidação da mudança. Em cada etapa do ciclo de vida, a funcionalidade do sistema familiar depende do cumprimento de tarefas que envolvem a redefinição dos papéis familiares e a reorganização da relação com o contexto externo (Relvas, 1996).

O ciclo de vida familiar tem sido estudado por vários autores que descrevem sequências similares em estádios distintos (Carter & McGoldrick, 2005; 1999; Cerveny, 1997; Duvall, 1957). Nesta investigação será tomada a perspectiva de Carter & McGoldrick (2005), pois têm estudado amplamente o ciclo de vida familiar, considerando a diversidade e

contemporaneidade: “a família é o contexto íntimo emocional e relacional no qual os estádios de desenvolvimento individuais ocorrem; é um sistema que muda e se move ao longo do tempo” (p. 1). Além disso, estas autoras têm sido as mais profícuas em investigação neste âmbito.

Neste modelo assume-se que as famílias são sistemas diversificados (designadamente, em termos de composição, papéis, relações e organização), mas com princípios unificadores que permitem definir estádios e tarefas. São seis os estádios do ciclo de vida familiar indicados por Carter e McGoldrick (2005) (quadro 3.) O último estágio proposto, aquando da construção da integridade familiar, tem sido designado como famílias envelhecidas (ou famílias no fim da vida). O ciclo de vida familiar começou por se definir por referência à família nuclear, no entanto é relevante assinalar que todos os estádios propostos por Carter & McGoldrick (2005, 1999) consideram tarefas que implicam a interação com outros sistemas para além da família nuclear, nomeadamente outras gerações e sistemas sociais.

Quadro 3. Estádios do ciclo de vida familiar

ESTÁDIO	PROCESSO EMOCIONAL DE TRANSIÇÃO	MUDANÇAS DE SEGUNDA ORDEM
Independência: lançamento do jovem adulto sozinho	Aceitar a responsabilidade emocional e financeira	Diferenciação entre <i>self</i> e família Desenvolver relações íntimas com os pares Sustentar a independência financeira através do trabalho remunerado
Juntar famílias: o novo casal	Compromisso com um novo sistema	Formar o subsistema conjugal Realinhar relações com a família e amigos para incluir o/a companheiro/a
Famílias com crianças pequenas	Aceitar os novos membros no sistema familiar	Formar o subsistema parental Encontrar tempo e espaço no subsistema conjugal para a parentalidade Ajustar papéis e tarefas Ajustar relações com família e amigos
Famílias com adolescentes	Aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para permitir a crescente autonomia dos filhos e responder às fragilidades das gerações mais velhas.	Alterar o estilo parental Realinhar a relação conjugal e a carreira profissional Iniciar os cuidados aos mais velhos.
Lançamento dos filhos na vida adulta	Aceitar entradas e saídas na família	Readaptação conjugal na ausência dos filhos (novamente dois) Mudança para uma relação entre pais e filhos adultos Integração de genros, noras e netos Gestão de incapacidades e morte dos pais
Famílias no fim da vida	Aceitar alterações nos papéis das gerações	Adaptar-se ao declínio físico Apoiar o papel de liderança da geração intermédia Lidar com a morte de pessoas próximas e significativas Revisão e integração da história de vida Preparar/gerir a própria morte

Fonte: Carter & McGoldrick, 2005: 2.

3.1 Último estágio do ciclo de vida familiar: famílias envelhecidas

No último estágio do ciclo de vida familiar (quadro 3) as pessoas idosas e as suas famílias são confrontadas com tarefas, desafios e conflitos tão complexos e ricos quanto as gerações mais jovens (Sousa, Patrão & Vicente 2012). Nesta fase alguns acontecimentos exigem mudanças qualitativas ou de segunda ordem (aquelas que implicam alterações inequívocas

nas regras básicas envolvendo a reorganização na estrutura, funções e emoções, e não apenas ajustes funcionais; e que se tornam inevitáveis na passagem das diferentes etapas), decisivas para o desenvolvimento (Sousa, Patrão & Vicente, 2012): i) adaptar-se ao declínio físico (mantendo os interesses e o funcionamento individual e familiar) e explorar novas opções para os papéis familiares e sociais; ii) apoiar o papel central da geração intermédia e incorporar novos papéis, designadamente o de avô/bisavô; iii) criar espaço para a sabedoria e experiência da geração idosa, apoiando-a sem superproteger; iv) lidar com a perda do cônjuge (viuvez), irmãos e outras pessoas significativas e preparar/enfrentar a própria morte; v) ajustar-se à doença e dependência, aceitando o apoio e cuidados familiares; vi) lidar com a reforma e perda de papéis sociais, ao mesmo tempo que ocorre um reenfoque na vida familiar.

Estes acontecimentos normativos ou expectáveis encerram desafios desenvolvimentais, designadamente a construção do sentimento de integridade familiar, que envolve a revisão e integração da vida individual e familiar.

3.2 Famílias envelhecidas

O uso do termo *famílias envelhecidas* (ou famílias no fim da vida) é recente. Sendo uma área pouco explorada na literatura e investigação (Sousa, 2009), a existência de definições ainda é parca. As meta-análises de artigos sobre envelhecer em contexto familiar são consistentes em considerar este tópico humildemente estudado (e.g. Sousa, 2009; Van Amburg, Baber & Zimmerman, 2006; Flori, 1989). Todavia, a definição mais consensual reporta à última fase do ciclo de vida familiar face à existência de elementos idosos na família (e.g. Santos & Dias, 2008; Carter & McGoldrick, 2005; Kart & Kinney, 2001). Neste sentido, ao longo desta investigação referimo-nos às famílias envelhecidas considerando a pessoa idosa como ponto nodal da família em interação com o seu contexto familiar. Assim, para definir e compreender as famílias no fim da vida torna-se necessário e adequado alargar a lente epistemológica e pensar em termos de família multigeracional (e.g. Sousa, Silva, Marques & Santos, 2009; Carter e McGldrick, 2005; King & Wynne 2004). Em relação ao conceito de família multigeracional, Relvas (2004: 188) refere: “pode dizer-se que o tipo de família dominante é a família multigeracional, considerada em termos vivenciais e relacionais e sem nos reduzirmos ao agregado familiar”. Considerar a

família multigeracional implica olhar além das limitações da residência, parentesco, noções preconcebidas da evolução familiar, e mesmo da morte (Vicente, 2010). Este parece ser um caminho viável para uma melhor compreensão das famílias no fim da vida.

A par desta ideia, Carter & McGoldrick (2005) referem que o indivíduo e sua família devem ser contemplados no seu contexto histórico, social e cultural; no passado e no presente para que possam ser largamente compreendidos. King e Wynne (2004) e Sousa et al. (2009) estudaram famílias envelhecidas nucleares intactas. Torna-se, agora, relevante atender à diversidade de famílias envelhecidas, tal como esses autores também sugerem (e.g. Sousa, Patrão & Vicente, 2012; Carter & McGoldrick, 2005; Brotman, Ryan & Cormier, 2003).

4. Desenvolvimento familiar: trajetórias de vida e diversidade de contextos sociais, familiares e culturais

À sequência de eventos que acontecem ao longo do desenvolvimento, incluindo como as experiências se organizam desde o nascimento até a morte, designamos por *trajetórias ou percursos de vida* (Sifuentes, Dessen & Oliveira, 2007). À medida que envelhecemos, as trajetórias de vida, tornam-se tendencialmente mais diversificadas (Carter & McGoldrick, 2005; Fonseca, 2005). Há uma emaranhada *teia de conexões* que *tempera* o modo como nos movemos e desenvolvemos, incluindo os contextos familiares, comunitários, sociais e culturais (Walsh, 2012). A variabilidade *inter* e *intra* cultural desempenha um papel relevante na forma como o ciclo de vida é vivenciado: género, etnia, classe social, orientação sexual, entre outras dimensões socioculturais são determinantes críticos do desenvolvimento do indivíduo e suas famílias, pois moldam as opções e condutas ao longo do ciclo de vida (e.g. Carter & McGoldrick, 2005; Maccoby, 1990; Miller, 1976). Também as mudanças dos estilos de vida e configurações familiares colocam desafios às famílias no fim da vida (Johnson & Barer, 1990). O desenvolvimento familiar ao longo do ciclo de vida é influenciado pelo tempo histórico. A compreensão da *raíz* familiar, social e cultural é essencial para a compreensão dos seus membros e como se desenvolvem. Considera-se de seguida várias abordagens centradas na diversidade de contextos sociais (contextos de

vulnerabilidade socioeconómica), novas configurações familiares (famílias homossexuais) e contextos culturais (emigração e diferentes etnias).

4.1 Contextos de vulnerabilidade socioeconómica

Os recursos económicos e a posição social influenciam as respostas familiares a acontecimentos relevantes, pois determinam escolhas e recursos para lidar com desafios (esperados e inesperados) da vida familiar (Kliman & Madsen, 2005). A classe social molda os *timings* de vida, expectativas, advertências, oportunidades e riscos das famílias (Kliman & Madsen, 2005; Stack & Burton, 1993; Fulmer, 1988). Ser pobre é um fator que fragiliza pessoas e famílias (Sousa, 2005; Hines, 1989), pois um conjunto de aspetos (tais como, problemas de saúde, privação económica e limitado acesso a recursos) pode interagir levando a família/indivíduos a padrões problemáticos (por exemplo: comportamentos desviantes, baixa autoestima). Contudo, alguns estudos demonstram que estas famílias também se mostram hábeis na tomada de decisões e na superação de desafios, evidenciando unidade familiar e um sistema moral fortalecido diante da proporção das circunstâncias desfavoráveis de suas vidas; ou seja, são resilientes (e.g. Sarti, 1996; Carvalho, 1995; Mello, 1995; Szymanski, 1988). A precariedade das contingências económicas e sociais que atingem principalmente as famílias de classe social mais desfavorecida podem afetar de forma adversa o desenvolvimento dos indivíduos (por exemplo: escassez de recursos económicos para atender às necessidades básicas). Há contudo exceções, pois alguns grupos desenvolvem processos e mecanismos que garantem a sua sobrevivência, não só física, mas dos valores de sua identidade cultural (Sonn & Fisher, 1998); não sendo por isso inevitavelmente "disfuncionais" (Yunes, 2001; Lindblad-Goldberg, 1989).

Mais de metade dos idosos portugueses vive em situação de pobreza (Machado & Roldão, 2010). Fracas remunerações durante a vida profissional, descontos irregulares e tardios para a segurança social e insuficiência do sistema de proteção, geram um quadro generalizado de baixas pensões, que atinge mais severamente subgrupos como os mais idosos que vivem sós (Costa et al., 2008; Capucha, 2005; Mauritti, 2004).

4.2. Novas configurações familiares: famílias homossexuais

A sociedade tem retratado as famílias homossexuais como uma estrutura *divorciada* da noção de família (Johnson & Colucci, 2004). Apesar da concepção de família ser ampla (i.e. a contemplar várias configurações), a opinião dominante sustenta que as estruturas e normas dos *gay* são idiossincráticas e muito diferentes da vida da família heterossexual (Johnson & Colucci, 2004). Alguns investigadores (Carter & McGoldrick, 2005; Siegel & Lowe, 1994; Slater & Mencher, 1991) consideram que o próprio modelo de ciclo de vida familiar não pode ser considerado para pessoas homossexuais, pois baseia-se na experiência heterossexual e tradicional.

Os indivíduos homossexuais são tipicamente tidos como eternos solteiros vítimas de relações (familiares e amorosas) falhadas que vivem escondidos em *guettos* devido à pressão social resultante uma orientação sexual dominante e homofóbica. No caso de pessoas idosas homossexuais esta situação tende a acumular a discriminação com base na idade e na orientação sexual. Neste sentido, a pessoa idosa homossexual vive e/ou viveu uma vida de desafios em relação ao desenvolvimento da sua identidade individual e familiar (por exemplo, Brown et al., 2001; Grossman, D'Augelli & O'Connell, 2001). Estudos sobre as famílias no fim da vida raramente têm focado a homossexualidade, provavelmente porque desafia as definições contemporâneas da família (por exemplo, não existem normas ou papéis familiares adequados para relações homossexuais) (Lev, 2010). Estudos de famílias tendem a concentrar-se sobre a homossexualidade como um stressor que pode perturbar os padrões tradicionais de vida familiar enraizados em aspetos heteronormativos (e.g. Muraco, Le Blanc & Russell, 2008). Os homens idosos homossexuais viveram uma vida de desafios em relação ao desenvolvimento da sua identidade individual e familiar. Viveram a sua juventude sob padrões sociais altamente discriminativos e enfrentam agora a aceitação gradual da homossexualidade por parte da sociedade, o que constitui um novo repto nesta fase de vida.

4.3. Envelhecer em diferentes culturas

4.3.1. O desafio da emigração

Tradicionalmente conhecido como um país de emigração, sobretudo pelas grandes dificuldades resultantes da segunda guerra mundial (1939-1945), Portugal assiste a uma grande vaga de movimentos migratórios desde os anos 40/50 (Barreto, 2005). Apesar de a emigração se ter tornado uma norma na população mundial, é ainda uma transição stressante de longa duração (Sluzki, 1992 cit *in* Crater & McGoldrick, 2005). O migrante considerado simultaneamente *imigrante* (no país de acolhimento) e *emigrante* (no país de origem) confronta-se com o desafio da identidade familiar entre duas culturas. A história das migrações do século XX demonstra que muitos emigrantes acabam por se fixar definitivamente nos países de destino, apesar da vontade (sempre presente) de regresso ao país de origem (Machado & Roldão, 2010). No entanto, o regresso pode também provocar embaraço no caso de a emigração não ser bem-sucedida, ainda mais quando se chega ao fim da vida profissional com uma situação económica frágil. O insucesso torna-se visível para os que ficaram, que sempre avaliam nessa ótica o emigrante regressado (Témime, 2001). A permanência dos descendentes no país de destino (ou de origem) filhos e/ou netos - esses decididamente fixados, e a quem não se coloca a ideia de regresso porque nem sequer conhecem o país de origem dos pais ou avós, contribui para o afastamento e instabilidade familiar afetando o desenvolvimento familiar (Carter & McGoldrick, 2005). Neste sentido, os efeitos da emigração são multigeracionais pois envolve membros além-fronteiras: inclui quem parte (para o país de acolhimento) e quem fica (no país de origem) e os que vão para o país de acolhimento e regressam (Morrison & James, 2009). A experiência da emigração afeta e pode alterar a progressão do desenvolvimento de uma família reconstruindo a sua estrutura e dinâmica à força (separando parentes próximos, adiando o casamento, etc.) (Inclan & Hernandez, 1992). Assim, a emigração é uma das vivências associada a descontinuidade cultural e familiar. Esta rutura e suas repercussões em todo relacionamento familiar afetam padrões do ciclo de vida familiar (Sluzki, 1979).

4.3.2. Minorias étnicas: famílias indígenas

A etnia é de particular interesse no estudo da diversidade. Profundamente ligada à família, através da qual é transmitida (Walsh, 2012), a etnia constitui uma combinação de preceitos, tais como: história, religião, cultura, costume, língua. Ao constituírem parte de uma cultura não dominante, as famílias indígenas defrontam continuamente a pressão para desistir dos seus valores em detrimento das normas do grupo dominante: a população não indígena (McGoldrick, 1989). A sobrevivência destas culturas depende do contributo dos seus membros, em especial das pessoas idosas da comunidade que constroem a história através da memória (Silva & Grubits, 2006). A questão do envelhecimento indígena é um interesse de investigação muito recente (Terra, Ferreira, Tacques & Machado, 2010; Funasa, 2000). No entanto, vários autores reconhecem esta necessidade (e.g. Walsh, 2012; Sousa et al., 2012; Carter & McGoldrick, 2005; McGoldrick, 1989). O envelhecimento é um fenómeno natural e universal, mas a representação da velhice é culturalmente determinada; entre os diversos povos indígenas e, notadamente, entre estes e a população não-indígena, existem diferenças quanto à categorização dos sujeitos como velhos, o seu estatuto, direitos e deveres (e.g. Silva & Silva, 2008; Glazer e Moynihan, 1970).

5. Enfoque de Investigação

Esta investigação contribui para aprofundar uma perspetiva normativa e desenvolvimental sobre as famílias envelhecidas considerando a pessoa idosa numa diversidade de contextos familiares, sociais e culturais. A escassa investigação sobre famílias envelhecidas motivou o desenvolvimento dos seguintes objetivos específicos: i) compreender a estrutura, dinâmica e valores do agregado familiar de casais de idosos (pois envelhecer em casal é a configuração mais comum da realidade social); e examinar as relações conjugais de longa duração analisando valores e dinâmica relacional do casal; ii) analisar a construção da integridade familiar em pessoas idosas em contextos familiares e sociais diversificados (homossexualidade, pobreza, emigração); iii) compreender as trajetórias de vida de homens idosos homossexuais analisando o processo desenvolvimental até à velhice; iv) incorporar uma perspetiva cultural do envelhecimento alargando a investigação a pessoas idosas indígenas.

Na prossecução destes objetivos foram usados pressupostos da metodologia qualitativa e quantitativa. Os estudos relativos ao capítulo I seguiram as premissas da metodologia quantitativa e desenvolveram-se a partir de uma análise de dados estatísticos com recurso ao programa SPSS (17.1). O segundo, terceiro e quarto capítulo seguiram a metodologia qualitativa na recolha e análise dos dados. Concretamente a recolha de dados efetuou-se com recurso a entrevistas semiestruturadas (capítulo 2), desenho da linha de acontecimentos de vida (capítulo 2 e 3), entrevista aberta, observação com *traços* etnográficos contemplando um diário de bordo (capítulo 4). A análise de dados foi, nos três capítulos, efetuada com base na análise de conteúdo com recurso a juizes independentes (as autoras) baseada na *grounded theory*, com o apoio de diferentes *softwares* de análise de dados: Nvivo 7 (capítulo 2) e WebQDA 1.4.3. (capítulo 4).

5.1 Envelhecer em casal

O capítulo I é constituído pelos seguintes estudos: 1. *Agregado familiar de casais idosos: estrutura, dinâmica e valores*; 2. *Longevidade das relações conjugais: valores e dinâmica relacional em casais idosos Portugueses*. Considerou-se pertinente aprofundar os conhecimentos sobre as estruturas típicas familiares. Trata-se de dois estudos exploratórios, baseados na aplicação de um questionário sobre a fase última do ciclo de

vida familiar (Cervený, 1997) a 136 pessoas idosas, membros de um casal de idosos. Os resultados do primeiro estudo mostram que vivem predominantemente em casal, com uma dinâmica relacional do agregado caracterizada pelo respeito, diálogo e carinho; dinâmica relacional do casal caracterizada por clima afetivo, amizade e diálogo constante, e valores familiares adotados com base no amor, diálogo e convívio familiar. Os resultados do segundo estudo deste capítulo indicam uma dinâmica relacional do casal pautada por atividades de lazer realizadas em conjunto e vida sexual tão boa como antes; os valores dão ao casamento significados de realização pessoal e perpetuação através dos filhos durante a juventude, e de adaptação e descoberta na velhice. São igualmente descritas implicações, limitações e recomendações para futuras investigações. Ambos os estudos assumem relevância na caracterização das famílias no último estágio do ciclo de vida.

5.2 Construir a integridade familiar: a diversidade de percursos familiares

O segundo capítulo é constituído por quatro estudos que analisam a construção da integridade familiar considerando a diversidade de contextos socioeconómicos (pessoas com histórias de pobreza ao longo da vida), socioculturais (pessoas idosas ex-emigrantes) e novas formas de família (homens homossexuais) na construção deste sentimento: i) *Integridade familiar: especificidades em idosos pobres*; ii) *Integridade familiar em pessoas idosas pobres: valores e significados*; iii) *Trajetórias de vida de idosos ex-emigrantes Portugueses: a construção da integridade familiar*; iv) *Older gay men: pathways to family integrity*. Em cada estudo foi aplicada uma entrevista semiestruturada (King & Wynne, 2004). Os resultados sugerem que o contexto de significações exerce um papel fundamental na construção da integridade familiar. A redefinição da identidade associada a uma filosofia de vida que enfatize forças, em vez de fracassos, parece determinar a construção da integridade familiar. Contudo existem especificidades. Relativamente ao contexto socioeconómico: as pessoas idosas no caminho da integridade revelam um sentido de autovalorização (ter vivido uma vida significativa) apesar da pobreza; as pessoas no caminho da desconexão/alienação alimentam sentimentos de insignificância devido à escassez de recursos económicos. No contexto sociocultural, as pessoas idosas ex-emigrantes cujo processo de emigração se desenvolveu em família (envolvida e funcionando como pilar desde a fase de decisão até ao regresso) desenvolveram uma

filosofia de vida assente numa atitude ativa e solidária e estão em integridade familiar; as pessoas em desconexão relatam episódios de conflito familiar que marcam a trajetória de emigração, e uma atitude passiva na resolução desses conflitos até à atualidade; as pessoas em alienação familiar, cujo processo de emigração se desenrolou de forma solitária, desenvolvem uma filosofia de vida assente na luta solitária: a sua força e identidade estão em enfrentar tudo sem precisar de ninguém. Relativamente às novas formas de família, a integridade familiar evolui desde a revelação da homossexualidade (em idade jovem) e conclui-se na velhice quando a homossexualidade se torna um legado. A desconexão parece evoluir da luta constante da falha da aceitação da homossexualidade pela família e outras pessoas significativas. Estes resultados permitem compreender vários contextos de desenvolvimento na velhice. Nestes estudos são ainda apontadas as limitações e perspectivas de investigação na área da integridade familiar. São descritas as limitações e sugestões de investigação no âmbito da homossexualidade na velhice.

5.3 Trajetórias de vida de homens idosos homossexuais

O estudo que compõe o terceiro capítulo *Life trajectories of older gay men* explora as trajetórias de vida de homens idosos homossexuais. Adotou-se a técnica da linha de acontecimentos de vida (Acquaviva et al., 2007) aplicada a 10 participantes com 60 e mais anos. Os resultados sugerem a influência de vários eventos ligados à homossexualidade no curso de vida destas pessoas: i) reconhecimento da homossexualidade (que ocorre desde a infância); ii) tentar passar por heterossexual; iii) assumir a homossexualidade (explícita e implicitamente) iv) sentir limitações e desafios relacionados com o ser idoso e homossexual. A *família de escolha* (constituída por relações não sanguíneas) assume uma importância adicional para as pessoas idosas homossexuais pois desempenham papéis e funções específicas em desafios únicos desta população (e.g. facilitam a autoaceitação da orientação sexual dos participantes e apoiam e orientam no processo de revelação à família). As famílias de escolha mantêm-se durante toda a vida, contudo os membros que a constituem vão-se alterando. Neste estudo são igualmente apontados os limites de investigação bem como perspectivas de investigação na área da homossexualidade na velhice.

5.4 A velhice num contexto transcultural: famílias indígenas

O último capítulo contempla o estudo *Viver e ser velho na comunidade indígena Guarani Mbyá da Aldeia Krukutu*. Trata-se de um estudo exploratório realizado com 6 elementos do conselho de anciãos da aldeia Krukutu da comunidade indígena Guarani Mbya (da mata atlântica em São Paulo, Brasil). Foi utilizada entrevista aberta, observação com traços etnográficos e diário de bordo. Os resultados sugerem o papel determinante das pessoas idosas na preservação de uma cultura ágrafa, garantindo que as tradições estejam presentes nas gerações atuais através da oralidade. Os resultados permitem compreender a influência de contextos culturais no processo de envelhecer desafiando a imagem de declínio associada ao envelhecimento enraizada no mundo ocidental. São também apontados limites e perspectivas de investigação na área do envelhecimento transcultural.

6. Bibliografia

Acquaviva, N. L., Salvagni, A., Tronco, C., Corrêa, K., Prates, M., Veríssimo, M., Lunes, M., (2007). *A Utilização da Linha da Vida Como Técnica em Psicoterapia*. Domus – centro de terapia de casal e família. Recuperado em Abril de 2013 de http://www.domusterapia.com.br/principal/ShowSecao.asp?var_chavereg=91

Barreto, A.M.M. (ORG). (2005). *Globalização e Migrações*. Portugal. Instituto de Ciências Sociais.

Brotman, S.; Ryan, B. & Cormier, R. (2003). The health and social service needs of gay and lesbian elders and their families in Canada. *Gerontologist*, 43, 192-202.

Brown, I., Alley, G., Sarosy, S., Quaro, G., Cook, T. (2001). Gay Men: Aging Well! *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 13(4), 41-54.

Capucha, L. (2005). *Desafios da Pobreza*, Oeiras: Celta Editora.

Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.). (1999). *The expanded family life cycle*. (2nd ed). Needham Heights: Allyn & Bacon.

Carter, B. & McGoldrick, M. (2005). Overview: The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives*. (3th ed.). Boston: Allyn & Bacon.

Carvalho, M. C. B. (1995). A priorização da família na agenda da política social. In M. C.B. Carvalho (Ed.), *A família contemporânea em debate*. São Paulo, SP: EDUC.

Cervený, C.M.de O. (1997). *Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cervený, C.M.de O. (Org.). (2007). *Família em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Costa, A., B., Baptista, I., Perista, P., Carrilho, P. (2008). *Um Olhar sobre a Pobreza. Vulnerabilidade e Exclusão Social no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Gradiva.

Erikson, E.H. (1950). *Childhood and society*. New York:W.W. Norton.

- Erikson, E.H. (1959). Identity and life cycle. *Psychological issues*, 1(1), 1-171.
- Erikson, E.H. (1963). Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. (2nd ed.). New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E.H. (1980). *Identity and life cycle: a reissue*. New York:W.W. Norton.
- Erikson, E.H., Erikson, J., Kivnick, H.Q.(1986). *Vital involvement in old age*. New York, London: W.W. Norton Company.
- Erikson, E. H. (1998). *The life cycle completed*. Extended version with new chapters on the ninth stage by Joan M. Erikson. New York: Norton.
- Santos E. D; I, Dias, C.M.S.B. (2008). Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. *Aletheia*, 27(1), 98-110.
- Falicov, C.J. (1988). *Family Transitions: continuity & change over the life cycle*. New York: The Guilford Press.
- Flori, D. (1989). The prevalence of later life family concerns in the marriage and family therapy journal literature (1976-1985). *Journal of Marital and Family Therapy*, 15, 289-297.
- Fonseca, A. M. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Fulmer, R. (1988). Lower income and professional families: a comparison of structure and life cycle process. In Carter, B. & McGoldrick, M. (Eds.), *The changing family life cycle: a framework for family therapy* (2nd ed.) (pp.545-578). New York:Guardner Press.
- Fuster, E. G. & Ochoa, G. M. (2000). *Psicología social de la familia*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Gimeno, A. (2001). *A família: o desafio da diversidade*. Colecção epistemologia e sociedade.

- Glazer N., & Moynihan, D P. (1970). *Beyond the melting pot: the Negroes, Puerto Ricans, Jews Italians, and Irish of New York City*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Grossman, A., D'Augelli, A., & O'Connell, T. (2001). Being lesbian, gay bisexual and 60 or older in North America. *Journal of Gay and Lesbian Social Services, 13*(4), 23-40.
- Hines, P. (1989). The family life cycle of poor black families. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The changing family life cycle: A framework for family therapy* (2nd ed., pp. 513-544). Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Inclan, J., Hernandez, M. (1992). Cross-cultural perspectives and codependence: the case of poor Hispanics. *American Journal of Orthopsychiatry, 62*(2), 245-255.
- Johnson, C, L., & Barer, B.M. (1990). Families and networks among older inner-city blacks. *The Gerontologist, 30*, 726-733.
- Johnson, T. W., & Colucci, P. (2005). Lesbians, Gay men and the family life cycle. In Carter, B & McGoldrick, M. (Eds.), *The Expanded Family Life Cycle: Individual, family and social perspectives*. (3rd. ed.) (pp-346-361). Boston: Allyn & Bacon.
- Kart, C., Kinney, J. (2001). *The realities of aging: an introduction to gerontology*. (6th ed.) (pp. 243-282). Allyn & Bacon.
- King, D. A., Wynne, L. C. (2004). The emergence of family integrity in later life. *Family Process, 43*, 7-21.
- Kliman, J., Madsen, W (2005). Social Class and the Family life cycle. In Carter, B. & McHoldrick, M. (Eds.). *The expanded life cycle: individual, family and social perspectives*. (3th ed.). Allyn & Bacon Editor.
- Lev, A. I. (2010). A review of Gay and lesbian parents and their children: Research on the family life cycle; Who's your daddy? And other writings on queer parenting; Becoming parent: Lesbians, gay men, and family', *Journal of GLBT Family Studies, 6* (3), 341-48.
- Lindblad-Goldberg, M. (1989). Successful minority single-parent families. In L. Combrink-Graham (Ed.). *Children in family contexts* (pp. 116- 134). New York: Guilford Press.

- Maccoby, E.E. (1990). Gender and relationships: A developmental account. *American Psychologist*, April.
- Machado, F.L., Roldão, C. (2010). *Imigrantes idosos: uma nova face da imigração em Portugal*. Observatório da emigração. ISBN 978-989-8000-96-5. Edição: Alto comissariado para a emigração de diálogo intercultural.
- Marchand, H. (2005). *Psicologia do adulto e do idoso*. (2ª edição). Quarteto Editora.
- Mauritti, R. (2004), "Padrões de vida na velhice", in *Análise Social*, XXXIX, 171, 339 - 363.
- McGoldrick, C. (1989). Ethnicity and the family Life Cycle. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *The Changing Family Life Cycle: a framework for family therapy*. (2nd ed.). (pp.69-90). Allyn and Bacon Edition.
- Mello, S. L. (1995). Família: Perspectiva teórica e observação factual. In M. do C. B. Carvalho (Ed.), *A família contemporânea em debate* (pp. 51-60). São Paulo, SP: EDUC.
- Mooby, H.R. (1992). Gerontology and critical theory. *The Gerontologist*, 32, 294-295.
- Morrison M., James, S., (2009). Portuguese Immigrant Families: The impact of Acculturation. *Family Process*. 48(1), 151-166.
- Muraco, A., LeBlanc, A., & Russell, S. (2008). Conceptualizations of family by older gay men. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 20 (1/2), 69-90.
- Neri, A. L. (2001). *Desenvolvimento e envelhecimento. Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas, SP: Papirus. Coleção Vivacidade.
- Nivalainen S. (2004). Determinants of family migration: short moves vs, long moves. *Journal of population Economics*, 17, 157-175.
- Patrão, M. (2010). *O processo de herança na família envelhecida*. Tese de doutoramento. Universidade de Aveiro, Portugal.
- Piaget, J. (1954). La période des opérations formelles et le passage de la logique de l'enfant à celle de l'adolescent. *Bulletin de Psychologie*, 7, 247-253.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Relvas, A. P. (2004). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. (3ª edição). Porto: Edições Afrontamento.

Rodrigues, M., Macedo, P., Montano, T. (2007). *Manual do Formador – Formação dos membros das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens*. Lisboa: Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco.

Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados.

Segalen, M. (1999). A revolução industrial: Do proletário ao burguês. In A. Burguière, C. Klapisch- Zuber, M. Segalen, & F. Zonabend (Dir.) *História da família. O Ocidente: Industrialização e urbanização* (Vol. 4). Lisboa: Terramar.

Siegel, S., & Lowe, E., Jr. (1994). *Uncharted lives: understanding the life passages of gay men*. New York: Dutton.

Sifuentes, T.R., Dessen, M.A., Lopes de Oliveira, M.C.S., (2007). Desenvolvimento Humano: Desafios para a Compreensão das Trajetórias Probabilísticas Psicologia. *Teoria e Pesquisa*, 23 (4), 379-386.

Silva, A.C.A.P., & Silva Jr., P.I.C. (2008) Para além de um estatuto: direitos e obrigações de velhos indígenas. In: *Anais do XVI Congresso Nacional do CONPEDI: Pensar Globalmente: Agir Localmente*, Belo Horizonte, nov 2007. Editora Fundação Boiteux, p. 3432 – 3444.

Slater, S., & Mencher, J. (1991). The lesbian family life cycle: a contextual approach. *American Journal of Homosexuality*, 61, 372-382.

Sluzki, C.E. (1979). Migration and family conflict. *Family Process*, 18, 379-390.

Sonn, C. C., & Fisher, A. T. (1998). Sense of community: Community resilient responses to oppression and change. *Journal of Community Psychology*, 26(5), 457-472.

Sousa, L., Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família. Os cuidados familiares na velhice*. Porto: Ambar.

Sousa, L. & Cerqueira, M. (2006). Influência do género nas imagens da velhice: um estudo exploratório na população portuguesa. *Kairós (Brasil)*, 9(2), 69-86.

Sousa, L. (2009). Editorial: New Themes on Ageing Families. In Sousa, L. (Ed.), *Families in Later Life*. New York: Nova Science Publishers.

Sousa, L.; Silva, A., Marques, F., Santos, L. (2009). Constructing family integrity in later life. In Liliana Sousa (Eds.). *Families in later life* (pp. 163-184). New York: Nova Publishers.

Sousa, L., Patrão, M., Vicente, H. (2012). Famílias e envelhecimento: o último estágio do ciclo de vida. In Pául, C. & Ribeiro, Ó. (Eds.). *Manual de Gerontologia: aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Editora Lidel.

Stack, C., Burton, L., (1993). Kinscripts. *Journal of comparative family studies*, 24(2), 157-170.

Szymanski, H. R. (1988). *Um estudo sobre o significado de família*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.

Témime, Émile (2001), Vieillir en emigration. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 17(1), 37-54.

Terra, N., Ferreira., Taques., Machado (2010). *Envelhecimento e suas múltiplas áreas do conhecimento*. (1ª edição). Editora Edipucrs. ISBN: 9788539700387.

Tornstam, L. (1997). Gerotranscendence: the contemplative dimension of aging. *Journal of Aging Studies*, 11(2), 143-154.

Van Amburg, S.; Barber, C. & Zimmerman, T. (2006). Aging and family therapy: Prevalence of aging issues and later family life concerns in marital and family therapy literature (1986-1993). *Journal of Marital and Family Therapy*, 22(2), 195–203.

- Vicente, H. (2010). *Família multigeracional e relações intergeracionais: Perspectiva sistêmica*. Tese de doutoramento. Universidade de Aveiro, Portugal.
- Walsh, F. & McGoldrick, M. (1988). Loss and the family life cycle. In C. J. Falicov (Ed.) *Family transitions: continuity and change over the life cycle* (pp. 311-336). New York: The Guilford Press.
- Walsh, F. (2005). Families in later life: challenges and opportunities. In Carter, B., McGoldrick, M. (Eds.) *The Expanded Family Life Cycle: Individual, Family and Social Perspectives*. (3th ed.) (pp. 307-326). Allyn & Bacon.
- Walsh, F. (2012). *Normal Family Processes: Growing Diversity and Complexity*. (4th ed.). The Guildford Press.
- Wynne, L. C. (1988). An epigenetic model of family processes. In C. Falicov (Ed.). *Family transitions*. (pp. 55-80). New York: The Guilford Press.
- Yunes, M. A. M. (2001). A aplicação da *grounded-theory* como método de análise qualitativa no estudo da resiliência em famílias de baixa renda. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, 13(2), 123-138.

CAPÍTULO I - ENVELHECER EM CASAL

1. Agregado familiar de casais idosos: estrutura, dinâmicas e valores²

Old age couples household: structure, dynamics and values

Filipa D. Marques*¹ e Liliana Sousa¹

¹Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

*E.mail: filipa.marques@ua.pt

Resumo

O crescente interesse pelas novas formas familiares reside nas transformações do mundo contemporâneo. Este estudo pretende analisar tipologias estruturais de agregados familiares de casais idosos, explorando: i) dinâmica relacional com os filhos, dinâmica relacional do casal, e do agregado familiar, e rituais familiares; ii) valores. Foi aplicado o questionário da fase última do ciclo de vida familiar (Cervený, 1997) a 136 casais de idosos Portugueses de classe socioeconómica média. Os resultados sugerem que o agregado familiar de casais de idosos se caracteriza por: i) estrutura composta por casais de idosos que vivem predominantemente sós; ii) dinâmica familiar pautada por clima afetivo, amizade e diálogo constante; iii) baseado em valores assentes no amor, diálogo e convívio familiar. Os resultados permitirão compreender melhor a fase última do ciclo de vida familiar e contribuir para desenvolver intervenções familiares adequadas.

Palavras-chave: casais idosos; agregado familiar; ciclo de vida familiar

² Publicado em “Revista Temática Kairós Gerontologia”

(Marques, F.D., Sousa, L. (2012). Agregado familiar de casais idosos: estrutura, dinâmicas e valores. *Revista Temática Kairós Gerontologia* 15(1), 177-198. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil.)

Abstract

The growing interest in new family forms lies in the transformations of the contemporary world. This exploratory study examines old age couples household in terms of structure, relational dynamics and values. A questionnaire was applied to 136 old Portuguese couples of middle socio-economic class. Results suggest: i) structure composed by old couples who live mostly alone, ii) family dynamic characterized by affection, friendship and dialogue iii) values based on love, dialogue and family convivial. The results allow a better understanding of the last stage of the family life cycle and help to develop appropriate family interventions.

Keywords: old age couples; household; family life cycle.

1.1 Introdução

Os estudos sobre a última fase do ciclo de vida familiar são escassos (Sousa et al., 2009). A gerontologia tem focado largamente a pessoa idosa e os seus problemas de saúde, negligenciando as relações familiares, pois associa a família preferencialmente à prestação de cuidados. Concretamente no caso dos casais idosos, a literatura tende a focar a relação conjugal em termos da prestação de cuidados, quando o cônjuge é o cuidador principal em situações de dependência. A importância da família na última fase do ciclo de vida, como em qualquer outra fase, é inquestionável, já que são os elementos familiares (cônjuge, irmãos, filhos e netos) que garantem o suporte e a adaptação ao envelhecimento. À medida que a velhice se expande em anos de vida e em número de elementos da população que a vivencia, é necessário conhecer as famílias no fim da vida também na perspetiva desenvolvimental e normativa, sem esquecer as fragilidades que tendem a ocorrer na velhice.

O crescente interesse pelas novas formas familiares reside nas transformações do mundo contemporâneo. Com o aumento da esperança média de vida verifica-se o surgimento de novas famílias contemporâneas, onde se enquadram as famílias compostas por casais idosos (com 65 anos ou mais), que constituem um facto com uma proporção na população sem precedentes. Num contexto de grandes mudanças na composição familiar, têm-se destacado as pessoas idosas que vivem sós, pois pela maior fragilidade de saúde (e muitas vezes económica) se tornam agregados familiares que requerem maior atenção, apesar de ainda pouco explorados (Gonzalez, 2010). A mudança na estrutura familiar e o aumento da esperança média de vida influenciam a experiência de envelhecimento; neste contexto surgem algumas mudanças estruturais da família: i) a duração dos laços familiares entre e dentro de gerações é maior do que no passado (irmãos, cônjuge, avós e netos, filhos adultos e pais de idade convivem durante mais anos); ii) ocorrem papéis de apoio mútuo e os benefícios do contacto inter e intrageracional nas famílias, incluindo a transferência de competências sociais e história familiar e cultural (Cervený, 2007).

Portugal é um país envelhecido que, de acordo com os últimos censos do Instituto Nacional de Estatística (INE) realizados em 2011, tem um total de 10.555.853 habitantes (mais 199.736 habitantes que em 2001). A percentagem de pessoas com 65 anos ou mais é 16,5 %. A esperança de vida aos 65 anos por sexo é de 18,62 anos (média de 0,2 anos de

aumento de 2 em 2 anos) (INE, 2011). A população residente cresceu 1,9% e as famílias apresentam um crescimento de 11,6%. Os resultados, ainda provisórios, indicam o número de famílias clássicas³ (com base na estrutura etária) constituídas por duas pessoas, ou pelo menos uma, com 65 ou mais anos em Portugal continental: 950.962 (445.137 o homem tem mais de 65 anos, e 505.825 as mulheres tem mais de 65 anos). Os dados referem o número de famílias por faixa etária (proporção da população residente com 65 ou mais anos de idade): 65 a 69 anos – 306.134; 70 a 74 anos – 265.711; mais de 75 anos – 382.368 famílias.

Este cenário coloca desafios para a qualidade de vida e bem-estar da população. O incremento de pessoas idosas e a emergência de mais famílias multigeracionais deve refletir-se num aumento de estudos relacionados com os reptos familiares inerentes a esta modificação demográfica (Flori, 1989). As diversas mudanças sociais devem ser ponderadas e estudadas para uma renovada compreensão do último estágio do ciclo de vida familiar, reforçando a necessidade de uma perspetiva que inclua o desenvolvimento e não apenas o declínio.

A ligação entre gerações é um importante fator de fortalecimento da família na sua função social e psicológica (Cervený, 2004). A relação entre gerações tem sido cada vez mais estudada devido a três fatores principais: o aumento da população idosa o que resulta numa maior convivência entre diferentes gerações; o aumento da importância dos avós e outros parentes que ocupam funções parentais; e a forte presença da solidariedade entre gerações, na ausência de estabilidade económica.

Assim, este estudo exploratório pretende analisar o agregado familiar de casais idosos, considerando aspetos da sua estrutura, dinâmica e valores do casal e agregado familiar.

³ Conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento. São incluídos na família clássica o(a)s empregados domésticos internos, desde que não se desloquem todas ou quase todas as semanas à residência da respetiva família.

Parte-se da perspetiva do casal idoso, pois a literatura tem vindo a destacar o ponto de vista de outros familiares sobre a pessoa idosa.

Casais idosos: relação conjugal

A perspetiva do ciclo de vida familiar assume que a família, tal como o indivíduo, evolui e desenvolve-se (Carter & McGoldrick, 2005; Cerveny, 1997); i.e. o desenvolvimento familiar implica que as diferentes gerações da família se adaptem aos diversos estádios da vida familiar através de um rearranjo contínuo de papéis, organização de pertenças e distâncias e estabelecimento de limites emocionais. Cerveny (1997) refere a existência de quatro fases do ciclo de vida familiar: família em fase de aquisição; família em fase adolescente; família em fase madura; família na fase última. Os casais idosos vivem a fase última do ciclo de vida familiar, que Cerveny (1997) define por: i) tempo de união acima dos 31 anos; ii) idade do primeiro filho acima dos 26 anos; iii) qualquer idade do último filho. A fase última depende de como as outras fases foram vividas, constituindo um momento em que a pessoa idosa *olha para trás* e pode sentir grandes alegrias e/ou grandes deceções (porque não existe mais tempo para reparação ou mudanças drásticas) e inicia-se com a reforma e retorno a uma vida a dois para o casal.

As relações familiares na fase última são marcadas pela reestruturação de papéis; o retorno ao modelo de díade conjugal impõe a reorganização de tarefas e atribuições na vida de cada cônjuge. O investimento, até então focado para os filhos (quando existem) e/ou na vida profissional, volta à estrutura do início do casamento, mas marcado pela intimidade e longa convivência. A ajuda mútua e o companheirismo são ingredientes indispensáveis para o casal viver bem a fase última; contudo, dependendo da trajetória do casal, pode ser um momento de solidão forçosamente compartilhada sob o mesmo teto, por medo ou por acomodação. Por exemplo, a intimidade no casal pode ficar mais forte, mas também é possível que se instale uma grande distância. A funcionalidade do sistema familiar, e concretamente do casal idoso, associa-se também ao cumprimento de tarefas que envolvem a redefinição dos papéis familiares e a reorganização da relação com o contexto externo (King & Wynne, 2004; Carter & McGoldrick, 2005; Sousa, Silva, Marques & Santos, 2009).

Esta fase de ciclo de vida familiar comporta, tal como em outras fases, um conjunto de desafios que implicam a aceitação das alterações nos papéis, a vários níveis (King e Wynne, 2004; Sousa *et al.*, 2009): i) o casal idoso terá de se adaptar ao declínio físico (do próprio e do cônjuge) mantendo interesses e o funcionamento individual e familiar; ii) apoiar o papel central da geração intermédia e incorporar novos papéis, designadamente o de avô e/ou bisavô; iii) criar espaço para a sabedoria e experiência, que constituem o contributo primordial dos mais velhos; iv) lidar com a perda do cônjuge (viuvez), de irmãos e outras pessoas significativas e preparar/enfrentar a própria morte; v) ajustar-se à doença crónica e dependência, aceitando o suporte e cuidados familiares. As tarefas ocorrem ainda a outros níveis (Cervený, 1997): i) na estrutura ocorre alterações estruturais, principalmente quando os casais idosos têm de se adaptar à saída (ou não) dos filhos de casa; ii) na dinâmica decorre a libertação das responsabilidades antes atribuídas pelo trabalho, o que dá ao casal maior disponibilidade de tempo e, enquanto d'ade, terão de reaprender a relacionar-se (entre si e com outros elementos do agregado); iii) nos valores desenrola-se o balanço e redefinição de valores, quando a pessoa idosa faz a revisão e a integração da sua história de vida (p.e. papel de avós pode trazer o sentido da sobrevivência e continuidade por meio da família. As relações familiares na fase última serão marcadas pela reestruturação de papéis, com a saída física de alguns membros do núcleo familiar e a inserção de novos membros como noras, genros e netos.

Os pais (casais idosos) continuam a ser um ponto de referência, inserido numa densa rede social. A partir de uma compreensão geracional, o casal (que constitui em simultâneo o subsistema conjugal e parental) é um importante ponto de ligação entre gerações, transmitindo valores, crenças e emoções que compõem as escolhas individuais dos filhos (Cervený, 2004). O processo parental é mediado pela rutura e pela continuidade de valores transmitidos de geração em geração (Cervený & Macedo, 2004).

A investigação sobre as relações conjugais na velhice tem incidido substancialmente nas questões do cônjuge como cuidador principal em situações de dependência. Para além disso a pesquisa é muito escassa, mas é possível encontrar dois temas (Sousa *et al.*, 2009): i) qualidade da relação conjugal, ii) efeito da relação conjugal na saúde (física e mental). Martin-Matthews (2007) referem a emergência de três grupos de casais idosos: aqueles casados há muito tempo, os que se casam pela primeira vez já na velhice e os que se casam novamente (depois de um divórcio ou a morte do cônjuge, o que pode ocorrer na meia-

idade ou velhice). Para além disso existem os solteiros e aqueles que não estão numa relação conjugal devido a transições conjugais (divórcio ou separação, ou viuvez).

Sabe-se que casais que permanecem casados na velhice (desde a juventude) experienciam um casamento de longo prazo, tendo vivido uma longa fase do *ninho vazio* (Martin-Matthews, 2007). Alguns estudos (Hatch e Bulcroft, 2004) que centram os conflitos conjugais na velhice (relacionados com tarefas domésticas, dinheiro, sexo e lazer); sugerem que a frequência dos desentendimentos entre cônjuges diminui ao longo dos anos. Casais mais velhos tendem a ser mais carinhosos e a resolução de conflitos é emocionalmente menos negativa do que nos casais de meia-idade. Carstensen, Gottman e Levenson (1995) sugerem que após um declínio na satisfação matrimonial na meia-idade o casamento se torna mais positivo na velhice. Contudo, a duração do casamento também pode trazer um aumento de desentendimentos.

Este estudo caracteriza o agregado familiar de casais idosos (*fase última* do ciclo vital) em termos de: i) estrutura (dados que configuram as tipologias dos agregados familiares); ii) dinâmica familiar (formas de funcionamento e rituais da família, no casal, com os filhos e no agregado familiar); iii) valores familiares (aspectos da vida individual e coletiva que são passados de forma implícita ou explícita entre os componentes do grupo).

1.2 Objetivos

Este estudo pretende analisar tipologias estruturais de agregados familiares de casais idosos, explorando: i) dinâmica relacional com os filhos, dinâmica relacional do casal, e do agregado familiar, e rituais familiares; ii) valores. Os resultados permitirão compreender melhor a fase última do ciclo de vida familiar e contribuir para desenvolver intervenções familiares adequadas.

1.3 Metodologia

Procedimentos

Para recolher a amostra foram contactadas 9 instituições de apoio comunitário a pessoas idosas (centros de dia e serviço de apoio domiciliário). Solicitou-se autorização para realizar o estudo e a indicação de um profissional para mediar os contactos entre o

investigador e os potenciais participantes. Todas as instituições concordaram em colaborar e designaram os profissionais de ligação (6 psicólogas e 3 assistentes sociais).

A estes profissionais foram explicados os objetivos do estudo, metodologia e critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão eram: i) pessoas com 65 anos de idade ou mais em relacionamento conjugal ou união de facto; ii) ser cognitivamente são; iii) ser de classe socioeconómica média. A recolha de dados cingiu-se à classe socioeconómica média, por ser a classe mais representativa da população Portuguesa. Será pertinente que em estudos futuros se considerem as restantes classes sociais. Foram excluídos casais a residir em lar, pois o estudo incide tipologias de agregados familiares. Pediu-se aos profissionais que usassem o Índice de Graffar para definir a classe socioeconómica dos elementos do casal. O Índice de Graffar (versão Portuguesa de Amaro, 1990) é uma classificação internacional que usa 5 critérios (habilitações académicas, profissão, rendimento, composição do agregado familiar e características do bairro de residência) para definir a classe socioeconómica do indivíduo/família. A soma dos pontos obtidos nos 5 critérios indica a classe; neste estudo selecionam-se as pessoas da classe média (14-17).

Estes profissionais contactaram então os potenciais participantes, verificaram a sua disponibilidade para colaborar e pediram autorização para colocar o investigador em contacto. Esses casais foram contactados pela primeira autora (por telefone ou pessoalmente) que explicou detalhadamente os objetivos e colaboração solicitada; 136 casais acederam a colaborar, e preencheram o consentimento livre e informado. A entrevista foi marcada neste primeiro contacto. A administração decorreu em local (por norma nas suas casas ou nas instituições) e data à escolha dos participantes. Os questionários foram aplicados por entrevista pela primeira autora, durante 4 meses (março a agosto de 2011) no concelho do Porto. A aplicação de cada questionário demorou em média 45 minutos.

Instrumentos

Neste estudo utilizou-se o questionário sobre a fase última do ciclo de vida familiar (Cervený, 1997). Foi desenvolvido com base num instrumento construído para a investigação sobre o Ciclo Vital da Família Paulista (Cervený; Berthoud et al., 1997), após revisão e adaptação à família na fase última do ciclo vital. O instrumento envolve as

seguintes variáveis: a) estrutura familiar (dados objetivos que permitam configurar o grupo familiar); b) dinâmica familiar (formas de funcionamento, abrangendo relações hierárquicas); c) valores familiares (aspectos da vida individual e coletiva passados de forma implícita ou explícita entre os membros); d) especificidades da família na fase última (vivências específicas).

Este questionário (Cervený, 1997) foi adaptado em termos culturais e linguísticos à população portuguesa de classe média. Nesse sentido, realizou-se um pré-teste a 6 casais para analisar: clareza (formulação de questões, sequência e modo de registo das respostas), aceitabilidade e tempo de administração. Algumas pequenas alterações foram realizadas, mas de detalhe; por exemplo, o questionário original tem uma questão sobre o estado de residência (pois no Brasil, país de origem do questionário, esta divisão administrativa existe), que foi eliminada em Portugal, onde tal situação não ocorre.

Trata-se de um vasto questionário (51 questões), e apesar da haver algumas de resposta aberta p.e. *caso não tenha vivido sempre na mesma cidade de que cidade veio?*; *Há quanto tempo mantêm essa união com o seu companheiro?*; a maioria são de múltipla escolha, sendo que destas: umas só tem a possibilidade de uma escolha, e outras pode escolher-se até 3 itens. Das 51 questões, foram seleccionadas para este estudo 34 (ver anexo1).

Optou-se por permitir que fosse o casal em conjunto ou um elemento do casal a responder. Em muitos casos, a dinâmica do casal levava a que esta tarefa fosse delegada num dos elementos e o outro apenas e dando um pequeno contributo. Além disso, nos domicílios era possível juntar os dois elementos do casal (em que um assumia a prioridade de resposta apesar de haver algumas opiniões do outro); mas nas instituições era quase impossível juntar o casal, pois tendencialmente apenas um frequentava.

Amostra

A amostra compreende 136 casais de pessoas idosas, sendo que em 64 (45,6%) dos casais o homem assumiu a resposta às questões e em 74 (54,4%) foi a mulher.

A média etária dos elementos do casal é de 72,57 anos, sendo 73,71 (DP=6,34) nos homens e 71,44 (DP=6,18) nas mulheres (idades compreendidas entre os 65 e 94 anos). As

idades são estatisticamente diferentes ($t=135,472$; $p=0,000$), ou seja as mulheres são estatisticamente mais novas do que os maridos.

O tempo médio de união dos casais é de 44,99 anos ($DP= 10,640$) variando entre os 6 e os 65 anos. Os casais distribuem-se da seguinte forma em termos do tipo de união: 59,6% - casamento civil e religioso; 31,6% - casamento civil; 0,7 – casamento religioso; 8,1% - união de facto.

A religião dos casais é predominantemente a católica (89%; $n=121$), havendo outras religiões: Jeová (5,9%; $n=8$); Evangélica (3,6%; $n=5$). Além disso, 1,5% ($n=2$) dos casais identificaram-se como ateus. A maioria dos casais ($n=91$; 66,9%) sempre residiu na cidade do Porto; 27,9% vive nesta cidade há mais de 30 anos; 3,7% vive lá entre 20 e 30 anos; e 1,5% vive aí há menos de 5 anos.

Relativamente à escolaridade dos casais (tabela 1.1), a percentagem mais elevada em ambos os elementos ocorre na categoria de 7 a 9 anos de escolaridade: 35,3% - maridos; 27,9% - esposas. A percentagem de analfabetos é superior nas mulheres (13,2%) por comparação com os maridos (5,9%). Contudo, o cálculo do χ^2 para comparar a distribuição da escolaridade, considerando marido e esposa, não indica diferenças significativas ($p>0,05$).

Tabela 1.1. Escolaridade do casal

Escolaridade	Marido		Esposa	
	n	%	n	%
Analfabeto	8	5,9	18	13,2
Sabe ler e escrever (sem escolaridade formal)	9	6,6	19	14,0
Até 4 anos de escolaridade	31	22,8	33	24,3
5 a 6 anos de escolaridade	1	0,7	1	0,7
7 a 9 anos de escolaridade	48	35,3	38	27,9
10 a 12 anos de escolaridade (secundário)	29	21,3	21	15,4
Ensino superior	6	4,4	4	2,9

Análise de dados

A análise de dados é descritiva e efetuou-se com recurso ao programa de análise de dados SPSS 17.1. As comparações relativas a variáveis nominais e ordinais ocorreu através do ANOVA ($p>0,05$) e das distribuições através do Chi-quadrado ($p>0,05$).

1.4 Resultados

Começou por se analisar a composição do agregado familiar dos casais idosos. Os resultados indicam que: 83 casais (61,03%) vivem sós; 36 (26,47%) vivem com o(s) filhos(s); 8 (5,9%) vive com filho/a e genro/nora; 6 vive (4,4%) vive com filho/a e genro/nora e netos; 3 (2,2%) vive com filho/a e netos. Assim, assumiram-se três tipologias estruturais de agregado familiar: os dois primeiros (“casal vive só” e “casal com filhos”) mantiveram-se, e as três estruturas com valores mais baixos foram agrupadas na tipologia designada “casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (12,5%).

Em seguida foram analisadas as variáveis relativas à dinâmica relacional com os filhos, pois as estruturas encontradas tendem a variar com a presença/ausência de filhos no agregado familiar. A média de filhos é de 2,21 (DP=1,322; 0-6 filhos), verificando-se que o “casal que vive só” tem uma média significativamente mais baixa (1,86) de filhos, por comparação com as outras estruturas (tabela 1). Assim, para perceber melhor a distribuição do número de filhos, calcularam-se as frequências relativas por tipologia estrutural, tendo-se obtido distribuições estatisticamente diferentes (tabela 1).

A tipologia “casais que vivem sós” é a única onde há casais sem filhos. Os “casais que vivem sós” (28,9%) e os “casais que vivem com filhos” (27,8%) têm com mais frequência 1 filho do que os “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (17,6%). Os “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” têm com mais frequência que as outras tipologias 2 (35,3%) e 3 (29,4%) filhos. Ter 4 (16,7%) e 5 (5,6%) filhos é mais frequente nos “casais que vivem com filhos”. E ter 6 filhos ocorre em duas tipologias: “casais que vivem com filhos” (5,6%) e “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (5,9%).

Tabela 1.2. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e dinâmica relacional com os filhos.

Tipologia de agregado	Casal vive só n=83; 61%		Casal com os filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
Números de filhos (médias)¹								
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
	1,86	1,148	2,64	1,477	2,59	1,278	2,21	1,322
Números de filhos (%)²								
	n	%	n	%	n	%	n	%
0	24	28,9	0	-	0	-	24	17,6
1	24	28,9	10	27,8	3	17,6	37	27,2
2	20	24,1	9	25	6	35,3	35	25,7
3	9	10,8	7	19,4	5	29,4	21	15,4
4	4	4,8	6	16,7	2	11,8	12	8,8
5	2	2,4	2	5,6	0	-	4	2,9
6	0	-	2	5,6	1	5,9	3	2,2
Razões da saída dos filhos de casa³								
Não se aplica (não têm filhos)	24	28,9	0	-	0	-	24	17,6
Não saíram	0	-	13	36,1	4	23,5	17	12,5
Casamento	49	59	22	61,1	12	70,6	83	61
Estudar	2	2,4	0	-	0	-	2	1,5
Desentendimento	5	6	0	-	1	5,9	6	4,4
Emprego	1	1,2	0	-	0	-	1	0,7
Outro	2	2,4	1	2,8	0	-	3	2,2
Dificuldades com os filhos⁴								
Não se aplica (não têm filhos)	24	28,9	0	-	0	-	24	17,6
Sem dificuldades	56	65,1	16	44,4	13	88,2	85	62,5
Nenhum saiu de casa	0	-	1	2,8	0	-	1	0,74
Saiu de casa para estudar e voltou	0	-	0	-	1	5,9	1	0,7
Separou-se e voltou para casa	0	-	2	2,5	0	-	2	1,5
Um filho permanece casa	0	-	14	38,8	1	5,9	15	11,0
Sem independência financeira	2	2,4	3	8,3	0	-	5	3,7
Conflito	1	1,2	0	-	2	11,8	3	2,2

¹ANOVA=5,185; p=0,07

² χ^2 (12) = 30,7; p=0,002

³ χ^2 (24) = 48,851; p=0,001

⁴ χ^2 (32) = 109,126; p=0,000

Em seguida procurou compreender-se porque os filhos saíram de casa. Aos “casais que vivem sós” e não têm filhos esta questão não se aplica. Em geral, verifica-se que (tabela 1.2.): 61% saíram porque se casaram e 12,5% não saíram de casa. A distribuição das tipologias de agregados de acordo com as razões de saída de casa dos filhos apresenta diferenças estatisticamente significativas. Em todos os tipos de agregado familiar o casamento é a principal razão de saída de casa dos filhos. Contudo, nos “casais com filhos” e “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” a percentagem superior

seguinte ocorre para a resposta “não saíram”; mas nos “casais que vivem sós” esta resposta nunca ocorre.

Depois analisaram-se as dificuldades atuais destes casais idosos com os filhos (tabela 1.2.). Também neste caso, aos “casais que vivem sós” e não têm filhos, esta questão não se aplica. No total, 62,5% dos casais refere não ter dificuldades com os filhos; as dificuldades se destacam são: “um filho permanece em casa” (11,0%); os filhos “não têm independência financeira” (3,7%) e “conflito” (2,2%). A distribuição das tipologias de agregados considerando as dificuldades com os filhos apresenta diferenças estatisticamente significativas. Os dados indicam que em todas as tipologias a resposta predominante é “sem dificuldades”, mas nos “casais que vivem com filhos” destaca-se a categoria “um filho permanece em casa” (38,8%).

Passa-se agora a analisar a dinâmica familiar, centrada na relação do casal (tabela 1.3.). Os resultados sugerem que, no global, os casais caracterizam a sua relação por (tabela 2): clima afetivo - 47,7%; amizade - 16,9%; diálogo constante - 9,6%; frieza e distância - 9,6%. O desrespeito é a característica menos referida pelos casais (1,5%). A comparação das tipologias estruturais de agregados não indica diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2 (88) = 96,329; p=0,255$).

Tabela 1.3. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e dinâmica relacional no casal

Tipologia de agregado	Casal vive só n=83; 61%		Casal com os filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
Relação do casal¹								
	n	%	n	%	n	%	n	%
Clima afetivo	39	47	18	50	8	47,1	65	47,7
Bom relacionamento sexual	7	8,4	1	2,8	1	5,9	9	6,6
Frieza e distância	8	9,6	4	11,1	1	5,9	13	9,6
Acomodação	8	9,6	1	2,8	2	11,8	11	8,1
Diálogo constante	9	10,8	2	5,5	2	11,8	13	9,6
Desrespeito	1	1,2	1	2,8	0	0	2	1,5
Amizade	11	13,3	9	25	3	17,6	23	16,9

¹ $\chi^2 (88) = 96,329; p=0,255$

Em todas as tipologias, a características mais referida foi “clima afetivo”, seguindo-se a “amizade”. A terceira categoria mais referida difere: nos “casais que vivem sós” é “diálogo

constante”; nos “casais com filhos” é “frieza e distância”; nos “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” são “acomodação” e “diálogo constante”.

Em seguida continuamos nos aspetos da dinâmica familiar, mas centrados nos rituais familiares (tabela 1.4.). Começamos pelos rituais em geral da família, em que os resultados globais destacam: “trocar presentes em datas especiais” (33,1%); “reunir a família ao fim de semana” (27,9%); e “fazer refeições em família” (23,5%). O ritual menos referido pelos casais idosos e família é o “lazer em comum” (2,2%). Estes resultados são comuns para as três tipologias. De facto, as distribuições dos rituais considerando as tipologias dos agregados são estatisticamente semelhantes.

Tabela 1.4. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e rituais familiares

Tipologia de agregado	Casal vive só n=83; 61%		Casal com os filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
Rituais familiares¹								
	n	%	n	%	n	%	n	%
Trocar presentes em datas especiais	27	32,5	13	36,1	5	29,4	45	33,1
Fazer refeições em família	17	20,5	10	27,7	5	29,4	32	23,5
Reunir família ao fim de semana	24	28,9	9	25	5	29,4	38	27,9
Reunir família em funerais e casamentos	4	4,8	0	-	1	5,9	5	3,7
Ritos religiosos conjuntos	9	10,8	3	8,3	1	5,9	13	9,6
Lazer em comum	2	2,4	1	2,8	0	-	3	2,2
Domingo em família²								
Reúne-se em casa de familiares	40	48,2	19	52,7	7	41,7	66	48,5
Fica em casa e faz atividades conjuntas	13	15,7	6	16,6	7	41,7	26	19,1
Reunir família extensa	22	26,5	9	25	3	17,6	34	25
Lazer em comum	7	8,4	2	5,6	0	-	9	6,6
Outro	1	1,20	0	-	0	-	1	0,7

¹ χ^2 (24) = 12,137; p = 0,978

² χ^2 (16) = 9,940; p = 0,870

Agora passamos ao domingo em família, que também representa rituais familiares. Os resultados globais indicam que o ritual de domingo mais frequente é “reúne-se em casa de familiares” (48,5%), seguido de “reunir família extensa” (25%) e “ficar em casa e fazer atividades conjuntas” (19,1%). Também aqui ocorre semelhança nas distribuições na perspetiva estatística.

Depois analisamos a dinâmica familiar na vertente relações no agregado familiar (inclui as variáveis: assunto que evita falar; aspetos menos bons; acontecimentos marcantes; e melhores características da família) (tabela 1.5.) Sublinhe-se que os respondentes podiam escolher até 3 opções de resposta nas questões seguintes: i) “assunto que a família evita falar”; “acontecimentos marcantes”; “melhores características da família”; “valores mais importantes adotados pela família”. Os valores foram considerados à parte das outras questões (tabela 1.6.).

Tabela 1.5. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e dinâmica relacional no agregado.

Tipologia de agregado	Casal vive só n=83; 61%		Casal com os filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
Assuntos evitados na família¹								
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sexo	40	35,7	12	26,6	10	45,5	62	34,6
Drogas	32	28,6	13	28,8	6	27,3	51	28,5
Morte	14	12,5	7	15,5	1	4,5	22	12,3
Velhice	4	3,6	2	4,4	0	-	6	3,4
Doença	2	1,8	0	-	0	-	2	1,1
Nenhum assunto	20	17,9	11	24,4	5	22,7	36	20,1
Total	112	100	45	100	22	100	179	100
Aspetos menos bons da família²								
Falta de diálogo	12	12,9	8	20,5	3	13,0	23	14,8
Agressividade	1	1,1	0	-	0	-	1	0,6
Conflito	16	17,2	4	10,3	0	-	20	12,9
Falta de carinho	3	3,2	2	5,1	0	-	5	3,2
Falta de tempo	19	20,4	6	15,4	8	34,8	33	21,3
Nada a assinalar	42	45,2	19	48,7	12	52,2	73	47,1
Total	93	100	39	100	23	100	155	100
Acontecimentos marcantes na família³								
Casamento	51	36,4	17	23,9	10	40	78	33,1
Separação	17	12,1	8	11,3	3	12	28	11,9
Morte	20	14,3	13	18,3	5	20	38	16,5
Nascimento de um membro	16	11,4	10	14,1	5	20	31	13,1
Desemprego	8	5,7	6	8,5	1	4	15	6,4
Saída de filhos de casa	12	8,6	11	15,5	0	-	23	9,7
Doença	16	11,4	6	8,5	1	4	23	9,7
Total	140	100	71	100	25	100	236	100
Melhores características da família⁴								
Diálogo	33	18,6	14	19,2	5	16,6	52	18,6
Carinho	29	16,4	9	12,3	5	16,6	43	15,4
Respeito	55	31,1	24	32,9	12	40	91	32,5
Estabilidade financeira	11	6,2	1	1,4	0	-	12	4,3
Liberdade	8	4,5	3	4,1	1	3,3	12	4,3
Honra	41	23,2	22	30,1	7	23,3	70	25
Total	177	100	73	100	30	100	280	100

¹ χ^2 (52) =32,622; p=0,933

² χ^2 (44) =32,629; p=0,897

³ χ^2 (140) =127,712; p=0,763

⁴ χ^2 (104) =60,616; p=1,000

Relativamente aos “assuntos evitados pela família”, verifica-se no global o seguinte: sexo (34,6%); drogas (28,5%); morte (12,3%); velhice (3,4%); doença (1,1%). Refira-se que 20,1% afirma não evitar “qualquer assunto” (tabela 1.5.). Verificou-se que os 136 casais assinalaram 179 respostas, ou seja, um valor médio de 1,3 (1 a 2 respostas por casal). Considerando as tipologias observa-se que: “casais que vivem sós” (83) indicam 112 respostas (média = 1,3); “casais que vivem com os filhos” (36) apresentam 45 respostas (média = 1,2); e os “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (17) indicaram 22 opções (média = 1,3). A distribuição das tipologias pelos “assuntos evitados pela família” são estatisticamente semelhantes; em todas as tipologias se destacam como as seguintes categorias como as mais frequentes: “sexo”, “drogas” e “nenhum assunto”.

De seguida exploramos os aspetos que os casais consideram “menos bons na família” (tabela 1.5.). Os 136 participantes deram 155 respostas (média =1,1); “os casais que vivem sós” indicaram 93 respostas (1,1); os “casais que vivem com os filhos” deram 39 respostas (1,1); e os “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” deram 23 (0,7). No global, os resultados destacam as seguintes respostas: “nada a assinalar” (47,1%); “falta de tempo” (21,3%); “falta de diálogo” (14,8%); “conflito” (12,9%). Comparando as distribuições das respostas pelas tipologias de agregado observaram-se distribuições estatisticamente semelhantes. A respostas mais frequente em todas as tipologias é: “nada a assinalar”. A segunda mais frequente é: nos “casais que vivem sós” e nos “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” – “falta de tempo”; e nos “casais que vivem com os filhos” – “falta de diálogo”. A terceira mais assinalada diverge com a tipologia: “casais que vivem sós” – “conflito”; “casais que vivem com os filhos” – “falta de tempo”; “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e/ou netos” – “falta de diálogo”.

Nos “acontecimentos marcantes da família”, houve 236 respostas (1,7): 140 dos “casais que vivem sós” (1,7); 71 dos “casais que vivem com os filhos” (1,9); 25 dos “casais que vivem com os filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (1,5). No global, as respostas mais frequentes são: “casamento” (33,1%); “morte” (16,5%); “nascimento” (13,1%) e “separação” (11,9%). As distribuições das tipologias segundo os “acontecimentos marcantes na família” são estatisticamente semelhantes. Os dois “acontecimentos marcantes” são idêntico em todas as tipologias: “casamento” e “morte”. O terceiro mais referido diverge: para os “casais que vivem sós” é a “separação”; para os “casais que

vivem com os filhos” é “saída dos filhos de casa”; e para os “casais que vivem com os filhos e/ou genro/nora e/ou netos” é “nascimento”.

Em seguida analisaram-se as “melhores características da família”, que conjugou um total de 280 respostas (média =1,3): 177 (média =2,1) dos “casais que vivem sós”; 73 (média = 2) dos “casais que vivem com filhos”; 30 (média =1,8) dos “casais que vivem com os filhos e/ou genro/nora e/ou netos” (tabela 4). As distribuições das tipologias segundo as “melhores características da família” são estatisticamente semelhantes. No global e em cada tipologia, as “melhores características das famílias” são: “respeito” (32,5%), “honra” (25%) e “diálogo” (18,6%).

Tabela 1.6. Tipologias estruturais dos agregados familiares dos casais e valores familiares.

Tipologia de agregado	Casal vive só n = 83;61%		Casal com filhos n=36; 26,5%		Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos n=17; 12,5%		Total (n=136)	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Valores mais importantes da família⁵								
Amor	48	25,7	16	20,3	12	30	76	24,8
Diálogo	47	25,1	15	18,9	10	25	72	23,5
Convívio	38	20,3	20	25,3	11	27,5	69	22,5
Preservar valores religiosos	12	6,4	8	10,1	2	5	22	7,2
Comemorar datas significativas	7	3,7	8	10,1	1	2,5	16	5,2
Manter património da família	9	4,8	3	3,8	1	2,5	13	4,2
Preservar origens familiares	19	10,2	5	6,3	2	5	26	8,5
Privacidade do casal	4	2,1	3	3,8	1	2,5	8	2,6
Ascensão profissional	0	-	1	1,3	0	-	1	0,3
Ter uma velhice com acesso a bens materiais e de saúde	3	1,6	0	-	0	-	3	0,9
Total	187	100	79	100	40	100	306	100

⁵ χ^2 (204) =208;702 p=0,396

A análise centra agora os “valores mais importantes adotados pela família”, que engloba um total de 306 respostas (média =2,3): 187 (média =2,3) dos “casais que vivem sós”; 79 (média = 2,2) dos “casais que vivem com filhos”; 40 (média =2,4) dos “casais que vivem com os filhos e/ou genro/nora e/ou netos”(tabela 1.6.). As distribuições das tipologias segundo os “valores mais importantes na família” são estatisticamente semelhantes. No global e em cada tipologia, os valores mais frequentes são: “amor” (24,8%), “diálogo” (23,5%) e “convívio” (22,5%).

1.5 Discussão

Foram definidas três tipologias estruturais de agregados familiares com casais idosos residentes no concelho do Porto, em Portugal: “casais que vivem sós”; “casais que vivem com filhos”; “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e /ou netos”. Sendo que a maioria dos casais respondentes vive só (61%), o que é consistente com os dados dos Censos de 2011: 1 232 916 famílias clássicas em Portugal continental constituídas por duas pessoas idosas (por local de residência e dimensão). Também existem casais que vivem com filhos (26,5%); e “casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e /ou netos” (12,5%). Apenas uma percentagem reduzida (12,5%) de casais idosos vive com outros elementos familiares para além dos filhos (“casais que vivem com filhos e/ou genro/nora e /ou netos”). Estes dados demonstram que a família nuclear constitui a forma predominante de organização dos agregados familiares. Deve sublinhar-se que as tipologias estruturais de agregados da amostra são sempre familiares, e englobando ascendentes e descendentes, mas nunca colaterais. Esta situação remete-nos para a consanguinidade preferencial na coabitação: a família privilegia as relações consideradas como pertencentes à ordem da consanguinidade, marcando a superioridade da família de sangue (Knauth, 1996).

Verifica-se que são as mulheres idosas (74 mulheres em 136 casais) que predominantemente assumem o papel de respondentes ao questionário, evidenciando a tendência da chefia domiciliar feminina (contrariando a ideia socialmente enraizada que coloca no homem essa tarefa). Contudo, a tradição também coloca a mulher a gerir as tarefas mais domésticas e de ligação com a rede social. Mas também poderá ser um indicador da emancipação feminina, consubstanciando um avanço da trajetória social das mulheres (Mendes, 2002).

A dinâmica relacional entre o casal e os filhos varia de acordo com as estruturas de agregado encontradas: é no grupo dos “casais que vivem sós” que se encontram todos os casais sem filhos; além disso, estes casais têm significativamente menos filhos que as outras tipologias. Ou seja: quanto mais filhos o casal tem, maior a probabilidade de viver com um deles.

Os resultados indicam que o “casamento” é o grande motivo pelo qual os filhos saíram de casa dos pais (61%). A literatura tem sido consistente indicando que o casamento é a causa mais tradicional e habitual da saída dos filhos de casa dos pais, implicando a redução estrutural da família (e.g. Cerveny, 1997).

Contudo, 12,5% dos casais indicam que algum/ns dos seus filhos “não saíram” de casa. Em geral, os casais idosos indicam não terem dificuldades com os filhos (62,5%), mas o quando o filho “permanece em casa” dos pais e “não tem independência financeira”, os seus pais idosos consideram ser uma dificuldade na relação com os filhos. Esta dificuldade é apontada pelos “casais que vivem com os filhos”. Estes filhos que se mantêm em casa, e preocupam os pais, parecem ainda não estarem prontos para a vida fora dos limites da casa dos pais. Esta configuração, que tem sido denominada *Geração Canguru* (Cobo & Saboia, 2010), podendo envolver explicações diversas: questões financeiras (desemprego, custo habitacional), aspetos psicológicas (comodismo, a chamada Síndrome de *Peter Pan*) e mesmo variáveis sociodemográficas (queda da taxa de fecundidade, aumento da idade de casamento, aumento do número de divórcios e separações conjugais). Em qualquer dos casos, envolve diferentes níveis de dependência económica e familiar (Henriques, Jablonski e Feres-Carneiro, 2004; Cobo & Saboia, 2010). Parece ocorrer o fenómeno associado ao *leaving home*, que ganha o formato do *living in home* (Haley, 1980). Nestas situações, os pais desejam a saída de casa e independência dos filhos, pois a autonomia (financeira) dos filhos é um anseio familiar, que representa a assunção da responsabilidade da vida adulta, dando aos progenitores um sentido de dever cumprido e segurança (Cervený, 2007). Encontramo-nos novamente perante novas reconfigurações dos arranjos familiares: a *síndrome do ninho vazio é adiada* e a convivência familiar parental prolonga-se no longo do tempo (Machado & Predebom, 2008). Estes dados também mostram que a ideia muito veiculada de que os filhos adultos tendem a abandonar os pais idosos deve ser repensada. Provavelmente, em algumas situações, os pais idosos preferem que os seus filhos adultos demonstrem capacidade de autonomia e construam o seu agregado familiar.

A dinâmica relacional do casal é caracterizada, em geral, de modo positivo, predominando “clima afetivo”, “amizade” e “diálogo constante”. Diversos estudos têm descrito os casais nas fases mais tardias do ciclo de vida como felizes e próximos afetiva e emocionalmente (e.g. Dickson, 1997; Levenson, Carstensen, & Gottman, 1994; Narciso, 2002; Orbuch, House, Mero, & Wester, 1996). No entanto alguns casais mantêm uma relação conjugal que caracterizam pela “frieza e distância” (9,6%). A literatura sugere um declínio na satisfação matrimonial na meia-idade (Carstensen, Gottman e Levenson, 1995), provavelmente estes casais não superaram esse momento de crise e criam um clima de frieza e distância similar ao *Síndrome do Comportamento da Hospedagem*: a pessoa exerce

os papéis quotidianos, mas demonstra frieza e comporta-se como um hóspede dentro de casa distanciando-se através de comportamentos independentes ao extremo (Siqueira Neto, 2004). De salientar que o “desrespeito”, é a característica menos referida pelos respondentes, provavelmente porque esta ocorrência implicaria a rutura conjugal e os elementos da amostra continuam casados.

Em termos da dinâmica familiar, centrados nos “rituais familiares”, destacam-se: “troca de presentes”, “reunião de família no fim de semana” e “fazer refeições em família”). Estes eventos constituem práticas e demandas culturais, artísticas e educativas da população Portuguesa. Estamos perante uma amostra predominantemente católica (89%), que preserva atos simbólicos e rituais festivos baseados na religião (por exemplo, comemoração do Natal e da Páscoa) que mantêm a tradição do convívio e a preocupação com a preservação da identidade familiar. A troca de presentes é um meio (material e simbólico) de concretizar votos e manifestações de carinho: por trás da tarefa de escolher um presente, está a revelação do amor, carinho e importância da pessoa presenteada na vida de quem presenteia (Martins, 2005). As refeições em família são *eventos humanizadores*, de comunhão constituindo momentos essenciais de união e convívio familiar, permitindo preservar valores, rituais e a identidade familiar (Marques & Sousa, 2012; Burton, 2005).

O “lazer em comum” é a característica menos referida pelos casais idosos e família; este hábito reflete a identidade dos portugueses tipicamente marcada pelo trabalho (Maia, 2007). As pessoas desta geração viveram a infância e adolescência numa conjuntura económica precária, resultante da conjugação desfavorável entre a situação histórica nacional decorrente da Segunda Guerra Mundial e o regime político ditatorial que vigorava no país. Foram forçadas a amearhar para ter património e pouca disponibilidade existia para o lazer (Viegas & Gomes, 2007). Além disso, o cansaço, fruto de décadas de trabalho e a falta de costume do lazer, parece levar estas pessoas a privilegiar o descanso no sentido de repouso (Jacob, 2007).

Na dinâmica relacional do agregado familiar, falar de sexo e/ou drogas é evitado pelas três tipologias estruturais de agregado. Vivemos num país onde estes ainda são temas *tabus*, especialmente nas gerações mais velhas. O modo como a pessoa idosa adquiriu, na sua juventude, conhecimentos sobre a sexualidade, ou como foi construída sua identidade sexual, e as próprias regras sociais e morais impediam, e continuam a impedir, a

espontaneidade da experiência sexual. Se a sociedade evita o assunto, se os idosos se sentem constrangidos, então o panorama sexual da velhice poderá ficar abandonado ao conformismo (Almeida & Patriota, 2009; Souza, 2003). Todavia, 20,1% dos casais “não evita qualquer assunto”, podendo indicar que o processo de mudança progressiva de revisão de valores das pessoas idosas está em andamento.

Os casais idosos tendem a não indicar assuntos menos bons na relação com o agregado (47,1%). Contudo, a “falta de tempo” é salientada pela tipologia de agregado “casais que vivem sós” e “casais que vivem filhos e/ou genro/nora e/ou netos”, sugerindo: no primeiro caso, que seja um problema associado aos filhos ausentes; e na segunda tipologia pode indicar pouco contacto relacional entre filhos e netos apesar da coabitação (Martins, 2006). Também os “casais que vivem sós”, indicam “falta de tempo”, mas ainda salientam “o conflito”, sugerindo que os aspetos menos bons se relacionam com os filhos (o conflito pode advir da falta de tempo que os filhos de dedicam).

O casamento revela-se o “acontecimento mais marcante da família” em todas as tipologias de agregado familiar. É uma fase de transição marcada de simbolismo, em que o casal inicia uma nova fase da vida, e é o momento em torno do qual se vão desenrolar todas as outras fases do ciclo de vida familiar (a formação de uma nova família; o nascimento de um membro) (Carter & McGoldrick, 2005; Relvas, 1996).

O “respeito” a “honra” e o “diálogo” são para todas as tipologias estruturais de agregado as melhores características da família, associadas a valores morais que fazem a família funcionar (bem) e que são preferencialmente preservados na construção de um lar marcado pela fraternidade e harmonia. Os valores mais importantes adotados pela família são o “amor”, o “diálogo” e o “convívio”. Estes aspetos que *movem* a vida individual e coletiva, sendo passados de forma implícita ou explícita entre os membros da família, parecendo constituir a ideologia do sistema familiar (Cervený, 1997).

1.6 Limites e perspectivas de pesquisa

Uma das limitações deste estudo é a recolha da amostra ter sido restringido ao concelho do Porto, o que impede a generalização dos dados para a população Portuguesa; estudos futuros devem ser mais abrangentes. Para além disso, o facto de a recolha da amostra se ter restringido à classe socioeconómica média (classe representativa da população Portuguesa) limita a generalização para os outros estratos sociais e faz refletir sobre a importância de explorá-los em estudos futuros. Outra limitação relaciona-se com a recolha de dados ter sido efetuada em contexto domiciliário, limitando o contexto institucional aos centros de dia e serviço de apoio domiciliário que facilitaram a sinalização de casais idosos. Deste modo, seria interessante em estudos futuros explorar as relações de casais idosos e agregado também em contexto de lar de idosos.

1.7 Conclusão

As transformações na sociedade portuguesa nas últimas décadas implicaram mudanças na estrutura e na organização familiar, alargando-se ao aumento da diversidade de interações conjugais e familiares, mesmo no âmbito das estruturas familiares tradicionais, como as famílias nucleares (Figueiredo et al., 2011). As alterações da estrutura familiar inerentes à última etapa do ciclo de vida da família caracterizam-se por transições interligadas ao envelhecimento, como processo experiencial e único constituindo-se como desafios fundamentais às famílias nesta etapa do seu ciclo. Este estudo sugere que o agregado familiar de casais de idosos se caracteriza por: i) estrutura composta por casais de idosos que vivem predominantemente sós; ii) dinâmica do casal pautada por clima afetivo, amizade e diálogo constante; e do agregado pautada pelo respeito, diálogo e carinho; iii) baseado em valores assentes no amor, diálogo e convívio familiar. Os resultados permitem compreender melhor a fase última do ciclo familiar e refletir sobre as necessidades de intervenção familiar adequadas à estrutura, dinâmica e valores dos agregados familiares emergentes.

1.8 Bibliografia

Barroso, M. (2008). *Fratrías e Género: Contributos para uma análise sociológica das relações fraternais*. Trabalho apresentado no VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade De Ciências Sociais e Humanas, 25 a 28 de junho.

Carter, E. & McGoldrick, M. (2005). The expanded life cycle: Individual, family, and social perspectives. In E. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *The expanded life cycle*. Boston: Allyn & Bacon.

Carstensen, L.; Gottman, J. & Levenson, R. (1995). Emotional behaviour in long-time marriage. *Psychology and Aging*, 10, 140-149.

Cervený C. , Berthoud, C. (1997). *Família e Ciclo Vital nossa realidade em pesquisa*. Casa do Psicólogo.

Cervený, C., Macedo, R. (2004). Família e Comunidade, NUFAC-Núcleo de Família e Comunidade do Programa de estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1 (1).

Cervený C. (org.) (2007). *Família em movimento*. São Paulo: Casa do psicólogo.

Cobo, B., Saboia, AL.L. (2010). *A Geração canguru no Brasil*. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro.

Da Matta, R. (1987). A família como valor: considerações não familiares sobre a família à brasileira. In: Almeida, A. (org.) *Pensando a Família no Brasil: da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo.

Fernandes, O.M., Alarcão, M., e Raposo, J.V. (2007) Posição na fratria e personalidade Estudos de Psicologia, *Campinas*; 24(3), 297-304, julho – setembro.

Figueiredo, M.H.J. & Martins, M., Silva, L., Oliviveria, P. (2011) *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 14(3), 11-22.

Gonzalez, G. M.J. (2010) The changing structure of households and families, and its impact on health in Spain. *Finisterra*, XLV (89) 9-25.

Haley, J. (1980). *Leaving Home – The therapy of disturbed young people*. Nova Iorque: Mc Graw-Hill.

Henriques, C. R.; Jablonski, B.; Feres-Carneiro, T.A. (2004). Geração Canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, 35 (2), 195-205.

Hatch, L. & Bulcroft, K. (2004). Does Long-Term Marriage Bring Less Frequent Disagreements? *Journal of Family Issues*, 25(4), 465-495.

Instituto Nacional de Estatística- INE (PT) (2011). *O Envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socioeconómica recente das pessoas idosas*. Estatísticas Censitárias e da População. Lisboa: INE; 2011.

Instituto Nacional de Estatística- INE (PT) (2011). *Famílias clássicas (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Dimensão (família clássica); Decenal - INE, Recenseamento da População e Habitação*.

Jacob, L. (2007). *Animação de Idosos*. Editora: Ambar.

King, D. & Wynne, L. (2004). The emergence of “Family Integrity” in later life. *Family Process*, 43(1), 7-20.

Knauth, R. D. (1996) *Aids, Reprodução e Sexualidade: Uma abordagem antropológica das mulheres contaminadas pelo vírus da Aids*. Série Trabalhos de Pesquisa – Nº 001/96.

Machado, B. G.; Predebon, J. C. (2008). “Geração canguru”: uma nova configuração da família contemporânea. Anais do IX Salão de Iniciação Científica e Trabalhos Acadêmicos, Guaíba.

Martin-Matthews, A. (2000). Change and diversity in aging families and intergenerational relations. In N. Mandell & A. Duffy, *Canadians Families: Diversity, Conflict and Change*. (pp. 323-360). Toronto: Harcourt Canada.

Martins, P. (2005). A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, 45-66.

Marques, F., D., Sousa, L. (2012). Construção da integridade familiar em pessoas idosas pobres: Valores e significados. *Psicólogo InFormação. Periódico oficial do curso de Psicologia da Universidade Metodista de São Paulo*. ISSN: 1415-8809, XVI (16), 9-42.

Mendes, M. A. (2002). Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro.

Morris, C. W. (1956). *Varieties of human value*. Chicago: University of Chicago Press.

Almeida, L. A. , Patriota, L.M. (2009). *Qualit@s Revista Eletrônica*, 8(1) ISSN 1677 4280.

Siqueira Neto AC (2011). *Dificuldades no relacionamento conjugal ocasionadas pela Síndrome do Comportamento*, in. PsiqWeb, Recuperado em Junho de 2011 em www.psiqweb.med.br.

Sousa, L. (2008). Editorial: New themes on ageing families. In L. Sousa (Ed.), *Families in Later Life*. New York: Nova Science Publishers.

Souza, S. Sexualidade e amor na velhice (2003). Porto Alegre: Sulina.

Maia, M. M. A. (2007). *A ética disciplinar salazarista e o papel do trabalho infantil*. In: VII Encontro Regional Sudeste de História Oral: memória e política. Rio de Janeiro. VII Encontro Regional Sudeste de História Oral: memória e política. Rio de Janeiro.

Viegas, S. M., & Gomes, C. (2007). *Identidade na velhice*. Coleção Idade do saber. Editora: Ambar.

2. Longevidade das relações conjugais: valores e dinâmica relacional em casais idosos Portugueses⁴

Filipa D. Marques*¹ e Liliana Sousa¹

¹Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

*E.mail: filipa.marques@ua.pt

Resumo

Neste estudo adota-se a perspetiva desenvolvimental do ciclo de vida familiar, indo além da abordagem patologizante que tem marcado os estudos dos casais idosos (focados nos cuidados de um dos cônjuges ao outro em situação de dependência). Este estudo foca a longevidade de relações conjugais (≥ 30 anos) em casais heterossexuais compostos por pessoas idosas (≥ 65 anos), para compreender alguns elementos da estrutura, dinâmica e valores familiares. A amostra envolve 126 casais, aos quais foi administrado um questionário por entrevista. Os principais resultados indicam: i) estrutura marcada por casais idosos a viverem em casal ou com os filhos; ii) dinâmica pontuada por atividades em casal; iii) valores centrados em afeto e amizade *versus* acomodação e distância. Estes resultados indicam que os casais de longa duração encontraram estabilidade na relação, que pode ser marcada por proximidade ou distância.

Palavras - chave: casais idosos, relação conjugal; ciclo de vida familiar.

⁴ Aceite para publicação em capítulo de livro “Manual da Longevidade.”
(Marques, F.D., Sousa, L. Longevidade das relações conjugais: valores e dinâmica relacional em casais idosos Portugueses. *Manual da Longevidade*. (In press))

Abstract

This study adopts the perspective of developmental family life cycle, going beyond the pathological approach of elderly couples studies (focused on caregiving). This study focuses on the longevity of marital relationships (≥ 30 years) in heterosexual couples composed of elderly (≥ 65 years), to understand some elements of the structure, dynamics and family values. The sample involved 126 couples. It was administered a questionnaire by interview. The main results indicate: i) structure marked by elderly couples living in couple or with sons, ii) family dynamic characterized by couple activities; iii) values centered on affection and friendship versus accommodation and distance. These results indicate that couples have found long-term stability in the relationship, which can be characterized by proximity or distance.

Keywords: elderly couples, marital relationship, family life cycle.

2.1 Introdução

A investigação sobre as relações conjugais na velhice tem incidido no cônjuge enquanto cuidador principal em situações de dependência, ou seja, salientando uma perspetiva patologizante e negligenciando uma abordagem desenvolvimental. O ciclo de vida familiar envolve uma perspetiva desenvolvimental, assumindo que a família, tal como o indivíduo, se desenvolvem ao longo da vida (Carter & McGoldrick, 2005); i.e. a família evolui e transforma-se ao longo de estádios através de um rearranjo contínuo de papéis, pertenças, distâncias e limites emocionais. A investigação sobre relações conjugais na velhice é escassa, incidindo em três tópicos (Sousa et al., 2009): satisfação conjugal; qualidade da relação conjugal; efeito da relação conjugal na saúde (física e mental).

Alguns estudos permitem traçar um perfil dos casais idosos. Martin-Matthews (2000) refere alguns grupos de casais idosos: casados há muitos anos; casados pela primeira vez na velhice; recasados (após divórcio ou viuvez) na meia-idade ou velhice. Há ainda os idosos solteiros e aqueles que não estão numa relação conjugal devido a divórcio, separação ou viuvez). As pessoas idosas em relação conjugal tendem a coabitar com os cônjuges (Figueiredo et al., 2011), mesmo que no agregado familiar existam outros elementos (por norma, filhos).

Contudo estes dados são essencialmente estruturais, e uma perspetiva de ciclo de vida indica que ao longo da vida em comum há transições que influenciam a conjugalidade; de facto, a relação conjugal tem sido muito explorada em fases mais iniciais do ciclo de vida familiar (como a formação do casal e os casais com filhos pequenos e adolescentes), mas raramente abordada na velhice (cf. Relvas & Alarcão, 2007; Relvas, 2000; Sousa et al., 2009; Sousa, 2009).

Cervený (1997) indica quatro fases do ciclo de vida familiar: família em fase de aquisição; família em fase adolescente; família em fase madura; família na fase última (correspondente à velhice do casal). Na fase última, a pessoa idosa e o casal idoso, revêm a família que formaram e avaliam o seu papel na família (Cervený, 1997; Carter & McGoldrick, 1995).

Na fase última, o casal agora idoso, tem agora o *ninho vazio*, depois da casa cheia (quando tiveram filhos) (Narciso, 1994). Nesta etapa, o casal tende a coabitar há mais de 30 anos. O investimento focou-se nos filhos (quando existem) e/ou na vida profissional, voltando agora à estrutura inicial do casamento (díade conjugal), marcado pela longa convivência. A

ajuda mútua e o companheirismo são ingredientes indispensáveis para o casal viver bem a fase última; contudo, dependendo da trajetória do casal, pode ser um momento de solidão forçosamente compartilhada sob o mesmo teto, por medo ou acomodação (Duvall e Miller, 1985). É um período de empatia e maior liberdade relaciona, também caracterizado pela necessidade de preparar novas mudanças, redefinindo a relacional: as relações familiares na fase última são marcadas pela reestruturação de papéis (e.g. reforma), com a saída física de alguns membros do núcleo familiar (por norma, os filhos) e a inserção de novos membros como noras, genros e netos (Minuchin & Fishman, 1990).

Todavia, nem sempre o *ninho* fica *vazio*, pois o fenómeno *leaving home* tem-se transformado em *living in home* (Haley, 1980 cit in Marques & Sousa, 2012a; Cobo & Saboia, 2010). Cada vez há mais filhos que permanecem em casa dos pais na fase última, o que tende a ser apontado pelos pais/casal como um problema (Marques e Sousa, 2012a): os filhos parecem não estar prontos para a vida fora dos limites da casa dos pais e, além disso, são financeiramente dependentes. A síndrome do *ninho vazio* é adiada e a convivência familiar parental prolonga-se no tempo (Henriques et al., 2004; Marques & Sousa, 2012a). Cerveny (1997) estudou a fase última na família paulista e verificou que mais de 57% dos casais idosos indicavam como principal característica do casamento nesta fase o companheirismo. Provavelmente, a libertação de tarefas, como o cuidado aos filhos agora adultos, devolve ao casal energias para a relação conjugal; mas também pode ocorrer que a longa convivência aumenta a amizade e dedicação entre os membros do casal (cf. Norgren et al., 2004). Esse estudo, também revela que, dependendo da trajetória do casal e do quanto as relações foram mediadas pelos filhos e pelo trabalho, a relação conjugal na fase última pode ser um momento de encontro ou de solidão forçosamente compartilhada por medo ou por acomodação. Relvas & Alarcão (2007) verificaram que as áreas de maior satisfação conjugal se associam a aspetos internos da díade, enquanto as dimensões que revelam mais dificuldades se referem à relação do casal com os outros.

2.2 Objetivos

Este estudo foca a longevidade de relações conjugais (≥ 30 anos) em casais heterossexuais compostos por pessoas idosas (≥ 65 anos), para compreender alguns elementos da estrutura, dinâmica e valores familiares. Os resultados são relevantes porque informam sobre características destes casais (forças e fraquezas), permitindo orientações de

intervenção familiar, nomeadamente: ajudar a ativar pontos fortes e melhorar o bem-estar perante fraquezas.

2.3 Metodologia

Procedimentos

Para recolher a amostra foram contactadas 9 instituições de apoio comunitário a pessoas idosas (centros de dia e serviço de apoio domiciliário). Solicitou-se autorização para realizar o estudo e a indicação de um profissional para mediar os contactos entre investigador e potenciais participantes. Todas as instituições concordaram em colaborar e designaram os profissionais de ligação (6 psicólogas e 3 assistentes sociais; todas mulheres). A estes profissionais foram explicados os objetivos do estudo, metodologia e critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão eram: i) pessoas com 65 anos de idade ou mais em relacionamento conjugal; ii) orientados no espaço e no tempo. Excluíram-se os casais que residiam em lar de idosos, pois a vivência em instituição altera a relação conjugal (embora seja um aspeto com potencial para pesquisas futuras).

Esses profissionais contactaram os potenciais participantes, verificaram a sua disponibilidade para colaborar e pediram autorização para colocar o investigador em contacto. Os casais foram contactados pela primeira autora (por telefone ou pessoalmente) que explicou detalhadamente os objetivos e colaboração solicitada; 136 casais acederam em colaborar, e assinaram o consentimento livre e informado. A entrevista foi marcada neste primeiro contacto. A administração decorreu em local (por norma nas suas casas ou instituições que frequentam) e data à escolha dos participantes. Os questionários foram aplicados por entrevista pela primeira autora, durante 4 meses (março a agosto de 2011) no concelho do Porto. A aplicação de cada questionário demorou em média 45 minutos.

Instrumentos

Neste estudo utilizou-se o questionário sobre a fase última do ciclo de vida familiar (Cervený, 1997). Foi desenvolvido com base num instrumento construído para a investigação sobre o Ciclo Vital da Família Paulista (Cervený; Berthoud et al., 1997), após revisão e adaptação à família na fase última do ciclo vital. O instrumento envolve os seguintes grupos de variáveis: a) estrutura familiar (dados objetivos que configuram o

grupo familiar); b) dinâmica familiar (formas de funcionamento); c) valores familiares (aspectos da vida individual e coletiva); d) especificidades da família na fase última. Este questionário (Cervený, 1997) foi adaptado em termos culturais e linguísticos à população portuguesa. Nesse sentido, realizou-se um pré-teste a 6 casais para analisar: clareza (formulação de questões, sequência e modo de registo das respostas), aceitabilidade e tempo de administração. Algumas alterações foram realizadas, mas de detalhe; por exemplo, o questionário original tem uma questão sobre o estado de residência (pois no Brasil, país de origem do questionário, esta divisão administrativa existe), que foi eliminada em Portugal, onde tal situação não ocorre. Trata-se de um vasto questionário (51 questões), sendo a maioria de múltipla escolha: variando entre 1 e 3 possibilidade de escolha. Das 51 questões, foram seleccionadas 23 para este estudo (ver anexo1).

Optou-se por permitir que fosse o casal em conjunto ou um elemento do casal a responder. Em muitos casos, a dinâmica do casal levava à delegação desta tarefa num dos cônjuges, enquanto o outro ia dando contributos. Além disso, nos domicílios era possível juntar os dois elementos do casal, mas tal era difícil nas instituições, pois tendencialmente apenas um frequentava.

Amostra

A amostra deste estudo faz parte de um estudo mais alargado relacionado com a estrutura dinâmica e valores de agregados familiares de casais de idosos (Marques & Sousa, 2012a). Dos 136 questionários aplicados no estudo de Marques & Sousa (2012a), excluíram-se 10 (pertencentes a casais que viviam juntos há menos de 30 anos). A amostra neste estudo compreende 126 casais de pessoas idosas (casados ou em união de facto) sendo que em 53,2% dos casais foi a mulher a assumir a resposta às questões. A média etária é: nos homens de 73,9 anos; nas mulheres de 71,7 anos (idades compreendidas entre os 65 e os 94 anos). As idades são estatisticamente diferentes ($t=133,122$; $p=0,000$), isto é, as esposas são significativamente mais novas.

Quanto à escolaridade (tabela 2.2.), a percentagem mais elevada em ambos os elementos do casal ocorre na categoria “7 a 9 anos de escolaridade”: 35,7% dos maridos e 28,6% das esposas. As distribuições apresentam diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2(49) = 243,769$; $p=0,000$): a percentagem de analfabetos é inferior nos maridos (6,3%) comparativamente com as esposas (14,3%); a percentagem que “sabe ler e escrever (sem

escolaridade formal) ” também é inferior nos homens (7,1%), por comparação com as mulheres (13,5%).

Relativamente à religião, 88,1% dos casais assumem-se como católicos, seguindo-se outras religiões: evangélica (5%); jeová (8%); 1,6% identificou-se como ateus.

O tempo médio de união dos casais é de 47,15 anos (DP=7,388) variando entre os 30 e os 65 anos. Os casais distribuem-se da seguinte forma em termos do tipo de união: 59,6% - casamento civil e religioso; 31,6% - casamento civil; 0,7% – casamento religioso; 8,1% - união de facto.

Tabela 2.1 Escolaridade do casal

Escolaridade	Marido		Esposa	
	n	%	n	%
Analfabeto	8	6,3	18	14,3
Sabe ler e escrever (sem escolaridade formal)	9	7,1	17	13,5
Até 4 anos de escolaridade	29	23,0	31	24,6
4 a 6 anos de escolaridade	1	0,8	1	0,8
7 a 9 anos de escolaridade	45	35,7	36	28,6
10 a 12 anos de escolaridade (secundário)	25	19,8	17	13,5
Ensino superior	5	4,0	4	3,2

Análise de dados

A análise de dados é descritiva e comparativa. Efetuou-se com recurso ao programa de análise de dados SPSS 17.1. As comparações relativas a variáveis nominais e ordinais ocorreu através do ANOVA ($p > 0,05$) e das distribuições através do Chi-quadrado ($p > 0,05$).

2.4 Resultados

Começou por se analisar o tempo de união dos casais idosos. Como se trata de relações conjugais com 30 anos ou mais (30 aos 65 anos), optou-se por dividir os casais em dois grupos: “30 a 49 anos” – 58,7% (n=74); e “50 aos 65 anos” – 41,3% (n=52) (tabela 2.2.). Assim, pode analisar-se como o tempo de união influencia as variáveis em estudo. Em média o início da relação conjugal ocorre: aos 27 anos de idade para os homens; e aos 24 anos nas caso das mulheres (refira-se que 8 casais vivem um segundo casamento, por isso constituíram a atual relação conjugal em idade mais tardia).

De seguida analisaram-se as variáveis relativas à estrutura do agregado familiar considerando o tempo de união (tabela 2.2.).

Os resultados globais mostram que: 58,7% dos casais vive só; 27,8% vive com filhos; e 13,5% vive com filhos e/ou genro/nora e/ou netos. A distribuição do tempo de relação conjugal com a constituição do agregado familiar apresenta diferenças estatisticamente significativas: vivem com filhos mais do que o esperado dos casais com “30 a 49 anos” de relação conjugal, e menos do que o esperado dos casais em relação à “50 aos 65 anos”; vive com filhos e/ou genro/nora e/ou netos mais do que o esperado dos casais com “50 aos 65 anos” de relação e menos do que esperados dos casais com relação de “30 a 49 anos”.

Tabela 2.2 Estrutura do agregado familiar e tempo de relação conjugal

Tempo de união conjugal	30 a 49 anos		50 a 65 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%
	74	58,7	52	41,3	126	100
Composição do agregado familiar [$\chi^2 (2) = 4,61; p=0,089$]						
Casal vive só	42	56,7	32	61,6	74	58,7
Casal com filhos	25	33,8	10	19,2	35	27,8
Casal com filhos e/ou genro/nora e/ou netos	7	9,5	10	19,2	17	13,5
Número de filhos [$\chi^2 (6) = 10,114; p=0,120$]						
0	14	18,8	5	9,6	19	15,1
1	24	32,4	9	17,3	33	26,3
2	19	25,7	15	28,8	34	26,9
3	9	12,2	12	23,1	21	16,6
4	5	6,7	7	13,5	12	9,5
5	1	1,6	3	5,8	4	3,2
6	2	2,6	1	1,9	3	2,4

Relativamente ao número de filhos, os dados globais indicam que o mais frequente é ter 2 filhos (26,9%) ou 1 filho (26,3%). A distribuição do tempo de relação conjugal considerando o número de filhos não apresenta diferenças estatisticamente significativas.

Passamos agora à dinâmica conjugal (inclui as variáveis: “frequência de atividades de lazer”, “atividades de lazer no casal”, “vida sexual do casal” e “alterações com a chegada da reforma”) (tabela 2.3.).

Os resultados de frequência de atividades de lazer no casal são globalmente: 46,8% - esporádico; 41,3% - frequentemente. A distribuição do tempo de união dos casais de acordo com a frequência de atividades de lazer não apresenta diferenças estatisticamente significativas.

De seguida analisou-se com quem os casais desenvolviam atividades de lazer. Os resultados globais são: “esposa e marido têm atividades juntos” – 63,6%; “marido tem atividades de lazer sozinho” – 21,4%; “não têm atividades de lazer” – 11,4%; “esposa tem atividades de lazer sozinha” – 3,1%. As distribuições do tempo de união dos casais considerando a partilha de atividades de lazer não apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Em termos de vida sexual do casal os resultados globais são: “tão boa como antes” – 48,2%; “prefere não responder” – 26,2%; “pior do que antes” – 20,8%. Comparando estas distribuições das respostas pelo tempo de união observam-se diferenças estatisticamente significativas. Principalmente, verifica-se que é nos casais com mais tempo de união (50 a 65 anos) que há mais a preferir não responder, por comparação com os que apresentam menor tempo de união (30 a 49 anos).

Quanto às alterações com a chegada da reforma, os principais resultados globais são: “perda do aspeto social” - 39,5%; “perda financeira”- 33,3%. As distribuições do tempo de união pelas alterações com a chegada da reforma são estatisticamente semelhantes.

Tabela 2.3 Dinâmica conjugal e tempo de relação conjugal

Tempo de união	30 a 49 anos		50 a 65 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%
Dinâmica conjugal	74	58,7	52	41,3	126	100
Frequência de atividades de lazer [$\chi^2(4) = 2,25; p=0,689$]						
Sempre	6	8,1	2	3,8	8	6,3
Frequentemente	28	37,8	24	46,2	52	41,3
Esporadicamente	35	47,3	24	46,2	59	46,8
Raramente	4	5,4	2	3,8	6	4,8
Nunca	1	1,6	-	-	1	0,8
Atividades de lazer no casal [$\chi^2(3) = 3; p=0,658$]						
Marido tem atividades de lazer só	15	20,3	12	23,1	27	21,4
Esposa tem atividades de lazer só	2	2,5	2	3,8	4	3,1
Esposa e marido têm atividades juntos	46	63,6	34	65,7	80	63,6
Não têm atividades de lazer	11	14,6	4	7,4	15	11,9
Vida sexual do casal [$\chi^2(4) = 9,23; p=0,056$]						
Tão boa como antes	37	50	24	46,2	61	48,2
Melhor do que antes	1	1,4	1	1,9	2	1,8
Pior do que antes	20	27,0	6	11,6	26	20,8
Inexistente (só há amizade)	3	4,1	1	1,9	4	3,2
Prefere não responder	13	17,6	20	38,4	33	26,2
Alterações com a chegada da reforma [$\chi^2(4) = 6,54; p=0,163$] (até 3 opções de resposta)						
Não houve mudanças	7	6,8	3	5,1	10	6,2
Perda financeira	31	30,1	23	38,9	54	33,3
Perda do aspeto social	38	36,9	26	44,1	64	39,5
Desenvolver aquelas ideias/coisas que o tempo não permitia	8	7,8	4	6,8	12	7,4
Possibilidade de estar mais tempo com a família	19	18,4	3	5,1	22	13,6
Total	103	100	59	100	162	100

A análise centra-se agora nos valores do casal/família (tabela 2.5.). Em algumas questões existe mais de uma opção de resposta: 2 opções de resposta (“melhor característica da família”; “relação atual do casal”); e 3 opções (“valores passados entre gerações” e “acontecimentos marcantes na família que fizeram rever valores”). As distribuições das tipologias segundo o tempo de união e as diversas variáveis incluídas em valores nunca apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Relativamente ao tipo de relação conjugal os resultados mostram: 61,9% - casamento civil e religioso; 31,8% - casamento civil. Sobre a meta do casal na fase atual de vida, os resultados globais indicam: “fazer balanço de vida e organizar o futuro dos filhos” – 58,7%; “construir património familiar” – 16,6%; “cuidador dos filhos e dos pais” – 13,5%; e “promover a educação e profissão dos filhos” – 9,5. Em relação às “melhores características da família”, no global destaca-se: “respeito” - 35,7%; “diálogo” -21,4%; “carinho” - 16,7%; “honra” 15,8%. Relativamente à relação atual do casal, salienta-se: “clima afetuoso” – 35,6%; amizade – 32,9%; “acomodação” e “diálogo constante” – 9,1%;

“frieza e distância” – 7,5%; “bom relacionamento sexual” – 5,4%. O “desrespeito” é a característica menos referida pelos casais (1,6%). Explorou-se o “significado do casamento na juventude” para estes casais; os resultados indicam que os mais frequentes são: “perpetuar o indivíduo através dos filhos” – 49,2%; “autorrealização afetiva” – 42,9%; “evitar a solidão” – 6,3%; “exigência social” 1,6%. Sobre o significado do casamento na fase atual (velhice), os resultados globais indicam: “adaptação e descoberta” – 45,2%; “redescoberta do casal” – 15,1%; “acomodação” – 15,1%. Quanto ao modo como o casal vê a viuvez, observa-se: “um facto que vai acontecer e nada se pode fazer” – 49,2%; “um facto que merece ser cuidado no sentido económico, legal e emocional” – 30,9%; “algo terrível que não deve ser comentado” – 19,8%.

Tabela 2.4 Valores do casal/família e tempo de união conjugal

Tempo de união conjugal	30 a 49 anos		50 a 65 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%
Valores do casal/família	74	58,7	52	41,3	126	100
Tipo de relação conjugal [$\chi^2 (3) = 2,58; p=0,460$]						
Casamento civil e religioso	42	56,7	36	69,4	78	61,9
Csamento cívil	26	35,1	14	26,9	40	31,8
Casamento religioso	1	1,4	-	-	1	0,8
União de facto	5	6,7	2	3,7	7	5,5
Meta da família nesta fase de vida [$\chi^2 (3) = 6,07; p=0,108$]						
Construir património familiar	14	22,9	7	13,5	21	16,6
Promover a educação e profissão dos filhos	4	5,4	8	15,4	12	9,5
Cuidador dos filhos e dos pais	13	17,5	4	7,7	17	13,5
Balanço de vida e organizar futuro dos filhos	42	33,3	32	61,5	74	58,7
Melhores características da família [$\chi^2 (5) = 7,11; p=0,212$] (permite escolher até 2 opções de resposta)						
Diálogo	28	22,6	20	19,4	48	21,4
Carinho	19	15,3	19	18,4	38	16,7
Respeito	48	38,7	33	32,0	81	35,7
Estabilidade financeira	8	6,5	2	1,9	10	4,4
Liberdade	6	4,8	8	7,8	14	6,1
Honra	15	12,1	21	20,4	36	15,8
Total	124	100	103	100	227	100
Relação atual do casal [$\chi^2 (6) = 7,08; p=0,314$] (permite escolher até 2 opções de resposta)						
Clima afetivo	41	37,3	25	33,3	66	35,6
Bom relacionamento sexual	7	6,4	3	4	10	5,4
Frieza e distância	12	10,9	2	2,6	14	7,5
Acomodação	9	8,2	8	10,6	17	9,1
Diálogo constante	8	7,3	6	8	17	9,1
Desrespeito	1	0,9	2	2,7	3	1,6
Amizade	32	29,1	29	38,6	61	32,9
Total	110	100	75	100	185	100
Significado do casamento na juventude [$\chi^2 (3) = 6,26; p=0,100$]						

Autorrealização afetiva	29	39,1	25	48,1	54	42,9
Perpetuar o indivíduo através dos filhos	36	48,8	26	50	62	49,2
Evitar a solidão	8	10,8	-	-	8	6,3
Exigência social	1	1,3	1	1,9	2	1,6
Significado do casamento na fase atual (velhice) [$\chi^2 (5) = 5,75; p=0,331$]						
Adaptação e descoberta	32	43,2	25	48,1	57	45,2
Criar os filhos	7	9,4	5	9,6	12	9,5
Redescoberta do casal	9	12,2	10	19,2	19	15,1
Momento de solidão	5	6,8	-	-	5	3,9
Acomodação	13	17,6	6	11,5	19	15,1
Grandes mudanças em pouco tempo	6	8,1	6	11,5	12	9,5
Como o casal vê a viuvez [$\chi^2 (2) = 1,53; p=0,465$]						
Algo terrível que não deve ser comentado	16	21,6	9	17,3	25	19,8
Um facto que vai acontecer	33	44,6	29	55,8	62	49,2
Um facto que merece ser cuidado no sentido económico, legal e emocional	25	33,7	14	26,9	39	30,9
Valores passados entre gerações [$\chi^2 (6) = 3,28; p=0,773$] (permite escolher até 3 opções de resposta)						
Tradição do casamento	14	12,1	6	7,4	20	10,2
Importância dos estudos	47	40,9	30	37,0	77	39,3
Virgindade antes do casamento	2	1,7	1	1,4	3	1,5
Ser honesto	24	20,9	17	20,9	41	20,9
Tradições religiosas	24	20,9	21	25,9	45	22,9
Preservar património familiar	2	1,7	3	3,7	5	2,6
Seguir profissão dos pais	2	1,7	3	3,7	5	2,6
Total	115	100	81	100	196	100
Acontecimentos marcantes na família que fizeram rever valores [$\chi^2 (6) = 2,58; p=0,859$] (permite escolher até 3 opções de resposta)						
Casamento	47	39,8	29	33,7	76	37,3
Separações	12	10,2	11	12,8	23	11,3
Morte	24	20,3	16	18,6	40	19,6
Nascimento de um membro	10	8,5	12	13,9	22	10,8
Desemprego	5	4,2	3	3,5	8	3,9
Saída dos filhos de casa	9	7,6	8	9,4	17	8,3
Doença	11	9,3	7	8,1	18	8,8
Total	118	100	86	100	204	100

Os principais valores passados entre gerações são: “importância dos estudos” – 39,3%; “religião” – 22,9%; “ser honesto” – 20,9%; “tradição do casamento” – 10,2%. A “virgindade antes do casamento” (1,5%) é o valor menos relevante. Os principais “acontecimentos marcantes na família que fizeram rever valores” são: “casamento” - 37,3%; “morte” – 19,3%; “separações” – 11,3%; “nascimento de um filho” – 10,8%; “saída dos filhos de casa” – 8,4%; “doença” – 8,8%; e “desemprego” – 3,9%.

2.5 Discussão

Este estudo centra relações conjugais de longa duração (30 anos ou mais), sendo que o tempo de relação conjugal (30 a 49 anos vs. 50 a 65 anos) parece não influenciar em geral a estrutura, dinâmica e valores. Emergem duas variáveis em que ocorrem diferenças estatisticamente significativas considerando a duração da relação: composição do agregado familiar (estrutura) e vida sexual do casal (dinâmica).

Na composição do agregado familiar verifica-se que os casais com menos tempo de relação (30 a 49 anos) vive mais com os filhos do que os casais com mais tempo de relação. Outros estudos revelam resultados similares; (Marques e Sousa, 2012a) na caracterização dos agregados familiares de casais idosos verificaram que 12,5% dos casais vivem ainda com os filhos; para os casais esta situação era vivida como um problema, pois estava associada à falta de autonomia financeira dos filhos. Marques e Sousa (2012a) constataram em estudos recentes que os filhos parecem ainda não estar prontos para a vida fora dos limites dos pais e permanecem em casa destes; embora em muitos casos se associe a dificuldade em encontrar emprego (pelo menos em Portugal, na sequência da difícil situação económica).

Na dinâmica, observa-se que há mais casais com mais tempo de união (50 a 65 anos) a preferirem não responder à questão sobre a sua vida sexual. Estes resultados podem ser justificados pelos valores e construção histórica, social e cultural da sexualidade (Lima, 2003): estes idosos cresceram numa sociedade em que a sexualidade era *tabu*, apenas aceite em relação com a reprodução, o que lhes traz sentimentos de vergonha e até de culpa associados à vontade e prazer.

Considerando a escassez de diferenças estatisticamente significativas entre o tempo de relação conjugal, a análise centra-se nos resultados globais.

Em termos de estrutura, a maioria dos casais vive só (58,7%). Contudo há 27,8% de casais a viver com os filhos e 15,1% de casais sem filhos. Assim, os dados sugerem que quando há filhos aumenta a probabilidade dos casais idosos partilharem com eles o agregado familiar. Os dados não permitem perceber se a decisão de viver pais idosos e filhos adultos deriva de necessidades instrumentais dos filhos e/ou dos pais, ou se é uma decisão afetiva. Estudos anteriores (Marques e Sousa, 2012a) sugerem que a família nuclear constitui a forma predominante dos agregados familiares, que tendem a excluir colaterais.

Nestes casais idosos o mais frequente é ter 2 filhos (26,9%) ou 1 (26,3%). Estes dados evidenciam o cenário demográfico das famílias portuguesas (INE, Censos de 2001), quanto aos núcleos familiares por números de filhos: 1 filho - 1 21103; sem filhos - 975 252; 2 filhos - 760 565; com 3 e mais filhos - 212 825. Estes dados evidenciam a tendência demográfica Portuguesa para a diminuição do número de filhos ao longo das décadas.

A dinâmica do casal é dividida entre atividades de lazer esporádicas (46,8%) e frequentes (41,3%), maioritariamente realizadas em casal (63,6%), sugerindo companheirismo. Fennel (1987) realizou estudos com cônjuges que coabitam há mais de 20 anos, e explica que passar tempo considerável e agradável em comum é um indicador relevante de satisfação conjugal.

Todavia, quando não têm atividades de lazer em conjunto, é o marido que desempenha mais atividades de lazer sozinho (21,4%). Este resultado sublinha também elementos culturais e sociais que permitem (ou condenam menos) ao homem sair sem a sua mulher. Alguns estudos (e.g. Fernandes e Garcia, 2010) sublinham outras explicações: o elemento masculino do casal, que estruturou o seu projeto de vida na carreira e desempenhou o papel de provedor financeiro, pode dar agora prioridade à busca de algo centrado no “aperfeiçoamento do eu” através do lazer. À mulher coube ao longo da vida (mantém-se na velhice) o papel de doméstica (mesmo quando exerce uma profissão) e cuidadora dos elementos mais frágeis da família (como filhos, netos e adultos/idoso dependentes). Sublinhe-se que ainda em meados do século XX (altura da juventude dos participantes) havia pouca a expressividade do trabalho profissional feminino em Portugal (Coutinho & Menadro, 2010). Há 11, 9% dos casais que refere não ter atividades de lazer (nem sozinhos, nem em casal), provavelmente por falta de vontade ou de hábito, pois são pessoas que trabalharam a vida toda e agora *não sabem* ter lazer, além de que veem a velhice como uma oportunidade de descanso. Jacob (2007) refere que o cansaço é muitas vezes um pretexto utilizado pelos idosos para não participarem em atividades de lazer. As atividades de lazer podem não ocorrer também por carências económicas ou debilidade de saúde.

As principais alterações vivenciadas pelos casais idosos com a chegada da reforma apresentam conotação negativa: perda do apeto social (39,5%) e perda financeira (33,3%). Estas alterações associam-se à despersonalização da identidade associada ao estatuto de aposentado, isto é perda social e de poder em sociedades fortemente marcadas pelo

produtivismo (Viegas e Gomes, 2007). O trabalho constitui uma expressiva manifestação do ser humano, por isso a sua perda provoca “feridas” na identidade, concorrendo para a desagregação das personalidades (Raittz et al, 1999; Enriquez, 1999). A reforma exige que o indivíduo se reinvente, reformulando valores, rotinas, objetivos e energias que garanta a manutenção do sentido da identidade (Sousa, Figueiredo e Cerqueira, 2004).

Em termos de valores, a meta predominante nesta fase de vida destes casais idosos é “fazer o balanço de vida e organizar o futuro dos descendentes”. Esta meta implica a revisão e integração de vida, uma das tarefas desenvolvimentais mais relevantes no fim da vida, envolvendo a pessoa idosa e sua família (Erikson, 1998; King & Wynne, 2004; Marques e Sousa, 2012a; Sousa et al.,2009; Cerveny, 1997). Nesta fase cabem as reflexões sobre a família que se formou, um momento de balanço que deve ser estendido aos outros membros da família, como filhos e netos, em que o casal vive o sentido de continuidade. É um processo normativo e desenvolvimental, que coloca a pessoa idosa a (re)avaliar a sua trajetória individual e familiar (Butler, 2002), podendo evoluir em dois sentidos (Leão, 2005; Sousa et al. 2009): beneficiar o desenvolvimento de mecanismos de natureza emocional, mantendo bons níveis de bem-estar subjetivo e facilitando a contínua e crescente sabedoria e serenidade; desencadear sentimentos de culpa e ruminação obsessiva do passado.

As melhores características da família destes casais de idosos são o respeito (35,7%), o diálogo (21,4%), o carinho (16,7%) e a honra (15,8%). Trata-se de elementos associados à satisfação conjugal em várias idades (Norgren et al.,2004; Lauer, Lauer & Kerr, 1990).

A dinâmica relacional destes casais é marcada por clima afetuoso (35,6) e relação de amizade (32,9%). Contudo, alguns casais revelam vivências negativas: frieza e distância (7,5%); acomodação (9,1%). Os dados sugerem relações conjugais maioritariamente satisfatórias; mas também algumas que se mantêm sem bem-estar.

O casamento na juventude assume dois significados predominantes: autorrealização afetiva (42,9%) e perpetuar as gerações através dos filhos (49,2%). A autorrealização afetiva pode ser associada ao contexto social e cultural da juventude destes casais idosos. Na altura, as mulheres (maioria de respondentes, 53,2%) viam-se socialmente confrontadas com a necessidade de assumir o casamento como objetivo primário nas suas vidas (Bassanezi, 2002). Em meados do século XX, o casamento era tido como uma estabilidade para a mulher, porque geralmente não tinha profissão, e teria de viver submissa ao marido; o

casamento era ainda uma possibilidade de libertação da rígida educação parental (Coutinho e Menadro, 2010). Para se casar, a mulher tinha de se *preservar* (manter-se virgem) e não dar motivos para ficar *mal falada*. A construção da identidade feminina passava, necessariamente, pelo ideal do casamento e da vida privada em um lar próprio (Bassanezi, 2002; Coutinho e Menadro, 2010; Carter e McGoldrick, 1995). A perpetuação das gerações através dos filhos é uma garantia de continuidade da família, uma possibilidade de legado e continuidade simbólica (Cervený, 1997).

Para estes casais idosos o significado atual do casamento é: adaptação e descoberta (45,2%); redescoberta do casal (15,1%). O significado do casamento evolui ao longo do tempo, indicando adaptação às circunstâncias da vida. Estes casais, com mais de 30 anos de união, já passaram por várias transformações na sua relação conjugal e familiar, e portanto fizeram a revisão de valores incluindo sobre o casamento (Gottman & Krokoff, 1989). Contrastando com estes resultados, surgem casais idosos que referem a acomodação (15,1%) como principal significado do casamento nesta fase de vida.

Parecem emergir dois grupos de casais idosos de longa duração: i) os satisfeitos que se vão adaptando e redescobrir o casamento, e ii) os insatisfeitos e/ou acomodados. Weis haus e Field (1988) explicam esta última situação descrevendo estes casais como estáveis/neutros: casais satisfeitos, mas sem grande afeto um pelo outro, vivendo conformados.

Em termos do modo como o casal encara a viuvez destacam-se: um facto que vai acontecer e nada se pode fazer (49,2%) e um facto que merece ser cuidado (30,9%). Estes casais parecem aceitar a viuvez, reconhecendo que será um processo penoso. A transição de estatuto de marido (ou mulher) para viúvo(a) é dolorosa, unipessoal e nem sempre serena; contudo estes respondentes parecem estar conformados de que irá acontecer (Paplaia, 2000; Doll, 2002, Rubio, Wanderley, & Ventura, 2011). Alguns participantes referem que a viuvez é algo terrível que não deve ser comentado (19,8%), parecendo não aceitar. Este evitamento pode ser justificado pela reorganização de uma vida sozinho(a) depois de uma vida em casal e da diminuição da rede social (normativa e associada à morte e/ou perda de capacidades funcionais dos mais próximos, quase sempre com idades similares).

A importância dos estudos (39,3%) é o valor transmitido por estes casais idosos à geração seguinte que mais destacam, ultrapassando mesmo as tradições religiosas (22,9%) e a honestidade (20,9%). Singrar na vida pelos estudos é um valor e prática enraizada na população portuguesa, porque é o caminho para alcançar bons empregos com honestidade

(ser “alguém na vida”) (Marques e Sousa, 2012b). Em termos de “acontecimentos marcantes” destacam-se: casamento (37,3%); morte (19,6%); separações (11,3%); nascimentos (10,8%); saída dos filhos (8,3%). Estes são momentos de transição normativos do ciclo de vida familiar que envolvem crise/stress (Carter e McGoldrick, 1995; Alarcão, 2002).

2.6 Limites e perspectivas de pesquisa

Uma das limitações deste estudo é a recolha da amostra ter sido restringido ao concelho do Porto, o impedindo generalizações para a população Portuguesa; estudos futuros devem ser mais abrangentes. Seria pertinente compreender a longevidade das relações conjugais comparando classes sociais, para compreender como os desafios económicos e as vicissitudes da vida se refletem na qualidade da relação conjugal. Outra limitação relaciona-se com a recolha de dados ter sido efetuada em contexto domiciliar, limitando o contexto institucional aos centros de dia e serviço de apoio domiciliário que facilitaram a sinalização de casais idosos. Deste modo, seria relevante estudos futuros explorarem as relações de casais idosos em contexto de lar de idosos.

2.7 Conclusão

Este estudo sugere que a longevidade das relações conjugais de casais idosos portugueses se caracteriza por: i) estrutura composta por casais de idosos que vivem predominantemente sós ou com os filhos; ii) dinâmica relacional do casal pautada por atividades de lazer realizadas em conjunto e vida sexual tão boa como antes; iii) valores que dão ao casamento significados de realização pessoal e perpetuação do indivíduo através dos filhos, e pautado por clima afetuoso e amizade. Os resultados permitem compreender melhor a fase última do ciclo familiar e refletir sobre as necessidades de intervenção familiar adequadas à estrutura, dinâmica e valores dos agregados familiares emergentes.

2.8 Bibliografia

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios familiares, uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Bassanezi, C. (2002). Mulheres dos anos dourados. In: Del Priore, M. (Org.) *História das mulheres no Brasil* (pp. 607-639). São Paulo: Contexto.
- Berthoud, C.M.E. (1997). *Filhos do Coração*. Cabral Editora Universitária, Taubaté, São Paulo.
- Butler, R. N. (2002). Age, death and Life Review. In K. Doka (ed.) *Living with Grief: Loss in later life*. Washington, Dc: Hospice Foundation of America.
- Carter, B., Mcgoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carter, E. & McGoldrick, M. (2005). The expanded life cycle: Individual, family, and social perspectives. In E. Carter & M. McGoldrick (Eds.) *The expanded life cycle*. Boston: Allyn & Bacon.
- Cervený C. , Berthoud, C. (1997). *Família e Ciclo Vital nossa realidade em pesquisa*. Casa do Psicólogo.
- Cervený, C., Macedo, R. (2004). *Família e Comunidade*, NUFAC-Núcleo de Família e Comunidade do Programa de estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1 (1).
- Cervený C. (org.) (2007). *Família em movimento*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Cobo, B., Saboia, AL.L. (2010). *A Geração canguru no Brasil*. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro.
- Coutinho, S., Menandro, P. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: Que seja terno enquanto dure. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, 22 (2):83 – 106.
- Doll, J. (2002). Luto e viuvez na velhice. In: Freitas, E.V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 999-1012). Rio de Janeiro: Guanabara.

Duvall, R. & Miller, B. (1985). *Marriage and family Development*. New York: Harper & Row, Publishers.

Enriquez, E.(1999). *Perda do Trabalho, Perda da Identidade*. Cadernos de Escola do Legislativo. Belo Horizonte, 5(9), 53-73.

Erikson, E. H. (1998). *The life cycle completed. Extended version with new chapters on the ninth stage by Joan M. Erikson*. New York: Norton.

Fennell, D. L. (1987). *Characteristics of long-term first marriages* [Resumo]. In America Association for Marriage and Family Therapy (Org.), 45th Annual Conference Book of Abstracts (p. 418). Chicago: Autor.

Fernandes, M., Garcia, L. (2010) O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos. *Saúde Soc. São Paulo*, 19 (4), 771-783.

Figueiredo, M., Martins, M., Silva L., Oliveira P. (2011). Ciclo vital da família e envelhecimento: contextos e desafios. *Revista Temática Kairós Gerontologia* 14(3), 11-22. São Paulo, Brasil.

Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: a longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(1), 47-62.

Haley, J. (1980). *Leaving Home – The therapy of disturbed young people*. Nova Iorque: Mc Graw-Hill.

Henriques, C. R.; Jablonski, B.; Feres-Carneiro, T.A. (2004). Geração Canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, 35 (2), 195-205.

Instituto Nacional de Estatística- INE (PT) (2011). Núcleos familiares (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2001) e Filhos; Decenal - INE, Recenseamento da População e Habitação.

Jacob, L. (2007). *Animação de Idosos*. Editora: Ambar.

King, D. & Wynne, L. (2004). The emergence of “Family Integrity” in later life. *Family Process*, 43(1), 7-20.

- Lauer, R., Lauer, J., & Kerr, S. (1990). The long-term marriage: perceptions of stability and satisfaction. *International Journal of Aging and Human Development*, 31(3), 189-195.
- Leão, M. A. B. G. (2005). *Oficina de Revisão de vida e bem-estar subjetivo em mulheres idosas: um estudo sobre o método de intervenção psicológica*. Tese de doutoramento apresentada à faculdade de ciências médicas da Universidade Estadual de Campinas.
- Lima, M. P. (2003). Sexualidade na terceira idade. In *Quero-te – Psicologia da Sexualidade*. Editores Sá, E. et al. Coleção Saúde e Sociedade. Quarteto. Coimbra.
- Martin-Matthews, A. (2000). Change and diversity in aging families and intergenerational relations. In N. Mandell & A. Duffy, *Canadians Families: Diversity, Conflict and Change*. Toronto: Harcourt Canada, Pp. 323-360.
- Marques, F. D., Sousa, L. (2012a). Agregado familiar de casais idosos: estrutura, dinâmica e valores. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(1), 177-198. São Paulo (SP), Brasil.
- Marques, F.D., Sousa, L. (2012b). Integridade Familiar: especificidades em idosos pobres. *Revista Paídeia, Ribeirão Preto*, 22(52), 207-216, maio-ago.
- Narciso, I. (1994). Metamorfoses do Amor e da Satisfação Conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11,129-139.
- Norgren, M., Souza, R., Kaslow, F., Hammerschmidt, H, Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Paplaia, D. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Tradução de Daniel Bueno. (7ª ed). Porto Alegre: Artmed. Título Original: Human Development.
- Raitzz, C; Denardi, C; Dirkein, E; Haro, (1999). Significado do trabalho. *Sanare:Revista Técnica de Sanepar*, 11(11) Julho a Dezembro.
- Relvas, A. (2000). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rubio, M., Wanderley, K., Ventura, M. (2011). A viuvez: A representação da morte na visão masculina e feminina. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(1), 137-147.

Sousa, L. (2009). Editorial: New themes on ageing families. In L. Sousa (Ed.), *Families in Later Life*. New York: Nova Science Publishers.

Sousa, L., Figueiredo, D., Cerqueira, M. (2004) *Envelhecer em Família*. Porto: Âmbar.

Sousa L., Silva A., Marques, F., Santos, L., (2009). Constructing Family in Later Life. In L. Sousa (ed). *Families in later life*. New York: Nova Science Publishers.

Viegas, S. M., & Gomes, C. (2007). *Identidade na velhice*. Coleção Idade do saber. Editora: Ambar.

Weishaus, S., & Field, D. (1988). A half century of marriage: continuity or change? *Journal of Marriage and the Family*, 50(3), 763-774.

**CAPÍTULO II - CONSTRUIR A INTEGRIDADE FAMILIAR: A DIVERSIDADE
DE PERCURSOS FAMILIARES**

3. Integridade Familiar: Especificidades em Idosos Pobres⁵

Family Integrity: Pathways of Elderly Poor Persons

Filipa Marques*¹ e Liliana Sousa¹

¹ Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

*E.mail: filipa.marques@ua.pt

Resumo: A construção da integridade familiar constitui um desafio desenvolvimental normativo para o idoso, influenciado por fatores dos sistemas familiar e social. Este estudo analisa as trajetórias de vida de pessoas idosas que viveram pobres ao longo da vida e como elas influenciaram as suas rotas no sentido da integridade ou da desconexão/alienação familiar. Foi aplicada uma entrevista semiestruturada, centrada na integridade familiar, a 12 participantes com mais de 64 anos (seis de cada sexo), sendo que três em cada grupo foram considerados como vivendo situação de integridade ou desconexão/alienação familiar. Os principais resultados sugerem que algumas circunstâncias comuns na vida de famílias pobres, tais como: conflito e/ou distância familiar, violência doméstica, e/migração, múltiplas doenças crónicas severas, emprego temporário e baixos rendimentos, podem dificultar a conquista da integridade familiar e promover a desconexão familiar. Contudo, os participantes que reenquadraram os acontecimentos negativos de forma positiva evoluíram no sentido da integridade familiar.

Palavras-chave: envelhecimento, relações familiares, desenvolvimento humano, pobreza.

⁵ Publicado em “Paídeia Ribeirão Preto”

(Marques, F.D., Sousa, L., (2012). Integridade familiar na velhice: especificidades em idosos pobres. *Paídeia (Ribeirão Preto)*, 52 (52), 207-216. Maio-Agosto.)

Abstract: Constructing family integrity is a normal developmental challenge for older people, which is influenced by the family and social systems. This study examined the life trajectories of older people who lived in poverty throughout their lives and how they evolve towards family integrity or family disconnection/alienation. A semis-structured interview on family integrity was administered to 12 participants aged over 64 years old (six of each sex), three in each group were considered as living family integrity situation or disconnection. The main findings suggested that some common circumstances of poverty in people's lives namely: family conflict and/or distance, domestic violence, (e)migration, multiple severe chronic diseases, informal work, low income, may prevent family integrity and promote family disconnection/alienation. However, participants who were able to reframe negative events as positive tended to achieve family integrity.

Keywords: aging, family relations, human development, poverty.

3.1 Introdução

A revisão e a integração da vida constituem tarefas centrais de desenvolvimento na velhice (Erikson, 1950; Lewis & Butler, 1963; Walsh, 2005), pois estendem as reminiscências dos idosos facilitando a aceitação da vida e da morte. King e Wynne (2004) inspirados pelo conceito de integridade do ego (Erik Erikson, 1950) apresentam a “integridade familiar” como um desafio desenvolvimental normativo para idosos, influenciado por fatores do sistema familiar. A integridade do ego ganha ascendência na velhice à medida que o idoso se confronta com mudanças no papel social, vulnerabilidade física e perdas. O processo de construção da integridade inicia-se em estádios prévios, mas só pode ser concluído na velhice, que constitui um período de “grande generatividade” (Erikson, Erikson, & Kivnick, 1986). Nesta fase o idoso assume o papel de “guardião de significados” integrando as tradições do passado e, assim, providenciando ligações familiares e sociais entre o passado, presente e futuro (Vaillant, 2002). A integridade familiar envolve processos em diferentes níveis (King & Wynne): individual, baseado na experiência do idoso de in/satisfação com o contexto familiar; familiar, centrado nas competências familiares que facilitam o sentido de pertença e ligação; social, envolvendo a transmissão de valores e rituais com impacto nos outros níveis.

A capacidade do idoso alcançar a integridade familiar é influenciada por três competências do sistema familiar (King & Wynne): transformação das relações familiares, para responder aos desafios dos ciclos de vida dos membros da família; resolução ou aceitação de perdas ou conflitos; criação de sentido e legado através da partilha de histórias e rituais familiares. Os autores distinguem três percursos possíveis neste processo: a) *integridade*, é o resultado positivo, em que o idoso atinge um sentimento de ligação, significado e continuidade na família multigeracional; b) *desconexão*, que descreve famílias com escassez de comunicação levando ao isolamento; c) *alienação*, que se refere à ausência de identidade familiar. King e Wynne (2004) e Sousa, Silva, Marques e Santos (2009) salientaram a necessidade de estudar a integridade familiar em diversos contextos, especialmente porque alguns grupos sociais e culturais podem enfrentar mais dificuldade para construir ligações significativas na família multigeracional. Assim, este estudo analisa as trajetórias de vida de pessoas pobres ao longo da vida e como evoluíram em direção à integridade ou desconexão/alienação familiar (neste estudo não se distinguem estes dois

processos). A pobreza, aqui, refere-se à classe trabalhadora com baixa escolaridade e instabilidade económica, que a torna mais vulnerável (Kliman & Madsen, 2005).

Construção da Integridade *versus* Desconexão/Alienação Familiar

Sousa et al. (2009) aprofundaram os estudos de King e Wynne (2004), analisando os processos envolvidos na construção da integridade familiar. A integridade familiar é descrita como a sensação de paz e satisfação com as relações familiares, baseada em: aceitação e/ou satisfação com o passado, presente e futuro das relações familiares; proximidade emocional com os elementos da família multigeracional, mesmo que geograficamente distantes e/ou tenham vivido alguns conflitos. Os idosos no trajeto de integridade apresentam uma identidade reajustada e apoiada numa filosofia de vida que reflete sabedoria e permite a aceitação de si e dos outros. Além disso, apresentam projetos de vida para um futuro próximo que permite a reorganização do seu sentido de valor e utilidade.

A desconexão/alienação familiar descreve-se como um sentimento de insatisfação com as relações familiares e com a vida individual. As relações familiares caracterizam-se pela distância emocional: desinteresse, apatia e indisponibilidade. Os idosos apresentam uma identidade em reajustamento, mostrando dificuldade em aceitar a si e aos outros, e não apresentam uma filosofia de vida (dificulta a integração dos acontecimentos de vida). Os seus projetos de vida centram-se num passado não resolvido, tornando difícil a dedicação ao presente e futuro, facilitando um sentimento de inutilidade (Sousa et al., 2009).

Transformação das Relações Familiares

A construção da integridade familiar envolve o desenvolvimento do sentido de mutualidade (manter um compromisso de longo termo com as relações familiares e reinventá-las face às transições do ciclo de vida) e maturidade filial (os filhos adultos desenvolvem-se ao cuidar e ajudar os pais idosos, enquanto estes pais recíprocamente se desenvolvem tornando-se capazes de aceitar a ajuda). Neste contexto, as relações familiares apresentam continuidade e evoluem com maturidade. Esta transformação depende da capacidade da família renegociar as hierarquias intergeracionais de poder e desenvolver relações adulto-adulto entre pais idosos e filhos adultos. A

desconexão/alienação familiar caracteriza-se pela ausência de mutualidade e maturidade filial (por exemplo, o idoso apoia os filhos e quer receber apoio deles, mas não quer pedir, porque isto lhe cria sentimentos de inferioridade). Isto é, os membros da família fixam-se em antigos papéis e padrões de relação, já pouco adequados às necessidades do ciclo de vida, promovendo conflitos e rupturas nas relações, que levam à descontinuidade e fragilização dos laços (Sousa et al.2009).

Resolução/Aceitação de Conflitos e Perdas

A construção da integridade familiar implica que o idoso: aceite ou resolva conflitos do passado e presente, desenvolva o sentido de “tarefa acabada” com os membros da família e resolva ressentimentos. As pessoas idosas no caminho da integridade referem acontecimentos (passados e/ou presentes) desagradáveis, mas descrevem-nos como irrelevantes (“pequenas coisas” ou “acontecimentos sem importância”). O caminho de desconexão caracteriza-se pela negação de problemas, evitamento da confrontação e ausência de integração das experiências passadas. Neste caso, os idosos revelam sentimentos de “tarefa inacabada” com membros da família (há assuntos pendentes), não aceitam conflitos (sentem-se ansiosos) e apresentam ressentimentos (culpa e remorsos por erros passados) (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009).

Criação de Sentido e Legado

A integridade familiar envolve a integração coerente da história de vida; para que o idoso mantenha sentido de pertença à família multigeracional, em geral ocorre através de: relato de histórias familiares partilha de interesses e valores e envolvimento em atividades e rituais familiares. Este processo beneficia as gerações mais novas, pois herdam um legado familiar que as ajudará no seu processo de construção e ajustamento da identidade. Os idosos neste trajeto demonstram satisfação com o legado transmitido, sentem que fizeram o “seu dever” contribuindo com as gerações vindouras, sabem que são respeitados e têm um lugar significativo na vida familiar. A desconexão familiar caracteriza-se pelo sentimento de ausência de alguém a quem passar o legado ou que valorize a transmissão. O idoso sente-se frustrado e desvalorizado porque o seu legado não é recebido e/ou desejado,

considerando ter um lugar pouco respeitado e sem significado na família (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009).

Processos Associados à Construção da Integridade Familiar

A construção da integridade familiar parece ancorada em três processos interrelacionados, desenvolvidos pelo idoso, com o apoio da família: a) perdão (de si e do outro), que envolve a redução de respostas negativas e aumento das positivas; b) aceitação, compreendida como atitude positiva em relação a si e aos outros; c) valorização, isto é, sentido de ter vivido uma vida significativa (Sousa et al. 2009).

Os recursos económicos e a posição social influenciam as respostas familiares a acontecimentos relevantes, pois determinam escolhas e recursos para lidar com desafios (esperados e inesperados) da vida familiar (Kliman & Madsen, 2005). Ser pobre não significa inevitavelmente ser disfuncional, contudo a pobreza é um fator que fragiliza pessoas e famílias (Hines, 1989), pois um conjunto de aspetos (tais como, problemas de saúde, privação económica e limitado acesso a recursos) pode interagir levando a família/indivíduos a padrões problemáticos.

Famílias/indivíduos que vivem pobreza de longa duração tendem a apresentar dificuldades em diversas áreas (Sousa, 2005): educação (baixos níveis académicos); emprego (desemprego, emprego temporário ou informal); habitação (precariedade, ausência de infraestruturas básicas, sobrelotação); relações familiares (conflito, distância e violência); relações sociais (conflitos, solidão, exclusão); rendimento (baixo ou escasso, endividamento); saúde (incapacidade, doenças crónicas, alcoolismo e abuso de drogas). Esta rede de problemas traduz-se numa vida caracterizada por: (a) desafios múltiplos e de longa duração (como violência ou falta de recursos), (b) crise crónica que simboliza o sofrimento da família (há sempre mais algum problema a ocorrer), (c) alienação que envolve falta de confiança e empatia, (d) incapacidade aprendida e baixa autoestima que reflete a incapacidade para identificar as próprias competências e se traduz em passividade que resulta dos sentimentos de não ter valor (Kagan & Schlosberg, 1989; Sousa, Ribeiro, & Rodrigues, 2007; Summers, McMann, & Fuger, 1997) Contudo, estas famílias são também são resilientes pois sobrevivem em condições muito difíceis e conseguem adaptar-se (Madsen, 1999).

3.2 Objetivos

Este estudo examina aspetos da trajetória de vida de idosos pobres visando a influência da pobreza no processo de construção da integridade familiar *versus* desconexão/alienação.

3.3 Metodologia

Participantes

A amostra envolve 12 participantes de classe social baixa, com idade entre os 65 e os 89 anos (Tabela 3.1.), sendo seis de cada sexo. Os critérios de seleção de participantes foram: i) ter mais de 64 anos, ii) viver na comunidade, iii) pertencer à classe social baixa, iv) apresentar discurso coerente e orientados no espaço e tempo. Também foi solicitado que a amostra definida para o estudo deveria compreender 12 pessoas (seis homens e seis mulheres; sendo três em situação de integridade e três em desconexão/alienação familiar). Vale salientar que este número considerou a experiência prévia das autoras na investigação deste tópico com os mesmos instrumentos, que indica a saturação dos dados a partir de 10 participantes.

Tabela 3.1 Características sociodemográficas e referentes a integridade vs desconexão/alienação familiar da amostra

Participante*	Sexo	Idade (anos)	Habilitações académicas	Estado civil	Check-list	Classificação**
(A)na	Feminino	86	Sem frequência escolar	Viúva	4	Desconexão/alienação
(B)erta	Feminino	89	Sem frequência escolar	Viúva	5	Desconexão/alienação
(C)ristina	Feminino	85	Sem frequência escolar	Solteira	4	Desconexão/alienação
(D)aniel	Masculino	65	Escolaridade primária	Divorciado	4	Desconexão/alienação
(E)rnesto	Masculino	71	Escolaridade primária	Viúvo	4	Desconexão/alienação
(F)ernando	Masculino	78	Escolaridade primária	Viúvo	5	Desconexão/alienação
(G)omes	Masculino	73	Escolaridade primária	Viúvo	0	Integridade
(H)enrique	Masculino	73	Escolaridade primária	Casado	0	Integridade
(I)smael	Masculino	80	Escolaridade primária	Casado	0	Integridade
(J)oana	Feminino	78	Escolaridade primária	Viúva	0	Integridade
(L)urdes	Feminino	79	Escolaridade primária	Viúva	0	Integridade
(M)aria	Feminino	79	Escolaridade primária	Solteira	1	Integridade

*Todos os nomes são fictícios. ** Obtida após a análise de conteúdo das entrevistas.

Instrumentos

O instrumento inclui uma entrevista semiestruturada de análise do processo de construção da integridade familiar (versus desconexão/alienação) (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009). Para assegurar a organização de seleção de participantes (seis homens e seis mulheres; sendo três em situação de integridade e três em desconexão/alienação familiar), os profissionais eram solicitados a preencher um questionário com dados (mas sem identificação) sobre pessoas idosas que conhecessem e tivessem contato regular com: (a) dados sócio-demográficos (idade, género e constituição do agregado familiar), (b) juízo sobre a orientação da pessoa (*esta pessoa tem um discurso coerente e está orientada no espaço e tempo?*), (c) situação socioeconómica (Índice de Graffar e uma questão – *esta pessoa foi pobre durante toda a vida?*), (d) apreciação do processo de integridade familiar (*checklist*). As profissionais identificaram os participantes com os critérios de inclusão estabelecidos (tinham acesso aos dados sociodemográficos dos participantes, avaliação do seu estado mental e orientação espaço-temporal).

O Índice de Graffar (Amaro, 1990) é uma classificação internacional que usa cinco critérios (habilitações académicas, profissão, rendimento, composição do agregado familiar e características do bairro de residência) para definir a classe socioeconómica. A soma dos pontos obtidos nos cinco critérios indica a classe; neste estudo selecionaram-se as pessoas da classe baixa que devem perfazer de 22 a 25 pontos.

Para obter um indicador de construção da integridade familiar foi organizada uma *checklist* baseada em estudos prévios (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009), com cinco questões: (1) *Esta pessoa tem um discurso centrado no passado?* (2) *Repete com frequência uma história ou acontecimento, aparentemente pouco importante?* (3) *Tem tendência para ser arrogante e/ou desvalorizar os outros?* (4) *Atribui a culpa por conflitos a outros?* (5) *É aborrecido/a?* Cada questão é pontuada com 1 (sim) ou 0 (não). As pontuações mais elevadas sugerem desconexão/alienação familiar. Foram selecionados os participantes com pontuações extremas: 1-2 (sugerindo integridade) e 4-5 (indicando desconexão/alienação). A *checklist* foi usada apenas como indicador de seleção dos participantes, pois a classificação foi completada após a análise das entrevistas.

Procedimentos

Recolha de dados

Os participantes foram identificados por meio de instituições comunitárias. Foi solicitada autorização a quatro instituições para realizar o estudo, pedindo a indicação de um profissional para mediar o contacto entre investigadores e potenciais participantes. Todas as instituições concordaram. Os profissionais indicados (assistentes sociais do sexo feminino) foram contactados pela primeira autora para explicar o objetivo do estudo e os critérios de inclusão dos participantes. As assistentes sociais selecionaram potenciais participantes, preencheram o questionário e providenciaram a informação aos investigadores para assegurarem os critérios de inclusão e a composição da amostra. Depois os investigadores informaram os profissionais sobre os participantes que cumpriam os critérios e com quem gostariam de contactar. As assistentes sociais abordaram esses participantes, explicaram os objetivos do projeto, colaboração requerida e pediram permissão para os investigadores os contactarem. Todos concordaram em colaborar e a primeira autora combinou uma reunião onde informou sobre os objetivos do estudo, colaboração solicitada, razões porque foi escolhido e garantias de confidencialidade e anonimato. Todos acederam em participar e assinaram o consentimento livre e informado. Por fim, procedeu-se à recolha dos dados.

Análise dos Dados

As entrevistas (com duração entre 24 e 53 minutos) foram gravadas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo por dois juízes independentes (as autoras), com suporte do software N-Vivo 7.

Os juízes começaram por classificar os participantes na trajetória da integridade familiar e desconexão/alienação familiar, utilizando o seguinte procedimento: leram as entrevistas de forma independente e classificaram os participantes em integridade ou desconexão/alienação familiar, tendo King e Wynne (2004) e Sousa et al. (2009) como referenciais teóricos; depois reuniram para confrontar as classificações tendo verificado total concordância.

A fase seguinte de análise procurou identificar os acontecimentos das trajetórias de vida de pobreza dos participantes com influência na construção da integridade familiar versus

desconexão/alienação. Considerou-se literatura sobre famílias pobres (Sousa, 2005), identificando acontecimentos mencionados pelos participantes nas áreas: saúde, emprego, rendimento, relações sociais e familiares, educação e habitação. O processo foi similar ao anterior: cada juiz explorou as entrevistas de forma independente, procurando os acontecimentos de vida mencionados; depois se reuniram e, através de um processo de sucessivo refinamento, chegaram a quatro áreas mencionadas pelos participantes: relações familiares, saúde, emprego e rendimento (Tabela 3.2.).

Por fim, os juízes analisaram cada um desses acontecimentos de vida e a forma como influenciavam a construção da integridade versus desconexão/alienação familiar, considerando os domínios definidos por King e Wynne (2004) e aprofundados por Sousa et al. (2009). Novamente, cada juiz fez a análise de forma individual e depois reuniram-se para confrontar a reconstituição do processo e o refinaram até alcançar consenso.

Considerações Éticas

Em Portugal não existem comités de ética nesta área (somente na saúde), por isso procedeu-se segundo os regimentos éticos adaptados da Declaração de Helsinque. O número de 12 inquiridos mostrou ser adequado, pois correspondeu à saturação de dados (não surgem nos dados novas propriedades e dimensões, e a análise responde por grande parte da possível variabilidade).

3.4 Resultados

Identificaram-se quatro áreas de vida mencionadas pelos participantes como tendo influência na construção da integridade familiar versus desconexão/alienação: relações familiares, saúde, emprego e rendimento (Tabela 3.2.).

Tabela 3.2 Áreas de vida com influência na integridade familiar

Participantes	Relações familiares			Saúde	Emprego	Baixo rendimento
	Conflitos	Violência	E/migração			
Ana*		X		X		X
Berta*	X				X	X
Cristina*	X			X		X
Daniel*	X				X	X
Ernesto*	X					X
Fernando*		X		X	X	X
Gomes**				X	X	
Henrique**			X	X	X	
Ismael**						
Joana**			X	X	X	
Lurdes**			X	X	X	
Maria**	X			X	X	

Nota. (*) Desconexão/alienação familiar. (**) Integridade familiar

Relações Familiares: Conflito e/ou Distância

O conflito familiar é referido por cinco participantes: quatro em desconexão/alienação (Berta, Cristina, Daniel e Ernesto) e um em integridade familiar (Maria). Aqueles em desconexão/alienação referem o desligamento entre pais (participantes) e filhos e/ou outros familiares, que deixaram de os visitar e/ou de participar em eventos familiares, atribuindo culpa à outra parte. Por exemplo, Daniel sente-se triste com as relações familiares, pois não vê o filho há anos (*não visita o pai*); acredita que o filho devia interessar-se por estar com o pai (*sabe onde vivo e nunca vem cá*). Considera que *lutou muito para criar o filho*, pois tinha muitas dificuldades económicas. Salienta a obrigação social dos filhos cuidarem, visitarem e mostrarem interesse pelos pais idosos. Daniel gostaria de ter uma boa relação

com o filho, que lhe parece pouco viável, já que o filho *nunca aparece*. Coloca a responsabilidade pela resolução do conflito na outra parte (filho), promovendo o “desentendimento mútuo” que resulta em insatisfação com as relações familiares. Daniel está classificado em desconexão/alienação familiar, no entanto parece tentar ultrapassar esta distância do filho através de uma filosofia de vida renovada: *viver um dia de cada vez*, valorizando o que tem de bom na vida (*sou saudável*) e investindo nas relações com a filha e amigos (*sinto-me bem com os meus amigos*).

Maria, classificada em integridade familiar, refere conflitos com o enteado (filho da madrasta) que considera como *irmão verdadeiro: foi criado comigo*. A relação foi quebrada quando ele disse: *tu não és da minha família*. Maria gere esta rutura através da sua filosofia de vida (evidente em expressões como *não valorizo a situação, não me preocupo*), que ajudam a desfocar a relação e a perdoar ao “irmão”; assim, este evento não inunda a sua vida, nem pontua todas as experiências (*continuo a sentir-me feliz*).

Relações Familiares: Violência Doméstica

A violência doméstica foi referida por dois participantes, ambos classificados em desconexão/alienação familiar (Ana e Fernando). Ana foi vítima de abuso físico e verbal pelo marido alcoólico, que a deixou desfigurada (*sem dentes na boca*). O seu relato sugere que desenvolveu uma identidade de vítima (não atingiu a de sobrevivente) que se estende a outras relações e parece descrever a relação atual com os filhos:

“Foi uma vida de amargura, morreu o homem fiquei na amargura dos filhos (...). Passam pela rua e nem perguntam pela mãe (...). O marido com a pinga deixou-me sem dentes, faleceu há 40 anos. Mas sinto a falta dele porque tinha a eira dele”.

Fernando foi agressor e alcoólico. Na sua narrativa revela arrependimento, assumindo culpa pelo seu comportamento e confessando-se incapaz de se perdoar, apesar de (aparentemente) ter sido perdoado pela filha, que *respeita e estima o pai*. Fernando afirma que está agora envolvido em melhorar as relações com a sua família: decidiu ir viver com a filha para evitar *perder-se na bebida*; procura ser mais amigo e próximo da filha para

compensá-la pelos *velhos tempos*; afirma estar a iniciar uma nova vida para compensar e acalmar as desilusões que provocou no passado. Está classificado em desconexão/alienação familiar, contudo o seu relato sugere uma trajetória de transição para a integridade, um processo que parece dependente do perdão de si:

“O que eu tentei foi vir para casa da minha filha e esquecer o passado, como se fosse começar uma vida nova...Tenho de resolver as coisas comigo e com a minha consciência...”

Relações Familiares: (E)migração

As migrações são fator de afastamento familiar, em particular perante recursos escassos que impedem contatos e visitas frequentes. A mobilidade geográfica é característica das sociedades modernas e tem sido opção nas famílias pobres como meio para alcançar melhores empregos e condições de vida.

A emigração de filhos (que procuram oportunidades de emprego no estrangeiro) é referida por Henrique, Joana e Lurdes (todos em integridade familiar). Henrique tem três filhos, sendo dois emigrados. Refere que os contactos com os filhos que *ama* e lhe telefonam todas as semanas o fazem acreditar que vivem perto (*como se vivêssemos na mesma rua*). A história de Joana e Lurdes é similar: a distância geográfica é compensada pela proximidade emocional. Estes participantes apresentam uma filosofia de vida que facilita e reforça a integração da distância geográfica; por exemplo Joana refere a importância de respeitar a vida escolhida pelos filhos (*é a vida deles*).

Saúde: Múltiplas Doenças Crônicas

Os problemas de saúde crónicos são frequentes em famílias pobres, pois as condições precárias de habitação e a pouca atenção aos cuidados de saúde (associada aos escassos recursos económicos) tendem a promover a precocidade de problemas de saúde em diversos elementos da família (Sousa, 2005). Estes problemas foram relatados por Ana,

Cristina e Fernando (desconexão/alienação) e Gomes, Joana, Maria, Lurdes e Henrique (integridade). Os dados sugerem que circunstâncias similares podem evoluir para integridade ou desconexão/alienação familiar. Cristina (desconexão/alienação) e Maria (integridade) relatam histórias de vida pontuadas pela morte precoce de familiares próximos (devido a doenças) e pela sua saúde frágil atual (doenças crônicas do sistema respiratório e músculo-esquelético).

A mãe da Cristina morreu quando teve o segundo filho, que também morreu pouco tempo depois. O pai voltou a casar e morreu quando Cristina tinha 11 anos e a madrasta (*uma segunda mãe*) morreu poucos anos depois. Sente que desconhece as suas origens (*não sei quem é a minha família*), pois apenas conhece uma “prima” (filha de um irmão da segunda mulher do pai) com quem gostaria de manter contacto, mas que a despreza (*diz que não sou prima de sangue*). Cristina foca o discurso na inexistência de uma família (*não tenho ninguém*), pois durante a vida perdeu todos os familiares próximos, nunca casou, nem teve filhos; estas circunstâncias justificam a sua angústia e insatisfação com a vida (*como poderia sentir-me feliz?*).

Maria relata uma história de vida similar, mas evolui para integridade familiar. Perdeu a mãe aos 10 anos, por isso teve de assumir a educação e os cuidados das duas irmãs (na altura com 22 meses e quatro anos). Começou a trabalhar na infância para assegurar o seu sustento e das suas irmãs (*fui servir*). Descreve o pai como pessoa ausente, pois tinha de *trabalhar muito*; o pai voltou a casar, mas a madrasta não trabalhava e obrigava Maria a ganhar dinheiro para a família.

“A minha madrasta só queria passear e disse sempre que se eu quisesse alguma coisa tinha de ir ganhá-lo e assim fiz: saí de casa, fui servir! (...) Sinto-me muito bem com as minhas irmãs. (...) Toda a gente dizia que a minha mãe era muito boa mulher.”

Maria está na rota da integridade familiar, provavelmente porque centra os aspetos positivos da vida (em especial, a proximidade afetiva das irmãs). Demonstra capacidade de adaptação à vida, mesmo nos momentos mais difíceis, procurando apoio na memória da mãe (*era uma boa mulher*) para construir a sua identidade.

Os participantes também referem as suas atuais doenças crônicas, que embora comuns na velhice, emergiram precocemente. Envolve participantes classificados em integridade (Ana e Cristina) e desconexão (Joana, Lurdes e Maria). Estas doenças são descritas como

obstáculos à promoção das relações familiares e sociais e limitativas da resolução de conflitos. Cristina tem uma doença osteo-articular há anos que dificulta deslocções à casa de familiares (*as pernas não me deixam*) e a ativação de relações sociais (*a minha vida é só do centro de dia para casa*). Considera a doença como o obstáculo à resolução do conflito com a prima (*não posso ir falar com ela porque não consigo andar*), tendo de aguardar pela iniciativa da prima. Além disso, as dificuldades económicas impedem-na de resolver ou agilizar os problemas de saúde: *devia usar uma cinta para a coluna e não uso, não tenho dinheiro*. Lurdes (integridade) tem uma doença similar a Cristina; contudo enfrenta-a com tranquilidade, pois sente a disponibilidade familiar para ajudá-la:

“Fico menos satisfeita por não ter saúde... mas não é difícil pedir ajuda porque se eu pedir eles dão, ouvem-me e fazem-me as vontades... Os meus filhos são meus amigos”!

Henrique, classificado como em situação de integridade, tem um neto com uma doença crónica incapacitante severa e gostaria de ajudá-lo e à filha, que também vive em condições económicas precárias. Reconhece que com melhores recursos económicos ajudaria mais, mas sente-se satisfeito por contribuir como pode.

Emprego: Temporário e Informal

Todos os participantes desempenharam empregos precários ao longo da vida, mas somente sete (quatro em integridade e três em desconexão/alienação) relatam histórias sobre o impacto dessas experiências na vida familiar. Referem situações de emprego precário (não integrado no mercado formal de trabalho), muitas vezes iniciado na infância (trabalho infantil para complementar escassos recursos familiares) e continuado após a reforma (trabalho sénior para complementar baixas pensões). O emprego precário é mencionado como fator de afastamento familiar e da educação dos filhos, pois os horários eram alargados e variáveis consoante as necessidades do patrão. Também eram empregos mal pagos, exigindo a combinação com *biscates* para aumentar os rendimentos. Contudo, quatro participantes (Gomes, Henrique, Lurdes e Maria) evoluem para a integridade familiar. Por exemplo, Gomes refere que fazia muitas horas extraordinárias, tornando-se ausente da educação do filho (*o meu filho viveu comigo realmente, por pouco tempo*).

Como a sua mulher morreu quando o filho era criança, foi a avó paterna e uma tia que o criaram. Atualmente, o filho não visita o pai, mas Gomes considera que foi *o preço a pagar* para conseguir dinheiro suficiente para lhe dar uma boa educação e sente-se orgulhoso por ser reconhecido como um *bom profissional*.

Outros aspetos merecem atenção: Maria começou a trabalhar aos 10 anos, após a morte da mãe, a *servir em casa de patrões*; os seus esforços, sacrifícios e adversidades foram compensados, porque desenvolveu laços fortes com os patrões que considera família; Lurdes também começou a servir em criança e desenvolveu boa relação com a família para a qual trabalhou, por isso deixaram-lhe em herança um terreno, que agora pode deixar aos seus herdeiros.

Os participantes classificados em desconexão/alienação (Berta, Daniel e Fernando) sentem-se *ofendidos* pelo afastamento dos filhos. Por exemplo, Daniel não tem contacto com o filho, o que considera humilhante: *não quer saber se o pai está vivo*. Afirma que se sacrificou para criar o filho e, agora (na velhice), continua a trabalhar (*faço o que posso*) para equilibrar os escassos recursos económicos; prefere viver assim do que pedir ajuda ao filho (*vou lutar até onde puder*): descreve-se como um *batalhador*, autónomo e orgulhoso.

Baixos Rendimentos

Os baixos rendimentos, comuns a todos os participantes, apenas são usados nas narrativas daqueles em desconexão/alienação familiar. Tendem a justificar ou atribuir os conflitos familiares às dificuldades económicas, revelando sentimentos de inutilidade e desvalorização por serem pobres. Revelam sentir-se tristes pois *nada têm para deixar*, o que consideram sinónimo de *não ter construído nada na vida* e de *não ter contribuído para as próximas gerações*. Os participantes classificados na integridade familiar não enfatizam este tópico: apesar das dificuldades económicas ao longo da vida sentem-se satisfeitos e orgulhosos com o que construíram (pode ser ter uma casa, ter transmitido bons valores ou ter feito o melhor que puderam) e não justificam falhas e/ou conflitos com dificuldades económicas.

3.5 Discussão

A integridade familiar é o resultado do desenvolvimento de uma pessoa idosa, que depende do processo de revisão e integração da vida familiar e individual. A literatura sobre famílias/pessoas pobres sugere que terão tendência para evoluir no sentido da desconexão/alienação familiar. Contudo, também sublinha que famílias/pessoas pobres são resilientes, pois sobrevivem durante anos com rendimentos escassos e instáveis, vivendo em habitações precárias e enfrentando crises persistentes (Madsen, 1999; Mulin & Arce, 2008). Gergen e Gergen (2000, p. 281) afirmam que “a história não é o destino”. Os resultados parecem apoiar esta afirmação, pois mostram que pessoas com histórias similares de vida evoluem umas para desconexão/alienação, outras para integridade familiar. Assim, torna-se relevante conhecer os fatores que facilitam ou promovem cada caminho.

As famílias pobres revelam forte sentido de unidade (Sousa et al., 2007), apesar de ameaçado pelo confronto constante com necessidades económicas, facilitadoras de conflitos. A transformação das relações familiares com continuidade e maturidade é desafiada por eventos como: emprego precário (horários intensos e irregulares fragilizam a ligação aos filhos), emigração (distância geográfica), conflitos (ruptura de relações) e doenças crónicas (dificuldade em ativar relações). O emprego precário é descrito por participantes em integridade e desconexão/alienação familiar como um fator que promove a ausência da vida familiar, perturbando em particular as relações com os filhos. Os idosos em desconexão/alienação tendem a culpar os filhos por se terem afastado do seu pai/mãe, considerando que têm obrigação de cuidar dos pais e reconhecer os esforços (sacrifícios) que fizeram para educá-los num contexto de escassos recursos. Aqueles em situação de integridade familiar lamentam o afastamento dos filhos, mas assumem que foi um *preço a pagar* para lhes dar educação.

Os múltiplos problemas severos de saúde do passado emergem como um fator de perda de elementos da família (incluindo morte precoce de pais e irmãos). Aqueles em desconexão/alienação familiar consideram que esses acontecimentos os fizeram perder identidade (desconhecer as origens e não ter família); aqueles em integridade familiar, com histórias similares, focam as boas memórias dos familiares falecidos e a proximidade afetiva com os que continuam vivos. Webster (2003) sugere que recordar memórias autobiográficas (inclui evocar origens familiares) reforça a identidade, preservando-a. Se o

indivíduo (por perda precoce de familiares) não recorda as origens durante a revisão de vida, isto compromete a sua identidade, pois não consegue encontrar um sentimento de identidade e continuidade familiar, com um passado, presente e um propósito de vida futura.

A emigração apenas é mencionada por pessoas em integridade familiar e descrita como transformando as relações sem afetar a sua qualidade e intensidade. A emigração coloca o desafio de evitar a rutura relacional familiar, pois separa geograficamente parentes próximos (Souza, 2007). Nas famílias em integridade a emigração fortalece os laços, principalmente porque os elementos da família assumem explicitamente o compromisso de manter a ligação e a união familiar, enriquecendo o sentido de continuidade e identidade (Hernandez & McGoldrick, 1999).

A violência doméstica é referida por dois participantes em desconexão familiar: um agressor e uma vítima. A vítima parece ter incorporado essa identidade, generalizando-a a outras relações (por exemplo, vítima do abandono dos filhos). É comum que pessoas violentadas enfrentem uma crise de identidade, tendendo a assumir uma identidade de vítima (Barros & Passos, 2002). O agressor está no processo de se tentar perdoar, que pode constituir um passo no sentido da integridade familiar. Sousa et al. (2009) explicam que perdoar-se é também aceitar-se e viver com tudo de bom e ruim que se fez na vida, abrindo o caminho da integridade familiar.

Os conflitos familiares são mais referidos por participantes em desconexão/alienação, tendendo a levar à rutura de relações familiares; esses idosos tendem a responsabilizar a outra parte pelo conflito, o que parece pautar toda a sua vida. As pessoas em integridade referem que os conflitos deixam dor, mas confinada àquela relação. Os participantes em desconexão/alienação parecem reviver constantemente a amargura, isto é viver uma *reminiscência obsessiva* (Wang, Hsu, & Cheng, 2005; Watt & Cappeliez, 2000) através da ruminação excessiva de acontecimentos que refletem falhas na integração de experiências problemáticas do passado e alertam para conflitos não aceites.

Essa resolução/aceitação de conflitos pode ser dificultada por pressões quotidianas, exponenciais nas famílias pobres devido à escassez económica (Sousa & Rodrigues, 2008). Exaustos, tendem a interagir com mais intolerância e irritabilidade, o que aumenta o risco de discussões e instabilidade e diminui a capacidade de resolver problemas. Dificuldades económicas, conflitos familiares e alterações na estrutura familiar podem levar a família a

mobilizar grande quantidade de tensão e restringir a sua disponibilidade (Zamberlan, Freitas, & Fukamori, 1999). A não-aceitação/resolução de conflitos e perdas pode ser afetada por problemas graves de saúde e conflitos familiares (incluindo a violência doméstica).

Os problemas de saúde atuais dos participantes em desconexão/alienação familiar são apresentados como obstáculos à ativação de relações familiares e sociais e à resolução de conflitos uma vez que afetam a mobilidade. Os participantes em integridade familiar encaram os problemas de saúde como uma área de confiança no suporte familiar. Os conflitos familiares são aceites ou resolvidos pelos idosos em integridade, enquanto aqueles em desconexão/alienação esperam que seja a outra parte a tomar a iniciativa de resolver o problema, sublinhando a sua disponibilidade para promover a reconciliação. As crises sucessivas (Sousa & Rodrigues, 2008) que estas famílias tendem a enfrentar retiram-lhes tempo para resolver problemas, tornando os ressentimentos prolongados.

Nas famílias pobres, pelo menos, o legado material terá probabilidade de ocorrer com insatisfação. Os idosos podem sentir-se frustrados ou inúteis por não terem tido a oportunidade de criar os filhos com mais recursos e por não poderem contribuir economicamente para ajudar filhos e netos. O legado é uma experiência relacional da velhice associada ao sentido de continuidade, preservação no tempo (imortalidade simbólica) e construção da identidade (Sussman, Cates, & Smith, 1970). Os baixos rendimentos são desvalorizados pelas pessoas em integridade que salientam a transmissão de valores e princípios aos descendentes. Também valorizam o trabalho infantil e precário que desempenharam, pois permitiu-lhes criar laços com as pessoas para quem trabalharam, que num dos casos lhes deixaram alguma herança material que agora podem transmitir aos seus herdeiros. Assim, os participantes em integridade sentem-se satisfeitos e orgulhosos por, num contexto de escassos recursos económicos, terem conseguido construir um legado, mesmo que de valores, princípios e educação. Aqueles em desconexão familiar sentem que nada têm para deixar, ou seja, não fizeram qualquer contributo para as gerações vindouras.

A filosofia de vida nas pessoas idosas tem emergido como um fator facilitador ou *dificultador* da construção da integridade familiar (Sousa et al., 2009). Os participantes deste estudo mencionam filosofias de vida que: a) facilitam a integridade (tais como, *não valorizar a situação, respeitar as escolhas dos outros*); b) promovem a desconexão (por

exemplo, *vou lutar sozinho enquanto puder, não vou pedir ajuda*); c) facilitam a transição da desconexão para a integridade (i.e., *tentar viver cada dia sem pensar nos problemas, valorizar as coisas boas apesar nas más*). A identificação da filosofia de vida das pessoas idosas (atitude perante a vida que constitui um guião de atitudes e comportamentos) constitui uma potencial estratégia de intervenção, para ajudar pessoas em desconexão/alienação a atingirem a integridade. Por estar intrinsecamente relacionada com a identidade de cada um, representa o modo como o indivíduo percebe o mundo e age através das relações subjetivas, das comunicações e das experiências pessoais. Identificar uma filosofia de vida menos positiva que promova a desconexão/alienação, pode ajudar a reconhecer conflitos internos e comportamentos de ruminação que dificultam a integração positiva dos acontecimentos de vida.

Em termos de limites e perspetivas de pesquisa, neste estudo não se diferenciaram os processos de desconexão e alienação, que descrevem diferentes formas de revisão e integração da vida e, portanto, estudos futuros devem considerar esta diferenciação. Outra limitação deste estudo está no reduzido tamanho da amostra, que deverá ser alargada em estudos posteriores, principalmente para permitir distinguir algumas variáveis como género e ter ou não filhos. Pesquisas futuras poderão relacionar a integridade familiar (versus desconexão e alienação familiar) com a satisfação com a vida e a depressão, pois é comum encontrar pessoas idosas deprimidas e pouco satisfeitas com a vida; conhecer o seu processo de construção da integridade familiar pode ajudar a compreender os seus sentimentos e intervir de forma mais eficaz. Além disso, uma exploração mais profunda das histórias de vida dos participantes pode ajudar a compreender o processo epigenético envolvido na construção da integridade familiar; os dados obtidos reforçam a natureza epigenética, mas não permitem compreender a evolução ao longo da vida. A investigação da integridade familiar deverá alargar-se a outros contextos sociais e culturais, pois trata-se de um processo de desenvolvimento normativo, crucial para alcançar um envelhecimento bem sucedido.

3.6 Conclusão

Uma vida de pobreza envolve fatores de risco que podem facilitar o processo de desconexão ou alienação familiar. No entanto, é possível a evolução no sentido da integridade familiar, em particular se os idosos adotarem filosofias de vida centradas em aspetos positivos da vida e respeitadoras das escolhas dos outros. Isto é, filosofias de vida que impeçam que um problema passe a caracterizar toda a existência. O que parece diferenciar as pessoas é: a) quem evolui para a integridade familiar revela um sentido de autovalorização (ter vivido uma vida significativa) apesar da pobreza; b) quem avança para a desconexão/alienação alimenta sentimentos de insignificância devido à escassez dos recursos económicos.

A integridade, desconexão e alienação familiar são processos epigenéticos (construídos ao longo da vida), assim a promoção da integridade pode ocorrer durante a vida. No entanto, pode ser promovida na velhice, principalmente apoiando a pessoa idosa a perdoar-se a si e aos outros, e ajudando na (re)construção de filosofias de vida que permitem enquadrar os acontecimentos de vida de formas positivas. As técnicas de revisão e integração da vida (Butler, 1963) parecem adequadas e efetivas nesta linha de intervenção, pois podem ajudar os idosos a integrarem elementos da vida em narrativas significativas e sustentadas. A construção da integridade familiar depende de circunstâncias e experiências de vida, mas, principalmente, associa-se à forma como as pessoas integram e definem os eventos.

Alcançar a integridade familiar é uma conquista possível para qualquer história de vida. As pessoas idosas com uma história de pobreza, escassez de recursos, conflitos familiares, trajetórias irregulares de emprego e doenças crónicas severas podem experienciar dificuldades para atingir a integridade familiar. No entanto, uma filosofia de vida que enfatize as conquistas da vida, em alternativa a salientar os insucessos, pode fazer a diferença.

3.7 Bibliografia

- Amaro, F. (1990). Escala de Graffar adaptada. In Costa A. et al.(1996), *Currículos funcionais*. (IIE, vol II.) Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Barros, R. B., & Passos, E. (2002). Subjetividade e instituição. In L. D. Machado, M. C. C. Lavrador, & M. E. B. Barros (Orgs.), *Texturas da psicologia: Subjetividade e política no contemporâneo* (pp. 145-152). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Butler, R. N. (1963). The life review: An interpretation of reminiscence in the aged. *Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes*, 26(1), 65-76.
- Erikson, E. H. (1950). *Childhood and society*. New York: W. W. Norton.
- Erikson, E. H., Erikson, J. M., & Kivnick, H. Q. (1986). *Vital involvement in old age*. New York: W. W. Norton.
- Gergen, K., & Gergen, M. (2000). The new aging self: Self construction and social values. In K. W. Schaie & J. Hendricks (Eds.), *The evolution of the aging self: The societal impact on the aging process* (pp. 281-306). New York: Springer.
- Hernandez, M., & McGoldrick, M. (1999). Migration and the family life cycle. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (pp. 169-184). Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Hines, P. (1989). The family life cycle of poor black families. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The changing family life cycle: A framework for family therapy* (pp. 513-544). Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Kagan, R., & Schlosberg, S. (1989). *Families in perpetual crisis*. New York: W. W. Norton.
- King, D. A., & Wynne, L. C. (2004). The emergence of “family integrity” in later life. *Family Process*, 43(1), 7-21. doi: 10.1111/j.1545-5300.2004.04301003.x
- Kliman, J., & Madsen, W. (2005). Social class and the family life cycle. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The expanded life cycle: Individual, family and social perspectives* (3rd ed.) (pp. 88-105). Boston, MA: Allyn & Bacon.

- Lewis, M. I., & Butler, R. N. (1974). Live-review therapy. Putting memories to work in individual and group psychotherapy. *Geriatrics*, 29(11), 165-173.
- Madsen, W. (1999). *Collaborative therapy with multis-stressed families: From old problems to new futures*. London: Guilford.
- Mulin, J. W., & Arce, M. (2008). Resilience of families living in poverty. *Journal of Family Social Work*, 11(4), 424-440. doi: 10.1080/10522150802424565.
- Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multi-problem poor families. *Journal of Social Work Practice*, 19(2), 163-179. doi: 10.1080/02650530500144766.
- Sousa, L., Ribeiro, C., & Rodrigues, S. (2007). Are practitioners incorporating a strengths-focused approach when working with multi-problem poor families? *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 17(1), 53-66.
- Sousa, L., & Rodrigues, S. (2008). Reviewing diagnostics: From problems to the evolution patterns of problems. In L. Sousa (Ed.), *Strengthening vulnerable families* (pp. 59-77). New York: Nova Science.
- Sousa, L., Silva, A. R., Marques, F., & Santos, L. (2009). Constructing family integrity in later life. In L. Sousa (Ed.), *Families in later life: Emerging themes and challenges* (pp. 163-186). New York: Nova Science.
- Souza, R. (2007). Women Portuguese culture and Diaspora: Women from Goa in New Zealand and cultural adaptation. *Campus Social*, (3-4), 107-122.
- Summers, J. A., McMann, O. T., & Fuger, K. L. (1997). Critical thinking: A method to guide staff in serving families with multiple challenges. *Topics in Early Childhood Special Education*, 17(1), 27-52. doi: 10.1177/027112149701700106.
- Sussman, M. B., Cates, J. N., & Smith, D. T. (1970). *The family and inheritance*. New York: Russell Sage Foundation.
- Vaillant, G. E. (2002). *Aging well: Surprising guideposts to a happier life from the landmark Harvard study of adult development*. Boston, MA: Little & Brown.

Walsh, F. (2005). Families in later life: Challenges and opportunities. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The expanded life cycle: Individual, family and social perspectives* (3rd ed.) (pp. 307-326). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Wang, J. J., Hsu, Y. C., & Cheng, S. F. (2005). The effects of reminiscence in promoting mental health of Taiwanese elderly. *International Journal of Nursing Studies*, *42*(1), 31-36. doi: 10.1016/j.ijnurstu.2004.05.010.

Watt, L. M., & Cappeliez, P. (2000). Integrative and instrumental reminiscence therapies for depression in older adults: Intervention strategies and treatment effectiveness. *Aging and Mental Health*, *4*(2), 166-177. doi: 10.1080/13607861003801037.

Webster, J. D. (2003). The reminiscence circumplex and autobiographical memory functions. *Memory*, *11*(2), 203-215. doi: 10.1080/741938202.

Zamberlan, M. A. T., Freitas, M. G., & Fukamori, L. (1999). Relações pais e filhos adolescentes e estratégias de prevenção a riscos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *9*(17), 35-49. doi: 10.1590/S0103-863X1999000200005.

4. Integridade familiar em pessoas idosas pobres: valores e significados⁶

Family integrity in elderly poor persons: values and meanings

Filipa D. Marques*¹ & Liliana Sousa¹

¹ Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

*E.mail: filipa.marques@ua.pt

Resumo

Rever e integrar a vida é uma das tarefas desenvolvimentais mais relevantes no fim da vida. Envolve a pessoa idosa e sua família e pode conduzir à integridade, desconexão ou alienação familiar. As narrativas de vida ganham relevo nesse processo, pois captam as experiências, revelando valores e significados usados pelos indivíduos para dar/procurar um sentido para a sua existência. Neste estudo aprofunda-se a construção da integridade familiar (*versus* desconexão e alienação) em pessoas idosas com história de pobreza ao longo da vida, explorando o seu mundo de significados e valores. A amostra envolve 12 participantes com idade entre os 65 e os 89 anos. Adotou-se a técnica de contagem de palavras simples, recorrendo ao programa de análise de dados qualitativa N-Vivo7. Os principais resultados sugerem que os significados e valores atribuídos a ser pobre influenciam a re/interpretação da identidade ao longo da vida: a integridade familiar ocorre quando ser pobre é encarado pelas conquistas; a desconexão/alienação familiar emerge quando ser pobre é acompanhado de sentimentos de desvalorização e inferioridade. A intervenção familiar e comunitária deverá considerar estes significados e valores para se adequar às vivências das pessoas idosas pobres.

Palavras-chave: integridade familiar; pobreza; revisão e integração de vida, valores, significados.

⁶ Publicado em “Psicólogo InFormação”.

(Marques, F.D., Sousa, L. (2012). Construção da integridade familiar em pessoas idosas pobres: Valores e significados. *Psicólogo InFormação*, XVI (16), 9-42. ISSN: 1415-8809.)

Abstract

Life review is one of the most important developmental tasks in later life. Involves the elderly and their families and can lead to integrity, family disconnection or alienation. The life narratives gain prominence in this process, capturing the experiences, revealing values and meanings used by individuals to make / find meaning in their existence. This study explore the construction of family integrity (versus alienation and disconnection) in the elderly with a history of poverty throughout their lives, exploring their world of meanings and values. The sample involves 12 participants aged between 65 and 89 years. Adopted the simple word count technique, using the program for qualitative analysis N-Vivo7. The main results suggest that the meanings and values attributed to poor influence re / interpretation of identity throughout life: family integrity occurs when being poor is seen by conquest; disconnection / alienation emerges when being poor is accompanied by feelings devaluation and inferiority. The family intervention and community should consider these meanings and values to fit the experiences of the elderly poor.

Key-words: Family integrity; poverty, life review and integration; values; meanings.

4.1 Introdução

A identidade é um processo intersubjetivo e relacional em que a imagem de si se remete constantemente para os outros, integrando-os no contexto relacional onde se efetiva o processo de identificação (Matos e Viegas, 2007).

Na velhice a identidade é reajustada através do processo de revisão e integração da vida, uma das tarefas desenvolvimentais mais relevantes no fim da vida, envolvendo a pessoa idosa e sua família (Erikson, 1998; King & Wynne, 2004). Esse re/ajustamento tem sido associado à re/definição da filosofia de vida (Sousa et al., 2009; Erikson, 1998), parte integrante do processo de construção da integridade familiar (Sousa et al., 2009; King & Wynne, 2004).

King e Wynne (2004) baseados na noção de integridade do ego de Erikson (1950) expõem o conceito de “integridade familiar” como um desafio desenvolvimental normativo para pessoas idosas, influenciado por fatores do sistema familiar. Este conceito indica que os esforços da pessoa idosa para atingir a integridade do ego estão ligados à construção de significado e desenvolvimento relacional no sistema familiar (Sousa, et al., 2009).

A integridade familiar constitui o resultado positivo, envolvendo continuidade na família multigeracional e vivenciado pela pessoa idosa através da sensação de paz e/ou satisfação com o presente, passado e futuro das relações familiares. A desconexão e a alienação familiar são processos que salientam movimentos de afastamento e/ou alheamento familiar (Sousa et al. 2009).

King e Wynne (2004) salientam o impacto de fatores sociais e culturais neste processo por isso Marques e Sousa (2012) estudaram os processos conducentes à integridade familiar (*versus* desconexão/alienação) em pessoas idosas com história de pobreza ao longo da vida. Os resultados sugerem que nestas pessoas o risco de desconexão ou alienação familiar é maior, contudo a integridade familiar é uma conquista possível. A filosofia de vida parece ser o fator influenciador da evolução (Marques e Sousa, 2012): a integridade é facilitada por filosofias de vida que respeitam as escolhas dos outros; a desconexão/alienação é promovida por filosofias que culpam os outros e impedem pedir e aceitar ajuda. Algumas filosofias de vida na velhice facilitam a transição da desconexão/alienação para a integridade, nomeadamente a decisão de tentar valorizar as *coisas boas* aceitando as menos boas.

A filosofia de vida envolve valores e significados que representam a identidade individual. A identidade vai-se reestruturando e reformulando de acordo com as experiências vividas, enquanto o indivíduo se vai adaptando aos seus sucessos e fracassos.

Neste estudo aprofunda-se a construção da integridade familiar (*versus* desconexão e alienação) em pessoas idosas com história de pobreza ao longo da vida, explorando o seu mundo de valores e significados. Neste sentido, captam-se as suas narrativas e analisam-se as palavras mais frequentes dos seus discursos, para identificar significados (o que algo representa para o próprio, como o percebe e define) e compreender os valores (crenças baseadas na sociedade, valores que atribuem às coisas e/ou eventos) (Hermans & Hermans-Jansen, 1995; Virkler, 2000; Viana, 2007).

Revisão e integração da vida

Rever e integrar a vida é uma das tarefas desenvolvimentais mais relevantes no fim da vida, envolvendo a pessoa idosa e sua família (Erikson, 1998; King & Wynne, 2004). É um processo normativo e desenvolvimental, que coloca a pessoa idosa a (re)avaliar a sua trajetória individual e familiar (Butler, 2002), podendo evoluir em dois sentidos (Leão, 2005; Sousa et al. 2009): beneficiar o desenvolvimento de mecanismos de natureza emocional, mantendo bons níveis de bem-estar subjetivo e facilitando a contínua e crescente sabedoria e serenidade (associa-se à integridade); desencadear sentimentos de culpa e ruminação obsessiva do passado (associado a desconexão/alienação).

Este processo de (re)organização do *self* é também um projeto social, re/moldado nas relações sociais e familiares, implicando um processo de transição emocional que envolve a família e a comunidade (Minuchin, 1998; Butler, 2002; Sousa et al., 2009). Ou seja, a re/construção da identidade individual é concomitante ao re/ajustamento da identidade familiar, integrado na busca do sentimento de integridade das relações familiares. As dinâmicas familiares são o contexto deste processo, podendo ajudar (facilitar a construção de integridade familiar) ou dificultar (contribuir para a desconexão/alienação familiar) (Sousa et al., 2009).

Integridade *versus* desconexão e alienação familiar

A integridade familiar é descrita como a sensação de paz e satisfação com as relações familiares, envolvendo (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009): aceitação e/ou

satisfação com o passado, presente e futuro das relações familiares; proximidade emocional (mesmo com distância geográfica) com os elementos da família multigeracional (apesar de alguns conflitos passados); identidade apoiada numa filosofia de vida que permite a aceitação de si e dos outros; projetos de vida para um futuro próximo que permitem reorganizar o sentido de valor e utilidade.

A desconexão e a alienação familiar descrevem-se como sentimentos de insatisfação com as relações familiares e a vida individual. A desconexão familiar caracteriza situações em que o contacto familiar é raro, pautado por ausência de comunicação significativa, resultando em isolamento e desligamento familiar; a alienação refere-se à ausência de valores comuns e identidade familiar, traduzindo-se em alheamento (Sousa et al., 2009; Marques e Sousa, 2012). Neste estudo o sentimento de desconexão e a alienação familiar foram considerados em conjunto por constituírem a evolução desfavorável.

A capacidade da pessoa idosa alcançar a integridade familiar é influenciada por três competências do sistema familiar (King & Wynne, 2004): transformação das relações familiares, resolução ou aceitação de perdas ou conflitos e criação de sentido e legado.

Transformação das relações familiares

A construção da integridade familiar envolve o desenvolvimento do sentido de mutualidade (manter um compromisso de longo termo com as relações familiares e reinventá-las face às transições do ciclo de vida) e maturidade filial (os filhos adultos desenvolvem-se ao cuidar e ajudar os pais idosos, enquanto estes se desenvolvem tornando-se capazes de aceitar a ajuda). Neste contexto, as relações familiares apresentam continuidade e evoluem com maturidade. Esta transformação depende da capacidade da família renegociar as hierarquias intergeracionais de poder e desenvolver relações adulto-adulto entre pais idosos e filhos adultos. A desconexão/alienação familiar caracteriza-se pela ausência de mutualidade e maturidade filial (por exemplo, o idoso apoia os filhos e quer receber apoio deles, mas não quer pedir, porque lhe cria sentimentos de inferioridade). Por norma ocorre quando os membros da família se fixam em antigos papéis e padrões de relação, já pouco adequados às necessidades do ciclo de vida, promovendo conflitos e/ou rupturas relacionais, que levam à descontinuidade e fragilização dos laços (Sousa et al., 2009).

Resolução/aceitação de conflitos e perdas

A construção da integridade familiar implica que a pessoa idosa aceite ou resolva conflitos do passado e presente, desenvolvendo o sentido de “tarefa acabada” com os membros da família, envolvendo a ausência de ressentimentos. As pessoas idosas no caminho da integridade referem acontecimentos (passados e/ou presentes) desagradáveis, mas descrevem-nos como irrelevantes (“pequenas coisas” ou “sem importância”). O caminho de desconexão caracteriza-se pela negação de problemas, não integração das experiências passadas e/ou evitamento da confrontação. Neste caso, as pessoas idosas apresentam sentimentos de “tarefa inacabada” (há assuntos pendentes), não aceitam conflitos (sentem-se ansiosos) e apresentam ressentimentos (culpa e remorsos por erros passados) (Sousa et al., 2009; King & Wynne, 2004). A alienação caracteriza-se pela negação de problemas e falta de integração das experiências passadas, por isso tudo está resolvido e não há ressentimentos, apenas existe desligamento (Marques e Sousa, 2012).

Criação de sentido e legado

A integridade familiar envolve a integração coerente da história de vida (aceitação de tudo de bom e/ou menos bom que ocorreu durante a vida individual e familiar), para que a pessoa idosa mantenha sentido de pertença à família multigeracional. Em geral ocorre através de: relato de histórias familiares, partilha de interesses e valores e envolvimento em atividades e rituais familiares. Este processo beneficia as gerações mais novas, pois herdam um legado familiar que os ajudará no processo de construção e ajustamento da identidade. Os idosos neste trajeto demonstram satisfação com o legado transmitido, sentem que fizeram o “seu dever” contribuindo para as gerações vindouras, sabem que são respeitados e têm um lugar significativo na vida familiar. A desconexão familiar caracteriza-se pela ausência de alguém a quem passar o legado ou que valorize a transmissão; o idoso sente-se frustrado e desvalorizado porque o seu legado não é recebido e/ou desejado, considerando ter um lugar pouco respeitado e sem significado na família (Sousa et al., 2009; King & Wynne, 2004). Na alienação familiar, a insatisfação com o legado associa-se à ausência de alguém a quem passar o legado, pois a falta de identidade familiar não permite a transmissão do legado; estes idosos não sentem ter um lugar respeitado e significativo na família, porque não existe sentimento de pertença (Marques e Sousa, 2012).

Integridade familiar e trajetórias de pobreza

A literatura sobre famílias pobres tem incidido nas primeiras fases do ciclo de vida familiar, escasseando para a velhice (Barrientos, Gorman, & Heslop 2003; Sousa et al., 2009). Marques e Sousa (2012) estudaram os processos conducentes à integridade familiar (*versus* desconexão/alienação) em pessoas idosas com história de pobreza ao longo da vida. Os resultados indicam que nestas pessoas o risco de não alcançar a integridade familiar é maior, devido a ocorrências da trajetória de vida, tais como (Marques e Sousa, 2012): escassez de recursos (até para responder às necessidades básicas); conflitos familiares (a escassez de rendimentos tende a elevar os níveis de stress); trajetórias irregulares de emprego (as baixas qualificações tornam difícil a estabilidade no emprego); doenças crónicas severas (facilitadas por condições precárias de habitação e escassez de rendimentos para aceder a cuidados de saúde e medicação).

No entanto, alcançar a integridade familiar é uma conquista possível mesmo perante histórias de vida muito difíceis. Tal associa-se à adoção de filosofias de vida que relevam aspetos positivos e respeitam as escolhas dos outros, isto é que promovem a autovalorização: ter vivido uma vida significativa apesar da pobreza. A desconexão e alienação familiar tendem a ocorrer em pessoas que alimentam sentimentos de insignificância devido à escassez dos recursos económicos (Marques e Sousa, 2012).

O re/ajustamento da identidade associa-se à re/definição da filosofia de vida (Sousa et al., 2009; Erikson, 1998), que ocorre no processo de revisão e integração da vida e procura de significado, assente nos valores e significados que a pessoa desenvolve ao longo da sua vida e usa para rever e integrar a vida no seu final (velhice).

Neste estudo explora-se o mundo de valores e significados que caracterizam a identidade e filosofia de vida da pessoa idosa pobre ao longo da sua vida, para melhor compreender como influenciam a revisão e integração da vida, facilitando o processo de integridade *versus* desconexão/alienação familiar. Para isso captaram-se narrativas e analisam-se os discursos, que constituem meios privilegiados para explorar a circulação da projeção da identidade pessoal (Viegas e Gomes, 2007).

Narrativas de vida, linguagem e identidade(s)

As narrativas de vida ganham relevo na análise da revisão e integração de vida, pois captam e relembram as experiências do trajeto de vida, permitindo maior compreensão dos significados do presente, revelando os valores e significados usados para dar/procurar sentido para a existência (Viegas e Gomes, 2007).

A identidade é refletida nas histórias ou narrativas de vida do indivíduo (Viegas e Gomes, 2007), por isso as abordagens narrativas são a base da interpretação dos discursos, permitindo aprofundar a influência de uma situação de vida, como a pobreza, no enredo das histórias da vida (Minuchin, 1998). Quando um indivíduo faz a narrativa da sua vida, interpreta e dá significado aos eventos e experiências de acordo com as suas características, designadamente os valores, refletindo a sua identidade. O discurso revela as recordações de uma vida e os significados e valores envolvidos, podendo mesmo ajudar na resolução dos problemas (por exemplo, a técnica da reminiscência) (Minuchin, 1998; Butler, 1963).

A narrativa de vida assume uma dimensão organizadora da linguagem enquanto discurso, do pensamento e da ação humana, construindo um sentido de coerência e significação (Jorge, 2007). A linguagem é um discurso e uma prática de significado que medeia a relação entre *nós* e o mundo (Ward Lecturer, 2009; Ochs & Capps, 1996). É moldada pela realidade social, sendo uma ação situada historicamente e construída socialmente e influenciada por fatores sociais e ideológicos (Nunes, 2008; Battersby 2006). A linguagem/discurso é uma ponte para a realidade (Pennebaker, Mehl & Niederhoffer, 2003). Os indivíduos selecionam nos seus discursos palavras para refletir as suas experiências revelando significados e valores; por isso as palavras escolhidas estão envolvidas em conotações subjetivas, um meio para dar sentido à experiência (O'Hanlon & Weiner-Davis, 2003; Ochs & Capps, 1996).

4.2 Objetivos

Este estudo exploratório analisa as narrativas de vida de pessoas idosas que sempre viveram em contexto de pobreza, para identificar os significados atribuídos às palavras mais frequentes envolvidas nos seus discursos e aceder ao seu mundo de valores. E examina como os significados e valores são utilizados na revisão e integração da vida, considerando dois percursos: integridade *versus* desconexão e alienação familiar. Os resultados têm implicações na compreensão do desenvolvimento e identidade das pessoas

idosas pobres e na identificação de competências familiares e individuais que promovem a integridade. Assim, darão indicações para a intervenção com pessoas idosas pobres no sentido de promover a integridade familiar e o envelhecimento bem sucedido.

4.3 Metodologia

Os participantes foram identificados através de instituições comunitárias de apoio à terceira idade. Foi solicitada autorização a quatro instituições para realizar o estudo, pedindo a indicação de um profissional para mediar o contacto entre investigadores e potenciais participantes. Todas as instituições deram autorização. Os profissionais indicados (todos assistentes sociais, mulheres) foram contactados pela primeira autora para explicar o objetivo do estudo e os critérios de inclusão dos participantes (mais de 64 anos, vivendo na comunidade, pertencendo à classe social baixa, apresentando discurso coerente e estando orientados no espaço e tempo). Também foi referido que a amostra definida para o estudo compreendia 12 pessoas (6 homens + 6 mulheres; 3 em integridade + 3 em desconexão/alienação familiar). Este número considerou a experiência prévia das autoras na investigação deste tema (Sousa et al., 2009) com os mesmos instrumentos, que indica a saturação dos dados a partir de 10 participantes (não surgem nos dados novas propriedades e dimensões, e a análise responde por grande parte da possível variabilidade (Strauss & Corbin, 2008). Para assegurar esta organização, os profissionais eram solicitados a preencher um questionário com dados (mas sem identificação) sobre pessoas idosas que conhecessem bem e com quem tivessem contato regular. O questionário envolvia: a) dados sócio-demográficos (idade, género e constituição do agregado familiar); b) juízo sobre a orientação da pessoa (*esta pessoa tem um discurso coerente e está orientada no espaço e tempo?*); c) situação socioeconómica (Índice de Graffar e uma questão – *esta pessoa foi pobre durante toda a vida?*); d) apreciação do processo de integridade familiar (*checklist*). As profissionais identificaram os participantes com os critérios de inclusão estabelecidos, pois tinham acesso aos processos que continham dados sociodemográficos, avaliação do estado mental e orientação espaço-temporal.

O Índice de Graffar (versão Portuguesa de Amaro, 1990) é uma classificação internacional que usa 5 critérios (habilitações académicas, profissão, rendimento, composição do agregado familiar e características do bairro de residência) para definir a classe

socioeconómica do indivíduo/família. A soma dos pontos obtidos nos 5 critérios indica a classe; neste estudo selecionam-se as pessoas da classe baixa (22 a 25 pontos).

Para obter um indicador do processo de construção da integridade familiar foi organizada uma *checklist* baseada em estudos prévios (Sousa et al., 2009; King & Wynne, 2004), que compreende 5 questões: 1. *Esta pessoa tem um discurso centrado no passado?* 2. *Repete com frequência uma história ou acontecimento, aparentemente pouco importante?* 3. *Tem tendência para ser arrogante e/ou desvalorizar os outros?* 4. *Atribui a culpa por conflitos a outros?* 5. *É aborrecido/a?* Cada questão é pontuada com 1 (sim) ou 0 (não): pontuações mais elevadas sugerem desconexão. Foram selecionados os participantes com pontuações extremas: 1-2 (sugerindo integridade) e 4-5 (indicando desconexão/alienação). A *checklist* foi usada apenas como indicador para a seleção dos participantes, sendo a classificação completada após a análise das entrevistas.

Os profissionais selecionaram os potenciais participantes, preencheram o questionário e providenciaram a informação necessária aos investigadores para assegurarem os critérios de inclusão e a composição da amostra. Depois, os investigadores informaram os profissionais sobre os participantes que cumpriam os critérios e com quem gostariam de entrar em contato. Os profissionais abordaram esses participantes, explicaram os objetivos do projeto, a colaboração solicitada e pediram permissão para os investigadores entrarem em contato. Todos concordaram em colaborar e a primeira autora combinou uma reunião onde informou sobre os objetivos do estudo, colaboração solicitada, razões porque foi escolhido e garantias de confidencialidade e anonimato. Todos os idosos concordaram em participar e assinaram o consentimento livre e informado. Por fim, procedeu-se à recolha dos dados. Em Portugal não existem comités de ética nesta área (somente na área da saúde), por isso procedeu-se segundo os regimentos éticos adaptados da Declaração de Helsinque.

Instrumento

O instrumento inclui: dados sócio-demográficos (idade, género, estado civil, habilitações académicas e composição do agregado familiar); e uma entrevista semiestruturada (quadro 1) de análise do processo de construção da integridade familiar (versus desconexão/alienação) (King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009).

Amostra

A amostra envolve 12 participantes de classe social baixa, com idade entre os 65 e os 89 anos (Tabela 4.1.).

Tabela 4.1 amostra

Participante*	Sexo	Idade	Habilitações académicas	Estado civil	Check-list	Classificação**
(A)na	Feminino	86	Sem frequência escolar	Viúva	4	Desconexão/alienação
(B)erta	“	89	“	Viúva	5	Desconexão/alienação
(C)ristina	“	85	“	Solteira	4	Desconexão/alienação
(D)aniel	Masculino	65	Escolaridade primária	Divorciado	4	Desconexão/alienação
(E)rmesto	“	71	“	Viúvo	4	Desconexão/alienação
(F)ernando	“	78	“	Viúvo	5	Desconexão/alienação
(G)omes	“	73	“	Viúvo	0	Integridade
(H)enrique	“	73	“	Casado	0	Integridade
(I)smael	“	80	“	Casado	0	Integridade
(J)oana	Feminino	78	“	Viúva	0	Integridade
(L)urdes	“	79	“	Viúva	0	Integridade
(M)aria	“	79	“	Solteira	1	Integridade

Análise de dados

As entrevistas tiveram duração entre os 24 e 53 minutos e foram gravadas, transcritas.

A análise iniciou-se pela classificação dos participantes nas trajetórias de integridade e desconexão/alienação familiar. Os dois juízes (autoras) procederam da seguinte forma: leram as entrevistas de forma independente e classificaram os participantes em integridade e desconexão/alienação familiar (referencial teórico: King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009); depois reuniram-se para confrontar as classificações e verificaram total concordância.

A fase seguinte de análise consistiu na análise dos discursos para captar os valores e significados. Adotou-se a técnica de contagem de palavras simples (Pennebaker, Mehl & Niederhoffer, 2003) recorrendo ao programa de análise de dados qualitativa N-Vivo 7. Este método assume que as palavras usadas pelos indivíduos transmitem informação psicológica independente do contexto semântico e que localizar a palavra no discurso permite extrair o seu mundo de valores e significados. Este processo envolveu as mesmas duas juízas que em cada etapa realizavam a análise de forma independente e depois se

reuniam para confrontar e refinar até alcançar consenso. Este processo decorreu da seguinte forma: a) contagem de todas as palavras usadas no discurso por cada participante (através do software N-Vivo 7); b) eliminação das palavras de *função* (aquelas que permitem compor as frases, inclui preposições, pronomes, artigos, conjunções) (Tausczik & Pennebaker, 2010; Sinatra, 2008); c) seleção das palavras, mais mencionadas em cada entrevista, de *conteúdo* (aquelas que transmitem o conteúdo da mensagem, inclui: nomes, verbos regulares, adjetivos e advérbios) (Tausczik & Pennebaker, 2010; Sinatra, 2008); d) junção das palavras mais mencionadas pelos entrevistados, tendo-se selecionado 6 (casa, trabalho, pobre, dinheiro, comer e pensão) (tabela 4.2.), considerando todos os diminutivos (como casinha e pobrezinha), tempos verbais, plurais e singulares; e) localização das palavras no discurso para contextualizar e extrair significados e valores.

A fase final da análise decorreu para compreender a associação de cada umas dessas palavras aos fatores que contribuem para a construção da integridade versus desconexão/alienação familiar de acordo com o referencial teórico adotado (King & Wynne, 2004): integridade global, transformação das relações familiares, resolução de conflitos e perdas e criação de sentido e legado. Cada palavra selecionada foi associada em cada entrevista ao discurso para analisar como se relacionava com cada um desses fatores (tabela 4.3.), permitindo descrever os valores e significados associados ao processo de revisão e integração de vida e sua evolução no sentido da integridade *versus* desconexão/alienação familiar

4.4 Resultados

As palavras selecionadas foram: casa (70 referências), trabalho (22), pobre (6), comer (15), dinheiro (15) e pensão (7). Os resultados (tabela 4.2.) indicam que os participantes classificados em desconexão/alienação familiar (por comparação com aqueles em integridade) tendem a referir mais vezes estas palavras. É de salientar que os participantes em desconexão/alienação apresentam entrevistas mais longas em duração (entre 40 e 53 minutos); e em palavras (entre 1326 e 1943) por comparação com aqueles em integridade (entre 16 e 30 minutos e entre 815 e 1355 palavras).

Tabela 4.2 Palavras selecionadas.

Caso *	Classificação	Casa (n)	Trabalho (n)	Pobre (n)	Comer (n)	Dinheiro (n)	Pensão (n)
Ana	Desconexão/alienação	0	1	1	0	0	0
Berta	Desconexão/alienação	10	2	0	5	1	0
Cristina	Desconexão/alienação	10	2	2	2	3	3
Daniel	Desconexão/alienação	3	9	0	5	2	2
Ernesto	Desconexão/alienação	6	0	1	0	2	0
Fernando	Desconexão/alienação	10	1	0	0	1	0
Sub-total		39	15	4	12	9	5
Gomes	Integridade	4	3	0	1	0	1
Henrique	Integridade	0	1	0	2	0	1
Ismael	Integridade	6	3	0	0	0	0
Joana	Integridade	1	0	0	0	4	0
Lurdes	Integridade	8	0	2	0	1	0
Maria	Integridade	12	0	0	0	1	0
Sub-total		31	7	2	3	6	2
Total		70	22	6	15	15	7

Contudo as distribuições dos indivíduos em integridade versus desconexão/alienação pelas palavras são similares ($\chi^2(5) = 3.94$; $p=0.557$). Considerando da palavra mais referida à menos referida, verifica-se uma hierarquização semelhante: casa, trabalho, comer e dinheiro, pensão e pobre.

Casa

A palavra “casa” foi referida 70 vezes por 10 participantes (5 classificados em integridade e 5 em desconexão/alienação); 2 participantes (1 em integridade e 1 em desconexão/alienação) nunca referiram esta palavra (tabela 4.1.). A palavra “casa” é mais referida pelos participantes classificados em desconexão/alienação familiar (55,7%). Considerando os domínios de construção de integridade familiar (tabela 4.3.), verifica-se que: é mencionada as mesmas vezes pelos participantes em integridade e desconexão familiar nos domínios “transformação das relações familiares” (8 referências) e “criação de sentido e legado” (13); no domínio “integridade geral” é ligeiramente mais referida pelos sujeitos em desconexão/alienação familiar (11), por comparação com aqueles em integridade familiar (9); no domínio “resolução de conflitos” é mais mencionada pelos sujeitos em desconexão/alienação familiar (7) do que pelos em integridade familiar (1). Contudo as distribuições são similares ($\chi^2(3) = 3.84$; $p=0.280$) e apresentam a mesma

hierarquia: criação de sentido e legado, seguindo-se integridade global, transformação das relações e resolução de conflitos.

Os participantes usam a palavra “casa” principalmente para referirem (tabela 4.4.): i) a “casa” em que vivem (10 participantes), associada à família enquanto espaço de convívio (emerge associada aos vários domínios); ii) a “casa” do patrão (4 participantes, Gomes, Lurdes e Maria, classificados em integridade e Berta classificada em desconexão/alienação familiar), ou seja, o seu local de trabalho (liga as palavras “trabalho” e “casa”) durante a vida; também se associa a recompensas conquistadas (por norma, casas e terrenos doados pelos patrões) pela sua dedicação, relatadas com orgulho (associada à criação de sentido e legado e à transformação das relações).

No domínio integridade geral a “casa” em que vive emerge associada: a) nos casos de integridade familiar, a satisfação com a vida familiar, ligada a autonomia (*estar sossegada; fazer o que me apetece; não incomoda ninguém*) e proximidade emocional; b) nos casos de desconexão/alienação familiar associa-se a solidão, distância emocional e insatisfação com a vida familiar.

Os participantes vivem em diversas circunstâncias que dão contornos específicos às suas vivências:

- i) Alguns vivem sós ou em casal em casa própria. Aqueles em desconexão queixam-se da distância emocional dos familiares, que *não se interessam*. Aqueles em integridade sentem-se satisfeitos com a sua autonomia e com as visitas dos familiares (principalmente filhos, netos e irmãos), sentindo-se apoiados e estimados.

“Tenho a minha casinha pequenina para estar sossegada, que a gente em casa dos outros aborrece-se (...) assim estou na minha casa, ou torta ou cega ou aleijada estou”! [Maria]

- ii) Outros vivem em casa dos filhos (alguns têm casa própria, mas as condições de saúde impedem-nos de continuar a viver sozinhos). Aqueles em integridade familiar sentem-se satisfeitos por contarem com o apoio e carinho do seu agregado familiar (embora preferissem poder estar na sua casa). Os participantes em desconexão familiar sentem-se um fardo (*estorvo*):

“Vivo aqui com a minha filha e estou bem, mas se não fosse a minha doença podia estar numa casa sozinho (...) mas sou um estorvo (...)”! [Fernando]

- iii) Ainda outros vivem nas suas casas com os filhos. Aqueles em desconexão queixam-se de não poder estar sozinhos, pois assim é que *estariam bem* (Berta refere *como era bom quando vivia na minha casa sem precisar do apoio de ninguém*); os classificados em integridade afirmam-se agradecidos por poderem colaborar para o bem-estar dos familiares.

No domínio “transformação das relações familiares” a palavra “casa” é referida por 4 participantes em integridade (Ismael, Joana, Lurdes e Maria) e 3 em desconexão/alienação familiar (Berta, Cristina e Fernando). Os participantes em integridade associam à continuidade com maturação das relações familiares, traduzida nas visitas (sinal de preocupação e interesse) que lhes fazem à casa onde estão a viver. Para os classificados em desconexão/alienação familiar revela descontinuidade, traduzindo-se no afastamento dos filhos e/ou outros familiares que não os visitam. Por exemplo, Berta (desconexão) lamenta o afastamento e desinteresse dos filhos:

“Não me sinto próxima deles, só os vejo de onde a onde! Eles vêm muito pouco aqui a casa e dizem que têm sempre que fazer e que não podem demorar ...!”
[Berta]

Alguns participantes em integridade referem relações que durante a vida se transformaram de relação entre patrão e empregado para relação familiar: Maria considera os antigos patrões como família, referindo com satisfação que fazem viagens de 200Km para a *visitarem a casa*. Esta atitude é interpretada como símbolo de proximidade afetiva e respeito.

“Respeitam-me, tanto me respeitam que há coisa de um mês os meus patrões vieram cá visitar-me de Lisboa, vieram a minha casa!” [Maria]

No domínio “resolução de conflitos e perdas”, a “casa” é mencionada por 3 participantes em desconexão/alienação (Berta, Cristina e Fernando) e 1 em integridade (Maria). Maria é a única participante classificada em integridade que refere “casa” associada a este domínio, para indicar que não sente arrependimentos, neste caso em relação ao irmão por afinidade:

“O meu irmão uma vez disse-me que eu se quisesse ia para casa dele que me apresentava como família ... e eu fiquei a pensar: ora esta, então eu não sou família? Irmã de segunda... que ele é filho da minha madrasta, mas eu é que o criei! (...) Não me importo, não sinto remorsos.” [Maria]

Os participantes em desconexão/alienação referem este domínio, indicando:

i) Aceitação de um conflito, por exemplo Cristina afirma ter aceite um conflito passado com a prima, considerando que ela apenas se interessa pela herança:

“Eu já aceitei. Eu até já esqueci. Ela agora não quer saber de mim, mas quando eu morrer ela vai aparecer porque só quer a herança. Eu também não tenho assim grandes luxos; mas tenho uma casa muito pobrezinha e limpinha!”

ii) Tarefa acabada ao nível das relações familiares; Berta refere em relação aos filhos:

“Tenho uma casa que ganhei a olhar por um velhinho! Eu tenho 2 filhos... tinha 5, morreram 3! Esse velhinho deu a casa aos meus filhos. Foi bom para eles!”

iii) Arrependimento; por exemplo, Fernando afirma-se arrependido por não ter sido bom marido e bom pai:

“Nunca fui de estar em casa, chegava tarde. E ela [esposa] aturava, aturava... Arrependo-me muito.”

No domínio “criação de sentido e legado”, a “casa” é mencionada por 5 participantes em desconexão (Berta, Cristina, Daniel, Ernesto e Fernando) e 3 em integridade (Ismael, Lurdes e Maria). No discurso daqueles em integridade e de alguns em desconexão/alienação, esta palavra associa-se à satisfação com o legado construído. A “casa” constitui um legado (herança) que facilitará a continuidade familiar (*é o local das raízes da identidade familiar*) e a vida financeira dos descendentes. Além disso, permite aos participantes (desconexão e integridade) sentirem um lugar significativo e respeitado na família:

“A minha mãe deixou-me ficar a casa dela e eu dei ao meu filho porque já tinha a minha aonde eu vivo (...) A minha onde vivo vai para a minha filha!” [Ismael]

A “casa do patrão” emerge no discurso de participantes em integridade para indicar que lhes deixaram uma casa e/ou um terreno como recompensa pelos longos anos de serviços. Como os participantes são pobres e têm poucos bens materiais, esta herança assume ainda maior importância, pois constitui (muitas vezes) o único bem material para transmitir aos filhos. Lurdes recebeu um terreno dos patrões, afirmando que não sabe gerir o terreno que *não lhe faz falta*. Por isso, doou ao filho que precisa.

“ (...) Uma senhora que eu andava a servir deixou-me um terreno mas eu dei aos meus filhos para fazer uma casa porque eu não queria nada daquilo e ele não tinha casa.” [Lurdes]

Os restantes participantes em desconexão associam “casa” a insatisfação com a transmissão de legado, porque não têm *sequer uma casa para deixar*, ou porque a casa é o local onde se sentem sós (ninguém os visita), simbolizando que não transmitiram bons valores. Assim, desenvolvem a sensação de não terem um lugar respeitado na família e sentem que não serão lembrados após a morte como gostariam (incongruência).

Os dados indicam a associação entre as palavras “casa” e “trabalho”, numa perspetiva que une o seu passado e presente e dá indicações de futuro: consideram que *quem está em casa* é porque não trabalha (está reformado, doente ou *anda à boa vida*); quem *não está em casa* está a trabalhar em outras casas, ou seja na casa dos patrões. Por exemplo, Berta define-se com orgulho como uma pessoa trabalhadora e lutadora, que por isso raramente estava em casa: “*a minha mãe queria ir para a minha irmã porque ela estava sempre em casa e eu andava sempre a trabalhar!*” Ernesto refere:

“Estou com a minha filha que ela está em casa, é reformada por doença”.

Tabela 4.3 Palavras selecionadas, domínios de construção da integridade familiar

	Integridade Familiar (6 participantes)						Desconexão e Alienação Familiar (6 participantes)					
	Casa	Trabalho	Pobre	Dinheiro	Comer	Pensão	Casa	Trabalho	Pobre	Dinheiro	Comer	Pensão
Domínio. Integridade Global	9	2	0	2	1	0	11	6	0	0	6	2
In/satisfação com a vida												
Satisfação	2	2		2	1							
Insatisfação							5	4			6	2
Proximidade/distância emocional												
Proximidade	7											
Distância							5					
Projetos de vida												
Centrados no passado							1	2				
Domínio. Transformação das relações familiares	8	0	0	2	0	0	8	4	1	3	2	2
Continuidade	8			2								
Descontinuidade							8	4	1	3	2	2
Domínio. Resolução de conflitos e perdas	1	0	0	0	0	1	7	3	1	0	0	0
Não/aceitação												
Aceitação							1		1			
Não - aceitação								3				
Tarefas in/acabadas												
Acabadas						1	3					
In/existência de arrependimento												

Sem arrependimento	1											
Arrependimento		3					3					
Domínio. Criação de sentido e legado	13	5	2	2	2	1	13	2	2	6	4	1
In/satisfação com a transmissão de legado												
Satisfação	10	3	2	2	2	1	3	2	1			
Insatisfação							5		1	6	4	1
(Não) respeitado na família												
Respeitado	3						1					
Não respeitado							1					
In/congruência da lembrança familiar												
Congruência		2										
Incongruência							3					
Total	31	7	2	6	3	2	39	15	4	9	12	5

Trabalho

A palavra “trabalho” foi referida 22 vezes por 8 participantes (5 classificados em desconexão/alienação e 3 em integridade) (tabela 4.2.). Esta palavra é mais referida pelos participantes em desconexão/alienação familiar (68,2%). É referida por participantes classificados em integridade e desconexão familiar nos domínios “integridade global” e “criação de sentido e legado”; nos domínios “transformação das relações familiares” e “resolução de conflitos e perdas” apenas é mencionada pelos em desconexão. Estas diferenças parecem explicar a não similaridade da distribuição ($\chi^2(3) = 8.50; p=0.037$).

Não poder trabalhar (executar trabalho remunerado e/ou doméstico), ou seja, ficar em casa (mesmo por problemas de saúde) *sem fazer nada* e *sem conseguir cozinhar* desperta em todos sentimentos de tristeza, angústia e inutilidade (*é uma tristeza a gente querer trabalhar e não poder*). Cristina (desconexão/alienação familiar) afirma sentir *solidão* pois está *muito limitada (ao fim de semana faço alguma coisa mas com muito custo)*; lamenta não poder trabalhar para conseguir mais dinheiro para tratar dos seus problemas de saúde (*não uso a cinta para a coluna porque não tenho dinheiro*).

No domínio “integridade global” a palavra “trabalho” é referida por 6 pessoas, 4 em desconexão familiar (Berta, Cristina, Daniel e Fernando) e 2 em integridade (Gomes e Ismael). Os participantes em desconexão associam trabalho a “insatisfação com a vida”, uma vez que o trabalho dos filhos limita as visitas e maior contacto; e *deixaram de trabalhar* (por invalidez ou velhice). Consideram que passado, quando trabalhavam, eram mais respeitados pelos outros e sentiam-se com mais valor.

Os participantes em integridade afirmam compreender que os filhos têm *a vida deles* e que *têm de trabalhar* mesmo que isso impeça maior número de visitas:

“O meu filho (...) quando me faz visitas é bom, mas não faz muitas porque não pode, não por doença, mas sim pelo trabalho que é muito”. [Gomes]

Os participantes em integridade associam trabalho a “satisfação com a vida”, pois o trabalho foi o meio que lhes garantiu (no passado e presente) independência financeira. Revelam uma sensação de dever cumprido: *trabalhei para ter o que tenho, que é pouco mas é meu!* [Gomes]. Esta sensação também se relaciona com *aquilo que tem hoje* (bens materiais, em particular, a casa) fruto do trabalho, que proporciona sensação de serenidade e honestidade (não ter os bens por meios *sujos*). Por exemplo: Ismael gosta de ir na rua e ser reconhecido como *o senhor serralheiro que trabalhava muito bem*.

No domínio “transformação das relações familiares”, apenas Daniel (desconexão) associa trabalho à “descontinuidade das relações familiares” (4 referências). Daniel continua a trabalhar depois de aposentado (*continuo a fazer uns biscatezitos para me manter*), pois é garantia de independência financeira e, principalmente, permite não pedir ajuda ao filho com quem está em conflito. Também associa a palavra trabalho à independência financeira dos filhos: *trabalham e portanto têm para eles*.

No domínio “resolução de conflitos e perdas”, também apenas Daniel (desconexão) refere a palavra trabalho (3 referências), associada à não-aceitação de um conflito passado com a esposa de quem se divorciou. Considera que numa família economicamente desfavorecida (como a dele), ambos os elementos do casal devem trabalhar. Mas, foram só os seus *dois braços a ganhar para a família*, pois apesar do pouco dinheiro a sua mulher *nunca trabalhou*, o que motivou discussões que talvez tenham conduzido ao divórcio. Contudo, orgulha-se de ter garantido o sustento da família (*nunca lhe faltou nada*).

No domínio “criação de sentido e legado”, a palavra “trabalho” é mencionada 7 vezes por 5 participantes, 2 em desconexão (Ana e Berta) e 3 em integridade familiar (Gomes, Henrique e Ismael). Todos estes 5 participantes associam “trabalho” a satisfação com a transmissão do legado, ou seja, o valor do trabalho constitui em si um legado moral transmitido às gerações seguintes ao longo do processo educativo, que garante aos descendentes um *bom caminho*. Por exemplo, Ismael considera que os filhos *são trabalhadores* fruto da educação que lhes deu; afirma que ensinar a trabalhar (como ensinou) é ensinar a *vencer no mundo do trabalho* pois só a trabalhar se pode ter *uma boa vida*. Por oposição não trabalhar é sinónimo de ser *vadio* (Berta).

Para dois participantes em integridade familiar (Gomes e Ismael) o trabalho/profissão que desempenharam é algo que lhes deu identidade, tornando-os úteis e reconhecidos; além disso, permitiu que conquistassem o *pouco* que têm na vida, sem ser *à custa dos outros*. Gomes acredita que será lembrado como gostaria (congruência):

“Vou ser lembrado pelo trabalho que fazia. A maior riqueza que tive foi trabalhar em várias casas e ter o galardão deles que me saudavam como um bom profissional.” [Gomes]

Pobre

A palavra “pobre” é referida 6 vezes por 4 participantes, 3 em desconexão familiar (Ana, Cristina e Ernesto) e 1 em integridade familiar (Lurdes) (tabela 4.2.). Esta palavra é mais referida pelos participantes classificados em desconexão familiar (60%).

Nunca é referida no domínio “integridade global” e é referida pelos participantes em desconexão e integridade no domínio criação de sentido e legado. Apenas é mencionada pelos participantes em desconexão nos domínios “transformação das relações familiares” e “resolução de conflitos e perdas”. Contudo as distribuições são similares ($\chi^2(3) = 0,833$; $p=0.841$).

No domínio “transformação das relações familiares”, somente Cristina (desconexão) associa a palavra *pobre* a descontinuidade das relações familiares, referindo que por ser pobre uma prima se afastou e sublinhando que ser pobre a faz sentir desvalorizada e *inferior*. No domínio “resolução de conflitos e perdas”, a mesma participante, afirma ter aceite esse conflito, considera que se deve à sua pobreza: *se ela não quer saber de mim porque sou pobre, também não preciso dela*.

A palavra “pobre” é utilizada por 3 participantes no domínio “criação de sentido de legado”: 2 em desconexão (Ana e Ernesto) e 1 em integridade (Lurdes), no âmbito da in/satisfação com a transmissão do legado. Ana (desconexão/alienação) e Lurdes (integridade) estão satisfeitas com a transmissão do legado, sentem-se orgulhosas pelo muito que se *sacrificaram* para conquistar o que têm. Ana refere que nunca teve, nem tem, nada de material *para deixar* porque sempre viveu com muitas dificuldades para criar os filhos (*sempre vivi muito pobrezinha, vi-me negra para os criar*); mas orgulha-se de ter dado aos filhos uma boa educação e *uma arte* (profissão). Ernesto está insatisfeito com a transmissão do legado, pois não tem *nada de material para transmitir* porque é pobre; apesar disso orgulha-se de ter assegurado os estudos aos filhos *com muito sacrifício*.

Comer

A palavra “comer” é referida 15 vezes, por 3 participantes classificados em desconexão/alienação (Cristina, Daniel Ernesto) e por 2 em integridade familiar (Gomes e Henrique). É mais referida pelos indivíduos em desconexão familiar (80%). Em termos dos domínios as distribuições são similares ($\chi^2(2) = 1.31$; $p=0.520$) (tabela 4.3.), verificando-se que esta palavra nunca é referida em “resolução de conflitos e perdas” e não é

mencionada pelos participantes em integridade em “transformação das relações familiares”; nos restantes domínios é referida por participantes com ambas as classificações, mas com maior número de referências naqueles em desconexão/alienação.

No domínio “integridade global” é referida por 3 participantes em desconexão (Berta, Cristina e Daniel), considerando que *comer* (ou comida) pode ser um meio de os familiares demonstrarem preocupação e afeto, algo que não acontece nas suas vidas e gera insatisfação. Berta explica que há anos tem vontade de comer polvo (não come *porque é caro*), e revelou essa vontade ao filho que insiste em *não satisfazer o desejo da mãe*. Interpreta esta atitude como falta de carinho e/ou preocupação, ficando desapontada e insatisfeita. Gomes é o participante em integridade que usa esta palavra neste domínio, associada ao momento da refeição que ocorre em família e lhe traz satisfação com as relações familiares: *ir comer* com a família aos fins de semana é uma oportunidade de convívio com os netos e mostra carinho e afeto da filha que o convida.

No domínio “transformação das relações familiares” apenas Berta (desconexão) faz uso da palavra “comer” (3 referências) para revelar descontinuidade: o filho não age de acordo com o que ela gostaria (não lhe leva um alimento caro que há muito deseja), por isso vive com desiludida com ele, sentindo-se desligada e sem vontade de o contactar.

No domínio “criação de sentido de legado”, Daniel (desconexão) e Henrique (integridade) usam a palavra “comer”. Daniel refere que os filhos não se preocupam se ele *tem ou não de comer*, por isso acredita que o legado que lhes transmitiu não foi bem aceite e sente-se insatisfeito: *“eu sempre os ensinei a ajudar o próximo, e preciso que me digam para ir lá comer; se eles não dizem, é porque não fizeram caso ao que lhes ensinei, e portanto sinto-me fracassado”*. Henrique (integridade familiar) vive satisfeito com o legado: *dia sim, dia não, convido-os para vir cá comer, assim estou a ajudá-los como posso e podemos todos conviver*.

Dinheiro

A palavra “dinheiro” surge associadas à palavra “pobre” (indicando ter *pouco dinheiro ou não ter dinheiro*) e à palavra “comer” (*dinheiro para comer*). Os participantes tendem a associar “dinheiro” à satisfação de necessidades básicas (tenho dinheiro *para andar vestido e para comer e pouco mais*). Afirmam que prescindem de alimentos caros (*não como o que é bom, mas o estômago não escolhe qualidades, quer é comida*) e vários recorrem a

instituições sociais para terem comida, guardando o pouco dinheiro para o resto das necessidades (e.g. medicamentos).

“Vou vivendo com o dinheiro da minha pensão pequenina e vou levando daqui a sopinha para comer à noite”. [Cristina]

A palavra “dinheiro” é mencionada 15 vezes, por 8 participantes, 3 em integridade (Joana, Lurdes e Maria) e 5 em desconexão/alienação familiar (Berta, Cristina, Daniel, Ernesto e Fernando) (tabela 4.2.). Esta palavra é mais usada pelos participantes em desconexão/alienação (60%). Nunca é usada no domínio “resolução de conflitos e perdas”, é usada por participantes em desconexão e integridade nos domínios “transformação das relações familiares” e “criação de sentido e legado”; e no domínio “integridade global” apenas por um participante em integridade. A distribuição considerando os domínios e a integridade *versus* desconexão/alienação familiar é similar: $\chi^2 (2) = 2.24$; $p=0.326$.

Na “integridade global” somente Joana usa a palavra comer (neste caso *dar de comer*) com o sentido de satisfação com a vida: sente-se útil por apoiar os elementos da família através das refeições e alimentos (*para ajudar*); como não tem *dinheiro* para ajudar a filha, que é doente e não pode trabalhar, Joana cede-lhe as refeições:

“Ela é doente, o homem ganha pouco e tenho um neto que é doente... (...) às vezes vem cá comer, é o podemos dar” [Joana]

No domínio “transformação das relações familiares”, Berta, Daniel e Ernesto (desconexão familiar) referem a associação entre *dinheiro* e *comer* para transmitir descontinuidade das relações familiares. Daniel vive afastado (física e emocionalmente) do filho com quem está em conflito há anos e refere que apesar de precisar da ajuda (financeira), não tenciona pedi-la (*dar o braço a torcer*) *enquanto tiver dinheiro para comer*. Ernesto partilha essa ideia: *enquanto puder e tiver dinheiro para comer vou lutar para não precisar de ninguém*. Nos discursos de Joana e Maria (integridade) as mesmas expressões associadas à palavra “dinheiro” transmitem continuidade e amadurecimento das relações. Joana relata que a filha mais próxima (os restantes são emigrantes na América) lhe trata de tudo: *dou-lhe dinheiro por mês e ela trata-me do comer, temos pouco mas somos muito unidas!* Considera mesmo que ter pouco dinheiro pode aumentar a união/coesão familiar: *se dois elementos da família têm rendimentos baixos, mas vivem juntos podem ajudar-se* (pagam apenas uma mensalidade de renda, água e luz) *e sentir menos solidão*.

No domínio “criação de sentido de legado”, Cristina, Daniel, Ernesto e Fernando (desconexão) revelam-se insatisfeitos com a transmissão do legado: lamentam não poderem transmitir bens materiais aos filhos, pois só têm dinheiro para comer; esta situação fá-los sentirem-se inúteis, pois não podem ajudar os filhos.

Joana e Lurdes (integridade) revelam satisfação com a transmissão do legado. Joana relata que nunca deu *dinheiro* aos filhos para *comer* na escola (porque *não havia*), mas sempre se preocupou em assegurar-lhes boa alimentação: *ou levava de casa a comida numa marmitta ou deixava adiantado o almoço no dia anterior, para que chegasse das aulas e fizesse o almoço*. Por isso, o filho tornou-se um *excelente cozinheiro*; Joana sente alegria por ter impulsionado o *dom da cozinha* do filho e feliz por garantir a perpetuação geracional das suas receitas.

Pensão

A palavra “pensão” surge associada a “dinheiro”, pois é o meio pelo qual atualmente os participantes recebem dinheiro: *o dinheiro que recebo da pensão*. Esta palavra é referida 7 vezes, 71,4% por participantes em desconexão/alienação (Cristina e Daniel) e por Gomes e Henrique em integridade. É referida pelos participantes em desconexão nos domínios “integridade global”, “transformação das relações familiares” e “criação de sentido e legado”; é mencionada por aqueles em integridade no domínio “resolução de conflitos e perdas” e “criação de sentido e legado”. A distribuição considerando integridade *versus* desconexão familiar e domínios é similar: $\chi^2 (3) = 4.55; p=0.208$.

No domínio “integridade global”, Cristina e Daniel (desconexão) revelam insatisfação com a vida devido à sua situação económica: *como é que posso estar satisfeito com a vida se o dinheiro da pensão mal dá para comer?* [Daniel]. Consideram que receber mais dinheiro da pensão seria uma oportunidade de viverem com segurança, sem necessidade de ajuda da família e com maior satisfação. No domínio “transformação das relações familiares”, Cristina (desconexão) revela que a *falta de dinheiro* afastou a família (descontinuidade). Refere que vive da *pensão* mensal que *é uma ninharia* e não aceita a ideia de a prima (boa situação financeira) não lhe oferecer ajuda: *ela nem se preocupa em saber se preciso de alguma coisa*.

No domínio “resolução de conflitos e perdas”, Gomes (integridade) admite que a pensão mensal que recebe *é pouca* e não garante a qualidade de vida desejada, mas vive grato por

recebê-la, pois com esse dinheiro *não depende de ninguém* e não tem de *ficar a dever favores* à família o que *evita conflitos*. Gomes considera que ter dinheiro pode causar conflitos familiares.

No domínio “criação de sentido e legado”, Henrique (integridade) e Cristina (desconexão), referem a palavra “pensão” associada a in/satisfação com a transmissão do legado. Henrique (integridade) refere que a sua *pensão* (uma *insignificância*) não lhe permite ajudar filhos e netos, mas sente-se satisfeito: sabe que os netos o visitam e se preocupam *sem pensar que vão receber algo em troca*. Considera que ser pobre é uma garantia de que não há aproximação pelo dinheiro, mas por *carinho e afeto*. Sente-se satisfeito por contribuir diariamente para a educação dos netos (herança simbólica): *vêm cá e pedem conselhos, eu dou com muito gosto!*

Tabela 4.4 Valores e significados vs domínios integridade familiar

	Integridade Familiar	Desconexão/alienação Familiar
	Significado/ valor	
Casa	Lugar de memórias e convívio familiar; bem material para transmitir a descendentes (ajuda material e garantia de continuidade simbólica).	
Integridade global	Satisfação com a vida: autonomia; proximidade emocional (visitas e convívios).	Insatisfação com a vida: falta de autonomia; solidão (visitas raras).
Transformação das relações	Continuidade: visitas de familiares (e ex-patrões) revelam proximidade afetiva, preocupação e respeito.	Descontinuidade: inexistência de visitas familiares.
Resolução de conflitos	Aceitação: de poucas visitas dos filhos, pois compreendem que <i>têm a sua vida</i> .	Não-aceitação: se os visitam será com interesse na herança (mesmo que pouca); se não os visitam é por não terem herança para deixar
Criação de sentido e legado	Satisfação com o legado: a casa representa um legado material e simbólico (resultou de trabalho honesto). Legado de identidade familiar.	Insatisfação com a transmissão do legado: não têm bens materiais; e como “ninguém os visita” sentem que não transmitiram bons valores.
Trabalho	Sentido de utilidade, valor, respeito dos outros; necessidade de <i>ganhar a vida</i>; constitui um legado (vencer na vida com honestidade).	
Integridade global	Satisfação com a vida: meio de subsistência ao longo da vida; os filhos visitam-nos pouco pois têm de trabalhar.	Insatisfação com a vida: o trabalho impede que os filhos os visitem mais; a dependência obrigou-os a deixar de trabalhar.
Transformação das relações		Descontinuidade: necessidade de continuar a trabalhar, para evitar pedir ajuda ao filho, com quem está em conflito.
Resolução de conflitos		Não resolução: alguns conflitos emergem porque nem todos contribuem com trabalho para a vida familiar.
Criação de sentido e legado	Satisfação com a transmissão de legado: o valor do trabalho é um legado relevante, pois garante aos descendentes <i>um bom caminho</i> .	
Dinheiro	Necessário para a satisfação das necessidades básicas (inclui o comer).	
Integridade global	Satisfação com a vida: ajudam a família a poupar dinheiro e são úteis contribuindo com alimentos ou refeições.	
Transformação das relações	Continuidade: a entreaduda e união familiar são promovidas pela falta de dinheiro.	Descontinuidade: o conflito com o filho fá-lo trabalhar para não pedir dinheiro ao filho.
Resolução de conflitos		
Criação de sentido e legado	Satisfação com o legado: ter criado no filho o gosto pela cozinha (cozinhou em casa para poupar dinheiro).	Insatisfação com a transmissão do legado: não ter bens materiais para deixar aos filhos; sentimento de inutilidade.

Pensão		Meio atual pelo qual o dinheiro se torna acessível.
Integridade global		Insatisfação com a vida: as pensões baixas contribuem para se sentirem inseguros e dependentes da ajuda de outros.
Transformação das relações		Descontinuidade das relações familiares: a pensão é pequena e os familiares com posses não ajudam.
Resolução de conflitos	Resolução/aceitação: a pensão é baixa e não garante qualidade de vida; mas o dinheiro pode causar de conflitos nas famílias, e sendo pouco não tem esse efeito.	
Criação de sentido e legado	Satisfação com a transmissão de legado: a pensão é pequena, por isso as visitas familiares são por afeto.	
Comer		Espaço de convívio familiar e forma de entreajuda familiar.
Integridade global	Satisfação com as relações familiares: as refeições em família são momentos de convívio e união familiar.	Insatisfação com as relações familiares: gostavam de ter refeições em família, o que não acontece.
Transformação das relações		Distância emocional com filho: não atende a desejos da mãe.
Resolução de conflitos		
Criação de sentido e legado	Satisfação com a ajuda: oferecer comida aos descendentes é forma de legado, ajuda e convívio.	Insatisfação com a transmissão do legado: a família (filhos) não se preocupam se tem ou não comer; mostra que não transmitiu o legado de princípios que gostaria.
Pobre	Luta e sacrifício que permitiram, apesar da pobreza, ter uma vida de honestidade e ligação familiar.	Desvalorização e inferioridade pelo que não se alcançou na vida e que atualmente se consubstancia na ausência de um legado material a transmitir.
Integridade global		
Transformação das relações		Descontinuidade: a pobreza afasta alguns elementos da família. Cristina relata que ser pobre a faz sentir desvalorizada e inferior.
Resolução de conflitos		Não-resolução: o conflito não se resolve porque é pobre e nada tem para dar. Ser pobre dificulta a resolução de conflitos: sente-se inferior e não resolve.
Criação de sentido e legado	Satisfação com a transmissão do legado: orgulhosos pelos sacrifícios que levaram a ter alguma coisa para deixar, incluindo dar aos filhos educação e profissão.	Insatisfação com a transmissão do legado: nada têm de material para transmitir, mas sentem orgulho por terem dado educação e/ou profissão aos filhos.

4.5 Discussão

As narrativas dos participantes revelam significados que se reproduzem com base em valores (Morris, 1956); isto é, a interpretação de significados captados da análise dos discursos remete-nos para valores utilizados na revisão e integração de vida que definem o percurso de integridade ou desconexão/alienação familiar.

Significados e valores em pessoas idosas pobres

Os resultados indicam que o processo de revisão e integração da vida por pessoas idosas, com história de pobreza ao longo da vida, emerge associado a algumas palavras (que contemplam significados e valores) comuns aos percursos de integridade e desconexão/alienação familiar (tabela 4.4.): casa, trabalho, pobre, comer, dinheiro e pensão. Estas palavras podem organizar-se em dois grupos (quadro 4): raízes de identidade (casa e trabalho) e sobrevivência (pobre, comer, dinheiro e pensão).

As palavras “casa” e “trabalho” parecem constituir raízes da identidade pessoal e familiar. A “casa” apresenta o significado de lugar das memórias de vida, que envolve diversos valores: convívio familiar e o/um bem que pode ser transmitido aos descendentes com a dupla função de facilitar a sua vida material e/ou garantir a continuidade simbólica da família e da pessoa idosa. Emerge como o local preferido para viver o envelhecimento, ou seja, um espaço facilitador da revisão e integração da vida pelas memórias que encerra (Paul, 2005; Wahl, 2001; Norris- Becker, 1998).

As palavras “casa” e “trabalho” (usadas frequentemente em conjunto) associam-se nas referências à “casa do patrão”, atribuindo à casa o significado de lugar de trabalho. Aqui surge a partilha de valores de uma geração associados a uma cultura, sociedade e época. Salientam as experiências sociais de *cohort* que moldam as transições de vida do indivíduo e sua família, continuando a ter impacto indireto na forma de encarar a vida, nomeadamente, perante dificuldades financeiras (Blieszner e Bedford, 1995; Elder, 1974). Especificamente emerge uma circunstância comum nos anos 1930-1950: os filhos das famílias mais pobres iam trabalhar (*servir*), ainda novos (a partir dos 6/7 anos), para casa de famílias abastadas, por norma proprietárias de casas e terrenos.

A palavra “trabalho” encerra significados de sobrevivência e realização pessoal, que parecem associar-se aos seguintes valores: sentimento de utilidade, autovalorização, respeito dos outros e honestidade; necessidade de *ganhar a vida*; construção de um legado

de princípios (ensinar os descendentes a vencer na vida com honestidade através do trabalho). O trabalho constitui uma expressiva manifestação do ser humano, por isso a sua perda provoca “feridas” na identidade, concorrendo para a desagregação das personalidades (Raittz et al, 1999; Enriquez, 1999). Viegas e Gomes (2007) ao estudarem a identidade na velhice, enfatizam a necessidade das pessoas idosas reafirmarem a sua pertença ao mundo social pela atividade e pela ação (trabalho). Revelam que nas pessoas idosas o significado de trabalho parece ser reavaliado: se não trabalharem podem ser identificados, irremediavelmente, com o estigma da velhice (Viegas & Gomes, 2007).

As palavras “pobre”, “comer”, “dinheiro” e “pensão” revelam significados de sobrevivência e desafios específicos de quem vive em contexto de pobreza. O “dinheiro” surge como meio para satisfação de necessidades básicas (inclui o “comer”) e a “pensão” é a forma atual de obter a dinheiro. O “comer” constitui um espaço de convívio (através de refeições e convívios de família) e meio de entajuda familiar, parecendo ligar valores de sobrevivência às raízes de identidade (“comer” associa-se à “casa”, lugar onde decorrem as refeições).

A palavra “pobre” é a única que emerge pautada por significados divergentes consoante o percurso (integridade ou desconexão/alienação), o que se repercute em diferentes valores: i) luta e sacrifício que permitiu, apesar da pobreza, uma vida de honestidade e ligação familiar (associado à integridade familiar); ii) sentimentos de autodesvalorização e inferioridade pelo que não se alcançou na vida, consubstanciado na ausência de legado material para os descendentes (associado à desconexão/alienação). Esta palavra é pautada por valores relevantes que influenciam o percurso de integridade *versus* desconexão/alienação familiar. Nas restantes palavras todos os participantes, independentemente do processo de integridade ou desconexão/alienação familiar que vivem, atribuem um significado comum.

Esta análise exige alguma contextualização histórica e social da pobreza que viveram, pois *ser pobre* ganha significados diferenciados pelo contexto. Estes participantes partilham uma época pautada em Portugal (e um pouco por toda a Europa) por pobreza, associada à Segunda Guerra Mundial, que se manteve pelo menos até à década de 1960 (e.g. Paúl, 1992; 1996). Ou seja, a pobreza era comum na sociedade, por isso não estaria tão associada ao estigma da exclusão social, como atualmente. As experiências de pobreza na atualidade traduzir-se-ão, provavelmente, de modo diferente na futura velhice. A pobreza nas

gerações atuais não se centra apenas na escassez económica, associa-se a outros fatores, tais como parca participação social, englobando elementos de exclusão e estigma social.

Os indivíduos em integridade e desconexão/alienação familiar destacam as mesmas palavras (um mundo similar de significados), contudo aqueles em desconexão/alienação apresentam discursos mais longos e repetitivos. Estudos anteriores (Sousa et al., 2009) revelam que as pessoas em desconexão/alienação familiar tendem a falar mais, pois repetem o mesmo evento (habitualmente situações não resolvidas) e apresentam discursos ruminantes.

Os significados atribuídos às palavras são similares, à exceção do que acontece com a palavra “pobre”: os participantes em integridade valorizam as conquistas apesar das dificuldades (revelam ao longo das suas narrativas identidades moldadas pela *luta* da qual saem vencedores); nos participantes em desconexão/alienação familiar ocorrem sentimentos de inferioridade e desvalorização (remetem para uma identidade de *sofrimento* do qual saem vencidos). Os dados sugerem que os valores variam consoante o significado atribuído à “pobreza”, influenciando a construção do percurso de integridade *versus* desconexão/alienação familiar. Ser pobre é lamentado pelos participantes em ambas as situações (integridade e desconexão/alienação), contudo os participantes em integridade parecem adaptar-se e aceitar, tentando extrair o melhor da situação, e.g.: veem na união familiar a solução para colmatar as dificuldades financeiras, ajustam alternativas para contribuir para o legado material ajudando os filhos com géneros alimentícios. Estes participantes enaltecem os valores morais transmitidos, subestimando a componente material. Para os indivíduos em desconexão: ser pobre despoleta sentimentos de desvalorização, inferioridade e frustração pela ausência de legado para transmitir, ou pela sensação de que os valores simbólicos familiares transmitidos (e.g. entreatuda) não foram aceites, pois não contam com a ajuda dos filhos.

A pobreza e o estigma de ser pobre podem ter impacto direto na identidade do indivíduo, designadamente quando a identidade individual se desenvolve focada na gestão do *stress* e estigma associado à pobreza (Brown, 2005; Ross and Roberts 1999).

Significados e valores em pessoas pobres: percurso de integridade familiar

A integridade familiar associa-se ao significado atribuído a ser-se “pobre”, que contempla os seguintes valores: luta, coragem e sacrifício ao longo da vida que permitiram, apesar da pobreza, viver com honestidade e manter fortes laços familiares. Neste percurso, a palavra “pobre” é somente referida no domínio “criação de sentido e legado”, indicando satisfação com a transmissão do legado: i) material (quando existe materializa e simboliza a luta e sacrifícios da vida para poderem deixar algo aos descendentes); ii) e/ou simbólico (na ausência de legado material, garantem aos filhos princípios de vida, educação e/ou uma profissão).

Os participantes no percurso de integridade familiar caracterizam a integridade global por satisfação com a vida individual, familiar e comunitária, no presente, passado e antecipam-na para o futuro. As palavras assumem esse significado de satisfação e contentamento traduzidas nos valores que descrevemos. A “casa” é um espaço de preservação da autonomia (satisfação individual, mesmo perante a dependência, pois a pessoa idosa sente liberdade e identidade por se manter no espaço onde se desenrolou a vida) (Rubeinstein, 1989); e de proximidade familiar (lugar onde ocorrem visitas e convívios familiares). O “trabalho” emerge como elemento de autorrealização que permitiu subsistir durante a vida e alcançar o que se tem; traduz-se no reconhecimento da comunidade e contempla valores como: ter sido um bom profissional, trabalhador e honesto. Depois de deixar de trabalhar, o indivíduo confronta-se com a necessidade de ser lembrado pelos outros como alguém que *trabalhou* e bem, o que contribui como forma de deliberação pessoal, fonte de orgulho e reconhecimento (Viegas & Gomes, 2007; Raitzz et al., 1999). Além disso, permite compreender as poucas visitas dos filhos (têm de trabalhar), comprovando que receberam dos pais o legado do valor do trabalho (meio de vencer na vida com honestidade). A palavra “dinheiro” revela entreajuda familiar (como têm pouco dinheiro, trocam bens para ajudar a família/descendentes), que constituem formas de unir a família e manter o sentido individual de utilidade. O dinheiro desempenha um papel significativo em toda a extensão de um relacionamento familiar e o seu (bom) manejo reflete a mutualidade e continuidade das relações ao longo do ciclo de vida familiar (Shapiro, 2007).

A palavra “comer” indica que as refeições em família se traduzem em momentos essenciais de união e convívio familiar que preservam valores simbólicos, rituais e a identidade familiar. O momento da refeição apresenta-se como *evento humanizador*: ao

agendarem e prepararem refeição, as famílias estão a refletir um conjunto de valores e preferências; compartilham alimentos e, principalmente, experiências, impressões, ideias e relações; é um momento de comunhão familiar (Gallian, 2007; Leonardo, 2009).

Para estes participantes a transformação das relações familiares emerge no sentido da continuidade com amadurecimento e é influenciada por: a “casa” que se revela como o lugar de continuidade (incluindo relações com ex-patrões que são como família), através de visitas que ganham significado de proximidade afetiva, preocupação e respeito (Decesaro, 2007). A falta de “dinheiro” facilita a entreajuda e união familiar assente em laços afetivos (na ausência de dinheiro verifica-se o desinteresse em termos materiais).

A resolução de conflitos e perdas ocorre no sentido da aceitação e/ou resolução, influenciada por: “casa” que revela a aceitação das poucas visitas dos filhos, pois compreendem que *têm a sua vida*. A aceitação tem sido descrita como um processo facilitador da integridade familiar (Sousa et al., 2009): a aceitação de si e o bem-estar facilitam a compreensão e aceitação do outro. A “pensão” é baixa e não garante qualidade de vida, mas o dinheiro (um símbolo de segurança e poder, com impacto no sistema individual de valores) pode causar conflitos nas famílias, o que é impossível nestes casos de pobreza (Gottman & Silver, 2001).

A criação de sentido e legado ocorre em termos de satisfação com o legado e sua transmissão, revelando formas diferenciadas de valorização do legado de princípios: a “casa” representa um legado material e simbólico (resultou de trabalho honesto); o “trabalho” (sentido comum aos participantes em desconexão/alienação) constitui um legado de princípios que coloca os descendentes num caminho de honestidade; a falta de “dinheiro” obriga à poupança e criatividade para conseguir poupar ainda mais, o que permite descobrir ou potenciar competências; a “pensão” surge com um sentido comum aos participantes em desconexão/alienação familiar, revelando que sendo escassa, contribui para que a união familiar ocorra pelo afeto e não pelo interesse; a palavra “comer” indica que oferecer comida aos descendentes é uma forma de ajuda e convívio, o que constitui um legado material (ajuda financeira) e simbólico (tradição de convívio familiar). Ao transmitir o legado (mesmo através da comida), estes participantes notificam valores e significados relacionais e emocionais que contribuem para o processo de revisão e criação da história de vida (e.g. Butler, 1963).

Significados e valores em pessoas pobres: percurso de desconexão/alienação familiar

A desconexão/alienação familiar associa-se a ser “pobre”, indicando que estes participantes viveram ao longo da vida com sentimentos de desvalorização e inferioridade por serem pobres. Shapiro (2007) afirma que o (pouco) dinheiro pode provocar sensações de ansiedade, pois está ligado a sentimentos de insucesso, incompetência, insegurança e não-aceitação social. Estes participantes sentem-se inferiores pelo que não alcançaram na vida, que se consubstancia na ausência de um legado material. Ou seja, o sentimento de inferioridade parece impedir a valorização de transmissões simbólicas.

A integridade global ocorre no sentido da insatisfação com a vida individual e familiar, mais centrada no presente e passado: a “casa” é o local onde experienciam falta de autonomia (não estão nas suas casas devido a dependência física e/ou económica e/ou sentem-se um *fardo* para os outros). Ao deixar as suas casas parecem perder parte da sua identidade social e histórica, o que contribui para o mal-estar subjetivo e desespero interior (Paúl, 2005). Os participantes também vivenciam solidão (atribuída às raras visitas dos familiares). O “trabalho” é lembrado com nostalgia e tristeza pois evoca a dependência que os obrigou a deixar de trabalhar; e o trabalho dos filhos impede-os de fazerem mais visitas. O trabalho pode ser um entrave ao convívio familiar desejado, cabendo às famílias debaterem a situação, o que não ocorre com estes participantes que mantêm conflitos não resolvidos e/ou aceites (Robinson e Godbey, 1999). As baixas “pensões” contribuem para sentimentos de insegurança e dependência; a palavra “comer” é usada para revelar que gostavam de ter refeições em família, o que não acontece e conduz à tristeza; o tempo de convívio em família durante as refeições familiares é um momento para a troca de informação e manutenção da identidade familiar (Burton, 2005).

A transformação das relações familiares emerge no sentido da descontinuidade, influenciada por: a “casa” é o local onde vivem a inexistência de visitas familiares, indicadores de distância afetiva; o “trabalho” revela a necessidade de continuar a trabalhar, para evitar pedir ajuda e/ou “dinheiro”; a “pensão” é escassa e existe a percepção de que os familiares com posses não ajudam, traduzindo-se em sentimentos de tristeza e desesperança na união familiar; o “comer” (dar de comer ou momento da refeição) seria uma forma de proximidade, mas tal não acontece pela distância afetiva que existe; para estes participantes ser “pobre” contribui para que alguns elementos da família se afastem, o que os faz sentir inferiores e desvalorizados.

A resolução de conflitos e perdas ocorre no sentido da não-aceitação e/ou resolução, influenciada pelos seguintes significados que traduzem valores: a “casa” é o local de visitas, no entanto garantem que só recebem visitas de familiares interessados na herança (mesmo que pouca); se não os visitam é porque nada têm para deixar. Isto é, os valores de legado enaltecidos por estes participantes em desconexão/alienação são essencialmente materiais. O “trabalho” durante anos foi fonte de alguns conflitos, considerando que ser “pobre” impede que alguns conflitos se resolvam, pois nada têm para dar (indica que sentem que a aproximação se faz com interesses materiais). A privação económica aumenta o risco de *stress* emocional potenciando o conflito familiar, ao diminuir os níveis de bem-estar subjetivo (Vandsburger, Harrigan & Biggerstaff, 2008).

A criação de sentido e legado ocorre em dois sentidos: satisfação e insatisfação com a transmissão do legado. A satisfação associa-se ao valor do “trabalho” como um legado que garante uma vida honesta aos descendentes e ao significado de “pensão” que sendo baixa garante visitas familiares por afeto (apesar de “pobres” deram educação e/ou profissão aos filhos). A insatisfação incorpora: a “casa” como lugar onde não ocorrem visitas, porque nada têm de material para deixar e porque não transmitiram bons valores aos descendentes; a ausência de “dinheiro” implica que não tenham bens materiais para deixar aos filhos, fazendo-os sentirem-se inúteis; o “comer” emerge pois consideram que os filhos não se interessam se têm ou não o que comer, mostrando que não transmitiram o legado de princípios que gostariam.

4.6 Conclusão

A construção e reconstrução da identidade são processos que decorrem ao longo da vida, sendo o seu desenvolvimento *via* criação de história de vida, uma das principais tarefas psicossociais da vida adulta (Erikson, 1950; MacAdams, 1999). Os valores atribuídos a acontecimentos, eventos e/ou coisas diferem mediante o significado: os significados e valores atribuídos a ser pobre (palavra com significados distintos consoante o percurso de integridade ou desconexão/alienação familiar) parecem influenciar a re/interpretação da identidade ao longo da vida. A integridade familiar ocorre quando ser pobre é encarado pelas conquistas; a desconexão/alienação familiar emerge quando ser pobre incorpora sentimentos de desvalorização e inferioridade. A capacidade para identificar um legado de princípios no fim da vida parece influenciar a evolução para cada um desses caminhos: a

integridade familiar associa-se à valorização do legado simbólico ou de princípios (trabalho, união e entreajuda familiar); a desconexão/alienação liga-se à valorização do legado material e à negligência da importância do legado de princípios. A transmissão da herança material representa um dos contextos (emocional e relacional) para revisão de vida: facilita a consolidação da integridade familiar (representa uma oportunidade de proximidade possibilitando a sensação de continuidade); ou fomenta a desconexão/alienação familiar (afastamento e descontinuidade no seio familiar por parte da pessoa idosa) no processo emocional de transição, no fim da vida (Patrão & Sousa, 2009).

4.7 Bibliografia

Amaro, F. (1990). Escala de Graffar adaptada. In A. Costa (1996), *Currículos Funcionais*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.

Barrientos, A., M. Gorman, and A. Heslop (2003). "Old age poverty in developing countries contributions and dependence in later life", *World Development*, 31 (3), 555-570.

Battersby, J. L. (2006). Narrativity, Self, and Self-Representation. *Narrativity and Identity*, 14 (1), 27-44.

Brown, B.A. (2005). The incorporation of poverty into adult identity over time: implications for adult education. *International Journal of Lifelong Education*, 24 (5), 393-404.

Butler, R. N. (1963). Life-review: An interpretation of reminiscence in aged. *Psychiatry*, 26(1), 65-76.

Butler, R. N. (2002). *Age, death and Life Review*. In K. Doka *Living with Grief: Loss in later life*. Washington, Dc: Hospice Foundation of America.

Decesaro, M.N. (2007). *Dinâmica das relações familiares: compreendendo o convívio com familiar dependente de cuidados físicos*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação enfermagem fundamental no departamento enfermagem geral e especializada da escola de enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil.

Enriquez, E.(1999). Perda do Trabalho, Perda da Identidade. *Cadernos de Escola do Legislativo*. Belo Horizonte, 5(9), 53-73.

Elder, G. (1974). *Children of the Great Depression: Social change in life experience*. Chicago II: University of Chicago Press.

Erickson E. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.

Erikson, E. H. (1998). *The life cycle completed. Extended version with new chapters on the ninth stage by Joan M. Erikson*. New York: Norton.

- Gallian, D., M. (2007). A desumanização do comer. *Estudos Avançados*, 21 (60), 179-184.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self-Narratives. The construction of meaning in psychotherapy*. New York: The Guilford Press, 19-20.
- Jorge, M. (2007). *A Organização Narrativa em Crianças com DHDA: Estudo Exploratório sobre o Impacto da Medicação Psico-estimulante na Matriz Narrativa*. Dissertação de candidatura ao grau de Mestre em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- King, D., & Wynne, L. (2004). The emergence of Family Integrity in later Life. *Family Process*, 43(1), 7-20.
- Leão, M. A. B. G. (2005). *Oficina de Revisão de vida e bem-estar subjetivo em mulheres idosas: um estudo sobre o método de intervenção psicológica*. Tese de doutoramento apresentada à faculdade de ciências médicas da Universidade Estadual de Campinas.
- Lecturer, N.W. (2009). Social Exclusion, Social Identity and Social Work: Analysing Social Exclusion from a Material Discursive Perspective. *Social Work Education*. 28(3), 237 — 252.
- Leonardo, M. (2009). Antropologia da Alimentação. *Antropos: Revista de Antropologia*, 3(2), 1-6.
- McAdams, D. (1999) “Personal Narratives and the Life Story,” Pervin, L. & John, O. (Eds.) *Handbook of Personality: Theory and Research* (2nd ed) New York: Guilford Press.
- Marques F., & Sousa, L. (2012). Integridade familiar: especificidades em idosos pobres. *Paúdeia (Ribeirão Preto)*. 22(52), 207-216.
- Minuchin, S., (1998). Onde está a família na terapia narrativa da família? *Jornal da terapia marital e da família*, 24 (4), 397-403.
- Morris, C. W. (1956). *Varieties of human value*. Chicago: University of Chicago Press.
- Norris-Becker, C. (1998). The evolving concept of behaviour settings: implications for housing older adults. In R. Scheidt & P. Windley, P. (Eds.). *Environment and aging Theory, A Focus on housing*, (pp. 141- 160). Westport, Greenwood Press.
- Ochs, E., Capps, L. (1996). Narrating the Self. *Annual Review Anthropological*, 25, 19–43.

O'Hanlon & Weiner-Davis, (2003). *In Search of Solutions: A New Direction in Psychotherapy*. Revised Edition. W W Norton & Co Inc.

Paúl, C. (2005). Envelhecimento e Ambiente, In L. Soczka. (Ed.) *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental* (pp.247-268). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Paúl, C. (1996). *Psicologia dos idosos: o envelhecimento em meios urbanos*. Braga: SHO

Paúl, C. (1997). *Lá para o fim da vida Idosos, Família e Meio Ambiente*. Coimbra, Almedina.

Patrão M., & Sousa, L. (2009). Material Inheritance: Constructing Family Integrity in Later Life. In L. Sousa (Ed.), *Families in Later Life* (pp. 49-74). New York: Nova Science Publishers.

Pennebaker, J.W., Mehl, M. R., Niederhoffer, K.G. (2003). Psychological aspects of Natural Language Use: Our Words, Our Selves. *Annu.Rev. Psychology*, 54, 547-77.

Raitzz, C; Denardi, C; Dirkein, E; Haro, (1999). Significado do trabalho. Sanare: *Revista Técnica de Sanepar 11*(11) Julho a Dezembro.

Robinson, J. P., and G. Godbey (1999). Time for life: the surprising ways Americans use their time," Pennsylvania State University Press.

Blieszner, R., & Bedford, H., (1995). *Handbook of Aging and the family* Lillian E. Troll (Eds.). Greenwood press. Westport, Connecticut. London.

Ross, D., & Roberts, O. (1999). *Income and Child Well-being: a new perspective on poverty debate* (Toronto Canadian Council on Social Development).

Rubinstein, R. (1989). The home environments of older people: a description of the psychological processes linking person to place. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 44(2), 45-53.

Shapiro, M. (2007). Money: A Therapeutic Tool for Couples Therapy. *Family Process*, 46, 279–291.

Sinatra, R. (2008). Creating a culture of vocabulary acquisition for children living in poverty. *Journal of Children and Poverty*, 14 (2), 173-192.

Sousa, L., Silva, A., Marques, F., & Santos, L. (2009). Constructing family integrity in later life. In L. Sousa (Ed.), *Families in Later Life* (pp. 163-184). New York: Nova Science Publishers.

Strauss A., Corbin J. (2008). *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (2ª ed.), Porto Alegre, Artmed.

Tausczik1, Y. R., & Pennebaker, J. W. (2010). The Psychological Meaning of Words: LIWC and Computerized Text Analysis Methods. *Journal of Language and Social Psychology*, 29(1), 24–54.

Vandsburger, E., Harrigan, M., & Biggerstaff, M. (2008). In spite of it all, we make it: Themes of stress and resiliency as told by women in families living in poverty. *Journal of Family Social Work*, 11, 17–35.

Viana, N. (2007). *Os valores na sociedade moderna*. Thesaurus Editora, Brasília.

Viegas, S. M., & Gomes, C. (2007). *Identidade na velhice*. Coleção Idade do saber. Ambar editora.

Virkler, H. (2000). *The Role of Values in Counselling and Psychotherapy*. New York: W.W. Norton.

Wahl, H-W. (2001). Environmental Influences on aging and behaviour. In *Handbook of The Psychology of Aging* (pp.215-237). San Diego; Academic Press.

5. Trajetórias de vida de idosos ex-emigrantes Portugueses: a construção da integridade familiar⁷

Filipa D. Marques*¹ e Liliana Sousa¹

¹Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

*E.mail: filipa.marques@ua.pt

Resumo

A construção da integridade familiar é um desafio normativo no desenvolvimento dos idosos, influenciado por fatores individuais, familiares e sociais. Emigrar é uma opção que envolve stress e enfrentamento de diferenças entre cultura de origem e de acolhimento. Este estudo exploratório analisa as trajetórias de emigração de pessoas, agora idosas, que emigraram e retornaram ao país de origem (Portugal): ex-emigrantes Portugueses. Procura-se compreender como acontecimentos da vida associados à emigração influenciam a construção do sentimento de integridade familiar versus desconexão e alienação. Na recolha de dados utilizou-se a linha de acontecimentos de vida (Acquaviva et al., 2007) adaptada à emigração e entrevista semiestruturada de construção da integridade familiar (King e Wynne, 2004). A amostra envolve 20 ex-emigrantes Portugueses com idade entre 70 e 94 anos. Os resultados sugerem que: i) a integridade familiar ocorre em pessoas idosas que desenvolvem uma atitude ativa e solidária, e cujo processo de emigração se desenrolou em família; ii) a desconexão familiar ocorre em idosos com uma atitude passiva, cujo processo de emigração envolveu conflitos familiares não aceites nem resolvidos; iii) a alienação familiar envolve idosos com uma atitude ativa mas solitária, cuja trajetória emigratória decorre sem ligação familiar. Estes resultados apelam para um apoio comunitário, familiar e/ou individual aos emigrantes e suas famílias que deve decorrer ao longo do tempo para promover a construção de um envelhecimento bem sucedido.

Palavras-chave: integridade familiar; emigração; famílias envelhecidas, pessoas idosas.

⁷ Artigo publicado em “Revista Kairós Gerontologia”

(Marques, F.D., Sousa, L. (2011). Trajetórias de vida de idosos ex-emigrantes Portugueses: a construção da integridade familiar. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(4), 03-24. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil, setembro).

Abstract

The construction of family integrity is a normative and development challenge for the elders, influenced by individual, family and social factors. Emigration is an option that involves stress and coping differences between origin and host culture. This exploratory study examines the trajectories of emigration of people, now elderly, who emigrated and returned to the country of origin (Portugal): former Portuguese emigrants. The aim of this study is to understand how life events associated with emigration influence the construction of the family integrity *versus* disconnection and alienation. Data collection used the line of life events (Acquaviva et al., 2007) adapted to emigration and semistructured interview of construction of family integrity (King and Wynne, 2004). The sample involved 20 former Portuguese emigrants aged between 70 and 94 years. The results suggest that: i) family integrity occurs in older people who develop an active attitude and solidarity, and whose emigration process unfolded in the family, ii) family disconnection occurs in the elderly with a passive attitude, whose emigration process involved family conflicts that were not accepted neither solved iii) family alienation involves elderly with an active but lonely attitude, whose trajectory emigration stems without family connection. These results call for community, family and / or individual support to emigrants and their families, to promote the successful aging.

Keywords: family integrity; emigration; aging families, elderly

5.1. Introdução

King e Wynne (2004) baseados na noção de integridade do ego de Erikson (1950) apresentam o conceito de “integridade familiar”, como um desafio desenvolvimental normativo para os idosos, influenciado por fatores do sistema familiar. O processo de construção da integridade do ego inicia-se em estádios prévios dos ciclos de desenvolvimento individual, mas ganha ascendência e só pode ser concluído na velhice que constitui um período de “grande generatividade” (Erikson & Kivnick, 1986). O idoso assume o papel de “guardião de significados” (integrando as tradições do passado e providenciando ligações familiares e sociais vitais entre passado, presente e futuro), para dar sentido à vida e construir o sentimento de integridade do ego (por oposição ao desespero) aceitando perdas e preparando a morte (Vailland, 2002 cit *in* Sousa *et al.*, 2009).

O processo a nível familiar pode evoluir em três sentidos (King & Wynne, 2004; Sousa *et al.* 2009): i) *integridade familiar* que constitui o resultado positivo, envolvendo o sentido de conexão e continuidade na família multigeracional, vivenciado pela pessoa idosa como uma profunda sensação de paz e/ou satisfação com o presente, passado e futuro das relações familiares; ii) *desconexão familiar* descreve situações em que o contacto familiar é raro, pautado pela ausência de comunicação significativa, resultando num sentimento de isolamento e desligamento familiar; iii) *alienação familiar* que se refere a ausência de valores comuns, crenças e identidade familiar, traduzindo-se num sentimento de alheamento familiar.

A construção deste processo envolve diferentes níveis (King & Wynne, 2004): i) individual, baseado na experiência do idoso de satisfação ou insatisfação com o contexto familiar; ii) familiar, centrado nas competências familiares que ajudam a criar o sentido de pertença e ligação; iii) social, envolvendo a transmissão de valores e rituais com impacto nos outros níveis. Considerando estas influências, King e Wynne (2004) e Sousa *et al.* (2009) sugerem a importância estudar da integridade familiar em diversos contextos culturais e sociais. Por exemplo, Marques e Sousa (2012) verificaram que a pobreza ao longo da vida envolve fatores que facilitam a desconexão ou alienação familiar em pessoas idosas. Torna-se pertinente estudar estes processos noutros contextos sociais e culturais, sendo que a emigração é pertinente, principalmente por envolver viver entre duas culturas e exigir o afastamento geográfico da família. Este estudo analisa o processo de construção

da integridade familiar em pessoas (agora idosas) ex-emigrantes que regressaram a Portugal, analisando as suas trajetórias de vida.

Construção da integridade *versus* desconexão e alienação familiar⁸

A capacidade das pessoas idosas alcançarem a integridade familiar é influenciada por três competências do sistema familiar: transformação das relações familiares; resolução ou aceitação de perdas e/ou conflitos; criação de sentido e legado.

Transformação das relações familiares

A construção da integridade familiar envolve o desenvolvimento do sentido de: i) *mutualidade*, i.e. manter compromisso de longo termo com as relações familiares e reinventá-las face às transições do ciclo de vida; ii) *maturidade filial*, i.e. os filhos adultos desenvolvem-se ao cuidar e ajudar os pais idosos, enquanto estes de modo recíproco se desenvolvem pela capacidade de aceitar essa ajuda. Neste contexto, as relações familiares evoluem com continuidade e maturidade. Esta transformação depende da capacidade familiar de renegociar hierarquias intergeracionais de poder e estabelecer relações adulto-adulto entre pais idosos e filhos adultos. A desconexão e alienação familiar caracterizam-se pela ausência de mutualidade e de maturidade filial: na desconexão familiar o idoso apoia os filhos e quer receber apoio, mas não pede porque o orgulho não o permite e porque lhe cria sentimentos de inferioridade; na alienação familiar a ausência de identidade familiar dificulta o pedido de ajuda aos familiares, mesmo em circunstâncias de necessidade. Nestas duas últimas situações os membros da família fixam-se em antigos papéis e padrões de relação, agora desadequados, por isso as relações estagnam provocando conflitos e rupturas, levando à descontinuidade, fragilização dos laços e menor compromisso (Marques e Sousa, 2012).

Resolução/aceitação de conflitos e perdas

A construção da integridade familiar implica que o idoso aceite ou resolva conflitos do passado e presente com membros da sua família, desenvolva sentido de “tarefa acabada” e não sinta remorsos/ressentimentos (i.e., sinta bem-estar com os familiares). As pessoas idosas no caminho da integridade referem acontecimentos (passados e/ou presentes) desagradáveis, mas descrevem-nos como irrelevantes (“pequenas coisas” ou

⁸ Secção baseada em Sousa et al. (2009) e King e Wynne (2004).

“acontecimentos sem importância”). O percurso de desconexão caracteriza-se pela falta de iniciativa de resolução de problemas e evitamento da confrontação, os idosos revelam sentimentos de “tarefa inacabada” com membros da família (há assuntos pendentes), não aceitam os conflitos (sentem-se ansiosos com conflitos presentes e/ou passados) e sentem ressentimentos (culpa e remorsos por erros do passado e um desejo de mudar esses comportamentos). A alienação caracteriza-se pela negação de problemas e falta de integração das experiências passadas, por isso tudo está resolvido e não há ressentimentos, mas apenas desligamento.

Criação de sentido e legado

A integridade familiar envolve a incorporação congruente das histórias de vida, que permite aos idosos manter o sentido de lugar significativo numa família multigeracional unida, em geral através de: relato de histórias familiares, partilha de interesses e valores e envolvimento em atividades e rituais familiares. Este processo também beneficia as gerações mais novas, pois herdam um legado familiar que os ajudará no processo de envelhecimento. Os idosos neste trajeto demonstram satisfação com o legado, sentem que cumpriram o “seu dever” ao contribuir para as gerações futuras, sabem que são respeitados e têm um lugar significativo na vida da sua família. Na desconexão familiar o idoso sente-se insatisfeito com o legado (frustrado e desvalorizado porque o legado não é recebido, desejado e/ou valorizado) e considera ter um lugar pouco respeitado e sem significado na sua família. Na alienação familiar, a insatisfação caracteriza-se pelo sentimento de ausência de alguém a quem passar o legado, como não há proximidade afetiva, a falta de identidade familiar não permite que ocorra a transmissão do legado; estes idosos não sentem ter um lugar respeitado e significativo na família, porque não existe sentimento de pertença familiar.

Trajetórias de emigração

A *migração* é o movimento da população de uma área geográfica para outra (Nivalainen, 2004), sendo um termo usado para designar fluxos de população: i) *emigração*, ou seja, deixar o local de residência (com caráter permanente ou temporário) para se estabelecer noutra região ou nação; ii) *imigração* que designa o movimento de entrada noutro país, com caráter permanente ou temporário, com intenção de trabalho e/ou residência.

A emigração é um fenómeno social de relevância mundial, pois cada vez mais existem pessoas a circular entre países, devido à facilidade e acessibilidade de transportes e à

globalização económica e social. Trata-se de uma transição stressante de longa duração, em que o critério socioeconómico (atingir melhores condições de vida) tende a regular a emigração familiar, num determinado contexto histórico, geográfico, social e cultural (Sluzki, 1992 cit in Carter e McGoldrick, 2004).

Este estudo centra o processo de emigração, especificamente de Portugueses agora idosos que emigraram para outros países e regressaram ao país de origem. A emigração constitui um desafio para os indivíduos e suas famílias, que enfrentam conflitos de normas entre a cultura de origem e de acolhimento, fortemente associado a aspetos de identidade (Hernandez & McGoldrick, 2004). Os emigrantes assumem quase uma *dupla identidade*: não esquecem a terra natal, génese de identidade, mas escolhem o país de acolhimento para atingir a vida desejada, o que mesmo sem intenção tem implicação na identidade das gerações vindouras.

Processo de emigração

A emigração tem sido estudada e compreendida através da dinâmica de aculturação, que se define como um processo individual e familiar, influenciado pelo contexto social, económico, político e cultural do país de acolhimento, envolvendo uma dupla cultura (Berry, 2003). Trata-se de um processo de aprendizagem (Inclan, 1985, cit in Cárter e McGoldrick, 2004) que resulta do contacto continuado com outra(s) cultura(s), resultando na alteração da cultura de origem: o emigrante passa a pertencer a duas culturas. O processo de emigração tem sido descrito pelas seguintes fases (Canada Council for Refugees, 1998; Souza, 1997): decisão (ainda no país de origem), chegada e adaptação, integração e decisão de retorno.

Decisão

Emigrar é uma decisão (quem, para onde, por quanto tempo) quase sempre familiar, em geral determinada por aspetos económicos (melhorar a qualidade de vida). Envolve fatores sociais (por exemplo, procurar um local onde o papel da mulher no mercado de trabalho não seja restrito) e culturais (e.g. evitar culturas com atitudes e comportamentos racistas ou xenófobos prevalentes) (Arjan, 1997; Nivalainen, 2004; Morrison e James, 2009; Falicov, 2007).

Algumas etapas do ciclo de vida familiar são mais favoráveis à mobilidade geográfica, designadamente (Grundy, 1992): formação do jovem casal e família com filhos pequenos. Por isso, Nivalainen (2004) refere a correlação negativa entre ciclo de vida familiar e

emigração: à medida que se avança no ciclo de vida familiar a probabilidade de emigrar diminui. A emigração é impulsionada por diversos fatores (Arjan, 1977): idades mais jovens, acumulação de competências profissionais (tais como, reciclagem de conhecimento laboral, evolução na carreira), níveis educacionais mais baixos, experiência do desemprego e história familiar de migração (tendência para privilegiar países de acolhimento inscritos na vida familiar). É comuns os homens partirem primeiro, para assegurar casa e trabalho, e pouco tempo depois ir a mulher e os filhos (Toro-Morn, 1995). Com frequência, escolhem-se países onde vivam amigos e/ou familiares que ajudem/assegurem empregos e casa. Os movimentos migratórios são aliciados por similaridade entre país de origem e de acolhimento, oportunidades de emprego, estrutura económica do país, condições de trabalho e clima no país de acolhimento (Greenwood, 1985). A emigração de longa distância é desencorajada principalmente quando as relações familiares são fortes e coesas e existem circunstâncias familiares que inibem a distância (e.g. filhos na escola). Algumas famílias veem o ato de emigrar como algo definitivo, isto é, um rompimento com o país de origem; mas a maioria experiencia a emigração como uma deslocação temporária, mantendo casas nos dois países, com o intuito de regressar (Hernandez & McGoldrick, 2004).

Adaptação

A adaptação é o período de ajustamento que envolve a chegada e adaptação. Nesta altura é importante encontrar estabilidade, que envolve principalmente arranjar casa, encontrar trabalho e aprender a língua (Souza, 2007; Fletcher, 1999). Também é relevante: estabelecer novas relações sociais (trabalho, amigos e instituições, como igrejas, escolas e serviço de saúde) e estabelecer regras de interação com a família no país de origem (Carter e McGoldrick, 2004). Em geral, a chegada ao país de acolhimento implica diminuição das redes sociais e centração no contexto familiar, contudo relações e suporte social são fatores-chave para uma adaptação bem sucedida, pois facilitam a gestão da vida diária, conseguir um emprego e adaptar-se à língua (Souza, 2007).

Algumas famílias emigrantes podem *enterrar* o passado (país de origem) sob a pressão da acomodação à nova cultura, *libertando-se* da dor de lembrar aqueles que deixaram (Carter e McGoldrick, 2004). Contudo, o mais comum é a manutenção dos laços com a cultura de origem, fortalecendo o sentido de continuidade da identidade e ampliando o potencial para lidar com o processo de emigração (Carter e McGoldrick, 2004). Os emigrantes usam diversos laços culturais e recursos para manter a noção de pátria (Morisson e James, 2009;

Roscoe, 1999): i) rituais quotidianos (manter a celebração de dias festivos do país de origem ou apoiar a equipa de futebol); ii) falar a língua materna em casa; iii) manter uma alimentação com pratos do país de origem. Assim, mantêm-se costumes e coesão ao longo de gerações (continuidade geracional) e fortalecem o sentido de raízes e identidade situadas no país de origem. Construir esta continuidade é relevante, pois os emigrantes vivem entre *duas culturas* procurando criar laços e identificação com ambas. O emigrante passa a possuir mais do que um lugar de pertença, e pretende manter o contacto e os hábitos com o país de origem.

Integração

A integração é um processo longo através do qual os emigrantes se tornam participantes na sociedade de acolhimento, exigindo que se tornem independentes e ativos a nível social, cívico e cultural, implicando a aquisição de atitudes e habilidades sociais e relacionais (Souza, 2007). Para que a integração ocorra com sucesso deve ser encarada com: i) propósito de uma meta a atingir (melhoria das condições económicas); ii) processo que requer tempo e pode alargar-se a outras gerações; iii) processo não linear que ocorre de diferente modo para as diferentes áreas de vida (social, económica, cultural e político; por exemplo, pode estar bem integrado a nível profissional, mas não noutras áreas de vida) (Souza, 2007). Envolve a reconstrução e reestruturação de *laços* entre a cultura de origem e a nova cultura de acolhimento. A integração envolve manter a relação com a família residente no país de origem, que pode organizar-se de diversos modos (Carter e McGoldrick, 2004; Arjan, 1997; Smith, 1999; Morrison e James, 2009): i) enviar algum dinheiro para assegurar a estabilidade financeira da família; ii) realizar visitas à terra nos meses de férias do país de acolhimento (forma de aliviar a saudade); iii) manter contacto por carta ou outros meios de comunicação (e.g. telefone).

Recuperar a continuidade com a cultura de origem enriquece o sentido de continuidade de identidade e amplia o potencial do emigrante para lidar com o processo de emigração (Carter e McGoldrick, 2004).

Regresso

A maioria dos emigrantes parte com o objetivo de regressar logo que melhorem a situação económica familiar (Morrison e James, 2009). Mas algumas não regressam, por diversas razões: já não se identificam com o país de origem, não têm familiares no país de origem e/ou os filhos optam por ficar no país de acolhimento. Outras famílias fazem opções

intermédias: passar algum tempo por ano no país de origem e o restante no país de acolhimento.

Neste estudo centramo-nos nas pessoas que regressam. O regresso desejado durante anos, aliás definido no momento de decisão, envolve também adaptações complexas. A pessoa sai do seu país de origem num determinado momento de desenvolvimento individual e familiar e num contexto político, social, cultural e económico. Entretanto adapta-se e integra-se num país de acolhimento e aí vive um processo de desenvolvimento (individual e familiar), contextualizado na evolução do país e cultura de acolhimento. Quando regressam não são *os mesmos* que partiram, a sua família evoluiu e a comunidade e país também. Ou seja, o regresso exige um novo processo de adaptação e integração ao país de origem e uma despedida (ou afastamento) de amigos e costumes no país de acolhimento. A trajetória *de ida e volta* parece envolver movimentos identitários complexos: i) duplo sentimento de pertença, ao país de origem onde está a identidade mais forte e afetiva e ao país de acolhimento que lhes deu uma *nova vida* (por exemplo, onde os filhos nasceram e ganharam dinheiro) e que será (em muitos casos) o país de origem dos filhos e netos; ii) duplo sentimento de perda, pois quando emigram perdem as *origens* (casa, amigos, família) e quando regressam perdem a vida de anos no país de acolhimento. É um momento desejado, mas pautado por ambivalência de sentimentos (querer voltar e ficar) e pelo desafio de uma nova adaptação e integração. Por isso, trazem consigo alguns costumes dos países de acolhimento e continuam a usar alguns termos de lá. A emigração confronta os emigrantes com um processo de construção da identidade influenciado por duas (ou mais) culturas e pela aprendizagem do desprendimento, adaptação e integração constantes.

5.2 Objetivos

Este estudo analisa as trajetórias de vida de pessoas idosas ex-emigrantes Portugueses, para compreender a influência na construção do sentimento de integridade familiar versus desconexão e alienação. Responde aos desafios de King e Wynne (2004) e Sousa et al. (2009) que salientam o impacto de fatores sociais e culturais no processo de construção da integridade familiar. Os resultados são importantes ao nível da intervenção individual, familiar e comunitária, permitindo contemplar a emigração, especialmente relevante em Portugal, um país com muitos fluxos emigratórios.

Contexto da emigração portuguesa

Portugal tem tradição como país de emigração, uma constante na história Portuguesa associada a três fatores (Almeida e Barreto, 2005): i) geográfico, Portugal localiza-se no extremo ocidental da Europa, onde os horizontes marítimos das costas estimulam o desejo de explorar o mundo; ii) tradição secular, pois a emigração iniciou-se no século XV e nunca mais parou; os portugueses têm sempre um familiar ou amigo que emigrou e pode ajudar na prossecução desta trajetória; iii) abertura de horizontes, Portugal tem fronteira terrestre com Espanha e marítima com o Oceano Atlântico, gerando algum isolamento cultural; *as coisas chegam aqui com muito atraso* é um lamento repetido ao longo dos tempos que estimula a partida.

Os atuais idosos regressados de emigração partiram nos anos 1940/50, período em que diversos fatores provocaram uma grande vaga migratória (Morrison & James, 2009): i) políticos, o regime autoritário e repressivo da Ditadura Salazarista traziam medo de perda liberdade às populações; ii) sociais, necessidade de mão de obra estrangeira na Europa, após a II Guerra Mundial, para reconstrução (às perdas humanas aliaram-se as materiais, incluindo vias de comunicação e indústrias); iii) económicos, pois Portugal era na altura um país muito empobrecido. Emigrar continua a ser uma "atividade" na dinâmica dos portugueses, pelo que os resultados deste estudo poderão ser relevantes também para futuras populações idosas. Contudo, agora a população portuguesa emigra para trabalhar, estudar e/ou pela mudança do estilo de vida, mas também pela sobrevivência económica.

5.3 Metodologia

Procedimentos

Os participantes foram identificados através de três instituições comunitárias. Foi solicitada autorização às direções para realizar o estudo, pedindo-se também a designação de profissional para mediar o contacto entre investigadores e potenciais participantes. Após obtida a autorização dessas instituições, os profissionais (2 técnicas de serviço social e 1 psicóloga) foram contactados pela primeira autora que explicou o objetivo do estudo e os critérios de inclusão: ter mais de 64 anos; apresentar um discurso coerente; estar orientado no espaço e no tempo; ter sido emigrante em algum momento da sua vida e estar agora a viver em Portugal. Foi explicado que a amostra envolveria 20 participantes, 10 homens e 10 mulheres (estudos prévios (Marques e Sousa, 2012) colocam a saturação dos dados nos 10 participantes (não surgem nos dados novas propriedades e dimensões, e a análise responde por grande parte da possível variabilidade (Strauss & Corbin, 2008)), e incluiria

peças nos três percursos associados à integridade familiar: integridade, desconexão e alienação. Para permitir esta organização pediu-se aos profissionais que preenchessem um questionário e identificassem pessoas idosas que conhecessem e com quem tivessem contacto regular (mantendo o anonimato). O questionário envolvia os seguintes dados: i) dados sócio-demográficos (género, idade, composição do agregado familiar, estado civil e habilitações literárias); ii) juízo sobre a orientação (*Esta pessoa apresenta um discurso coerente? Está orientada no espaço e tempo?*); iii) indicador do processo de integridade familiar (*checklist*); iv) situação funcional (índice de Barthel).

A *checklist* constitui um indicador de construção da integridade familiar construída com base em estudos prévios (Sousa *et al.*, 2009; King & Wynne, 2004), tendo demonstrado boa fiabilidade (Marques & Sousa, 2012); compreende 5 questões: 1. *Esta pessoa tem um discurso centrado no passado?* 2. *Repete com frequência uma história ou acontecimento, aparentemente pouco importante?* 3. *Tem tendência para ser arrogante e/ou desvalorizar os outros?* 4. *Atribui a culpa por conflitos a outros?* 5. *É aborrecido/a?* Cada questão é pontuada com 1 (sim) ou 0 (não): pontuações mais baixas sugerem integridade familiar. A *checklist* foi usada como guia de identificação dos participantes, sendo a classificação concluída após a análise das entrevistas.

Os profissionais preencheram os questionários e disponibilizaram a informação (anónima) aos investigadores que seleccionaram os potenciais participantes de forma a assegurar os critérios de inclusão e composição da amostra. Em seguida os investigadores informaram os profissionais sobre os participantes que gostariam de contactar. O profissional contactou o potencial participante, explicou os objetivos do estudo, a colaboração pretendida e solicitou permissão para o contacto do investigador. Todos aceitaram participar. A primeira autora contactou-os e marcou um encontro onde detalhou os objetivos, metodologia, conteúdos da entrevista e garantias de confidencialidade e anonimato. Todos os idosos concordaram em participar, e depois de assinarem o consentimento livre e informado procedeu-se a recolha de dados, que decorreu nas instituições (centro de dia) e habitações dos participantes (que utilizam o serviço de apoio domiciliário). O número de 20 inquiridos mostrou ser adequado, pois nessa altura registou-se saturação de dados.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados envolvem: o desenho da linha de acontecimentos de vida (baseado em Acquaviva *et al.*, 2007) (anexo 3) e uma entrevista semiestruturada (anexo 2)

de análise do processo de construção da integridade familiar (versus desconexão ou alienação) (King & Wynne, 2004; Sousa *et al.*, 2009).

A recolha dos dados inicia-se pela linha de acontecimentos de vida, permitindo ao participante lembrar a sua história de vida. Esta técnica possibilita explorar em profundidade a história dos participantes, essencial para compreender o processo epigenético inerente à construção da integridade, desconexão ou alienação familiar. Foi aplicada em entrevista aberta, sendo o respondente convidado a retrospectivar a vida e evocar acontecimentos relevantes da emigração, tais como: data de partida e regresso, motivos e processo de tomada decisão, tempo de permanência no país de acolhimento, profissão, número de filhos nascidos no país de origem e acolhimento, número de episódios de emigração.

Na entrevista de exploração do processo de construção da integridade familiar foi adicionada uma questão no final de cada domínio para compreender melhor o impacto do processo de emigração: *Há algum acontecimento ligado à emigração que pense que tenha influenciado (pela positiva ou negativa) algum destes aspetos? Como?*

Amostra

A amostra é constituída por 20 pessoas idosas (18 viúvos e 2 solteiros) que foram emigrantes, com idade compreendida entre os 70 e os 94 anos (tabela 5.1.).

Tabela 5.1 Caracterização da amostra

Participante*	Sexo	Idade	Habilitações académicas	Estado civil
Odete	Feminino	89	Escolaridade primária	Viúva
Henrique	Masculino	83	“	“
Armando	Masculino	85	Sem frequência escolar	“
Domingues	Masculino	94	Escolaridade primária	“
Isilda	Feminino	92	“	“
Jorge	Masculino	80	“	“
Berto	Masculino	83	“	“
António	Masculino	76	“	“
Glorinda	Feminino	83	“	“
Margarida	Feminino	88	“	“
Augusta	Feminino	89	“	Solteira
Emília	Feminino	84	Sem frequência escolar	Viúva
Mariana	Feminino	72	Escolaridade primária	“
Amâncio	Masculino	75	“	“
Américo	Masculino	84	Sem frequência escolar	“
Juliana	Feminino	70	Sem frequência escolar	“
Mendonça	Masculino	82	Escolaridade primária	“
Jaime	Masculino	74	“	Solteiro
Judite	Feminino	82	“	Viúva
Ana	Feminino	80	Sem frequência escolar	“

* Todos os nomes são fictícios.

Análise de dados

As entrevistas tiveram uma duração entre 30m e 66m; todas foram gravadas, transcritas e submetidas a análise de conteúdo por dois juízes independentes (as autoras). A análise decorreu em três fases: i) centrada nos acontecimentos de vida com o intuito de traçar perfis de emigração; ii) focada nos processos de construção da integridade familiar versus desconexão e alienação familiar; iii) relação entre perfis e processos de integridade familiar.

Em relação aos acontecimentos de vida, os juízes de forma independente começaram por ler todas entrevistas e estabelecer os temas emergentes potencialmente diferenciadores; reuniram-se em seguida para discutir as propostas, que eram similares e levaram à identificação dos seguintes temas: país de acolhimento; tempo de emigração; profissão; número de episódios de emigração; número de visitas a Portugal; eventos sociais marcantes (e.g. experiências de guerra, recomeço de uma *nova vida* no regresso do 25 de Abril); ambientais (e.g. diferentes contextos culturais, dificuldade de adaptação, trabalhos precários, aprendizagem de uma nova língua, novos hábitos); psicológicos (e.g. medo do desconhecido, solidão). Também acordaram em estabelecer três perfis com base na zona de localização do país de acolhimento: A – *África*; B – *Europa e EUA*; C – *América do Sul*. Em seguida a primeira autora caracterizou cada um dos perfis a partir das entrevistas.

Para a análise dos processos de construção da integridade familiar versus desconexão e alienação, os mesmos juízes independentes procederam à leitura e análise das entrevistas. Este processo desenvolveu-se da seguinte forma: i) os juízes leram as entrevistas de forma independente para classificarem os participantes em integridade, desconexão ou alienação familiar; depois reuniram-se para confrontar as classificações; verificaram discordância em 4 casos, mas após discussão chegaram a um consenso; ii) os juízes leram de forma independente as entrevistas para reconstituir em cada caso o processo de construção da integridade, desconexão ou alienação familiar; descrevendo a partir dos domínios definidos por King e Wynne (2004) e Sousa et al. (2009); iii) os juízes reuniam-se para discutir os processos em cada caso até chegarem a um consenso.

Por fim, os mesmos juízes, partindo das fases de emigração (decisão, adaptação, integração e regresso) cruzaram a informação dos perfis com o processo de construção da integridade familiar de cada participante. Depois reuniram-se até, através de um processo de sucessivo refinamento, chegarem a um consenso.

5.4 Resultados

5.4.1. Perfis

Os perfis traçados encerram similaridades e diferenças. De facto, todos os participantes revelavam insatisfação com a situação socioeconómica e emigram na busca de melhor qualidade de vida. Mas também apresentam especificidades, agrupadas por localização do país de acolhimento: A – África, engloba as migrações para ex-colónias portuguesas⁹, associadas ao processo de descolonização e forte diferença cultural; B – Europa e EUA, agrupa países de acolhimento em que a dificuldade de adaptação à língua é marcante (como França, Alemanha e Estados Unidos da América); C – América do Sul, agrupa destinos (como Brasil e Venezuela) em que a adaptação à língua está facilitada, mas em que as condições de trabalho eram especialmente duras.

África

Este perfil envolve 10 participantes (muitas vezes apelidados de modo pejorativo e mesmo discriminatório por *retornados*) que regressaram de ex-colónias portuguesas (Angola e Moçambique) em África após a independência dos territórios em 1975 (tabela 5.2.). A revolta *pela traição* do 25 de Abril que lhes *destruiu o que construíram* com sacrifício é patente no discurso destes participantes que foram *para melhorar as condições de vida* e tiveram de regressar *sem nada*.

Estas pessoas migraram para território Português, mas sentem-se e apelidam-se de emigrantes por diversas razões: i) partem para África com o objetivo de conquistar melhores condições de vida e regressar ao país de origem; ii) vivem longe da família durante anos; iii) deparam-se com uma realidade cultural muito distinta da Portuguesa; iv) continuam a sentir Portugal como a *terra natal*; v) e, ao perderem as conquistas (deixaram tudo lá), perdem a identidade com as ex-colónias. A narrativa dos participantes é explícita: *quando emigrei para África*.

Estes participantes *emigraram* por intermédio de *carta de chamada* (procedimento exigido na época) de familiares (ou amigos próximos) já emigrantes que garantiam casa e trabalho. Partiam com o objetivo de melhorar as condições de vida, quase sempre indo o homem da família à frente, que depois de reconhecer a zona e sentir estabilidade enviava *carta de chamada* para a família (esposa e filhos). Estes contornos apenas diferem em dois casos:

⁹ Pode ser discutível que se trate efetivamente de emigração, pois trata-se de Portugueses que migraram para um território Português; contudo, o sentimento destes participantes é de que foram emigrantes: partem para alcançar melhores condições de vida por grandes períodos de tempo e continuam a sentir Portugal como a terra natal.

Jorge casa por procuração quando já está emigrado; e Juliana opta por não levar o filho de 3 anos como medida de proteção, deixando-o aos cuidados da avó materna.

Os homens desempenham as seguintes profissões: funcionários do estado, militar da força aérea, comerciante; e as mulheres vão para *cuidar* da família e são domésticas. Nos países de acolhimento referem ter cooperado, designadamente ensinando algumas coisas aos autóctones e contribuindo para a economia. Relatam o impacto sentido pelo confronto de realidades distintas: *quando cheguei ainda África era mato*. Em termos das vivências destacam episódios de doenças *graves e estranhas* (como a febre amarela), facilitadas pelas frágeis condições sociais e sanitárias.

Emigraram por longos períodos (média de 20,6 anos), raramente visitavam o país de origem (média de 0,7 visitas) devido ao custo elevado da viagem. Enquanto lá estiveram viviam bem e melhoraram a condição socioeconómica; mas regressaram forçadamente devido à descolonização em 1975, quase sempre *sem nada*, tendo que recomeçar *uma nova vida* em Portugal. Para além das perdas materiais, passaram pela experiência da guerra (e.g. raptos, mortes), mas mantêm saudades de África.

B – Europa e EUA

Existem 6 participantes neste perfil que durante um período de vida estiveram emigrados na Europa (5 na França e Alemanha) e nos EUA (1) (tabela 5.2.). A similaridade neste perfil encontra-se nas dificuldades de adaptação à língua do país de acolhimento (uma língua *ruim* que os obrigou a *desenrascar*).

Estes participantes decidem emigrar para melhorar as condições de vida, escolhendo países e cidades onde têm família ou amigos que lhes assegurem acesso ao trabalho. Com exceção de Amâncio (a esposa fica a cuidar dos filhos em Portugal), e de Armando e Margarida, (que são solteiros quando emigram e vão ter com familiares (tios) que lhe asseguram trabalho), os restantes partem como um *projeto de família*: vão com a esposa (e filhos) com o objetivo de regressar ao país de origem depois de alcançadas as condições socioeconómicas desejadas. As mulheres acompanham os maridos assumindo o papel de donas de casa e desempenhando profissões na restauração e comércio (apenas a esposa de Américo é doméstica, por doença). Alguns inquiridos (4) mencionam problemas de saúde que levam a reforma por invalidez que se relacionam com o trabalho que desempenhavam: em geral, problemas músculo-esqueléticos.

Os participantes tendem a emigrar por volta dos 33 anos, ou seja, quando percebem que em Portugal a família não conseguirá alcançar um nível de vida estável. Permanecem no país de acolhimento cerca de 15 anos e visitam regularmente a família em Portugal (média 3,8 visitas). Regressam a Portugal depois de alcançado o nível de vida desejado ou na altura da reforma. Relatam uma fácil readaptação no regresso, pois têm o nível de vida pretendido, e podem retomar as antigas profissões que exerceram em Portugal ou usufruem da reforma (em alguns casos por invalidez). Mesmo optando e desejando viver em Portugal, mantêm saudades do país de acolhimento.

C – América do Sul

Neste perfil existem 3 emigrantes (tabela 5.2.). Os destinos são referidos como países de *boa gente, sem maldade; país simpático com uma língua que não era difícil*. Apesar disso todos referem que a adaptação *não foi fácil* porque trabalhavam *de dia e de noite*.

Todos emigraram por intermédio de familiares que se encontravam no país de acolhimento, com o objetivo de melhorar as condições económicas e Jaime refere também o seu espírito aventureiro. Exercem as seguintes profissões: mecânico, padeiro e estucador, referindo dificuldades de adaptação ao trabalho devido às condições precárias: trabalham cerca de 13 horas por dia com curtos intervalos para as refeições e são mal remunerados; algumas doenças resultam dessas circunstâncias (por exemplo, anemias e problemas respiratórios).

Todos emigraram sozinhos porque não tinham companhia na altura ou, no caso de Mendonça, porque a esposa ficou para cuidar da mãe idosa dependente. Emigram muito jovens, com cerca de 19 anos de idade e permanecem no país de acolhimento aproximadamente 20 anos. Nesse período, apenas Berto visitou Portugal (5 vezes). Voltaram para o país de origem por doença do próprio (Mendonça e Jaime) ou morte dos pais (Berto). Referem uma fácil readaptação porque voltaram às antigas profissões ou retomaram negócios de família. Não referem saudades do país de acolhimento.

Tabela 5.2 Perfis de emigração

Caso ¹⁰	País de emigração	Profissão do homem	Profissão da mulher	Emigra só	Anos de emigração	Número de visitas a Portugal	Ano de partida e regresso	Eventos marcantes
Perfil A – África								
1 Odete	Angola	Funcionário do estado	Comerciante	Não	15	0	1961/78	Febre-amarela; rapto guerra
2 Henrique	Moçambique	Funcionário do estado	Doméstica	Sim	29	1	1947/76	Guerra; filho toxicodependente
4 Domingues	Moçambique; Rodésia	Construção civil	Comerciante	Sim	18	1	1942/71	Morte da nora acidente de viação
5 Isilda	Angola	Comerciante	Comerciante	Não	53	0	1922/75	Doenças, guerra
6 Jorge	Moçambique, África do Sul	Construção civil	Doméstica	Sim	17	2	1950/73	
8 António	Moçambique	Funcionário do estado	Doméstica	Sim	25	3	1954/78	Guerra
11 Augusta	Angola		Costureira	Sim	8	0	1950/70	Mortes, guerra
13 Mariana	Angola	Militar força aérea	Doméstica	Não	6	0	1969/77	Doenças, guerra
16 Juliana	Angola	Comerciante	Costureira	Não	14	0	1961/75	Maus-tratos; alcoolismo; guerra
19 Judite	Angola	Serralheiro	Comerciante	Não	21	0	1954/75	Guerra
Perfil B – Europa e EUA								
3 Armando	França	Construção civil	Comerciante	Sim	12	2	1954/67	Doença
9 Glorinda	EUA	Operário	Comerciante	Não	17	8	1969/86	
10 Margarida	Alemanha	Comerciante	Comerciante	Sim	30	10	48/78	Doença
12 Emília	França	Construção	Restauração	Não	18	0	1967/84	
14 Amâncio	França	Agricultor	Doméstica	Sim	18	0	1954/72	Doença
15 Américo	França	Construção civil	Doméstica	Não	5	6	1966/71	Doença
20 Ana	França	Construção civil	Comerciante	Não	10	1	1953/63	
Perfil C – América do Sul								
7 Berto	Brasil	Estucador	Doméstica	Sim	39	5	1946/85	
17 Mendonça	Brasil	Mecânico	Doméstica	Sim	5	0	1945/50	Doença
18 Jaime	Venezuela	Padeiro		Sim	25	0	1953/78	

¹⁰ Todos os nomes são fictícios.

5.4.2. Construção da integridade familiar

O processo de classificação dos participantes neste processo revela (tabela 5.3.): 8 em integridade familiar, 9 em desconexão e 3 em alienação¹¹.

Tabela 5.3 Classificação dos participantes

Perfis	Integridade familiar	Desconexão familiar	Alienação familiar
A – África	Domingues	Odete	
	Isilda	Henrique	
	Jorge	António	
	Augusta	Juliana	
	Mariana		
	Judite		
B – Europa e EUA	Glorinda	Emília	Armando
	Ana	Amâncio	Margarida
		Américo	
C – América do Sul		Berto	Jaime
		Mendonça	

Integridade familiar

Os participantes classificados em integridade (tabela 5.3.) revelam no domínio integridade global (tabela 5.4.) satisfação com a vida individual e familiar, associada a sentimentos de serenidade e realização pessoal, que relacionam com a melhoria de qualidade de vida resultante da emigração (regresso associado à concretização dos objetivos que motivaram a emigração). Mencionam que a emigração melhorou a condição económica familiar, garantindo estabilidade financeira e possibilitando a aquisição de bens para si (e.g. construir casa própria) e para os filhos (e.g. construir casas para os filhos). Os participantes sentem o *dever cumprido*; por exemplo, Domingues, que regressa pouco antes da descolonização refere que *começou a ser feliz* quando regressou, porque trazia *bom dinheiro*, construiu casa e comprou *bons carros*. A satisfação com a vida familiar ocorre mesmo em alguns participantes do perfil África (Isilda, Augusta e Judite), que perderam todos os bens com o processo de descolonização, mas sublinham que as relações familiares *não podiam ser melhores*.

Os participantes em integridade revelam proximidade afetiva com a família ao longo de toda a vida, incluindo a fase de emigração (desde a decisão até ao regresso), apesar da

¹¹ A classificação através da *checklist* emerge como um bom indicador, embora como mostram os dados seguintes nem sempre exato, exigindo sempre o juízo clínico: as pessoas classificadas em integridade apresentam pontuação na *checklist* que varia entre 0 e 2 pontos (média =1,13); os participantes classificados em desconexão têm pontuação entre 1 e 5 (média 3); os idosos classificados em alienação obtêm pontuação entre 1 e 4 (média 2,7).

distância geográfica. Referem que a proximidade se manteve porque: i) mantiveram e mantêm o compromisso familiar através de telefonemas, cartas, visitas e convívios (*estão sempre espiritualmente unidos*); Isilda relata que as viagens eram muito dispendiosas, mas continuavam *sempre ligados através de carta*; ii) a emigração reforça a ligação afetiva, principalmente quando emigram com a família (cônjuges e/ou filhos) e/ou foram recebidos por familiares no país de acolhimento; as dificuldades experienciadas num país diferente (tais como, insegurança, não domínio da língua) foram enfrentadas em família, reforçando a união (*a união faz a força*); Jorge refere que *tem muito a agradecer aos irmãos* que o *ajudaram* quando emigrou, pois foi *graças a eles* que conseguiu superar as dificuldades e ganhar mais dinheiro para *viver bem*.

Esta *união* é sentida e mantida em relação aos filhos dos participantes que ficaram no país de acolhimento após o regresso dos pais: porque lá constituíram família e para *lutarem* por uma vida melhor. Esta distância física é aceite, pois consideram que os filhos *estão a seguir o exemplo dos pais* (e antecipam-lhe um *bom futuro*). Além disso, compreendem (*já passámos pelo mesmo*) que a condição dos filhos não permite muitas visitas (têm de poupar e as viagens são dispendiosas).

”As saudades dos meus filhos são muitas, mas têm de fazer a vida deles como eu e o meu marido fizemos a nossa... custou muito que ele lá ficasse, mas fico feliz porque um dia vai ter a recompensa...entendo que não possa visitar-me, já passei por isso, as viagens são muito caras, mas telefona-me sempre... somos muito unidos! [Mariana]

A filosofia de vida destes participantes parece caracterizar-se por uma atitude ativa, pautada por espírito de luta e sacrifício: *para ter as coisas é preciso lutar*. Por isso, como Ana explica: *é preciso fazer por estar juntos com a família*. A emigração contribui para esta filosofia porque une a família em torno de objetivos: melhorar a condição económica e regressar ao país de origem. Domingues emigrou *para ganhar dinheiro* e voltar a Portugal, encarando aquele *período de sacrifício* como temporário, o que lhe deu força para *trabalhar o máximo para ter o máximo*. Ou seja, as dificuldades da emigração são enfrentadas em família, reforçando a união. Glorinda explica: *só nos tínhamos a nós, não foi fácil estar naquele país desconhecido, mas a emigração fortaleceu-nos!* Este enfrentamento familiar das dificuldades parece facilitar a vivência positiva de acontecimentos negativos: por exemplo, Glorinda relata que *a língua foi muito difícil de aprender* e só conseguiu com a ajuda da família, mas agora percebe que é parte *da adaptação* e ainda lhe permitiu *conhecer outra cultura*.

Esta atitude ativa de *fazer pela* vida e a união familiar reforçadas durante a emigração reflete-se nos atuais objetivos de vida (centrados na família) que incluem:

- i) Realizar convívios familiares, mantendo a rotina habitual (e.g. frequentar o centro de dia, fazer a vida doméstica) e aguardar notícias (telefonemas) dos filhos emigrados; quando os filhos vêm de férias reúnem a família (almoços ou jantares) para confraternizar e *matar as saudades*; Augusta relata que quando o filho está para chegar, acorda a pensar nele e planeia tudo *para recebê-lo: faça-lhe a comida que gosta mais*.
- ii) Manter entajuda familiar na vida diária, que inclui realizar tarefas (e.g. adiantar o almoço ou levar o neto à escola) em que se sentem úteis e recíprocos; Judite ajuda o filho e nora porque vive lá em casa e quer contribuir.
- iii) Viver aceitando a morte, traduzido num sentimento de serenidade (podem morrer em paz porque estão felizes); Isilda quer *continuar a viver em paz até à morte*.

Em termos de resolução de conflitos e perdas os participantes referem que há ou houve conflitos na família, mas já foram aceites ou resolvidos. Por exemplo, Domingues refere que deu uma casa ao sobrinho que prometeu prestar-lhe cuidados; o sobrinho não cumpriu e Domingues deseja reaver a casa, contudo afirma: *para mim está tudo aceite, agora ele tem de se resolver com a justiça!* Consideram que as tarefas de vida estão acabadas, pois fizeram tudo o que podiam para dar uma boa vida aos descendentes e vão resolvendo os assuntos que surgem. E, assim, não sentem arrependimento.

Na criação de sentido e legado, os participantes revelam satisfação com a transmissão do legado, principalmente porque o período de emigração lhes permitiu:

- i) Adquirir bens que lhes garantem um conforto nunca antes sentido; por exemplo a construção de casas (para os participantes e seus filhos) bem equipadas (e.g. aquecimento central). Glorinda refere que o dinheiro *da emigração* lhe permite usufruir *de pequenos luxos: posso estar quente em minha casa, posso ligar aos meus filhos emigrados!*
- ii) Garantir estudos aos descendentes; Domingues explica que no país de acolhimento o filho pode estudar e garantir uma carreira profissional; assegura que *se não tivesse emigrado não teria dinheiro para o filho ser o que é hoje*.

- iii) Transmitir valores aos filhos e a pessoas da cultura de acolhimento. Por exemplo, Mariana explica que *os filhos são educados e trabalhadores em resultado do que lhes ensinei e transmiti*; Isilda está satisfeita porque ensinou *diversas coisas no país de acolhimento*, contribuindo para o bem-estar das pessoas de lá.

Estes participantes sentem ter um lugar respeitado na família e na sociedade, por aquilo que são e sempre foram (*conduta*). Sentem que serão lembrados pelo que são e pelo que foram; Jorge afirma: *vou ser lembrado como sempre fui e pelo que sou hoje, honesto e trabalhador!*

As transformações das relações familiares ocorrem com continuidade, pois mantiveram-se fortes ao longo da vida: *sempre igual, a minha família esteve separada mas sempre com aquele amor presente* (Augusta). Glorinda sublinha que a emigração *fortaleceu a família*, que está *ainda melhor do que era*, por tudo o que passaram juntos. Neste contexto emerge a entreatajuda: *não tenho acanhamento nenhum em pedir o que quer que precise, e eles sentem o mesmo, ajudamo-nos uns aos outros* (Jorge).

Desconexão familiar

Os participantes classificados em desconexão (tabela 5.3.) mencionam no domínio *integridade global* insatisfação com a vida familiar, associada a conflitos que parecem caracterizar o percurso destes participantes (em geral, iniciaram-se no passado, durante o período de emigração e têm continuidade no presente). As entrevistas revelam:

- i) Conflitos familiares do passado, não resolvidos, que se repercutem na insatisfação com o presente, nomeadamente: problemas dos filhos (toxicodependência, roubos e prostituição) que distanciaram a relação com os pais (Henrique, Amâncio); zangas com a família residente no país de origem que, durante as visitas a Portugal dos emigrantes, não compareciam em festas e/ou não retribuíam a visita (Berto, Américo); zangas com a família residente no país de acolhimento, por norma associada à tensão da adaptação (Odete, Henrique, Juliana); distanciamento afetivo de filho deixado no país de origem (Juliana).

- ii) Insatisfação e desapontamento com acontecimentos marcantes da emigração: experiência da guerra (Odete, Henrique, António, Juliana); doenças e mortes (Odete, Emília, Mendonça); estigma associado a ser “retornado” (António).

Os conflitos atuais na família multigeracional incluem: confronto de ideias, ideais e opiniões; desinteresse associado à falta de visitas e/ou convívios familiares (por exemplo, para Berto é uma *afrota* o primo não o visitar); não-aceitação da perspetiva e escolhas de vida do outro (por exemplo, Amâncio não aceita que o neto namore uma jovem sem formação superior). Os problemas de saúde que geram alguma dependência funcional agravam os conflitos, pois obrigam a pedir/aceitar ajuda de alguns familiares próximos com quem pode haver algum mal-estar (por exemplo, Henrique explica que tem um problema na perna, logo não pode deslocar-se sozinho e tem de *depende do genro*, com quem não se dá muito bem).

Quanto à intensidade do vínculo afetivo familiar (proximidade/distância afetiva) os participantes apontam sempre sentimentos de ligação e pertença com a família multigeracional, mas afetada por: i) conflitos (Amâncio explica que *se sente muito ligado às filhas* apesar dos conflitos porque *andaram por maus caminhos*, prostituição, enquanto esteve emigrado); ii) não retribuição, quase sempre, dos filhos (Juliana quando emigrou deixou o filho em Portugal e afirma: *sinto-me muito ligada a ele, ele é que não sente isso em relação a mim porque não o levei comigo*); iii) distância geográfica (Emília refere que a ligação com os familiares sofre porque *sempre estiveram longe*, a emigração dificulta o contacto pessoal porque *nunca estão juntos*).

Estes participantes classificados em desconexão parecem desenvolver uma filosofia de vida assente numa atitude passiva que limita a resolução de conflitos ou problemas do passado e presente, e se apresenta em duas formas:

- i) Desesperança e conformidade (Odete, Henrique, António, Juliana, Amâncio e Mendonça), assente no desgosto e desilusão com acontecimentos da vida passada (emigração). Mantêm contacto (visitas e convívios) com os familiares com quem sentem conflitos, mas adotam um comportamento passivo: não tentam resolver a situação (apesar de o desejarem) porque já tentaram *sem sucesso* e agora vivem conformados e *sem esperança*; por exemplo, Juliana partiu para Angola e deixou o filho com a sua mãe para *o proteger*, mas sente que o filho tem ressentimentos e não *a perdoa pelos 20 anos de ausência*;

mantém o contacto com o filho, mas sente que *não é a mesma coisa* porque *ele está magoado*; sente que *não vale a pena tentar resolver a situação* (apesar ter essa vontade), porque já lhe explicou que o quis proteger e *não resultou*.

- ii) Desprezar os outros (Américo, Berto e Emília) através de uma atitude de *pagar na mesma moeda*, justificada pelo ressentimento com os familiares que não os visitam. A *visita* é relevante pois era a *via* (dispendiosa) dos emigrantes demonstrarem afeto pelos familiares. Agora esperam a retribuição também com visitas, o que não acontece; por isso, estes participantes que vivem sozinhos ou em instituição, demonstram a sua mágoa *não fazendo nada* (desprezo). Berto explica que *foi uma afronta* o primo não o ter visitado no lar quando a esposa estava prestes a falecer, porque era *ele a primeira pessoa que visitava quando vinha do Brasil*; agora Berto não visita o primo que está doente.

Os participantes classificados em desconexão definem objetivos de vida, mas que não traduzem um envolvimento positivo ou ativo com a vida. Os objetivos focam: i) esclarecer assuntos vividos durante a emigração (Amâncio vive *desgostoso* com a conduta das filhas que se prostituíram enquanto estava emigrado e gostava de falar com elas e *perceber*); ii) esperar uma morte *santa*, i.e. sem precedentes de dependência ou sofrimento que *pesem* nos familiares; sentem-se inúteis desde que deixaram de trabalhar, por isso consideram que não podem *ajudar em nada* e não querem dar *trabalho* ou sentir-se *um estorvo* (Odete e Henrique); iii) algo inalcançável, por exemplo, Henrique deseja sair da cadeira de rodas (impossível) para visitar a casa *das suas origens* e *reviver o passado*.

Em termos de *resolução de conflitos e perdas*, revelam viver conflitos, terem vontade de os resolver, mas sem iniciativas para a resolução. Existem diversos tipos de conflitos familiares: i) alguns centram-se no presente, porque *o outro faz más opções*; por exemplo, Odete vive *angustiada* com a neta que namora um rapaz *de más famílias*, referindo que vai *morrer com isso atravessado*; ii) outros vêm do passado (período de emigração); Juliana vive um conflito com o filho desde que emigrou e o deixou 20 anos em Portugal com a avó; o *ressentimento* do filho fá-la culpabilizar-se e viver inquieta com a (má) opção do passado. Os participantes referem vontade de resolver esses conflitos, ou seja, que as relações *voltem a ser como antes da emigração*; por exemplo, Berto está em conflito com o primo, mas afirma que *seria uma alegria tê-lo por cá outra vez*. Contudo, não tomam a iniciativa para resolver os conflitos; por norma, já houve alguma tentativa mal sucedida, e

os participantes não querem dar o *primeiro passo* e conformam-se. Por exemplo: Emília gostava de *voltar a dar-se* com as sobrinhas, mas já *fez muito por elas* (e.g. pagar o casamento), por isso agora elas têm de dar *a mão à palmatória* e *visita-la*; Amâncio vive resignado com a prostituição das filhas, já fez de tudo e agora acha que *já nada há fazer*.

Todos os participantes sentem ter tarefas inacabadas na vida, designadamente resolver ou debater conflitos familiares e *dizer coisas* aos familiares que evitam para não *alimentar* o conflito. Américo explica: *a minha vontade é dizer-lhes coisas que escondo para as coisas não ficarem piores*. Em simultâneo, todos revelam ausência de arrependimentos: i) já fizeram de tudo para resolver os conflitos (*consciência tranquila*); ii) tiveram de emigrar (vários conflitos emergem associados à emigração) para melhorar a situação económica da família. Por exemplo, Juliana não se arrepende de ter deixado o filho com a avó quando emigrou porque o fez para o *proteger do desconhecido* e precisava de *melhorar a economia da família*.

No domínio *criação de sentido e legado* todos os participantes referem insatisfação com a transmissão do legado, de diversas formas:

- i) Transmitiram legado, por isso sentem o *dever cumprido*, pois fizeram *de tudo* para transmitir aos descendentes legado simbólico (educação, valores, tradições, bons conselhos e ser um exemplo), mas sentem que não foi bem aceite, porque: os descendentes não os visitam (Emília considera que transmitiu educação e valores às sobrinhas, mas elas não a visitam revelando *falta de educação*); ou os descendentes adotam más condutas (Henrique sente-se frustrado, pois *deu todas as oportunidades ao filho*, mas ele *não as aproveitou e meteu-se na droga*).
- ii) Não transmitiram um legado de princípios, devido à distância geográfica inerente à emigração, que os impediu de participar na educação dos filhos. Juliana sente que *pouco transmitiu* ao filho, a educação foi da avó.
- iii) Não transmitiram um legado material. Esta situação é sempre associada a pessoas que estavam nas ex-colónias e voltaram aquando da descolonização *sem nada*. António vive *frustrado* por não poder transmitir aos filhos os bens que conseguiu e depois perdeu com a descolonização.

Apesar disso, todos sentem ter um lugar respeitado e significativo na família, que associam à sua conduta na vida: *sou respeitado porque me dou ao respeito*. Sobre como serão (ou

não) lembrados após a sua morte: i) percebem que não serão lembrados, pois as visitas em vida são escassas (*se não me visitam em vida, não o farão depois de morta*, Emília); ii) evitam a pergunta e respondem *não sei* ou choram; iii) ou demonstram desinteresse pelo tema.

As transições das relações familiares ao longo da vida ocorrem com descontinuidade: i) tornam-se mais frágeis, devido a rutura e/ou afastamento familiar desde a emigração; Américo explica que *foram 15 anos de emigração, sem se verem uns aos outros depois de alguns conflitos, e as coisas ficaram fracas*; ii) perdem o sentido de entajuda, sentem que serão ajudados pela família se necessitarem (porque também o fariam), mas não pedem porque estariam a *rebaixar-se*; Berto refere que *eles ajudavam-me caso precisasse mas não preciso de ninguém, tenho tudo garantido, não vou pedir ajuda*.

Alienação familiar

Os participantes classificados em alienação familiar (tabela 5.3.) relatam no domínio *integridade global* permanente insatisfação e descontentamento com a vida familiar e em geral:

“Tenho de me sujeitar a tudo, nunca me sinto satisfeita com a vida”. [Margarida]

No discurso é evidente o desligamento familiar, caracterizado por:

- a) Ausência de identidade e pertença familiar, os laços são frágeis, não existe união, amizade ou entajuda.

“Entre nós [Jaime e os irmãos] não há grande amizade. Não somos unidos, é um cá e outros lá, só nos entendemos em questões essenciais...ninguém ajuda ninguém!” [Jaime]

- b) Distância afetiva marcada pela indiferença.

“Cada um vive a sua vida e puxa para si, desde que cheguei só falamos quando nos encontramos...eles tratam da vida deles e eu da minha!” [Armando]

- c) Ausência de desejo de reaproximação familiar: *a situação pode ficar como está* [Margarida].

Este desligamento familiar é normalizado pelos participantes; por exemplo, Jaime afirma: *os irmãos não são como os pais que se interessam e apoiam incondicionalmente os filhos, é normal que não sejam unidos*. Estes participantes estiveram emigrados entre 12 a 30 anos, potenciando os contactos raros entre emigrante e seus familiares no país de origem. Raramente há visitas ao país de origem e/ou telefonemas (tabela 5.2.), devido aos custos. A união familiar desvanece-se e os contactos resumem-se a momentos difíceis, como a morte

de parentes. Por exemplo, Jaime só visitou Portugal quando soube que o pai estava *prestes a falecer*, caso contrário *nunca o teria feito* porque era *demasiado dispendioso*.

Neste contexto, a filosofia de vida destes ex-emigrantes parece organizar-se em torno de aprenderem a ser *lutadores solitários*: emigraram sozinhos e desenvolveram um *instinto de luta* para se *desenrascarem* sem a família. Jaime foi para a Venezuela e habituou-se a *desenrascar-se* sozinho como atualmente faz (*não conta com a ajuda dos irmãos*). Deste modo, sentem-se conformados e indiferentes à reaproximação.

“*Eu quero lá saber se me vem ver ou não, eu vou-me deixar estar por aqui, não vou ser eu a dizer alguma coisa... se não vierem está tudo bem na mesma!*” [Armando]

Esta postura parece estender-se aos objetivos de vida, pois referem viver à espera da morte: “*o futuro agora é andar para aqui desamparado, ter cama e roupa lavada até chegar a morte!*” [Armando]

No domínio resolução de conflitos e perdas, os relatos dos participantes revelam que não existem conflitos familiares antes, durante ou após a emigração, mas há a percepção de que as relações familiares não estão bem (há apatia). Armando revela que não está *zangado* com os sobrinhos, mas também não existe *grande amizade*, e com isso *não está satisfeito*. Associam a reaproximação familiar a rebaixarem-se, por isso atribuem ao outro a responsabilidade de dar o *primeiro* passo; isto é: a apatia face à família é contraposta pela sensação de orgulho (*não me visita, também não o visito*). Jaime afirma: *eles não me ligam, também não lhes ligo ... andar atrás deles? Era o que faltava! Não vou pedir esmolas!* Assim, afirmam não terem tarefas inacabadas com a família, pois já fizeram o que deviam, se algo houver a fazer terá de partir da iniciativa do outro. Margarida constituiu família na Holanda, mas foi forçada a regressar para Portugal sozinha por motivos de doença, e desde então já tentou *ligar* para a Holanda onde o filho está a trabalhar, mas como ele *não atende*, não vai telefonar mais, nem *fazer mais nada*. Os participantes referem que não há proximidade afetiva suficiente para existirem acontecimentos geradores de arrependimento.

No domínio criação de sentido e legado os participantes referem insatisfação, pois não ocorre transmissão de legado: sentem que não transmitiram valores simbólicos porque sempre viveram longe (emigração); não pretendem transmitir algo à família porque não se sentem suficientemente *ligados*. Por exemplo, Armando, que formou família em França, explica que quem transmitiu valores ao enteado foi *a esposa*; sente que não transmitiu

nada nem tem *vontade de transmitir* porque o enteado (agora a trabalhar em França) nunca mais o *visitou*. Não sentem ocupar um lugar significativo na família, pois a quebra relacional retirou-lhes essa posição e também não atribuem aos familiares um lugar significativo; revelam sentir que não pertencem à família. Nestas circunstâncias sentem que não serão lembrados após a morte e não pretendem ser lembrados: Jaime considera que se os irmãos *não se lembram de si em vida*, logo *não vão lembrar-se depois de morto*; sublinhando que *não quer ser lembrado*.

A transformação das relações familiares parece ocorrer numa continuidade caracterizada por desligamento, pois mantém-se o afastamento que foi sendo sedimentada ao longo da vida (incluindo a emigração). Por exemplo, Jaime relata que *está afastado dos irmãos* porque *sempre foram afastados desde o tempo da emigração*. Não se verifica mutualidade nem reciprocidade familiar, pois estes participantes não pedem ajuda (sempre se *desenrascaram sozinhos*) e não pretendem ajudar a família (não existe sentimento de pertença). Armando explica que *não tem o apoio de ninguém* (e nunca teve), por isso, não pretende pedir ajuda ou *ajudar alguém*.

Tabela 5.4 Integridade, desconexão e alienação familiar em idosos ex-emigrantes Portugueses

	INTEGRIDADE FAMILIAR	DESCONEXÃO FAMILIAR	ALIENAÇÃO FAMILIAR
INTEGRIDADE GLOBAL	Satisfação com a vida = serenidade e realização Ligação familiar apesar da distância geográfica Filosofia de vida = atitude ativa e solidária Objetivos de vida = envolvimento com a vida	Insatisfação com a vida = conflitos Ligação familiar afetada Filosofia de vida = atitude passiva Objetivos de vida = pouco envolvimento com a vida	Insatisfação permanente com a vida Desligamento familiar Filosofia de vida = atitude ativa e solitária Objetivos de vida = vazio (só a morte)
RESOLUÇÃO DE CONFLITOS E PERDAS	Há alguns conflitos aceites ou resolvidos Tarefas acabadas Não há arrependimento	Há conflitos, vontade de os resolver, mas sem iniciativa de resolução Há tarefas inacabadas Não há arrependimento	Não há conflitos, há apatia Tarefas acabadas Sem arrependimentos
CRIAÇÃO DE SENTIDO E LEGADO	Satisfação com o legado material e de princípios	Insatisfação: não há transmissão de legado ou não é aceite	Insatisfação: não há transmissão de legado
TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES FAMILIARES	Continuidade: a emigração reforça os laços familiares	Descontinuidade: a emigração fragiliza e diminui a entreajuda	Continuidade = a emigração fortaleceu o desligamento

3. Perfis de emigração versus integridade familiar

A tabela 5.3. revela que: 8 participantes classificados em integridade familiar, 6 do perfil África e 2 da Europa e EUA; 9 classificados em desconexão, 4 do perfil África, 3 da Europa e EUA e 2 de América do Sul; 3 em alienação, 2 do perfil Europa e EUA e 1 de América do Sul. Ou seja, a alienação não ocorre no perfil África e a integridade não ocorre no perfil América do Sul. Para analisar as trajetórias de emigração categorizaram-se os momentos chave (tabela 5.5.):

- i) Decisão pode ocorrer: em família (decisão e partida em família, que inclui pais e filhos), emigra só e a família depois (a decisão é familiar, mas o homem parte primeiro e quando tem a situação estável segue-se a mulher e filhos) e solitária (a decisão e a partida são individuais).
- ii) Adaptação que pode decorrer em família (a família no país de origem e/ou de acolhimento apoiam) ou ser solitária (o emigrante enfrenta sozinho).

- iii) Integração que se trata (em geral) do período de tempo mais longo, e assume três cursos: manutenção da ligação familiar com reciprocidade, manutenção da ligação familiar com pouca reciprocidade e desligamento familiar.
- iv) Regresso que ocorre de modo forçado (não querem voltar, mas a situação de guerra no país de acolhimento, problemas com a família no país de origem ou doenças obrigam ao regresso) ou desejado (concretizaram os seus objetivos económicos e podem cumprir o desejo de regressar).

Os perfis identificados parecem influenciar os percursos de integridade, mas é principalmente a forma como decorre a decisão, adaptação, integração e regresso que consubstanciam a evolução. A integridade familiar (tabela 5.5.) ocorre em participantes de dois perfis (África e Europa e EUA) e caracteriza-se por a decisão ocorrer em família (umas vezes partindo juntos, outras indo o homem seguido da mulher e filhos), a adaptação decorre com apoio e entajuda familiar, a integração decorre com manutenção de ligação familiar com reciprocidade (mesmo perante grandes distâncias geográficas e poucas visitas, cartas ou telefonemas) e o regresso pode ser forçado (pela descolonização ou problemas de saúde) ou desejado. A desconexão familiar ocorre em participantes dos 3 perfis, e em geral, apenas se distingue da integridade por durante a integração a ligação familiar existir, mas com pouca reciprocidade (os participantes queixam-se que os familiares no país de acolhimento nem sempre os recebem com a atenção correspondente). Na alienação familiar ocorre em 2 perfis (Europa e EUA e América do Sul), pautada pela solidão na decisão e adaptação, pelo desligamento familiar durante a integração e pelo regresso forçado. Os perfis (ou seja, a localização e vicissitudes do país de acolhimento) podem ter alguma influência na ligação familiar, mas parece ser a decisão familiar ou solitária a pautar o processo, salientando o fator epigenético.

Tabela 5.5 Trajetórias (perfis de emigração) versus construção da integridade familiar

Classificação	Caso/Perfil	Decisão	Adaptação	Integração	Retorno
Integridade	Domingues, Jorge, Augusta (África)	Emigra só; segue-se a família	Em família	Ligação familiar mantida com reciprocidade	Desejado
	Isilda (África)	Em família	“	“	Forçado
	Mariana e Judite (África)	“	“	“	Desejado
	Glorinda e Ana (Europa e EUA)				
	Odete e Henrique (África)	Emigra só; segue-se a família	Em família	Ligação familiar pouco recíproca	Forçado
	Emília (Europa e EUA)				
Desconexão	Amâncio (Europa e EUA)	Solitária	“	“	“
	Berto e Mendonça (América do Sul)				
	Antônio e Juliana (África)	Em família	“	“	“
	Américo (Europa e EUA)				
Alienação	Armando e Margarida (Europa e EUA)	Solitária	Solitária	Desligamento familiar	Forçado
	Jaime (América do Sul)				

5.5 Discussão

Trajetórias de vida de pessoas idosas ex-emigrantes Portugueses e construção da integridade familiar

A emigração é um acontecimento de vida stressante associado a circunstâncias que afetam a dinâmica familiar e a identidade. Erikson (1950) considera que a identidade se revela na filosofia de vida (guia orientador de atitudes e comportamentos). Todos estes ex-emigrantes, agora idosos a viver em Portugal, tomaram a decisão de emigrar para melhorar as condições de vida e sempre pautada pela forte intenção de regresso. Ocorre uma identificação separada: o país onde se é imigrante é para trabalhar, e o país de onde se emigrou é para voltar e ficar (Rocha-Trindade, 1986).

A construção da integridade familiar, desconexão e alienação familiar em idosos Portugueses ex-emigrantes parece associar-se às trajetórias de emigração e à forma como influenciam a sua filosofia de vida/identidade. Os resultados sugerem-nos três filosofias de vida associadas também ao percurso de emigração: atitude ativa e solidária – integridade familiar; atitude passiva – desconexão; atitude ativa e solitária – alienação. Apesar de uma das filosofias indicar uma atitude passiva devemos sublinhar que esta passividade se centra no contexto da resolução de problemas familiares. De facto, em geral, as pessoas que optam por emigrar tendem a ser detentores de um engenho proactivo, lidam melhor com o *stress* da aculturação, o sentimento de fracasso e a desesperança (Achotegui, 2008).

Integridade familiar e atitude ativa e solidária

Os participantes classificados em integridade familiar emigraram no contexto familiar. Sendo um processo epigenético, parece que a ligação com a família atua como um pilar desde cedo. Durante a adaptação e integração reforça-se a ligação através dos vários desafios: enfrentar a mudança, desconhecido, *hostilidade* do meio físico ou social e distância (e.g. Rodrigues, 2009). A presença da família (emocional e/ou física no país de origem e/ou no de acolhimento) parece potenciar a força para superar e desenvolver estratégias de adaptação (por exemplo, em relação à língua no país de acolhimento no perfil Europa e EUA) (Souza, 2007).

Rocha-Trindade (1986) refere que alguns países de acolhimento privilegiam o contacto entre emigrante e famílias que estão na terra natal. Neste estudo constatamos que os países de emigração dos participantes em integridade (África e Europa e EUA), parecem facilitar

e/ou encorajar a manutenção de laços e a ligação afetiva dos emigrantes com a família do país de origem durante o período de integração com reciprocidade: a) no perfil Europa e EUA, a proximidade geográfica com Portugal permite deslocações mais frequentes, fáceis (pode viajar-se de carro) e menos dispendiosas; b) as profissões bem remuneradas desempenhadas em África (por exemplo, funcionário do estado) permitem usufruir de melhores vencimentos e fazer telefonemas e visitas anuais apesar da distância geográfica. Nenhum participante do perfil América do Sul está classificado em integridade, provavelmente porque a distância é grande, é difícil viajar e mesmo usar outros contactos, principalmente na altura em que estes participantes emigraram, em que a disponibilidade de tecnologia estava longe da atualidade. Além destes fatores mais extrínsecos, parece que nas famílias dos idosos em integridade, o valor da união e compromisso familiar é forte desde a decisão de emigrar (processo epigenético); a emigração fortalece os laços, principalmente porque nestas famílias se assume a responsabilidade de cada um manter a ligação e união familiar. O regresso desejado (as expectativas geradas pelo emigrante foram concretizadas) é característico destes participantes e também associado à união familiar. Contudo, a integridade também ocorre em casos de regresso forçado, quase sempre associado ao perfil África e à descolonização, em que regressam *sem nada* (os bens conquistados ficam e têm de começar de novo em Portugal). Nestes casos, o recomeço é também perspetivado em família: *arregaçam as mangas e recomeçam* sem tempo para lamentações.

A filosofia de envolvimento ativo e solidário (a união com a família e o contributo para a comunidade, nomeadamente a de acolhimento) com a vida está presente em toda a trajetória de emigração (decisão, adaptação, integração e regresso) e facilita o sentimento de integridade familiar. Essa filosofia reforça o compromisso e preserva a ligação dos participantes face às transições do ciclo de vida familiar, conservando o espírito de luta. Estas pessoas sentem/assumem controlo sobre os resultados das suas ações: sempre trabalharam para conquistar o que têm e sempre mantiveram o compromisso familiar (convívios, telefonemas e cartas).

Desconexão familiar e atitude passiva

Os idosos ex-emigrantes em desconexão apresentam um relato pautado essencialmente pela existência de conflitos familiares associados a uma atitude passiva na sua resolução,

assumida após diversas tentativas de resolução. São pessoas dos três perfis, algumas emigraram sós, outras em família; mas que relatam que a adaptação e integração se fizeram com mais envolvimento seu e pouca reciprocidade da família. Esta situação resulta ou acentua conflitos e impede a sua resolução. É comum o conflito familiar emergir perante a novidade associada à mudança da fase de adaptação que pode ser stressante (e.g. Morrison & James, 2009; Mendes, 1988). Além disso, estas pessoas emigraram devido a problemas económicos, que podiam alimentar previamente à emigração alguns conflitos familiares (Toro-Morn, 1995). Esses conflitos familiares persistem, por isso na integração a ligação mantém-se com pouca reciprocidade: os participantes realizam visitas dispendiosas e raras à terra natal (tem um duplo significado, sacrifício dos participantes e oportunidade de convívio familiar) mas os familiares não participam nos convívios promovidos nessas visitas, o que é encarado como *ofensa* pelos participantes e alimenta o conflito até ao presente. Swirsky (1999 in Souza, 2007) refere que o convívio familiar durante as visitas ao país de origem alivia a saudade, é uma oportunidade para resolver assuntos pendentes e promove o engenho para continuar a *luta* da emigração. Isto ocorre nos participantes classificados em integridade, mas não nos classificados em desconexão. Nestes o convívio familiar não decorre como desejado devido aos conflitos prévio: esta ligação familiar com pouca reciprocidade justifica a atitude de descontentamento e desesperança dos participantes e contribui para a desconexão familiar.

Esta escassa união familiar parece facilitar a filosofia de vida de passividade na gestão de conflitos, que não são resolvidos nem aceites: como a união é frágil, cada membro coloca *no outro* a responsabilidade para resolver a situação, por isso o conflito perpetua-se. Esta passividade manifesta-se em atitudes de desprezo (não estabelecer contacto com a família para mostrar mágoa), que encobrem desejos de reaproximação, evitados pela desesperança (a união não vai acontecer), que provavelmente atuam como uma profecia que se autocumpre (o desligamento mantém-se).

Estes ex-emigrantes Portugueses em desconexão foram forçados a regressar pelo processo de descolonização (perfil África), ou por outros motivos tais como (perfis Europa e EUA e América do Sul B): doenças e condições de trabalho precárias; comportamentos problemáticos dos filhos (p.e. toxicodependência e prostituição). Nestas circunstâncias o regresso e a necessidade de recomeçar são marcados por desapontamento e lamentos. Os conflitos e a falta de união e harmonia familiar parecem fomentar um desânimo aprendido

(Faria, 1990), favorecidos ainda pelo desligamento familiar e conseqüente falta de apoio. Nestes casos a emigração colabora em potencializar o conflito familiar que caracteriza a desconexão familiar.

Alienação familiar e atitude ativa e solitária

Os participantes em alienação decidem emigrar sós e sem apoio de outros familiares o que parece decorrer e/ou ser facilitado por: afastamento familiar prévio; e/ou não terem ainda constituído família (solteiros). Esta decisão *solitária* parece influenciar as outras fases da emigração, especialmente quando emigram para países distantes (influência da distância geográfica) em que os custos das viagens são elevados (Rocha-Trindade, 1986).

Diferentemente do que ocorre com os ex-emigrantes em desconexão (alguns também emigram sozinhos, mas adaptam-se em família e mantêm ligação com familiares no país de origem), toda a trajetória dos ex-emigrantes em alienação ocorre de forma solitária, dificultando o ajustamento à dinâmica do país de acolhimento. Sentir que a família *não está por perto* durante a trajetória de emigração não ajuda o emigrante a harmonizar-se com o novo país, que pode experimentar um mal-estar agudo, uma separação de si, uma nostalgia e melancolia que devem ser valorizadas, pois dificultam todo o ajustamento (Lechener 2007; Guerra & Tezanos, 2008; Morrison & James, 2009).

Durante a adaptação estes ex-emigrantes em alienação não procuram apoio familiar (incluindo de familiares no país de acolhimento que lhes garantiram emprego) porque não sentem proximidade afetiva. A decisão de emigrar e lutar sozinhos para ascender na cultura de acolhimento poderá contribuir para essa falta de ligação familiar. Nestas circunstâncias a emigração torna-se um processo de *desidentidade* familiar, uma experiência biográfica de rutura (Garcia, 2007; Rodrigues 2009). Os emigrantes solitários têm maior probabilidade de se alienarem da família e a desenvolverem um espírito de *luta solitária*: o enfrentamento solitário das dificuldades da vida torna-os pessoas (revoltadas) que lutam pela vida sem apoio de ninguém.

Estes participantes não mantêm ligação/contacto à família do país de origem (carta, telefonema ou, visitas sazonais) no período de integração com exceção de situações de doença ou morte de familiares. Acontece a perda da identidade familiar de origem (exclusivo dos participantes classificados em alienação familiar, perfis Europa e EUA e América do Sul) que, associado à atitude de luta solitária (*lutador solitário*), os torna

incapazes de pedir ajuda, mostrar desejo de reaproximação ou necessidade do outro: a sua força e identidade estão em enfrentar tudo sem precisar de ninguém. O regresso destes ex-emigrantes foi forçado (não atingiram os objetivos estabelecidos) por doenças desenvolvidas durante o período de emigração (associadas às suas), que não lhes permitem continuar a trabalhar.

De referir que o regresso forçado está presente nos três perfis de emigração: na integridade, desconexão e alienação familiar: regressam sem objetivos cumpridos, e com o sentimento de insucesso (exceção para os participantes em integridade do perfil África, que regressam antes do processo de descolonização). O regresso forçado associa-se à alienação familiar por trajetórias de vida e emigração diferenciadas, não apenas por terem de voltar sem os objetivos concretizados. O regresso forçado parece associar-se à integridade familiar quando há a presença (ainda que só emocional) da família (como pilar de apoio) durante a emigração.

5.6 Intervenção individual, familiar e comunitária

A integridade, desconexão e alienação familiar são processos epigenéticos (desenvolvidos ao longo da vida) de construção de identidade (Erikson, 1950), podendo promover-se durante a vida. Os processos individuais, familiares e comunitários (sociais e culturais) interligam-se e podem desencadear caminhos que podemos descrever pela equifinalidade (Bertalanffy, 1968): estímulos idênticos permitem resultados diferentes e estímulos diferentes podem levar ao mesmo resultado.

Os emigrantes, mesmo os de classes socioeconómicas baixas, parecem ter desde cedo nas suas vidas um espírito de luta e coragem elevados, que lhes permite tomar uma opção dura que se espera venha a ser compensadora. Por comparação, os idosos de famílias pobres (Marques e Sousa, 2012) revelam incapacidade aprendida (Seligman, 1977), ou seja, sentindo que as forças para o sucesso (pessoal e familiar) estão para lá do controlo pessoal e são causadas pelo (mau) destino, sorte.

Apesar de construído e moldado ao longo de toda a vida, em função de características sociais (o enquadramento social e cultural condiciona a interpretação das experiências pessoais) (Mullen & Yi, 1995), o sentimento de integridade familiar *versus* desconexão e alienação familiar ganha ascendência na velhice quando a pessoa idosa faz o balanço (revisão) do seu percurso de vida individual e familiar.

Os resultados deste estudo apontam para a possibilidade de intervenção com base em técnicas de revisão e integração da vida (Bulter, 1963), que podem ajudar pessoas idosa a criativamente integrarem elementos das suas vidas em narrativas significativas e sustentadas. A terapia da reminiscência proposta por Butler (1963) poderá ser uma hipótese de intervenção com ex-emigrantes. Através deste processo mental, universal e natural, de recuperação de memórias de acontecimentos passados, que não requer aprendizagem de estratégias, os ex-emigrantes poderão centrar questões identitárias e de reconstrução do autoconceito, nomeadamente: os ex-emigrantes classificados em integridade familiar poderão beneficiar desta terapia utilizada com objetivos preventivos e/ou de promoção de bem-estar: baseada na integração de memórias na identidade; os ex-emigrantes em desconexão familiar poderão amadurecer e resolver/aceitar conflitos intra e interpessoais (neste caso com a família) do passado (desenvolvidos durante a emigração; nos ex-emigrantes em alienação, as lembranças familiares poderão fomentar a reaproximação familiar. Esta terapia pode trazer para os ex-emigrantes resultados positivos, como alcançar serenidade, expiar culpas e resolver problemas. A intervenção é relevante, pois as pessoas que não atingem a integridade familiar tendem a desenvolver depressão, ansiedade, ruminação e rigidez (Merriam, 1995). Morison & James (2009) sugerem a terapia familiar de emigrantes (ao longo da trajetória da emigração), incorporando os elementos da família do país de origem, família do país de acolhimento, família alargada e rede de suporte social para fomentar o contacto e evitar quebras relacionais prejudiciais nas relações familiares.

5.7 Limites e perspetivas de pesquisa

Uma das limitações deste estudo situa-se no número reduzido de indivíduos em alienação familiar (3), por isso estudos posteriores deverão alargar a amostra neste percurso. Este engloba apenas pessoas de Portugal continental; atendendo há tradição de emigração nas ilhas (Madeira e Açores) será relevante desenvolver também este estudo nesse contexto geográfico. Em termos de futura investigação deverá considerar-se a associação da integridade familiar (versus desconexão e alienação familiar) a outras variáveis, nomeadamente: qualidade de vida e depressão para aprofundar a associação destas variáveis. Além disso, como neste estudo se reconhece que a presença (ainda que emocional) da família contribui para maior sensação de bem-estar na pessoa idosa, poderá

estudar-se a influência do estado cívil e da existência de filhos no desenvolvimento do sentimento da integridade familiar.

5.8 Conclusão

A integridade familiar é um processo desenvolvimental normativo construído ao longo da vida (processo epigenético) influenciado por fatores individuais, familiares e sociais. A emigração é um fenómeno social complexo, que envolve mudança não apenas de endereço, mas de contactos socioculturais em diversas áreas de vida. A emigração coloca o desafio de evitar a rutura relacional familiar, pois separa geograficamente parentes próximos, o que pode potenciar a desconexão e alienação familiar. Essa evolução associa-se às circunstâncias e experiências de vida e, principalmente, à forma como as pessoas integram e definem os eventos. São vários os efeitos da emigração na esfera subjetiva do indivíduo que emergem desde a decisão de emigrar e parecem relacionados com a presença/ausência emocional da família nessa trajetória. Manter a continuidade com a família e a cultura de origem durante a emigração enriquece o sentido de continuidade de identidade e amplia o potencial do emigrante para lidar com o processo de emigração (Carter & McGoldrick, 2004).

O envolvimento da família durante a trajetória da emigração (ainda que só emocional) determina o modo como o indivíduo encara os acontecimentos (com ou sem apoio, com mais ou menos dificuldade) e influencia a sua filosofia de vida, fundamental na construção da integridade familiar: i) a integridade familiar ocorre em pessoas idosas que desenvolvem uma atitude ativa e solidária, e cujo processo de emigração se desenrolou em família; ii) a desconexão familiar ocorre em idosos com uma atitude passiva, cujo processo de emigração envolveu conflitos familiares não aceites nem resolvidos; iii) a alienação familiar envolve idosos com uma atitude ativa mas solitária, cuja trajetória emigratória decorreu sem ligação familiar.

5.9 Bibliografia

Achotegui, J. (2008). Migración y crisis: el síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (síndrome de Ulises). *Avances en salud mental relacional*. Março. 7(1).

Acquaviva, N. L., Salvagni, A., Tronco, C., Corrêa, K., Prates, M., Veríssimo, M., Lunes, M., (2007). *A Utilização da Linha da Vida Como Técnica em Psicoterapia*. Domus – centro de terapia de casal e família. Recuperado em junho de 2010 de http://www.domusterapia.com.br/principal/ShowSecao.asp?var_chavereg=91

Arjan, De Haan (1997). Migration as family strategy: Rural –urban labor migration in India during the twentieth century. *History of the family*. 2(4), 481 – 506.

Barreto, A.M.M. (ORG). (2005). *Globalização e Migrações*. Portugal. Instituto de Ciências Sociais.

Bertalanffy, L.V. (1968). *General System theory: Foundations, Development, Applications*, New York: George Braziller.

Bertalanffy, L.V. (1968). *The Organismic Psychology and Systems Theory*, Heinz Werner lectures, Worcester: Clark University Press.

Berry, J.W. (2003). Conceptual approaches to acculturation. In K. Chun, P. Balls-Organista, & G. Marin (Eds.), *Acculturation: Advances in Theory, measurement, and applied research*. Washington.

Butler, R. N. (1963). Life-review: An interpretation of reminiscence in aged. *Psychiatry*, 26(1), 65-76.

Canadian Council for Refugees. (1998). *Best Settlement practice-Settlement services for refugees and immigrants in Canada*. Ottawa, Canada: Canadian Council for Refugees.

Carter, E., & McGoldrick, M. (2004). Overview: The expanded life Cycle: Individual, family, and social perspectives. In E. Carter & McGoldrick, M. (Eds.) *The expanded life cycle: Individual, family, and social perspectives*. Boston: Allyn & Bacon.

Hernandez, M., & McGoldrick, M. (2004). Migration and Family Life Cycle. In E. Carter & McGoldrick, M. (Eds.) *The expanded life cycle: Individual, family, and social perspectives*. Boston: Allyn & Bacon.

Erickson E. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.

Erickson, J.M., Kivnick, H. (1986). *Vital Involvement in Old Age*.

Erikson, E., Erikson, J., Kivnick, H. (1986). *Vital involvement in old age: the experience of old age in our time*. New York: Norton.

Falicov, C. (2007). Working with Transnational Immigrants: Expanding Meanings of family, community and culture. *Family Process*. 46(2), 157-171.

Faria, L. (1990). *Concepções pessoais de inteligência*. Dissertação apresentada para provas de aptidão pedagógica e capacidade científica na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Fletcher, M. (1999). *Migrant Settlement; a review of the literature and its relevance to New Zealand*. Wellington: New Zealand Immigration Service. Department of London.

Garcia, L. (2007). *Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando género, etnicidade e preconceitos*. Trabalho apresentado no seminário Internacional Fazendo Género 7: Género e Preconceitos. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. 28, 29 e 30 de Agosto de 2006.

Greenwood, M. J. (1985). Human Migration: Theory, Models and empirical Studies. *Journal of Regional Science*. 25, 521-544.

Grundy, E. (1992). The Household Dimension in Migration Research. In: Champion T, Fielding, T. (Eds.) *Migration Process & Patterns. Research Progress & Prospects, 1*, 165-174. Belhaven, London.

Guerra, A., & Tezanos, J.F. (2008). *La Imigración y sua causas*. Editorial Sistema. Madrid. Espanha.

King, D., & Wynne, L. (2004). The emergence of Family Integrity in later Life. *Family Process*, 43(1), 7-20.

- Lechener, E. (2007). Imigração e saúde mental. Migrações. Migração e Saúde. *Revista do observatório da imigração. ACIDI*. 1, Alto Comissariado para a imigração e Diálogo Intercultural. Lisboa. Portugal.
- Marques F. D., Sousa, L. (2012). *Integridade familiar na velhice: especificidades em idosos pobres. Paídeia (Ribeirão Preto)*, 52(52), 207-216. Maio-Agosto.
- Merriam, S. B. (1995). Butler's life review: How universal is it? In J. Hendricks (Ed.), *The meaning of reminiscence and life review* (pp. 7-20). New York: Baywood Publishing Company, Inc.
- Mullen, M., & Yi, S. (1995). The cultural context of talk about the past: Implications for the development of autobiographical memory. *Cognitive Development*, 10(3), 407-419.
- Morrison M., James, S., (2009). Portuguese Immigrant Families: The impact of Acculturation. *Family Process*. 48(1), 151-166.
- Nivalainen S. (2004). Determinants of family migration: short moves vs, long moves. *Journal of population Economics*. 17, 157-175.
- Rocha-Trindade M. (1986). Longitudinalmente diferente ou o discurso polémico de luso-descendentes. *Análise Social*, 22 (92-93), 609-618.
- Rocha-Trindade M. (1987). As micropátrias do interior português. *Análise Social*, 23(98), 721-732.
- Rodrigues, I.F. (2009). *Qualidade de vida e saúde mental em contexto migratório: um estudo com Brasileiros e Portugueses residentes na cidade de Genebra/Suíça*. Tese de doutoramento em Psicologia: especialidade em psicologia clínica e da saúde. Lisboa, Portugal.
- Roscoe, J. (1999). *Documentary in New Zealand: na immigrant nation*. Palmerston North: Dunmore Press.
- SELIGMAN, M.E.P. (1977). *Desamparo: sobre Depressão, Desenvolvimento e Morte*. São Paulo, Hucitec e USP.

Smith, Y.B. (1999). There is no place like home: caribbean women's feminism in Canada. In A. Heitlinger (Ed.), *Emigre feminism, transnational perspectives*. Toronto: University of Toronto Press.

Sousa L., Silva A., Marques, F., Santos, L., (2009). Constructing Family in Later Life. In L. Sousa (Ed.) *Families in later life*. New York: Nova Science Publishers.

Souza R. (2007). Women Portuguese culture and Diáspora: Women from Goa in New Zelan and cultural Adaptation. *Campus Social*. 3(4), 107-122.

Strauss A., Corbin J. (2008). *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (2ª edição). Porto Alegre, Artmed.

Toro-Morn, M.I. (1995). Gender, Class, Family and Migration: Puerto Rican Women in Chicago. *Gender & Society*, 9(6), 712-726.

6. Older gay men: pathways to family integrity¹²

Filipa D. Marques*¹ e Liliana Sousa¹

¹ Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

*E.mail: filipa.marques@ua.pt

Abstract

Current older gay men constitute a unique group as they represent individuals among the first cohorts to start living “out gay” lives. The family integrity approach offers an important framework for the study of older people and their families from a developmental perspective. This suggests that older adults’ efforts to achieve ego integrity are inextricably linked to the larger process of constructing meaning and relational development within the family system. This exploratory study examines older gay men’s specificities’ in the construction of family integrity (versus family disconnection). The sample comprises 10 participants (from 60 to 88 years old). Data were collected through a semi-structured interview that explores the construction of family integrity. Interviews were subjected to content analysis. The main findings suggest three specificities in older gay men’s construction of family integrity: i) influence of homosexuality throughout life; ii) building a family of choice; iii) building a legacy associated with homosexuality. Family integrity construction in older gay men seems to evolve from disclosure (at a young age) to closure in older age, when homosexuality becomes a legacy.

Keywords: older gay men; homosexuality; development; ageing; identity; family.

¹² Artigo submetido ao “Journal of Homosexuality”.

6.1 Introduction

Homosexual people are a part of the ageing population. They are a unique group for investigation as they represent individuals among the first cohorts to start living “out gay” lives (Muraco, LeBlanc & Russell, 2008). Older homosexual people are still an invisible group and have been relatively ignored in gerontological research (Mabey, 2011). Ageing involves normative challenges that are similar for homosexual and heterosexual people, but there are enough differences to warrant discussion of the homosexual challenges (Pope, et al., 2007). Contemporary cohorts of the older gay generation lived their childhood, adolescence and adult life during periods of strong suppression of homosexuality; and constructed their lives in ways that clearly contradicted dominant expectations for individual and family life (Muraco, LeBlanc & Russell, 2008; Berger, 1982; Berger & Kelly, 2002).

This study focuses on older gay men, since gender is a determinant of ageing, and older men in general are recognized as an underserved population in terms of research, which has focused mainly on older women (e.g. Ribeiro, 2008). In addition, some studies have shown dissimilarities between gay male youths and lesbian female youths with respect to the coming-out process and its correlates (Rothman, et al., 2012; Rosario, et al., 2001).

Older age has mainly been explored in terms of pathology, dependence and caregiving; however, development is coextensive to life, demanding the study of older people and their families from a developmental perspective (Sousa, et al., 2009; 2010). Family integrity offers a developmental approach to ageing, associating the construction of the self (Erikson, 1950) with a more vast process of relational development within the family system (King & Wynne, 2004). Therefore, this exploratory study focuses on older gay men and examines specificities in the construction of family integrity (versus disconnection or alienation). Results are relevant to the better understanding of how homosexuality influences the development and identity of older gay men, particularly with regards their family relationships.

Older homosexual: the case of gay men

Research has increased its attention towards' homosexuality during the past two decades; nevertheless, it is still mostly youth-centric, focusing on: i) how children grow up as homosexual, i.e. the effects of the homosexual identity on the development process; ii) the

moment of disclosure of sexual orientation to the family, emphasizing factors that lead to the disclosure and how the family reacts. Literature that addresses homosexuality and ageing simultaneously is non-extensive and tends to fall into the following topics (Wahler & Gabbay, 2008); Grossman, D'Augelli & O'Connell, 2001; Muraco, Le Blanc & Russell, 2008; Hughes, 2007; Brotman, Ryan & Cormier, 2003; Mdiv, 1997; Oakenfull, 2007; Johns & Probst, 2004): (a) myths and stereotypes about older lesbians and gay men; and (b) experiences of gay and lesbian seniors and their families in accessing health and social services in the community. The scarcity of research on homosexual older people has been justified by many reasons (Minichiello, Plummer & Loxton, 2004; Berger, 1982; Berger & Kelly, 2002): i) gerontology, a young science, has had to deal with some of the many challenges of ageing (such as chronic disease or informal caregiving); ii) homosexuals, in particular older ones, are still a population difficult to involve in research (mainly due to the fear of discrimination); and iii) in general, society tends to stereotype older people as "asexual", therefore the sexual orientation would be of no interest. Yet, as the aged population increases and a higher numbers of gays, young and older, assert their sexual identity and their rights, knowledge about older homosexuals needs to go deeper.

The current generation of older homosexual people was raised during a historical period when (e.g. Grossman, et al. 2001): i) they could not share their homosexuality with others without fear (or certainty) of rejection and even persecution; ii) they were afraid to even admit to themselves their homosexuality, since they had internalized society's negative stereotypes about homosexuality, developing feelings of unworthiness and self-hate. Thus, most homosexuals chose to hide their sexual identity, often living under the wedding mask and engaging at the same time in same-sex relationships at various levels of secrecy (Berger, 1982). Older homosexuals, who lived their youth under highly discriminative standards, are now facing the gradual acceptance of homosexuality, which constitutes a new challenge. For instance, the homosexual marriage is now legal (even though not always socially accepted) in many countries (in Portugal since February 2010), putting homosexual couples for the first time in a legal relationship.

However, not all older homosexual individuals hid their sexual orientation; some came out of the closet (i.e. acknowledging their homosexual identity to others, in particular to parents) (e.g. Wahler & Gabbay, 2008). Disclosure is an important life course transition for homosexual people, influencing the quality of their relationships, in particular with their

parents (Muraco, LeBlanc & Russell, 2008; Savin-Williams, 1989). Reactions to disclosure are critical (Coleman, 1982): negative responses can confirm negative impressions of homosexuality and decrease self-concept, while positive responses help to counteract negative perceptions and increase self-esteem. Experiences associated with rejection by family, peers and/or society may foster an attitude of withdrawal, leading some homosexuals to be alone in their later life (Pope, et al., 2007). Concomitant with the process of coming out, the family support system may be reinforced or replaced by friends that serve as a family of choice (e.g. Nardi, 1999).

Studies in families in later life have rarely focused on homosexuality, most probably because it challenges contemporary definitions of the family (for instance, there are no norms or appropriate family roles for same-sex relations) (Lev, 2010). Family studies tend to focus on homosexuality as a stressor that can disrupt traditional patterns of family life rooted in heteronormative norms (e.g. Muraco, Le Blanc & Russell, 2008).

This study focuses on older gay men. In fact, gender is a determinant of ageing, although older people are recurrently perceived as an ungendered group (Spector-Mersel, 2006; Ribeiro, 2008). Also, older men are regarded recognized as an underserving population in terms of research, which has focused on older women (who constitute the majority of the ageing population) (e.g. Ribeiro, 2008). Research describes differences with regard to ageing as a homosexual man or woman; for instance (Berger, 1982; Dulaney & Kelly, 1982), as they age, lesbians place less importance on youthful appearance and sexual activity than do gay men. Although literature tends to focus on LGBT (lesbian, gay, bisexual and transsexual), there are some studies centred on older gay men (Pope, et al., 2007), namely on sexuality and intimacy profiles (white, middle-class, well-educated, urban-dwelling men who participate in the gay community through friendship and support organizations).

Older homosexuals lived a life of challenges regarding their individual and family identity; therefore it is relevant to better understand how they are constructing their family integrity, which constitutes the older adult's efforts to achieve ego integrity, linked to the larger process of constructing meaning and relational development within the family system (King & Wynne, 2004).

Family integrity

The family integrity approach offers an important framework for the study of older people and their families from a developmental perspective (Marques & Sousa, 2011; Sousa, et al., 2010; 2009), instead of the usual perspective that focuses on pathology and caregiving. Family integrity was introduced by King and Wynne (2004), and associated the construction of the self (Erikson, 1950) with a more vast process of relational development within the family system. Erikson (1950) considers older age to be a developmental stage where the individual reflects and reviews his/her life, incorporating memories and significant experiences about him/her self and others. The integrity of the self occurs when the older individual feels they have lived a positive and constructive life; while despair takes place when the individual feels that he/she has not achieved his/her goals. The process of constructing family integrity is a continuum involving two main pathways (King & Wynne, 2004): i) family integrity, which constitutes the positive outcome striving toward meaning, connection, continuity and feelings of satisfaction within the multi-generational family; (ii) family disconnection and alienation (the negative side of the process), which describes a prevailing sense of isolation and disengagement between the older person and his/her family that may achieve a state of a lack of family identity. An older person's ability to achieve family integrity depends on three competencies of the family system (King & Wynne, 2004).

Building family integrity (versus disconnection/alienation) is an epigenetic process that starts in the earlier stages of individual and family life cycles but can only be concluded in later life, as this is the period of "grand generativity" (Erikson, Erikson & Kivnick, 1986) in which older people assume the role of "keeper of meaning" (embodying the traditions of the past, thus providing vital family and social links between the past, present and future) (Vailland, 2002).

6.2 Objectives

This exploratory study examines specificities on the construction of family integrity in older gay men. Results are relevant for better understanding how homosexuality influences older gay men's development and identity, in the context of family relationships.

6.3 Methodology

Procedures

A sample was recruited using the following procedures. Initially the first author contacted ten community and non-governmental gay-related organizations (such as the ILGA, Intervention with Lesbian, Gay, Bisexual and Transsexual) in Portugal, to identify older gay men (over 60 years old); all the organizations responded that they didn't have members of that age. Then, the researchers tried to contact public figures who were self-assumed homosexuals, but received no answers. Therefore, it was decided to use researchers' social networks associated with the snowball process: researchers' acquaintances, who were in contact with the gay community, identified seven older gay men (those they considered would collaborate), and asked their permission to give their telephone number and/or email address to the researchers. Later, the researcher (first author) proceeded, as agreed (contact by phone and/or email), to explain the study objectives and the collaboration required. Three declined to collaborate, justifying this because the study focus was on family relationships: they explained they had family conflicts and *wouldn't feel comfortable talking about that topic*. The other four agreed to participate and also helped to identify other participants. The sample collection stopped at 10 participants (table 6.1.), although data saturation was achieved only for those in family integrity. This sample took 18 months to collect and after this process it seemed very difficult to involve other participants, especially those in disconnection/alienation with their families who were less willing to talk about family relationships.

The interview was scheduled for after the first telephone or email contact or after a face-to-face meeting. It took place in private settings, chosen by the participants (at their homes or work offices). Informed consent was obtained. The interviews lasted between 33 and 84 minutes, and all were conducted by the first author.

The inclusion criteria were as follows: men aged 60 years or more, self-defined as homosexuals, and oriented in time and space. It was decided to include participants who were less than 65 years old (the chronological age standard for old age) since the definition of old in this population tends to be lower than the generally accepted definition in the non-gay community; the gay subculture assumes and expects older individuals to fade into the outer perimeters upon evincing the physical signs of ageing (Smith, 1982).

Instruments

The instruments comprised: a questionnaire to collect sociodemographic data (age, profession, household composition, academic level, marital status, previous heterosexual relationships along live); and a semis-structured interview to explore the construction of family integrity (based on King & Wynne, 2004, Sousa, et al., 2009; 2010; Marques & Sousa, 2011). For this study, one question was added at the end of each domain, focusing on the influence of homosexuality: *Is there any event associated with your homosexuality that you think has influenced (positively or negatively) any of these aspects?*

Tabela 6.1 Sample

Participants	Age	Profession	Household	Academic qualifications	Marital status	Heterosexual relationships	Children
Francisco	64	Drag queen	alone	4 years	Single	Yes	0
Rodrigo	61	Drag queen	with mother	4 years	Single	-	0
João	60	Accountant and drag queen	alone	Higher education	Single	Yes	2 biological
Filipe	60	Drag queen	alone	4 years	Single	Yes	Yes
Antônio	65	Teacher	with husband	Higher education	Married (same-sex)	Yes	0
Marco	88	Retired teacher	alone	Higher education	Single	Yes	0
Tomás	60	Retired doctor	with same-sex partner	Higher education	Single	Yes	0
Paulo	61	Retired national guard	with same-sex partner	Secondary	Divorced (heterosexual marriage)	Yes	2 biological
José	60	Entrepreneur	with same-sex partner	Secondary	Single	No	0
Álvaro	63	Lawyer	alone	Higher education	Single	Yes	0

Sample

The sample (Table 6.1.) comprises 10 gay men, aged between 60 and 88 years old. The sample involves four participants that “work at night”, in professions usually associated with gay men (drag queen). Regarding the household composition, five live alone, four live with a same-sex partner (one is married); the relationships have lasted from two years to 31 years; and one lives with his mother. Eight reported that they had had heterosexual relationships during their lives; one stated they had only had homosexual relations and one did not answer this question. Eight are single (but two are living with a partner) and one is married; one is divorced from a heterosexual marriage. Three participants have children

from heterosexual relationships (one had been married; the other two, after their girlfriends got pregnant, decided not to get married due to their sexual orientation).

Data Analysis

The interviews were audio-recorded, transcribed and subjected to content analysis, taking family integrity as the conceptual framework (King & Wynne, 2004; Sousa, et *al.*, 2009; 2010; Marques & Sousa, 2011). First, two independent judges (first and second authors) classified each participant into family integrity versus disconnection/alienation (based on King & Wynne, 2004; Sousa, et *al.*, 2009; 2010, Marques & Sousa, 2011): integrity – overall satisfaction with life and family relationships; disconnection – general dissatisfaction with life and family relationships; alienation – separation from the family. The process was as follows: first, each judge independently read the interviews and attributed one route to each participant; then they gathered to compare and discuss their proposals, until agreement was reached. The analysis continued to identify the specificities that emerge in older gay men's construction of family integrity. It consisted in a process of successive refining involving two independent judges (the authors). The process was as follows: (i) the authors started by reading all the interviews and highlighted the participants' features; (ii) then the judges met and discussed the contents; (iii) this process was repeated until agreement was reached.

After the data analysis, all participants were contacted to give their opinion and agreement about the study; everyone agreed with the study.

Tabela 6.2 Participants' classification on sub/categories

Sub/categories	Family Integrity (n=7)	Family disconnection (n=3)
General Integrity		
1. (Not) coming out		
1.1. Coming out	Rodrigo, João, António, Marco, Tomás, José	-
1.2. Not coming out	Filipe	Francisco, Paulo, Álvaro
2. Homosexuality (not) acceptance		
2.1. Self-acceptance	Rodrigo, António, Tomás, José.	-
2.2. Self-rejection	João, Marco	-
2.3 Rejection by others	Rodrigo, João, Filipe	Francisco, Paulo, Álvaro
3. Struggling to prove gender identity as male to others	Rodrigo, José	Francisco
Transformation of family relationships		
4. (Not) coming out influence on family relationships		
4.1. Positive influence	António, Marco, Tomás, José	-
4.2. Negative influence	Rodrigo, João, Filipe	Francisco, Paulo, Álvaro
4.2 Create a chosen family	Rodrigo, João, Filipe, António, José	Francisco, Paulo, Álvaro
Resolution of past losses/conflicts		
5 Mutual progressive disengagement after disclosure	Filipe, António	Francisco, Paulo, Álvaro
6 Regrets related with homosexuality	João, Marco	Francisco, Paulo, Álvaro
Creation of meaning and legacy		
7 Helping other homosexuals	António, Rodrigo	Francisco
8 Disillusion for not fulfilling parents' wishes	-	Francisco, Álvaro

Tabela 6.3 Categories and Subcategories

Categories and subcategories	Definition and examples
General Integrity	
1. (Not) Coming out	(Not) disclosure of homosexuality to the family.
1.1. Coming out	Coming-out decision tends to occur after falling in love which is assumed as the definitive criterion of sexual orientation. Coming out occurs in two forms: i) explicitly: this involves a formal conversation with the parents (usually, coming out first to the mother for help and guidance), or only coming out to a few trusted family members; ii) implicitly: this applies to those who never directly addressed the issue in the family in order to avoid confrontation, although they are sure family knows. <i>"I came to Lisbon to study, I fell in love with my boyfriend and I came because it allowed me to live my homosexuality more freely. I live away from them, but I call them every day, and whenever is possible I go there with my partner"</i> (José).
1.2. Not coming out	Not coming out is associated with: i) fear of rejection from the family, in particular from parents, because it may well cut off relationship (involves avoiding themes around sexuality and dating); ii) form of protection of themselves and their relatives, because of societal prejudices. <i>"I would never tell to my parents, why would I hurt them?! I always heard them say that they would rather a dead son than a homosexual son"</i> (Filipe) In some cases homosexuality was discovered by the family, causing conflicts. <i>"I never told my parents, I was scared (...) until my father saw a photograph of me kissing a boy and drove me out of the home"</i> (Francisco).
2. Homosexuality (not) acceptance	Self and others (not) acceptance of homosexuality.
2.1. Self-acceptance	Participants report feeling good/"normal" with their own homosexuality; this tends to occur in particular after finding a partner with whom they share intimacy on a physical, emotional and spiritual level. This is also associated with less worry about exposure. <i>"I always dealt well with homosexuality (...) finding my mate, I realized my orientation, (...) now everyone knows!"</i> (António).
2.2. Self-rejection	Participants describe feeling unhappy (related with negative past experiences of rejection from society), embarrassed (<i>"I'm the shame of the family!"</i>) (João) or regretting (feeling at fault for being gay, as if it was a choice) being homosexual. <i>"I regret that I have dedicated myself only to men, the ideal is bisexuality"</i> (Marco).
2.3 Rejection by others	Participants feel rejected by others, including family, friends and co-workers, due to their sexual orientation. <i>"I had to retire due to my choices; prejudice was such that there was not enough to keep me there"</i> (Paulo).
3. Struggling to prove gender identity as male to others	Participants describe they have a clear gender self-identity as being male with gender-conforming behaviour; however, they feel the need to prove to others that they are men, because society expects gay men to show numerous female traits: <i>"I do not consider myself feminized! I was born a man and men want to die! In my head I'm a man, I'm not a woman! (...) Here at home there are two men who do household chores and help"</i> (Francisco).
Transformation of family relationships	
4. (Not) coming-out influence on the quality of family relationships	
4.1. Positive influence	Positive influence is associated with: i) not coming out, since things would be rather bad if they had come out; ii) coming out explicitly because it promoted more secure and affectionate interactions with parents; strengthened relationships with the family members who had a good reaction and accepted boyfriends; there is a first shock leading to some distance, but the end is happy, because parents finally accept the son's sexual orientation; iii) coming out implicitly because it helps family acceptance (<i>"not telling my parents positively influenced our relationship because they were gradually accepting"</i>); (Tomás). Acceptance is promoted by family values (honesty and hard work) and relatives' personality (generous and loyal): <i>"My mother said she was not interested in whether I was gay or not; what mattered was that I was serious, hardworking and never gave her any grief"</i> (Francisco).

8.2 Negative influence	Negative influence (disengagement or cut-off) is associated with coming out or discovery of homosexuality. It is portrayed as a long-term distressing experience, highly influenced by the social prejudice towards homosexuality that confuses the family. It is characterized by: i) A total separation (cut-off) that compels the gay person to learn to live alone, grieving for family identity. <i>"I lived my teens stuck in the closet, I'm afraid (...) from there I learned to be alone (...). Now I have a friendship with the family, not love (...)"</i> (Álvaro). Some family values– mainly machismo and conservative attitudes – make the acceptance of homosexuality difficult: <i>My father was one of those macho conservatives: A gay son would be a shame for the family! He fainted because it was a shock – no one suspected (...)</i> (Francisco).
4.3. Create a chosen family	It comprises those without blood ties who view their homosexuality without prejudices. The gay community emerges as a chosen family, a place to express themselves and feel better (facilitated by the recent increase in the number of gay bars), what is more common for those that have faced family and friends rejection. <i>"When we gathered with friends, we listened and shared experiences, and that made us understand better and encouraged us to go ahead (...) there (in the gay bar), I can speak as I please; there is my home and I do what I want who feels bad withdraws up! (...) When my father kicked me out of the house after discovering my homosexuality, there were not these gay bars and friendships; today everything would be easier!"</i> (Francisco).
Resolution of past losses/conflicts	Conflicts that emerged in the past but that are still alive
5. Mutual progressive disengagement after disclosure	Some relatives have not fully accepted the homosexuality, although they maintain some contact. Disengagement is progressive since the coming out or discovery of the homosexuality. For instance: because the family prohibits the gay relative to be acquainted with new family members (such as newborn children or in-laws), the gay relative becomes outraged with that behaviour, leading to a progressive mutual disengagement and consequent family cut-off. <i>"Since they discovered my homosexuality they never talk to me (his ex-wife and his sons), and my grandchildren have been born and they will not let me see them"</i> (Paulo, 61 years). <i>"I feel that with the exception of my parents, my family never accepted my homosexuality, and I moved away too"</i> (António).
6. Regrets related to homosexuality	Participants regret past decisions or choices related to their homosexuality, in particular: i) Coming out too early. <i>"If I had known, I would have revealed my homosexuality to my parents later, so they would not have been so shocked (...) I regret it, but at 19 you don't always use your head"</i> (João). ii) "False" wedding i.e. had been married because of the social pressure, and subsequently divorced. <i>"I married my ex-wife; I was very scared because I had to pretend I liked women (...) but I regret having done it because it hurt her and my children"</i> (Paulo).
Creation of meaning and legacy	
7. Helping other homosexuals	Participants highlight how their homosexuality experience may gain meaning and contribute to others: i) Intention of helping the younger generations in the coming-out process. <i>"I want to help young, single gay men (...) I'm here to say that you can be gay, happy and fulfilled. If parents do not like it, patience, not worth wasting time trying to be what we are not"</i> (Francisco). ii) Desire to be remembered as an example of homosexuality. <i>"I'd like to be remembered as someone who was able to develop a robust, mature and generous relationship with my partner always want what we build"</i> (António).
8. Disillusion for not fulfilling parents wishes	Participants report some disillusion for not fulfilling their parents' desires, in particular those related to not perpetuating the generation: <i>"My father would have liked me to have given him a grandson, to have got married, and it never happened, and was never going to happen."</i> (Francisco).

6.4 Results

Classification into the routes shows that: seven were classified in family integrity (Rodrigo, João, Filipe, António, Marco, Tomás, and José) and three in disconnection (Francisco, Paulo and Álvaro); no participant was classified in the route of alienation (Table 6.2.).

The participants' discourses in each pathway show both differences and similarities. The differences are centred in the way they approach the interview. Those going through the route of family integrity tend to be more concise and direct when answering the questions; therefore interviews have a lower duration (mean of 48.6 minutes; 34 to 84 minutes), while those trailing family disconnection tend to focus on family conflicts that are repeated throughout the interview regardless of the question and commonly punctuated by feelings of anger and/or crying; therefore interviews have a higher duration (mean of 55.7; 46 to 75 minutes). The similarities are in the topics they (didn't) want to address; all said they were more comfortable talking about themselves and their homosexuality than about their biological family relationships. Globally, data suggest a strong influence of homosexuality throughout participants' lives: *"Being homosexual has influenced my whole life! But it hasn't influenced me, because I deal well with my sexual orientation and I couldn't live another way"* [Rodrigo].

Table 6.3. presents the emergent sub/categories, and Table 6.2. the sub/categories mentioned by each participant. Results are presented considering each pathway.

Family Integrity

All the participants mentioned that disclosure was an important and stressful moment, one of the most significant experiences they had had during their entire life course, consisting in revealing their homosexuality to others; these might include parents, other relatives, close friends and/or the general community (by exchanging expressions of affection towards everyone). All mentioned an intrinsic need to disclose to their family, because it is a *pillar* from which *nothing should be hidden*. The disclosure decision is instigated by falling in love, and not just by the assumption of a homosexual identity:

"After falling in love for the first time, I immediately talked to my parents. It was very difficult because at that time no one talked about homosexuality!" [António].

Six participants in the route of family integrity came out to their parents and/or other relatives: four (António, Rodrigo, João, Marco) did it explicitly, involving a formal conversation; and two (Tomás and José) revealed it implicitly (the family knows they are homosexual because of their behaviour, such as sleeping with the partner in the same bedroom at the parents' home, but the topic was never directly discussed because it would make relatives feel quite uncomfortable). One participant in family integrity (Filipe) didn't disclose to the family, but was discovered by the parents (when he was young and dating his boyfriend).

Participants point out that disclosure to the parents is the "ultimate barrier" to overcome and needs to be done because it is a sign of respect. They feel that after disclosure to the parents, everyone can know about homosexuality (*it is no longer a secret to be kept*); but the reverse is not true, i.e. after disclosure to close friends or even to other family members the secret needs to remain. Disclosure to parents was carried out in different ways: i) António did it simultaneously with both parents, who immediately accepted it and were very sensitive and concerned about their son's happiness; ii) Rodrigo and João came out to their mothers first; the mothers assumed the role of preparing or telling the father; both fathers reacted badly, leading to conflict (the conflict persists with Rodrigo's father, but has been resolved with João's father); iii) Marco came out explicitly to his nephews, but not to his parents (although he thinks they know), because he felt more comfortable with a younger and more open-minded generation, who he trusts and knows they will never be embarrassed; iv) Tomás and José came out implicitly to both parents because they felt it was the gentlest way (less hurtful and deceptive); they never considered it necessary to disclose explicitly, so they always behaved like gays. Filipe's parents found out about his homosexuality; he was planning to come out to his parents when they found out (*I was in love, I didn't care and I wasn't careful, and my parents saw me on a date*); his mother accepted it almost immediately, but the father took some years because he felt betrayed (Filipe thinks that it would have been easier for his father if he had come out explicitly).

Some participants (António, José and Tomás) that somehow came out to their parents describe currently secure and affectionate relationships with both parents. Rodrigo and João, who came out firstly to their mothers, feel the coming-out process had a negative influence on their relationships with their fathers; however, the conflict no longer exists: Rodrigo's and Filipe's fathers died after a mutual progressive disengagement after

disclosure; João's father accepted it over the years. Marco, who never came out to his parents, just to his nephews, also reports secure and close relationships with his family. António says that he feels at peace with life despite the detachment from his family of origin, because he is at peace with his family of choice (suggesting that the family of choice can take the place of the family of origin).

Four participants (Rodrigo, Tomás, António and José) who came out described self-acceptance feelings associated with a sense of accomplishment, pride and honesty related to their lifestyle and conduct as homosexuals. They state that they live their homosexuality without disappointing or embarrassing their family, defining themselves as honest and hard workers, and people who care for the family; therefore, the family accepts them as homosexual.

“My mother told me: My son, you never gave me displeasure, you always respected yourself and the others, so, you being gay is irrelevant to me” [Rodrigo].

Filipe (didn't come out, but parents found out) states self-acceptance feelings; since his parents know, he can be like he is: *I am what I am, people relate to me if they want.*

However, João and Marco, who came out explicitly (João to his parents and Marco just to his nephews), admit feelings of self-rejection. João defines himself *as a clown (I shamed them [his family] with this whole circus)* and relates his self-rejection to his parents' bad reaction to his disclosure (he felt unaccepted by one of the most important persons in his life); however, this situation became easier over time (the conflict was resolved) but the self-rejection remains: *if you ask me if I liked to be like this [homosexual] I would say immediately: no!* Marco states that being bisexual would be the ideal; he regrets being homosexual, and reacts with guilt: *I regret only loving men!* Coming out seems to be associated with “create a chosen family” and “positive influence in family relationships”. A chosen family is one without blood ties, consisting of friends, partners, co-workers and everyone who unconditionally accepts participants' homosexuality. It functions as a *defence ghetto* and a substitutive family that compensates for the less good aspects of family relations and is a balance that makes them feel good. Five participants mentioned a chosen family (Rodrigo, João, António, José and Filipe) based on the support of those who view their homosexuality without prejudices, which was crucial to facilitate (*help and guide*) the process of disclosure; i.e. the tie with other homosexuals and/or others who unconditionally accept his homosexuality is an important part of self-acceptance, giving

strength and courage before and/or after the disclosure. Rodrigo, João and Filipe, who faced rejection by their fathers at first, compensate for these family conflicts with the help of (homosexual) friends. António didn't face rejection, but he explains: *at that time* [when he was a teenager, and realized he was homosexual], *there were no role models, we [António and parents] didn't know what being homosexual meant; I needed to have contact with someone who was like me, feel free, so I went to California, I went there to grow up!* António adds that it is easier to maintain close relations with friends than with some family members who didn't accept his partner because they didn't invite both of them to celebrations.

In general, disclosure is associated with positive influence in family relationships. António and Marco (came out explicitly) and Tomás and José (came out implicitly) state that there were good reactions from relatives to their coming out, explaining that relationships became even stronger and deeper. For example, António explains: *my parents supported me, they loved my partner, and we are like two sons for them.* Rodrigo, João and Filipe reveal family conflict with those relatives who didn't accept their homosexuality (fathers), however these conflicts ended after Rodrigo's father died and João' and Filipe' fathers gradually accepted.

Self-acceptance seems to be associated with "create a chosen family". In fact, four of the five participants who mentioned "create a chosen family" (Rodrigo, António, José and Filipe) revealed self-acceptance; Tomás didn't mention a chosen family but revealed self-acceptance.

Family Disconnection

All participants in the course of family disconnection emphasized that disclosure was very stressful, because the environment was predominately heterosexual, so they were a minority; this explains why they didn't disclose to their relatives. Francisco, Paulo and Álvaro didn't come out to their relatives; however, their parents discovered their homosexuality, in different ways: i) Francisco was about 19 years old when he arrived home from army bringing photos inside a letter revealing a homosexual experience (i.e. kisses); his father opened the letter to snoop (he was the head of the household, so he opened it without asking) and drove Francisco out of the home; ii) Paulo was in a heterosexual marriage while maintaining a homosexual relationship, which was discovered

by his ex-wife through phone messages, which led to divorce; iii) Álvaro always hid his homosexuality from his parents (who meanwhile died) to respect and protect them, but he thought his brothers knew; however, he avoided contact them because he had to mask his homosexuality.

All the participants on the path of family disconnection feel they were/are rejected by others (especially at work); for instance, Paulo, an ex-national guard, who interacted with macho men all day long, faced co-workers' pressure that led him to pre-retirement. The daily rejection by others reinforces: i) the fear of being rejected by those who are really important (family); ii) the fear of hurting them, and/or having the family being judged by others. This makes them try to hide their homosexuality until they are discovered. Paulo states: I was forced to marry; the social pressure was too much and I didn't want to disappoint my parents. But then, Paulo felt he disappointed his heterosexual family (I did it for my parents but I disappoint my ex-wife and with my son, postpone and hide the lie from parents to sons). However, despite good intentions, the discovery of homosexuality is perceived by the family as a betrayal, leading to conflict: all participants state that not coming out had a negative influence on family relationships; participants' understand the family attitude, but they blame them for being too proud. The discovery of my homosexuality brought conflicts related with prejudices and disappointment that moved my family away (...) but this happened because they didn't understand me! [Francisco].

All the participants faced rejection and felt misunderstood by relatives, describing conflicts as long-lasting; the participants' homosexuality was discovered and the family (especially the parents) didn't accept their sexual orientation. The participants showed the need to justify to their family why they hid their homosexuality or what it is being a homosexual with relatives, who felt betrayed, but families tend to tergiversate, and participants (who feel guilty) respect their space. In this context of rejection (by family and by others), three participants try to cope by compensating the support from the chosen family: i) Francisco goes to gay bars where he can express himself without bias, ii) Paulo protects himself from the "family conflict" by getting closer with their partners; iii) Álvaro avoid family contact to be and behave as gay and related with anyone he want (to not hurt the family with his homosexuality).

All participants in family disconnection reveal a mutual disengagement after disclosure with relatives who didn't accept their homosexuality: i) Francisco (family discovered) says

there was a cut-off with his father, but simultaneously he developed a good relation with his mother (who protect him even after being forbidden by the father to interact with her); ii) Paulo doesn't have contact with his biological sons (from a heterosexual marriage) who felt disappointed after discovering their father's homosexuality; also he was forbidden by them from seeing his grandchildren; iii) Álvaro relates absence of family conflicts, because he has avoided the family since he was young, an option he took to live his life without his brothers mocking; he considers that facing the family now is like an obligation to lie.

The mutual disengagement after disclosure is accentuated by the disillusion of not fulfilling parents' wishes. Francisco states: after my father discovered that I was gay, he also knew that I would never give him the grandchildren he wished for (...) and that hurt him.

6.5 Discussion

The main findings suggest three main specificities related to older gay men's construction of family integrity: i) influence of homosexuality throughout life; ii) building a family of choice; iii) building a legacy associated with homosexuality.

Influence of homosexuality throughout life

The influence of homosexuality across the lifespan seems to involve mainly i) the disclosure event, and ii) the long and complex process of accepting their own homosexual identity. The disclosure event (the moment of the coming-out process) represents a life course transition that is unique to sexual minorities, marked by the ease or difficulty with which they disclose to the family, and by family members' responses (Muraco, LeBlanc & Russell, 2008; Chaudoir & Fisher, 2010). Results suggest that disclosure (mostly occurring in participants' early twenties) punctuates participants' further life experience, emphasizing the epigenetic nature of building family integrity. Some literature has argued that it was not possible to tell whether a parent's reaction to their adult child's sexual orientation disclosure would still be influencing that child as many as 10–20 years later (e.g. Rothman, Sullivan, Keyes & Boehmer, 2012); yet, our data strongly suggest that that influence remains until old age.

Participants focus on disclosure to parents, describing it as the “ultimate barrier” and thinking that after revealing it to the parents, everyone can know about their homosexuality

(it is no longer a secret). Disclosure to biological children is also a main issue for those who are fathers; some children always knew, although the topic was rarely openly discussed; other participants lived under the mask of marriage, and when they were discovered the children were also informed.

Disclosure to parents emerges as distinctive according to the route (family integrity versus disconnection). In general, participants in the route of family integrity have disclosed their sexual orientation to their parents in two main ways: explicitly (involving a formal conversation) or implicitly (they behave and act according to their sexual orientation without mentioning it). Some authors believe that the implicit way is not a form of disclosure, which is reserved for verbal revelation (e.g. Chaudoir & Fisher, 2010). However, our participants assumed it to be a form of disclosure, chosen or constructed in respect for the feelings of the self and the others (“the gentlest way”). Participants in path of family integrity say that disclosure to parents is accompanied by some kind of acceptance from both parents or just by the mother. This will have repercussions throughout life, since relations with the biological family will be maintained with those who accept, and cold and restrained with those who do not. The family members that accept become protective of their gay relative, acknowledging society’s discrimination towards homosexuality.

In general, participants classified in family disconnection didn’t disclose to parents; most were discovered by parents. Concealing and being discovered (by parents or children) seems to bear the burden of betrayal, which is the sense of being harmed by the intentional actions or omissions of a trusted person, comprising disloyalty and dishonesty (Rachman, 2010). The effects of betrayal include shock, loss and grief, damaged self-esteem and anger (Rachman, 2010). Not infrequently it produces life-altering changes. However, the discovery of homosexuality suggests that parents already suspected (in a more or less conscious way) and were looking for confirmation (e.g. Moreira & Dócolas 1999). In fact, usually there are no secrets of this dimension in a family (Imber-Black, 1988).

The disclosure moment is part of the sexual identity development, formation and integration that implicitly involves acceptance of one’s homosexual identity and thus allows that to be shared with other individuals (Rosario, et al., 2001). The participants faced a long and complex process to accept their own homosexual identity: i) those in the route of family integrity accepted their homosexuality during their life, which enabled

them to achieve satisfaction with family relationships; ii) not all of those in the pathway of family disconnection accepted their homosexuality, revealing a never-ending struggle with their identity that needs to combine being a man and a homosexual (they reveal some ambiguity regarding their gender identity, while struggling to prove their gender identity as a male to others).

The participants in family integrity, who have mostly disclosed to parents, seem to have previously accepted better both themselves and their sexual orientation. Probably they have a more accepting family, which allows more confidence to disclose; some studies suggest that family relations can significantly and positively influence identity expression (Waldner & Magruder, 1999). Disclosure is associated with a posture of greater honesty and openness, which increases intimacy with the family of origin and leads to a true autonomy and intimacy with partners (Moreira & Dócolas, 1999).

Those in family disconnection tend to conceal their homosexual identity while struggling to conciliate their identity by combining being gay and men; the inner experience hiding a concealable stigma has been called a “private hell” (Miller & Major, 2000). In general, concealing one’s stigma is used as a coping strategy, aimed at avoiding negative consequences of stigma, but it can backfire and become stressful.

Building a family of choice

A family of choice tends to exist in most people’s lives (Jerrome, 1981), but it doesn’t seem to assume the crucial role in building family integrity as it does for the participants. All the participants from both pathways mentioned a chosen family and underlined its relevance during their lives. It comprises those without blood ties (friends, partners, co-workers; homosexuals or not) who view their homosexuality without prejudices and accept; it always includes other homosexuals since it allows for having “someone like me” (e.g. Weston, 1991; Patterson, 2000; Savin-Williams & Ream, 2003). The participants mostly relate to younger gay men, since the oldest tend to live under a *heterosexual mask* (they are usually married); this makes the participants (assumed gay men) a relevant model for the younger homosexual and is valued as a legacy.

Our data suggest that the family of choice plays a relevant function in older gay men whatever their relationships with the family of origin (e.g. Waldner & Magruder, 1999): i)

it is a complement when there are good relationships with the family of origin, because participants still need someone that is living the same life experience (*role model; someone like me*), because the biological family, even when accepting, does not fully understand, it is still something weird; ii) it compensates for the lack of good relationships with the family of origin (conflicts or emotional distance), providing most support; or iii) it replaces the family of origin after cut-off. In brief, families of choice are necessary regardless of the relationships with the family of origin and play two main functions (e.g. Waldner & Magruder, 1999): i) support, which comprises protection from a harsh, homophobic world, and a means of coping with a socially stigmatized identity (a place of acceptance that facilitates self-acceptance); ii) role model, i.e. providing interactions with someone who is homosexual.

Some implications in terms of redefining family in the contemporary world may lead to the further development of two topics: i) defining the family beyond legal and blood ties to include just affective connections (the relevance assumed by the family of choice in homosexual people may support the broader recognition of significant ties and also better understand its role in all families); ii) getting a deeper understanding of norms and appropriate family roles for same-sex relations/families (e.g. Istar, 2010).

Building a legacy associated with homosexuality

Building a legacy is a normative developmental task in old age, associated with the desire to protect the family (particularly the descendants), giving meaning to life (leaving a legacy of values and assets) and symbolically surviving death (making a contribution) (Schaie, Leventhal & Willis, 2002; King & Wynne, 2004). Participants in both routes (family integrity and disconnection) reveal the desire to leave a legacy, which includes their experience as gay men and is predominantly directed at the younger homosexual, members of their family of choice; this involves: i) being *role models* for younger homosexuals, i.e. an altruistic intergenerational contribution by helping young gay men to find their self-identity; ii) promoting young homosexual values of honesty and pride as persons and homosexuals, in particular respecting their parents (even when they find it difficult to accept the son's homosexuality) and avoiding the world of marginality (such as being involved in substance abuse or prostitution); iii) contributing in material terms to those gay men that share the same profession (in particular, leaving some assets that are

used in drag queen shows). This underlines that citizens, practitioners, policymakers and researchers need to move from viewing minority group members as passive victims of prejudice to viewing them as actors who interact effectively with society (Meyer, 2003). In fact, the process of building family integrity seems to be a process that comes from disclosure (revealing/assuming homosexuality) to closure (using homosexuality as a legacy).

6.6 Limitations and research perspectives

The main study limitation is the small sample size (10); procedures to recruit larger samples need to be discussed and improved. Difficulty finding participants is a problem which seems to have plagued most research on homosexuality in the past and will most likely persist in the near future; due to the social constraints of a homophobic society, the population under investigation is necessarily hidden. Drawing a sample from a hidden and, to a great extent, undefined population posed a serious problem. The participants in these studies were mostly educated, employed and for the most part high-functioning men with considerable social support. Future research must do better at gathering information on all older homosexuals, including low-income and immigrant populations. Future research needs to address lesbians. In general, research needs to enhance the knowledge on how a gay identity alters the family life course. It is also essential to acknowledge the meaning of family for gay people/couples/families, which will facilitate a deeper understanding of contemporary family life.

6.7 Conclusion

Older homosexual people are still an invisible group, making them less accessible for research; in particular, they avoid family-related topics. Findings in this exploratory study emphasize three specificities on older gay men's construction of family integrity: influence of homosexuality throughout life; relevance of a family of choice; building a legacy associated with homosexuality. Building family integrity seems to evolve from disclosure of homosexuality in young adulthood to closure in old age, when homosexuality is valued as a relevant legacy. Constructing family disconnection seems to be a lifelong process of

struggling both with the homosexual orientation and the lack of acceptance from society and relatives.

6.8 References

- Berger, R. (1982). *Gay and gray: The older homosexual man*. Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Berger, R., & Kelly, J., (2002). What are older gay men like? *Journal of Gay & Lesbian Social Services, 13*(4), 55-64.
- Brotman, S., Ryan, B., & Cormier, R. (2003). The health and social service needs of gay and lesbian elders and their families in Canada. *The Gerontologist, 43*(2), 192-202.
- Chaudoir, S.R., & Fisher, J.D. (2010). The disclosure processes model: Understanding disclosure decision making and postdisclosure outcomes among people living with a concealable stigmatized identity. *Psychological Bulletin, 136*(2), 236-56.
- Coleman, E. (1982). Developmental stages of the coming out process. In J. Gonsiorek (Ed.), *Homosexuality and psychotherapy: A practitioner's handbook of affirmativemodels* (pp. 31-44). New York: Haworth Press.
- Dulaney, D. & Kelly, J.J. (1982). Improving services to gay and lesbian clients. *Social Work, 27*(2), 178-83.
- Erikson, E. (1950). *Childhood and Society*. New York: Norton.
- Erikson, E., Erikson, J., & Kivnick, H. (1986). *Vital involvement in old age*. New York: Norton.
- Hughes, M. (2007). Older lesbians and gays accessing health and aged-care services. *Australian Social Work, 60*(2), 197-209.
- Hughes, M. (2008). Imagined futures and communities: Older lesbian and gay people's narrative on health and aged care. *Journal of Gay & Lesbian Social Services, 20* (1/2),167-86.
- Imber-Black, E. (1988). Normative and therapeutic rituals in couples therapy. In E. Imber-Black, J. Roberts & R. Whiting (Eds.), *Rituals in families and family therapy* (pp. 113-34). New York, NY: W. W. Norton & Co, Inc.

- Istar, A. (2010). How queer! The development of gender identity and sexual orientation in LGBTQ-headed families. *Family Process*, 49(3), 268-290.
- Johns, D.J., & Probst, T.M. (2004). Sexual minority identity formation in an adult population. *Journal of Homosexuality*, 47(2), 81-90.
- King, D., & Wynne, L. (2004). The emergence of 'family integrity' in later life. *Family Process*, 43(1), 7-20.
- Grossman, A, D'Augelli, A., & O'Connell, T. (2001). Being lesbian, gay, bisexual, and 60 or older in North America. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 13(4), 23-40.
- Lev, A. I. (2010). A review of Gay and lesbian parents and their children: Research on the family life cycle; Who's your daddy? And other writings on queer parenting; Becoming parent: Lesbians, gay men, and family', *Journal of GLBT Family Studies*, 6 (3), 341-48.
- Mabey, J. (2011). Counseling older adults in LGBT communities. *The Professional Counselor: Research and Practice*, 1(1), 57-62.
- Marques F. D., & Sousa, L. (2011). Trajetórias de vida de pessoas idosas sex-emigrantes Portugueses: A construção da integridade familiar. *Revista Kairós Gerontologia, São Paulo (SP), Brasil*, 14(4), 03-24.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129 (5), 674-97.
- Minichiello V., Plummer D., & Loxton, D. (2004). Factors predicting sexual relationships in older people: An Australian study. *Australasian Journal on Ageing*, 23(3), 125-30.
- Moreira, A., & Dócolas, G. (1999). A voz do segredo: Homossexualidade na família. *Pensando Famílias*, 1(1), 56-61.
- Mdiv, E. (1997). Early intervention with active drug and alcohol users in community-based settings. In L. Donald McVinney (Ed.), *Chemical dependency treatment: Innovative group approaches* (pp.5-20). New York: Haworth Press.

- Miller, C.T., & Major, B. (2000). Coping with stigma and prejudice. In: T.F. Heatherton, R.E. Kleck, M.R. Hebl, & J.G. Hull (Eds.), *The social psychology of stigma* (pp. 243-72). New York: Guilford Press.
- Muraco, A., LeBlanc, A., & Russell, S. (2008). Conceptualizations of family by older gay men. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 20 (1/2), 69-90.
- Nardi, P. (1999). *Gay men's friendship: Invisible communities*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Oakenfull, G. (2007). Effects of gay identity, gender and explicitness of advertising imagery on gay responses to advertising. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 49-69.
- Patterson, C.J. (2000). Sexual orientation and family life: A decade review. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1052-69.
- Pope, M., Wierzalis, E.A., Barret, B., & Rankins, M. (2007). Sexual and intimacy issues for aging gay men. *Adultspan Journal*, 6(2), 68-82.
- Rachman, S. (2010). Betrayal: A psychological analysis. *Behaviour Research and Therapy*, 48(4), 304-11.
- Ribeiro, O. (2008) Elderly men on ageing families. Constructing family in later life. In L. Sousa (Ed.), *Families in later life: Emerging themes and challenges* (pp.97-116). New York: Nova Science Publishers.
- Rosario, M., Hunter, J., Maguen, S., Gwadz, M., & Smith, R. (2001). The coming out process and its adaptational and health associations among gay, lesbian, and bisexual youths: Stipulation and exploration of a model. *American Journal of Community Psychology*, 29(1), 133-60.
- Rothman, E.F., Sullivan, M., Keyes, S., & Boehmer U. (2012). Parents' supportive reactions to sexual orientation disclosure associated with better health: Results from a population-based survey of LGB adults in Massachusetts. *Journal of Homosexuality*. 59(2), 186-200.

- Savin-Williams, R.C. (1989). Coming out to parents and self-esteem among gay and lesbian youth. *Journal of Homosexuality*, 18 (1/2), 1-35.
- Savin-Williams, R.C., & Ream, G.L. (2003). Sex variations in the disclosure to parents of same-sex attractions. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 429-38.
- Schaie, K.W., Leventhal, H., & Willis, S.L. (2002). *Social structures and effective health behaviors in the elderly*. New York: Springer Publishing Co.
- Smith, E. J. (1982). Counseling psychology in the marketplace: The status of ethnic minorities. *The Counseling Psychologist*, 10, 61-67.
- Sousa, L., Silva, A., Marques, F., & Santos, L. (2009). Constructing family in later life. In L. Sousa (Ed.), *Families in later life: Emerging themes and challenges* (pp.163-84). New York: Nova Science Publishers.
- Sousa L., Silva, A., Marques, F., & Santos, L. (2010). Construindo a integridade familiar na velhice. *Psychologica*, 3(53), 5-11.
- Spector-Mersel, G. (2006). Never-aging stories: Western hegemonic masculinity scripts. *Journal of Gender Studies*, 15(1), 67-82.
- Sullivan, G., & Robert, G.R. (2003). Homosexuality in midlife. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 15(3), 153-70.
- Vailland, G. (2002). *Aging well*. Boston: Little, Brown and Company.
- Wahler, J., & Gabbay S. (2008). Gay male aging: A review of the literature. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 6 (3), 1-20.
- Waldner, L., & Magruder, B. (1999). Coming out to parents: Perceptions of family relations, perceived resources, and identity expression as predictors of identity disclosure for gay and lesbian adolescents. *Journal of Homosexuality*, 37(2), 83-100.
- Weston, K. (1991). *Families we choose: Lesbians, gays, kinship*. New York: Columbia University Press.

CAPÍTULO III - TRAJETÓRIAS DE VIDA DE HOMENS IDOSOS HOMOSSEXUAIS

7. Life trajectories of older gay men¹³

Filipa D. Marques*¹ & Liliana Sousa¹

¹Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

*E.mail:filipa.marques@ua.pt

Abstract

Literature on homosexuality is mostly youth-centred, which implies a lack of life course perspective for older gay persons. Homosexuals experience social stress and stigmatization as members of a sexual minority group in a dominant heterosexual society, since they constructed their lives in ways that contradicted dominant expectations for individual and family life. This exploratory study adopts a life course approach to explore the life trajectories of older gay men (since gender is a determinant of aging), focusing on life events related to their homosexuality. The sample comprises 10 participants (60 to 88 years old). The life events line technique was administered as an open interview, and submitted to content analysis. Findings suggest the following main life events: i) vertical – realizing their own homosexuality; trying to pass as non-gay; assuming homosexuality (disclosure or discovery); experiencing limitations and challenges related to being old and homosexual; ii) horizontal – building a family of choice. The results are relevant for better understanding how homosexuality influences older gay men's life course and development.

Keywords: older gay men; homosexuality; life course; life event; development; aging.

¹³ Artigo submetido ao “Journal of Gay & Lesbian Social Services”.

7.1 Introduction

Gay aging has received little attention, since most studies are youth-centered (e.g. Muraco, LeBlanco & Russell, 2007; Oakenfull, 2007; Johns & Probst, 2004; Burbank & Burkholder, 2006). Research on homosexuality has mostly focused (e.g. Brow et al, 2001; Muraco, LeBlanco & Russell, 2007; Oakenfull, 2007): the coming out process; discrimination and community relationships; intergenerational attitudes and family involvement; HIV/AIDS. So, there is a lack of research on the life course, and how homosexuality is experienced and influences gay persons throughout life.

Contemporary cohorts of current old gay persons lived their childhood, adolescence and adulthood life during periods of great suppression of homosexuality (e.g. Muraco, LeBlanc & Russel, 2008; DiPlacido, 1998; Meyer, 2003). Therefore, they experienced diverse negative life events (such as, parental rejection, loss of children' custody, anti-gay violence), along with chronic daily hassles (e.g., hearing anti-gay jokes, always being on guard). Homosexuals experienced social stress and stigmatization as members of a sexual minority group in a dominant heterosexual society, since they constructed their lives in ways that contradicted dominant expectations for individual and family life (Muraco, LeBlanc & Russel, 2008). In this context, it seems relevant to explore current old gay life course focusing the most impacted events (Kertzner, 2001). This study focuses on old gay men, since gender is a determinant of ageing, and old men in general are recognized as an underserved population in terms of research, which has focused mainly on older women (e.g. Ribeiro, 2008). In addition, some studies have shown dissimilarities between gay male youths and lesbian female youths with respect to the coming-out process and its correlates (Rothman, et al., 2012; Rosario, et al., 2001).

Life course: events and transitions

The life course perspective view person's life by looking at the way they have evolved throughout different periods of life (e.g. Hutchison, 2005). Elder (1974) was one of the early authors to write about this perspective, when studying the impact of the 1930s' Great Depression on individual life pathways; the author underlined that, as a general approach to the human development, this perspective emphasizes the influence of geographical, social, cultural and historical context. Concomitantly, this perspective is grounded on the principle of *human agency* (e.g. Elder, 1998; Hammack, 2005; Hammack & Colher, 2009;

Pearlin, 2010), meaning that individuals construct their life courses through choices and actions they take within the opportunities and constraints of the cultural, historical and social circumstances. Therefore, there is some personal control, since individuals are active agents who not only mediate the effect of social structure but also make decisions and set goals that shape social structure.

The life course is shaped by the timing of lives (e.g. Hagestad & Neugarten 1985; Price, McKenry & Murphy 2000; Hutchison, 2005), that intersect three types of time: i) individual time, that refers to the chronological age and periods of life (such as childhood, adolescence, adulthood and old age) and roles in society, which may be based on culturally shared age definitions; ii) generational time, representing age groups or cohorts in which people are grouped based upon their age; iii) historical time, meaning the societal or large-scale changes or events and how these affect individuals and families (including political and economic changes, and technological innovations).

Under these assumption people's lives arise as interdependent and reciprocally connected on several levels (linked lives; Elder, 1998): societal and individual experiences are linked thorough the family and its network of shared relationships. Mainly, people in significant relationships with each other (such as parents and children), occupy mutually influential interlocking developmental trajectories that extend throughout their lives (Elder, Johnson & Crosnoe, 2003). This suggests that circumstances in children's lives would have implications for the lives of their parents and vice-versa. It also underlines how the past shapes the future: early life course decisions, opportunities, and conditions affect later outcomes. The past, therefore, has the potential to shape the present and the future, which can be envisioned as a ripple or domino effect (Hutchison, 2005).

The life course perspective focuses the stressful life events on individual lives over times, which are portrayed as moments of transition (development or evolution). The concept of life event (introduced by Holmes and Rahe, 1967) represents the developmental transitions, which require a change in assumptions about oneself and the world. Life events comprise the major or minor events that cause stress and the requirements they impose to change. Life events have been divided in normative (or expected for the most people of a certain age or generation; such as, adolescence, marriage, becoming a parent), and non-normative (unexpected or uncommon, i.e., not predictable by age or generation, such as divorce or unemployment) (e.g. Baltes, 1987; Paúl & Fonseca, 2005; Fonseca, 2005;

Pearlin et al., 2005; Ferraro, 2001). The experience of life events is subjective with some individuals coping better than others with stressful circumstances, what has been associated to (e.g. Fonseca, 2012): personality characteristics (people with resilient personality cope better since they believe in their abilities to influence the course of life); contexts features (social prejudices difficult the process of homosexuality self-acceptance and coming-out decision); social support (people with good social support are more able to deal with stressful situations). Schlossberg et al. (1995) identified five major sets of factors that influence a person's ability to cope with a transition: i) situation (who or what does the individual perceive as responsible for the transition, and how does it affect his/her behavior); ii) self (personal and demographic characteristics, such as, age, gender and socioeconomic status); iii) psychological resources (that include tools used to cope, such as optimism, self-efficacy and values); iv) support (comprises intimate relationships, family unity, networks of friends, and institutions and community support); v) strategies (there are three main categories for coping with transition: a) responses that change a situation; b) responses that control the meaning of the problem; c) and responses that manage stress in the aftermath).

Life events are crucial moments of existence that imply transition, i.e. the movement of entrance or exit from roles and status, demanding change in behaviors and relationships (e.g. Ferraro, 2001; Schlossberg, 1981). The time it takes for a person to process a transition varies (Schlossberg et al., 1995); transitions tend to be more comfortable when they occur respecting timing and sequence; i.e. in particular developmental transitions are tenuous if they occur before or after their time and sequence (for instance, becoming a parent at adolescence) (e.g. Pearlin, 2007; 2010; Hammack, 2005; Floyd & Bakeman, 2006).

Gay life course

Developmental perspectives, including the life course perspective, have rarely been used to understand gay person's life, with researchers acknowledging but not exploring (e.g. Kertzner, 2001; Hammack, 2005). Recent work on sexual orientation by Cohler and colleagues (Cohler & Galatzer-Levy, 2000; Hammack & Cohler, 2009) has begun to explicitly integrate a life course theoretical perspective. Cohler & Galatzer-Levy (2000) argued that the theoretical models discussed, as adult development, are not a useful concept in understanding homosexual lives, because a linearity of life transitions is

presumed based on conventional social and gender roles, traditional configurations of family life. Savin-Williams (2001) argues that the life course of non-heterosexual must be approached as a *differential* developmental trajectory when compared with heterosexual. Therefore it seems crucial to understand gay men life course (Hammack, 2005; Floyd & Bakeman, 2006).

The literature on life events and homosexuality is scant and essentially focused on disclosure (e.g. Floyd & Bakeman, 2006; Hammack, 2005) and how life course factors affect coming-out (by evaluating the effects of both maturational and historical contexts on the timing and sequencing of commonly identified coming-out experiences). There is also a great amount of literature on the impact of HIV/SIDA in life course of homosexual persons (e.g. Not & Vedhara, 1995), what may inadvertently nurture a negative connotation of homosexuality. In fact, disclosure is one of the many (although one of the majors) life event or phases through which an individual may pass (Taylor, 1999; Hammack, 2005). However, an individual may be considered to be in transition when he/she begins to recognize that they are not heterosexual, yet have not adopted a homosexual identity (Hammack & Colher, 2009).

In this study old gay men are the focus, since gender is a determinant of life and aging. As well, literature in sexual minorities has mainly addressed together lesbian, gay and transsexual, demanding to acknowledge a gender perspective since social view on sexual minorities varies according gender. Some authors (e.g. Morrow, 2001; Schope, 2005) have suggested that aging for lesbians might be different from aging for gay men. Gay men were found to be significantly more negative than lesbian respondents in their attitudes about their own growing older (Gabrielson, 2011). For instance, as they age, lesbians place less importance on youthful appearance and sexual activity than gay men. Women are less concerned about growing older and more likely to want to grow old with a love (Schope, 2005). In addition, Diamond (2000) found that women have a greater plasticity on changing identities that are attributed to a more floating easily between an identity heterosexual, bisexual or lesbian; i.e. engage more easily with partners which are or not of the same gender.

7.2 Objectives

This exploratory study adopts a life course perspective to explore life trajectories of older gay men, focusing life events related to their homosexuality that punctuate (transition events) their life experience. The results are relevant to better understand how homosexuality influences older gay men development.

7.3 Methods

Sample was recruited using the following procedures. Initially the 1st author contacted 10 community institutions, and non-governmental organizations (such as ILGA, Intervention with Lesbian, Gay, Bisexual and Transsexual) gay-related in Portugal, to identify old gay men (over 60 years old); all organization responded that they didn't have members with that age. Then, the researchers try to contact public figures self-assumed homosexuals, but received no answers. So, it was decided to recruited sample by authors social networks associated with the snow-ball sampling process; researchers' acquaintances, which were in contact with the gay community, identified old homosexual men (≥ 60 years old); to those they considered would collaborate, they asked permission to give their telephone number and/or the e.mail to the researcher. After, the researcher proceed as settled (contact by phone and/or e.mail), to explain the study objectives and collaboration required. The interview was scheduled after the first telephone or email contact or after a face-to-face meeting. It took place in private settings, chosen by the participants (at their homes or work office). Informed consent agreement was obtained. The interviews lasted between 33 minutes and 84 minutes, and all were performed by the first author. Sample collection stopped at 10 participants when was unable to get more contacts. It should be noted that this sample (10 participants) took 18 months to be collected (table 7.1.). During this time, the authors found other older gay people but they refused to cooperate justifying with the study focus on family relationships: they have family conflicts and wouldn't feel comfortable talking about that topic. The participants who agreed to participate also helped to identify other participants.

It was decided to include participants with less than 65 years old (the chronological age standard for old age) since the definition of old in this population tends to be lower than

the generally accepted in the non-gay community; the gay subculture assumes and expects older individuals to fade into the outer perimeters upon evincing the physical signs of aging (Smith 1982).

Tabela 7.1 Sample

Participants ¹⁴	Age	Profession	Household	Academic qualifications	Marital Status	Heterosexual relationships	Children
Francisco	64	Drag Queen	alone	4 years	Single	Yes	0
Rodrigo	61	Drag Queen	with mother	4 years	Single	-	0
João	60	Accountant and Drag Queen	alone	Higher education	Single	Yes	2 biological
Filipe	60	Drag Queen	alone	4 years	Single	Yes	Yes
Antônio	65	Teacher	with husband	Higher education	Married (same-sex)	Yes	0
Marco	88	Retired teacher	alone	Higher education	Single	Yes	0
Tomás	60	Retired doctor	with same-sex partner	Higher education	Single	No	0
Paulo	61	Retired national guard	with same-sex partner	Secondary	Divorced (heterosexual marriage)	Yes	2 biological
José	60	Entrepreneur	with same-sex partner	Secondary	Single	No	0
Álvaro	63	Lawyer	alone	Higher education	Single	Yes	0

Instrument

The data collection was performed through an open interview based on the life events line technique (Acquaviva et al., 2007) (anexo 3). This technique consists in exploring the life history of participants, in order to rebuild the trajectory and significant events (in this case focusing the homosexuality). This is a valuable process because it encourages participants to recall events with other significant people in their lives (such as episodes involving the family, friends or co-workers). In addition, this approach generates participants' recall of forgotten events and even secrets of life (probably because it is an opportunity to talk in a private context). This technique was used as an open interview, the respondent being asked to evoke life and significant events; and began with the following question to stimulate the memories and the participant's speech: *do you remember when and how did you realize your own homosexuality?* To support and help the recall, the interviewer had a paper with a

¹⁴ All participants were given pseudonyms to protect their anonymity.

line of life where, in the front of the participants, the main events were written along with the date (age and year of happening).

Data analysis

The interviews were audio-recorded, transcribed and submitted to content analysis, based on Grounded Theory. Grounded theory is described as both a systematic and rigorous method, allowing participants to be the experts in describing their own experience (Glaser & Strauss, 1967; McAllister, 2001; McCreddie & Payne, 2010). It is often used to explore topics where little is known to guide research or practice. Grounded theory is designed to explore how people understand their circumstances and how they describe and define a given specific situation, as well as the manner how such understanding is related to action (Strauss, 1998). The authors transcribed the interviews, and independently analyzed the transcription aiming to develop a set of life events that could elicit accounts of participants' homosexuality experiences. The analysis was performed in order to identify the events, the chronological age in which they occurred and how they were experienced by the participants. After both authors agree on life events, results were discussed individually by the first author with each participant, in order to acknowledge their agreement on the authors' organization of the life trajectories. After each life event was described according the interviews, and again submitted to each participant analysis.

7.4 Results

The results (table 7.2.) suggest two types of life events: vertical (occurring at a particular moment of life) and horizontal (occurring throughout life with transformation). The vertical life events are linked; i.e. each event leads to another (table 7.2.): “realize their own sexual orientation” leads to “trying to pass as non-gay”, that leads to “assuming homosexuality”; probably this leads to “experiencing limitations related to being old and homosexual”. There is one horizontal life event occurring trough the life course, and accompanying the vertical events: “building a family of choice”.

Tabela 7.2 Life events and chronological age

VERTICAL LIFE EVENTS	PARTICIPANTS
1. Realize their own sexual orientation Life time: “since ever”/childhood to adolescence	Francisco, Rodrigo, João, Filipe, António, Marco, Tomás, Paulo, José and Álvaro.
2. Trying to pass as non-gay Life Time: from adolescence to young adulthood (1 participant until middle life)	
2.1. Involvement in heterosexual relationships (until assuming homosexuality)	Francisco, João, Filipe, António, Marco, Tomás, Álvaro, Paulo.
2.1.1. Involvement in sporadic heterosexual relationships	Francisco, João, Filipe, António, Marco, Tomás, Álvaro, Paulo.
2.1.2. Commitment into heterosexual relationships, but with wedding withdrawal (leading to assuming homosexuality)	Francisco, João, Filipe
2.1.3 Heterosexual marriage with extramarital homosexual relationships (until being discovered)	Paulo
2.2. Adopting typical men behaviors	Rodrigo, José
3. Assuming homosexuality (disclosure or discovery): reorganize family relationships Life Time: from adolescence to young adulthood (1 participant until middle life)	
3.1. Disclosure explicitly	Rodrigo, João, António, Marco
3.2. Disclosure implicitly	Tomás, José
3.3. Discovery by family	Francisco, Filipe and Paulo
3.4. Not Disclosure	Álvaro
4. Experiencing limitations and challenges related to being old and homosexual Life Time: old age	
4.1. Lack of descendants: disappointed for not perpetuate generation	Francisco, Rodrigo, António, Marco, Tomás, José, Álvaro
4.2. Facing a renovate social acceptance: such as the legalization of the homosexual marriage	Francisco, António
4.3. Lack of role models: few contacts with older homosexual	Francisco, Rodrigo, António
HORIZONTAL LIFE EVENTS	
Life Time: During life course	
1. Building a family of choice	Francisco, Rodrigo, João, Filipe, António, Paulo, Marco, Tomás, José, Álvaro.

Vertical Life events

Realize own sexual orientation [since ever; childhood to adolescence]

Participants recognized very early their sexual orientation; some (Francisco, Marco, Paulo and Álvaro) knew it “*since ever*”, while others identify it since their adolescence (from 9 to 15 years old) (Rodrigo, João, Filipe, António, Tomás, José). These last ones associate the moment of discovery of sexual orientation to physical attraction and passion:

“I lived in a war colonial zone and at Sunday I was excited by seeing the militaries [men] and not their girlfriends!” [Marco]

“I was 15 years old, when I fell in love for a person of the same sex for the first time!” [António]

Trying to pass as non-gay [adolescence; young adulthood; middle age]

After realizing their sexual orientation, the first response of participants was trying to hide their homosexuality, trying to be/look heterosexual; they did it in two ways (table 2): 1) engaging with women, 2) adopting behaviors associated with male gender (for example, playing in a football team). Participants justify these attempts to appear heterosexual with two reasons: i) uncertainty (still) of their sexual orientation, therefore they behave as their male friends and keep cases with women who they *liked* and *admired* (João, Filipe, António, Marco, Paulo); ii) social pressure that led them to trying to act according to the *expectations of society* (Francisco, João, Filipe, António, Marco, Tomás, Paulo and Álvaro).

Involvement in heterosexual relationships can be sporadic, reaching to a greater commitment and even marriage (table 7.2.):

- i) Francisco, João, Filipe, António, Marco, Tomás, Álvaro, Paulo mentioned “involvement in sporadic heterosexual relationships”; however, António, Marco, Tomás, Paulo and Álvaro discard those relationships when they fall in love with a man, feeling and ultimately assuming their homosexuality;

“I had relations with women and I liked (...) the woman is a fantastic human being, but I abandoned women when I fell in love with a real man!” [Marco]

- ii) Francisco, João, Filipe engaged in a “commitment to heterosexual relationships” (relationship and betrothal) and some had biological children (Filipe e João); however they did not marry because they *could not deceive*

themselves or their brides and live a fake life, so they disclosure explicitly their homosexuality to their bride and family.

“My girlfriend was pregnant and we were going to get married, but I could not do it because it would deceive her and me, and I would live a fake life if I married.” (Filipe)

- iii) Paulo assumed a “heterosexual marriage, however with extramarital homosexual relationships”; heterosexual marriage occurred because the social pressure was hard, but homosexual extramarital relationships were maintained. Paulo also had children from this marriage. Homosexual relationships were maintained during the marriage and were discovered *after 20 years of marriage*, by the wife because *no one can live with hidden homosexual cases for all life* [Paulo].

“I got married because the pressure was so hard ... and I wanted to hide! At one point, there’s no way to continue to live in hiding; I had clandestine homosexual meetings and at one day my homosexuality was discovered and we get divorced.” [Paulo]

Adopting typical men behaviors were strategies embraced by Rodrigo and José; they did not engage in heterosexual relationships, but also tried to conceal their homosexuality having a *typically male behavior*. For example, Rodrigo and José refer that they have *played always professions socially associated with male gender* (as a businessman or police).

Assuming homosexuality [adolescence to young adulthood]

After trying to pass as non-gay, participants somehow reveal (disclosure) or have to reveal (discovery) their homosexuality (only Álvaro never revealed his homosexuality).

Disclosure explicitly (table 7.2.) was the conduct of Rodrigo and Marco (who had previously opted for typical male behaviors), João (commitment), António (sporadic heterosexual relationships). It involved a formal conversation with: both parents (António); first with the mother for help and guidance (Rodrigo); or only with a few *trustable* family members (Marco). This option was assumed by the participants’ because they considered that they had to be loyal to the family: *because to the family there’s nothing to hide* (João). In these cases, the family tends to accept the participant sexual orientation; however not always immediately.

- i) Rodrigo disclosure explicitly just to his mother, but his sexual orientation was discovered by his father that kicked him out of the family home and forbidden the

mother to maintain relationships with him. So he went to live with an aunt (mother's sister) until his father's death (just a few years ago); after he went back to live with his mother.

- ii) Marco disclosure explicitly to his nephews because he had always rely on them, and because he knew they had an *open mind* and they would never judge him.
- iii) João disclosure explicitly to his family because he believes that to the family *there is nothing to hide!* His mother accepted him and become even more protective (*I'm the baby boy of the family*); the father, at first, *pretended not to understand*, but shortly afterwards he accepted.
- iv) António disclosure explicitly to his parents who accepted and supported him *from the first day of disclosure*.

Disclosure implicitly was assumed by Tomás (who had had sporadic heterosexual relationships) and José (who had adopted typical male behaviors); in this type of disclosure participants never directly addressed the issue in the family to avoid confrontation, although they are *sure* family knows they are homosexual because of their behaviors: José refers that him and his partner *are always both invited to important family celebrations, such as birthdays*; Tomás states that he sleeps with the partner in the same bedroom at parents' home. The reasons for this implicit disclosure were: i) not to hurt or disappoint the family (Tomás and José), ii) not want to reveal something that only concerns to them (José). These participants describe a gradual acceptance of the family that seems to know about that, but never talk about it.

"I came to live in Lisbon to study; I felt in love with my boyfriend and stay here because it allowed me to live more freely my homosexuality. I live away from my family, but I call them every day and whenever I can I go there with my partner!" [José]

Discovered by the family was the situation faced by Francisco and Filipe (who had assumed commitment in heterosexual relationships) and Paulo (who had married). These participants justify their attitude of not disclosure by: i) fear of family rejection, in particular from parents, because it may definitely cut-off relationship (also involves avoiding themes around sexuality and dating); ii) protecting themselves and their relatives, because of society prejudices:

"I will never speak about being homosexual with my parents! Why hurt them?! I always heard them say that they preferred a dead son than a gay son!" [Filipe]

Beyond fear of rejection, Paulo felt also of self-rejection: more than being afraid of hurting his parents, he was facing self-rejection and did everything to hinder and deny his sexual orientation. Paulo also stated that he tried hard to live a life that matches the society expectations:

"I got married because the pressure was so hard ... (...) and I wanted to hide my homosexuality!" [Paulo]

But, this situation was discovered by the family, leading to conflicts that arise in result of family's betrayal feelings. Paulo's ex-wife and biological children had cut-off relationships with him and also prohibited Paulo of seeing his grandchildren.

Álvaro is the only participant who never disclosure and was never discovered by the family (he moved away geographically from the family not to *cheat them*); in consequence, he assumes that he had to live a life of farce, *away from everything and everyone*. Álvaro mentioned that his goal was that parents never discovered his homosexuality; after they died, this concern has decreased in relation to his brothers, but now he has no connection with his brothers:

"Since my parents died there is nothing that hold or connect me to my brothers, I do not care if they know or not about my homosexuality, but we're never together as I think they know I'm gay!" [Álvaro]

Experiencing limitations and challenges related to being old and homosexual

At old age participants mention some limitations related to being old and gay:

i) Lack of descendants; excepted those who have biological children from heterosexual relationships (João, Filipe and Paulo) all others regret not having children because: always had the desire to become parents; fell of disillusion for not fulfilling their parents' desires, related to the generation perpetuation (Francisco: *"my father wish I had given him a grandchildren, and that never happened, or would happen"*); they still cannot adopt because it is not legal for homosexuals.

ii) Facing renovate social acceptance (such as the legalization of homosexual marriage). The fact that the gay marriage has been legalized in Portugal in 2010 raises tranquility to participants, particularly regarding the legal rights of unmarried partners who live together, and is experienced as a *social achievement* of sexual minorities. Concomitantly, they face an unprecedented challenge, because they were used to live *in hiding* and now they "are legal".

António explains: *"I'm living with my partner for 31 years, we will finally get married just because of all the problems of inheritance and health issues so we can make decisions about the health and other stuffs, not for the symbolic issue!"*

iii) Lack of role models. Participants refer that they *have no or little contact with other gay seniors*; in the context of social repression that participants grew, many friends and acquaintances lived *inside of the closet* all life, pretending to be heterosexuals, and participants do not relate with them to protect them from being discovered. Mostly they maintain relationships with younger homosexuals, and think about how *ageing could be* if they could interact with other some age gay men.

"We do not deal as we wish with people of our age. Many people of our age lived heterosexual marriages and they are unhappy, they didn't disclosure when they should, or they didn't had opportunity and so, they live a false life. So we get along with younger gay!" [Rodrigo]

Horizontal life event: building family of choice [through the life]

All participants mentioned a *chosen family*, based on the support of those who (without blood ties) view their homosexuality without prejudices, described as crucial to fill sexual, emotional and social needs, namely to facilitate (*help* and *guide*) the process of coming out; i.e. the tie with other homosexuals (partners and others) and/or some heterosexuals (such as longtime friends, co-workers) who *unconditionally* accept their homosexuality, is an important part of self-acceptance, giving *strength* and *courage* to face the challenges of being homosexual in a heterosexual society. In context of rejection (by family and/or others), participants try to cope by compensating the support with the chosen family. However, even in the context of acceptance by family, chosen family is essential to encourage new stage of life after the disclosure; i.e. having role models to help guide their behavior in society. Francisco explains:

"When we get together with friends, we see someone we like, we listen and share experiences, which helps us understand ourselves better and encouraged us to go ahead "(...) there (in the gay bar) I speak as I want. (...) When my father kicked me away from home after discovering my homosexuality, we haven't gay bars and these friendships we have today, if so, everything would be easier!" [Francisco]

Family of choice seems to exist during all life following some phases, i.e. there is a tendency to create groups of acceptance since early, but they change (in terms of members and functions) over time:

i) In childhood participants tend to create more friendships with girls (*more sensitive*) because they *identify with them since early, at the school* (Francisco, Rodrigo, Tomás); this

emerges at the time they realize their own sexual orientation, and friendships with girls help them realize they are *different*.

ii) From adolescence (when they fall in love) to adulthood, participants relate with other homosexuals and maintain friendships with young homosexuals and other heterosexuals (who accept their homosexuality) which tends to extend into old age (Francisco, Rodrigo, João, Filipe, António, Paulo, Tomás, José). They start to frequent gay places (such as bars) in two main ways: a) being drag queen to *get money* and because they *like to dress like a woman* since earlier (Francisco, Rodrigo, João, Filipe); b) having times of leisure and to find other gays (Francisco, Rodrigo, João, Filipe, José); these friendships seems to be determinant in their disclosure process because they interact with some who already had disclosure to parents (which *potentiate the courage to do the same*) and that *supports them* when they face *family rejection*.

iii) During adulthood participants strengthen relationships with the family of choice. They continue to relate with gay and some heterosexual friends. However, over the years, some homosexual friends start to adopt other routes (some married with women hiding their homosexuality).

"A characteristic of homosexuals that I have known throughout my life is to be married and have many children, it seems that they want to mask and show they are very virile and manly, and some managed! For these and other circumstances we mutually move away!" [Marco]

iv) From adulthood to old age participants continue to attend gay places and with their lifelong friend (homosexual and heterosexual). Some gay people with whom participants established friendship *took other paths of life* (usually assuming a heterosexual pattern), moving them away from the usual places and preventing the friendship to go on (Francisco, Rodrigo, João, Filipe, António, Paulo, Tomás and José). Participants would like to have older homosexual friends, mainly to have role models. Therefore, the chosen family includes younger gay men with whom they interact in gay places (gay bars).

"I don't know how I would deal with ageing and homosexuality if I hadn't my partner, because I know many more people our age (...) it should not be easy to live alone!" [António].

7.5 Discussion

Results suggest major common life events, which are experienced and lived in different ways by the participants, leading to life trajectories that have a common sequence but each transition may occur in different ways. The life course seems punctuated by four major sequential events: i) realize their own sexual orientation (childhood); ii) trying to pass as non-gay (adolescence to early adulthood); iii) assuming homosexuality and reorganize family relationships (adulthood); iv) experiencing limitations and challenges related to being old and homosexual (old age). These life events are accompanied during life by the building of a family of choice (an acceptant support system) that restructured in terms of members and roles according the major events the participants are going through. This seems to convey the quality of transmuted meaning that has been described as featuring homosexual identity across life course (Kertzner, 2001; Hammack, 2005).

The moment participants “realize their own sexual orientation” seems to emerge soon in life, varying between childhood (*since ever*) and adolescence, what has also been found in other studies (e.g. Savin-Williams & Diamond, 2000). But results suggest that *falling in love* (not just attraction) by a person of the same sex is the definitive criterion of sexual orientation (e.g. Pope et al, 2007).

However, just after realize their homosexual orientation, participants “try to pass as non-gay”; sometimes they still in a process of fully embrace their homosexuality, while other are attempting to conform to social gender norms in order to avoid social discrimination. This event seems to be a storm of emotions (Kertzner, 2001), lived as an intersection of all fears, mainly the fear of family rejection and the fear of social rejection (related to job loss and discrimination and/or fright of losing emotional and financial security) (Berger & Kelly, 2001). Therefore, participants try to hide their sexual orientation to avoid the stigma from others and even from themselves; it could even be hypothesize that during this transition gay men actually try to become/be heterosexual. Trying to pass as non-gay can be also labeled as trying to conform to social norms, since it tends to set internal conflicts (fighting and repressing the sexual orientation to please others): *negative love syndrome* (Hoffman, 1967; 1984).

Participants cope with this transition in different ways: some adopt typical male behaviors, without involvement in heterosexual relationships; while others engage (with more or less commitment) in heterosexual relationships.

Those who adopt typical male behaviors tend to disclose to the family, seeming to be more self-acceptant of their sexual orientation (when compared with those engaging in heterosexual behaviors). In fact, these participants do not act against what are their preferences, values and ethics; they try to protect themselves and their families, at least until they are sure and/or committed to a homosexual relationship. Those that become involved in heterosexual relationships do it in different degrees of involvement: some just maintain sporadic cases; others are in committed dating but give up marriage since they do not want to live a life of lie; another's assume a heterosexual marriage while maintaining extramarital homosexual relationships.

This phase of trying to pass as non-gay ends by disclosure or discover to/by the family (just one participant maintained throughout life the secrecy of his sexual orientation). Assuming homosexuality and reorganize family relationships brings some peace to the participants, even when family relationships are somehow compromised. Disclosure (or even being discovered) creates a feeling of freedom and honesty on the person and their interpersonal relationships, particularly with the biological family: it is like to overcome the ultimate barrier (e.g. Drescher, 2004; Goldfried & Goldfried, 2001; Herdt & Koff, 2002; Lasala, 2000; Pachankis & Goldfried, 2004; Pérez-Sancho, 2005).

The disclosure event is marked by the ease or difficulty with which participants' face the family, and by family members' responses: family relations can have a both negative and positive effect on identity expression, what leads to the hiding or assuming of sexual orientation (Muraco, LeBlanc & Russell, 2008; Chaudoir & Fisher, 2010; Domínguez-Fuentes et al., 2012). Clearly disclosure is a turning point, a transition after which the adult life course is changed (Waldner & Madruger, 1999). Participants "assume their homosexuality" (as signal of respect) implicitly or explicitly; or they were forced to (discovered). In general, those who disclosure explicitly were sooner or later accepted by the family; probably they had this decision because they felt (considering the family relationships and values) that they would be accepted. Participants who disclosure implicitly didn't face parents' rejection what suggest that this option is good because it allows for a gradual acceptance of the sexual orientation, giving space and time for facilitating parent's acceptance (Grossman, D'Augelli & O'Connell, 2001). Most participants who were discovered faced rejection by family, especially by parents, because of family values (machismo and conservative attitudes). The historical context and society

values are highly important to shape the individuals and/or families values and meanings; e.g. the impact of AIDS over the past decades, shape the prejudices related with sexual orientation leading society to marginalize homosexuals (e.g. Dominguez-Fuentes, Mendieta & García-Leiva, 2012; Kertzner, 2001). Concealing and being discovered (by parents or children) seems to bear the burden of betrayal, which is the sense of being harmed by the intentional actions or omissions of a trusted person, comprising disloyalty and dishonesty (Rachman, 2010). However, the discovery of homosexuality suggests that parents already suspected (in a more or less conscious way) and were looking for confirmation; in fact, usually there are no secrets of this dimension in a family (e.g. Moreira & Dócolas 1999; Imber-Black, 1988). This will have repercussion through participants' life, since relations with the biological family will be maintained with those who accept, and cute or constrained with those who do not accept (Muraco, LeBlanc, & Russell, 2008).

At old age, participants "experience limitations and challenges related to being old and homosexual" in their daily lives that are unique for homosexual people (e.g. Berger & Kelly, 2001; Brown et al., 2001; Wierzalis, et al., 2006). The life configuration of gay men may contribute to a sense of uncertain aging, in particular due to the lack of role models to face issues and challenges of aging in the gay world (e.g. Gabrielson, 2011; Brown et al., 2001). The common lack of descendants is pointed by participants as limitations of being older and gay; in fact, they begin to feel "off schedule" as they make social comparisons to heterosexual peers who have married, have families, children and grandchildren (Cohler & Galatzer-Levy, 2000). This is not an exclusive characteristic of the homosexual world, since there are heterosexuals who do not have children (because they do not want or cannot), but participants put the burden of not having children on their homosexuality. Facing renovate social acceptance is also challenging, what seems almost a paradox; participants feel free and happy with the gradual social acceptance but face a new challenge never before experienced: they always hid or tried to be discreet about their sexual orientation and now they can *wear a wedding ring in their fingers* like the heterosexual couples; however they can't adopt child yet (not legal in Portugal). Older gay men face the absence of role models; therefore, partners and the family of choice play a key role during life (e.g. Grossman, D'Augelli, & Hershberger, 2000).

“Building a family of choice” occur throughout life, assuming various roles and membership according the vertical events that are occurring. Older gay men may have spent much of their adult lives forming and creating their “family of choice” (non-biologically related friends that they consider family) (Orel, 2004). Individuals tend to select group memberships strategically to enhance the positivity of their self-concept that’s why participants tend to relate with homosexual and heterosexual who accept their homosexuality (e.g. Hershberger & D’Augelli, 2000; Peetz & Wilson, 2012; Domínguez-Fuentes et al., 2012). It is widely recognized that social relationships in the first half of life play an important role in the achievement and maintenance of psychological well-being in later life (Steverink, 2011).

A family of choice tends to exist in most people lives, but it doesn’t seem to assume the crucial role in life as it does for the gay men (Muraco, LeBlanc, & Russell, 2008).

There seem to exist extra roles and functions; e.g.: family of choice is relevant to the process of *self-acceptance* of sexual orientation; to *help and guide* the process of coming out. In on hand helps to exchange experiences that makes them fell *normal* encouraging and giving strength to the disclosure process; in other hand is the *shock absorber* of rejection when the disclosure goes wrong. A history of rejection and strained relationships with family, as well as childlessness, leaves many older gay without the assurance of similar aging support (Gabrielson, 2011). In fact, chosen family connections have been identified as particularly important for older gay men, especially for those without partners (Hostetler, 2004).

7.6 Limitations and perspectives of research

This exploratory study, have some limitations that are common to studies focusing homosexuality. The sample size is small, despite the efforts to enlarge it. Most of the respondents were identified through networks of social support systems, so isolated gay men are not represented. Future studies needs to enlarge the sample what involves time and using informal networks. It is also relevant to do research on other sexual minorities (lesbians and bisexuals) from all backgrounds (for instance considering ethnicity, religion and socioeconomic status) and also gay men/women who maintained heterosexual marriages throughout life. In addition, future studies need to reconstruct the life trajectory and find all life events, those related to homosexuality and those not related; it is relevant

to understand what goes on beyond homosexuality and how it interacts with homosexuality. A focus on older gay persons is also needed, for instance considering retirement, relocation, bereavement, and death and dying issues.

7.7 Conclusions

Results suggest major common life events, which are experienced and lived in different ways, leading to life trajectories that have a common sequence but each transition may occur in different ways. Participants' life course related to homosexuality seems punctuated by four major sequential events: i) realize their own sexual orientation (childhood); ii) trying to pass as non-gay (adolescence to early adulthood); iii) assuming homosexuality and reorganize family relationships (adulthood); iv) experiencing limitations and challenges related to being old and homosexual (old age). These life events are accompanied during life by the building of a family of choice. Results highlight that being a gay man implied a life different from the heterosexual and the lack of role models leave gay older men with lack of references (probably still using heterosexual as role models).

7.8 Acknowledgments

This project would not have been possible without the availability of participants who were interested in participating. The authors would like to thank them for their willingness. The authors also want to thank the financial support given to this project by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT).

7.9 References

- Acquaviva, N. L., Salvagni, A., Tronco, C., Corrêa, K., Prates, M., Veríssimo, M., Lunes, M., (2007). *A Utilização da Linha da Vida Como Técnica em Psicoterapia*. Domus – centro de terapia de casal e família. Recuperado em junho de 2012 de http://www.domusterapia.com.br/principal/ShowSecao.asp?var_chavereg=91
- Baltes, P. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611-626.
- Berger, R. (1982). *Gay and gray: The older homosexual man*. Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Berger, R. M., & Kelly, J. J. (2001). What are older gay men like? An impossible question? *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 13(4), 55-64.
- Brown, L., Alley, G., Sarosy, S., Quaro, G., & Cook, T. (2001). Gay men: Aging well! *Journal of Gay & Lesbian Social Services* (Harrington Park Press, an imprint of The Haworth Press, Inc.), 13(4), 41-54.
- Burbank, P., & Burkholder, G. (2006). Health issues of lesbian, gay, bisexual and transgender older adults. In P. Burbank (Ed.), *Vulnerable older adults. Health care needs and interventions*. New York: Springer Publishing Company.
- Carter, H., & McGoldrick, M. (1999). *The expanded life cycle: Individual, family and social perspectives* (3rd ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Cass, V.C. (1979). Homosexual identity formation: A theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4, 219-235.
- Chaudoir, S.R., & Fisher, J.D. (2010). The disclosure processes model: Understanding disclosure decision-making and post-disclosure outcomes among people living with a concealable stigmatized identity. *Psychological Bulletin*, 136(2), 236-56.
- Cohler, B., & Galatzer-Levy, R. (2000). *The course of gay and lesbian lives: Social and psychoanalytic perspectives*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

- Coleman, E. (1982). Developmental stages of the coming-out process. *American Behavioral Scientist*, 25, 469-482.
- Diamond, L. (2000). Sexual identity, attractions, and behavior among young sexual-minority women over a 2-year period. *Developmental Psychology*, 36(2), 241-250.
- DiPlacido, J. (1998). Minority stress among lesbians, gay men, and bisexuals: A consequence of heterosexism, homophobia, and stigmatization. In Herek, G.M (Ed.), *Stigma and sexual orientation: Understanding prejudice against lesbians, gay men, and bisexuals* (pp. 138-159). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Domínguez-Fuentes, J., Hombrados-Mendieta, M., & García-Leiva, P. (2012). Social support and life satisfaction among gay men in Spain. *Journal of Homosexuality*, 59(2), 241-55.
- Drescher, J. (2004). The closet: Psychological issues of being in and coming out. *Psychiatric Times*, 21(12).
- Elder, G. H. (1974). *Children of the Great Depression: Social change in life experience*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Elder, G. H. (1998). The life course as developmental theory. *Child Development*, 69, 1-12.
- Elder, G. H., Jr., Johnson, M., & Crosnoe, R. (2003). The emergence and development of the life course. In Jeylan T. Mortimer & Michael J. Shanahan (Eds.) (Howard Kaplan, series editor), *Handbook of the life course*. New York: Plenum.
- Ferraro, K. F. (2001). Aging and role transitions. In R. H. Binstock, & L.K. George (Eds.), *Handbook of aging and the social sciences* (5th ed.) (pp. 313-330). New York: Academic Press.
- Floyd, F., & Bakeman, R. (2006). Coming-out across the life course: Implications of age and historical context. *Archives of Sexual Behavior*, 35(3), 287-296.
- Fonseca, A. M. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*.(1ª edição). Lisboa, Manuais Universitários 35. Climepsi Editores.

- Fonseca A. M. (2012). Desenvolvimento psicológico e processos de transição-adaptação no decurso do envelhecimento. In C. Paúl, & O. Ribeiro (Eds.), *Manual de gerontologia: Aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. (pp. 96-139). Lisboa, Portugal: Lidel-Edições Técnicas, Lda.
- Frazão, P., & Rosário, P. (2008). O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1 (XXVI), 25-45.
- Gabrielson, M. (2011). We have to create family: Aging support issues and needs among older lesbians. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 23, 322-334.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory*. New York: Aldine Publishing.
- Goldfried, M. R., & Goldfried, A. P. (2001). The importance of parental support in the lives of gay, lesbian, and bisexual individuals. *Psychotherapy in Practice*, 57 (5), 681-693.
- Grossman, A., D'Augelli, A., & Hershberger, S. (2000). Social support networks of lesbian, gay, and bisexual adults 60 years of age and older. *Journals of Gerontology: Psychological Sciences*, 55B(3), 171-179.
- Grossman, A., D'Augelli, A., & O'Connell, T. (2001). Being lesbian, gay, bisexual and 60 or older in North America. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 13(4), 23-40.
- Hagestad, G. O., & Neugarten, B. L. (1985). Age and the life course. In R.H. Binstock and E. Shanas (Eds.), *Handbook of aging and the social sciences*. New York: Van Nostrand Reinhold.
- Hammack, P. L. (2005). The life course development of human sexual orientation: An integrative paradigm. *Human Development*, 48, 267-290.
- Hammack, P.L., & B. J. Cohler. (2009). *The story of sexual identity: Narrative perspectives on the gay and lesbian life course*. New York: Oxford University Press.
- Herdt, G., & Koff, B. (2002). *Tenho uma coisa para vos dizer: O percurso de uma família com um filho homossexual*. Porto: Âmbar (original work published in English in 2000).

Hershberger, S.L., & D'Augelli, A.R. (2000). Issues in counseling lesbian, gay, and bisexual adolescents. In R. Perez, K. DeBord, & K. Bieschke (Eds.), *Handbook of counseling and therapy with lesbians, gays, and bisexuals* (pp. 225-248). Washington, DC: APA Books.

Hoffman, B. (1984). *The negative love syndrome and the quadrinity model: A path to personal freedom and love*. Based on The negative love syndrome, an essay by Bob Hoffman, copyright 1984 by the Hoffman Institute.

Holmes, T., & Rahe, R. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research, 11*, 213-218.

Hostetler, A. (2004). Old, gay, and alone? The ecology of well-being among middle- aged and older single gay men. In G. Herdt, & B. de Vries (Eds.), *Gay and lesbian aging: Research and future directions* (pp. 143-176). New York: Springer.

Hutchison, E. (2005). The life course perspective: A promising approach for bridging the micro and macro worlds for social workers. *Families in Society, 86*(1), 143-152, Jan-Mar. Research Library.

Imber-Black, E. (1988). Normative and therapeutic rituals in couples therapy. In E. Imber-Black, J. Roberts, & R. Whiting (Eds.) *Rituals in families and family therapy*, (pp. 113-34). New York, NY: W. W. Norton & Co, Inc.

Johns, D. J., & Probst, T.M. (2004). Sexual minority identity formation in an adult population. *Journal of Homosexuality, 47*(2), 81-90.

Kertzner, R. (2001). The adult life course and homosexual identity in midlife gay men. *Annual Review of Sex Research, 12*, 75-92.

LaSala, M. C. (2000). Lesbians, gay men, and their parents: Family therapy for the coming-out crisis. *Family Process, 39*, 67-81.

McAllister, M. (2001). Grounded theory in genetic counseling research. *Journal of Genetic Counseling, 10*(3), 233-250.

- McCreaddie, M., & Payne, S. (2010). Evolving grounded theory methodology: Towards a discursive approach. *International Journal of Nursing Studies*, 47, 781-793.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674-97.
- Moreira, A., & Dócolas, G. (1999). A voz do segredo: Homossexualidade na família. *Pensando Famílias*, 1(1), 56-61.
- Morrow, D. (2001). Older gays and lesbians: Surviving a generation of hate and violence. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 13(1/2), 151-169.
- Muraco, A., LeBlanc, A., & Russell, S. (2008). Conceptualizations of family by older gay men. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 20(1/2), 69-90.
- Nott, K.H., Vedhara, K., & Power, M. (1995). The role of social support in HIV infection. *Psychological Medicine*, 25(5) 971-83.
- Oakenfull, G. (2007). Effects of gay identity, gender and explicitness of advertising imagery on gay responses to advertising. *Journal of Homosexuality*, 53(4), 49-69.
- Orel, N. (2004). Gay, lesbian and bisexual elders: Expressed needs and concerns across focus groups. *Journal of Gerontological Social Work*, 43(2/3), 57-77.
- Pachankis, J. P., & Goldfried, M. R. (2004). Clinical issues in working with lesbian, gay, and bisexual clients. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training*, 41(3), 227-246.
- Paúl, C., & Fonseca, A. M. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Manuais Universitários 42. Climepsi Editores.
- Pearlin, L. (2010). The life course and the stress process: Some conceptual comparisons. *Journals of Gerontology: Social Sciences*, 65(2), 207-215.
- Pearlin, L., Nguten, K., Schieman, S., & Milkie, M. A., (2007). The life course origins of mastery among older people. *Journal of Health and Social Behavior*, 48, 164-179.

- Pearlin, L., Schieman, S., Fazio, E.M., & Meersman, S. C. (2005). Stress, health, and the life course: Some conceptual perspectives. *Journal of Health and Social Behavior*, 46, 205-219.
- Peetz, J., & Wilson, A. (2012). Waving the flag (or not): Consequences and antecedents of social norms about in-group identification. *Self and Identity* (pp.1-20), iFirst article.
- Pérez-Sancho, B. (2005). *Homosexualidad: Secreto de familia. El manejo del secreto en familias com algún miembro homosexual*. Madrid: Egales.
- Pope, M., Wierzalis, E.A., Barret, B., & Rankins, M. (2007). Sexual and intimacy issues for aging gay men. *Adultspan Journal*, 6(2), 68-82.
- Price, S. J., McKenry, P. C., & Murphy, M. J. (2000). *Families across time: A life course perspective*. Los Angeles: Roxbury.
- Rachman, S. (2010). Betrayal: A psychological analysis. *Behavior Research and Therapy*, 48(4), 304-11.
- Ramos, M. (2005). *Crescer em Stress. Usar o stress para envelhecer com sucesso*. Coleção Idade do Saber, Ambar.
- Ribeiro, O. (2008). Elderly men on aging families. Constructing family in later life. In L. Sousa (Ed.), *Families in later life: Emerging themes and challenges* (pp. 97-116). New York: Nova Science Publishers.
- Rosario, M., Hunter, J., Maguen, S., Gwadz, M., & Smith R. (2001). The coming-out process and its adaptational and health-related associations among gay, lesbian, and bisexual youths: Stipulation and exploration of a model. *American Journal of Community Psychology*, 29, 133-160.
- Rothman, E.F., Sullivan, M., Keyes, S., & Boehmer U. (2012). Parents' supportive reactions to sexual orientation disclosure associated with better health: Results from a population-based survey of LGB adults in Massachusetts. *Journal of Homosexuality*, 59(2), 186-200.

- Savin-Williams, R.C. (2001). *Mom, Dad. I'm gay*. Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Savin-Williams, R., & Diamond, L. (2000). Sexual identity trajectories among sexual-minority youths: Gender comparisons. *Archives of Sexual Behaviour*, 29(6), 607-627.
- Schlossberg, N.K (1981). A model for analyzing human adaptation. *The Counseling Psychologist*, 9(2), 2-18. Sage Publications.
- Schlossberg, N.K., Waters, E.B., & Goodman, J. (1995). *Counseling adults in transition* (2nd edition). New York: Springer. *Student development in college: Theory, research and practice*.
- Schope, R. D. (2005). Who's afraid of growing old? Gay and lesbian perceptions of aging. *Journal of Gerontological Social Work*, 45(4), 23-39.
- Sedikides, C., & Strube, M. J. (1997). Self-evaluation: To thine own self be good, to thine own self be sure, to thine own self be true, and to thine own self be better. *Advances in Experimental Social Psychology*, 29, 209-269.
- Smith, E. J. (1982). Counseling psychology in the marketplace: The status of ethnic minorities. *The Counseling Psychologist*, 10, 61-67.
- Steverink N., Veenstra, R., Oldehinkel, A., Gans, R., & Rosmalen, J. (2011). Is social stress in the first half of life detrimental to later physical and mental health in both men and women? *European Journal of Aging*, 8, 21-30.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*, (2nd edition). London: Sage.
- Sullivan, T., & Schneider, M. (1987). Development and identity issues in adolescent homosexuality. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 4(1), 13-24.
- Taylor, B. (1999). 'Coming out' as a life transition: Homosexual identity formation and its implications for health care practice. *Journal of Advanced Nursing*, 30(2), 520-525.
- Troiden, R.R. (1979). Becoming homosexual: A model of gay identity acquisition. *Psychiatry*, 42, 362-373.

Waldner, L., & Magruder, B. (1999). Coming out to parents: Perceptions of family relations, perceived resources, and identity expression as predictors of identity disclosure for gay and lesbian adolescents. *Journal of Homosexuality*, 37(2), 83-100.

Wierzalis, E. A., Barret, B., Pope, M., & Rankins, M. (2006). Gay men and aging: Sex and intimacy. In D. Kimmel, T. Rose, & S. David (Eds.), *Lesbian, gay, bisexual, and transgender aging: Research and clinical perspectives* (pp. 91-109). New York, NY: Columbia University Press.

**CAPTÍTULO IV - A VELHICE NUM CONTEXTO TRANSCULTURAL:
FAMÍLIAS INDÍGENAS**

8. Viver e ser velho numa comunidade indígena Guarani Mbyá¹⁵

Filipa D. Marques*¹, Liliana Sousa¹, Marília M. Vizzoto² e Tânia Bonfim²

¹Departamento de Ciências da Saúde, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

² Faculdade de Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo – São Bernardo do Campo, Brasil.

*E.mail: filipa.marques@ua.pt

Resumo

O progressivo aumento de pessoas idosas no mundo requer que a investigação se dedique ao contexto transcultural da idade adulta e da velhice. Este estudo exploratório descritivo procura compreender a dinâmica cultural da comunidade indígena Guarani Mbyá residente na aldeia *Krukutu*, destacando o papel da pessoa idosa. A amostra é constituída por seis elementos do conselho de anciãos da aldeia. Para a recolha de dados foi utilizada uma entrevista aberta e formulado um diário de bordo. A análise de dados baseou-se na análise de conteúdo com apoio do programa WebQDA versão 1.4.3. Os principais resultados sugerem quatro categorias associadas à dinâmica cultural da aldeia indígena Guarani Krukutu (*ser Guarani, organização da aldeia; ligação ao exterior; vida quotidiana*); e uma categoria associada às pessoas idosas (*papel dos mais velhos*). Os resultados permitem olhar a velhice e o envelhecer sob outras perspectivas culturais.

Palavras-chave: idosos; índios; Guarani; aldeia Krukutu.

¹⁵ Artigo submetido à revista “Psicologia e Sociedade”.

Abstract

The world progressive increase of older persons requires that research on adulthood and ageing incorporate a cross-cultural perspective. This exploratory and descriptive study aims to better understand the cultural dynamics on the indigenous community Guarani Mbya, living in the Krukutu village, highlighting the role of the older persons. The sample comprises six members of the elders' council (*conselho de anciãos*). Data collection was carried out through an open interview and a board diary. Data were analysed through content analysis with the support of the software WebQDA. Main findings suggest four categories associated with the cultural dynamics of the indigenous Guarani of Krukutu village (being Guarani; organization of the village; connection to the exterior; everyday life), and a category associated with the older persons (older persons' role). Results agree to a cultural perspective on old age and aging.

Keywords: older persons; indigenous; Guarani; Krukutu village.

8.1 Introdução

O progressivo aumento de pessoas idosas no mundo, vários países e culturas, requer o reconhecimento pela investigação do contexto transcultural da idade adulta e da velhice, pois a pesquisa do envelhecimento em grupos étnicos permite contemplar a dimensão cultural nas teorias do envelhecimento (Sobrevila, 2008). Compreender diferenças e semelhanças entre grupos étnicos permite identificar variadas condições e contextos de envelhecimento, aumentando a possibilidade de otimizar os últimos anos de vida na população idosa do mundo (Whitfield & Brandon, 2000).

A expectativa de vida à nascença tem vindo a aumentar em todos os grupos raciais e étnicos (IBGE, 2012). Atualmente, 5 mil etnias representam 4% da população mundial, que por representarem uma fração pequena, têm constituído um grupo de menor interesse (Lievesley, 2010). No Brasil, a comparação dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 revelaram um ritmo de crescimento de 1,1% da população indígena (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012).

A denominação *indígena* ou *índio* (nativo, natural de um lugar) surgiu porque, ao chegarem à América, os Europeus pensavam ter chegado à Índia, e deram aos habitantes a denominação de *índios* (e.g. Cezar Melatti, 2007; Luciano-Baniwa, 2006; Sutton & Nose, 2005). Os nativos brasileiros mantiveram essa designação, por considerarem ser uma identidade que une, visibiliza e fortalece os povos originários do território brasileiro. Além disso, demarca a fronteira étnica e identitária entre os habitantes nativos e originários e os provenientes de outros continentes (como europeus, africanos e asiáticos) (Luciano-Baniwa, 2006).

Contudo, o conhecimento dos povos indígenas ainda é escasso (Fabbri & Ribeiro, 2007), sendo que a literatura tem incidido sobretudo no alcoolismo, suicídio e infância (e.g. Grubits, Freire & Noriega, 2011; Silva & Grubits, 2006). Por exemplo: Tardivo (2004; 2007) estudou o sofrimento psíquico de crianças e adolescentes indígenas da amazónia, tendo verificado que a depressão e/ou a falta de perspetivas estavam associadas ao suicídio; Guimarães e Grubtis (2007) apontam o alcoolismo, o suicídio e a violência interpessoal como os principais problemas destes povos. Bonfim (2010) e Arias (2008), nos indígenas Mbyá, identificaram problemas de desenvolvimento da “identidade

psicológica” em crianças e adolescentes decorrentes do contato com as culturas brancas ou não indígenas.

Os guaranis expressam o "modo de ser guarani" em três aspetos (Susnik, 1980: 12): a) o *avañe'ë* (*ava*: Homem Guarani; *ñe'ë*: palavra que se confunde com "alma") ou fala, linguagem, que define a identidade na comunicação verbal; b) o *tamõi*(avô) ou ancestrais míticos comuns; e c) o *avareko*(*teko*: ser, estado de vida, condição, estar, costume, hábito") ou comportamento em sociedade, sustentado num arsenal mítico e ideológico. Estes aspetos informam o *ava* (Homem guarani) para entender as situações vividas e o mundo à sua volta, fornecendo referências para a conduta social (Susnik, 1980: 12). A sobrevivência da cultura Guarani, ágrafa (sem que seja escrita) por natureza, depende da oralidade dos seus membros, em especial das pessoas idosas da comunidade que constroem a história através da memória (Freire, 1992). Assim, ante a escassez de estudos sobre esses povos, aos constantes problemas em relação à natalidade e à mortalidade, bem como intervenientes no desenvolvimento de uma identidade pessoal e grupal, torna-se relevante estudá-los sob a perspectiva de suas vivências em relação à velhice. Explorar o papel da pessoa idosa numa perspectiva transcultural, ou seja, compreender a dinâmica cultural da comunidade indígena Guarani Mbyá residente numa aldeia tradicional, destacando a pessoa idosa, permite olhar a velhice e o envelhecer sob outras perspectivas culturais e étnicas, alargando assim o conhecimento.

Envelhecimento, cultura e etnia

A investigação sobre grupos étnicos pode ser interessante na área do envelhecimento, pois permite incorporar uma perspectiva transcultural e desafiar as visões dominantes do mundo ocidental. O envelhecimento é um fenómeno natural e universal, mas a representação da velhice é culturalmente determinada; entre os diversos povos indígenas e, notadamente, entre estes e a população não-indígena, existem diferenças quanto à categorização dos sujeitos como velhos, o seu estatuto, direitos e deveres (Silva & Silva Jr., 2008; Glazer e Moynihan (1970). O estudo das pessoas idosas varia consonte as diferentes culturas e sociedades. A perda de estatuto na reforma vivenciada em muitos idosos contrasta com o enorme estatuto e poder concedido aos membros mais velhos das famílias noutras culturas (Squire, 2005). O individuo desenvolve-se segundo as normas culturais; e viver dentro de

uma comunidade indígena reforça os valores étnicos indispensáveis para a manutenção da sua etnia.

Estudos realizados com indígenas *Baniwas* (Siqueira et al., 2012) constata que as pessoas idosas participam nas danças, rituais e outras cerimônias, liderando os mais jovens; cumprem os seus afazeres na comunidade e são respeitados pela sua sabedoria. Cockerham (1997) refere que os velhos indígenas têm elevada autoestima pelo papel de liderança que assumem. Silva e Silva Jr. (2008) reforçam ainda o caráter de depositários da memória, das tradições e dos costumes dos mais velhos considerando que a sua tarefa é de “ensinar”, “de passar a história”. No entanto, o idoso não é apenas um transmissor de conhecimento passado, mas igualmente um construtor de conhecimento no presente. Ser o depositário da memória do seu povo e dos saberes tradicionais é algo especialmente relevante em grupos pequenos, cuja sobrevivência identitária tem sido fortemente ameaçada (Luciano-Baniwa, 2006).

Índios do Brasil

O Brasil apresenta um relevante contingente de indígenas, cerca de 0,4% da população (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012). No censo demográfico de indígenas de 2010, 817,963 auto declaram-se indígenas, sendo que 41,794 pertenciam ao estado de São Paulo; foram identificadas 505 terras indígenas cartografadas pela FUNAI; essas terras representam 12,5% do território brasileiro (106,7 milhões de hectares), onde residiam 517,4 mil indígenas (57,7% do total), distribuídos em 305 etnias e falando 274 idiomas além do português (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012). A definição de índios é essencial (Cezar Melatti, 2007; 1994) e implica a conjugação de duas perspetivas: i) o grupo de indivíduos considera-se indígena; ii) são considerados índios pela população que os cerca. Os principais grupos indígenas brasileiros em expressão demográfica são: Tikuna, Tukano, Macuxi, Yanomani, Guajajara, Terena, Pankaruru, Kayapó, Kaingang, Xavante, Xerente, Nambikwara, Munduruku e Guarani (Ministério das Relações Exteriores, Brasil, 2000). A principal característica da população indígena do Brasil é a sua heterogeneidade cultural (Guimarães & Grubits, 2007; Pagliaro, Azevedo, & Santos, 2005; Coimbra & Santos, 2000), pois representam línguas, conhecimentos e crenças únicas, e

vivem em distintos espaços geográficos, sociais e políticos. Cada *povo indígena* constitui uma sociedade única, que se organiza a partir de uma cosmologia própria, que baseia e fundamenta a sua vida social, cultural, económica e religiosa (Lucino-Baniwa, 2006). São escassos os estudos que incidem no envelhecimento e velhice de indígenas. Todavia, Siqueira et al., (2012) estudou a velhice na comunidade indígena Baniwas (grupo indígena que habita o Noroeste do estado brasileiro do Amazonas), e constatou que as pessoas idosas são os grandes incentivadores da arte e preservação da cultura do grupo; por norma continuam a desempenhar funções relevantes, capazes de liderar o seu grupo e tomar decisões importantes a respeito da comunidade.

Índios Guarani

Os Guarani são uma das mais representativas etnias indígenas das Américas, habitantes de uma ampla região da América do Sul, abrangendo os territórios nacionais da Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e o centro-meridional do Brasil. São chamados *povos*, pois a sua ampla população é dividida em subgrupos étnicos, como: *Nhandéva* (que significa “nossa gente”), os *Mbyá* (“habitantes das matas”) e os *Kaiowá* (“habitantes da aldeia”). Cada subgrupo apresenta especificidades linguísticas, culturais e cosmológicas, diferenciando a *forma de ser* Guarani das demais. Escritores do período colonial denominaram *guaranis* todas as populações que partilhavam uma língua semelhante à falada pelos índios *tupis* (do litoral ocidental sul-americano); com essa influência, os colonizadores da América Portuguesa chamaram os guaranis de *araxás*, *araxames* e *caig* (Bonfim, 2010). Cada grupo fala a língua *Guarani*, pertencente à família linguística *Tupi-Guarani* do tronco linguístico *Tupi* (Litaiff & Danella, 2000; Cezar Melatti, 2007; Isa, 2000).

A população Guarani do Brasil conta com cerca de 34.000 indivíduos (Isa, 2000; Pereira, 2007): 18.000 a 20.000 são *Kaiowá* (Mato Grosso do Sul e Paraná); 8.000 a 10.000 são *Nhandéva* (Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Paraná); 5.000 a 6.000 são *Mbyá* (São Paulo e Santa Catarina).

A milenar cultura da etnia Guarani está relacionada com o seu saber viver em ligação com a terra, natureza, animais e disponibilidade para aprender com outras culturas, num movimento de troca (aprender e ensinar) (Dos Santos & Torres-Morales, 2007). No geral, a etnia Guarani tem características pacíficas e muito ligadas à religião (crenças e mitologia)

(Schaden, 1974; 1963; Stock, 2006; Grubits e Darraultharris, 2003). Esta etnia, tal como outras sociedades guiadas por princípios de direitos coletivos, apresentam organizações sociais complexas, com lideranças tradicionais, na maioria não-formais e não-escritas. Operam como referência para a vida individual e grupal, pois a convivência só é possível com alguma ordenação interna (Cezar Melatti, 2007; Lucino-Baniwa, 2006). Neste contexto, há um membro que transmite o passado e o futuro das gerações Guarani: o Pajé (líder religioso ou espiritual que oralmente transmite os conhecimentos do seu povo aos mais jovens) (Luciano-Baniwa, 2006).

O *pajé* é o profeta, tendo como função a liderança espiritual da tribo (Cunha, 1999; Stradeli, 1929); e estabelece o elo entre os terrenos e o divino (mediador entre o mundo sobrenatural e os humanos), com capacidade como: curar doentes, predizer futuro, mandar na chuva ou no bom tempo. Mas, também garante a transmissão de costumes, hábitos, atitudes entre gerações (Botelho & Costa, 2006).

Na cultura Guarani a religião é extremamente prezada e valorizada e faz parte da formação da pessoa no que denominam “modo de ser Guarani” (*Guarani etê*), que representa o homem de bem, íntegro, honesto, que respeita costumes, crenças, preserva a natureza e a terra de onde vem sua a fonte de vida (Schaden, 1969).

A atividade económica natural dos Guarani é a caça, agricultura e pesca (Schaden, 1963) mas atualmente sentem necessidade de alargar ao artesanato (Barão, 2006). Nos locais onde vivem, a caça, a pesca e agricultura já se encontram escassas, dado ao desmatamento e a proximidade de suas aldeias com os grandes centros urbanos (Bonfim, 2010). Assim, o artesanato, uma atividade que realizam desde sempre, tradicionalmente para uso utilitário e ritualístico, começou a ser comercializado em meados do século XX, tornando-se uma importante fonte de rendimento (Massanet, 2009). O artesanato (inclui: colares, brincos, cestos, arcos e flechas, chocalhos, tubos de cachimbo) é feito com recurso a espécies vegetais (sementes e especiarias que dão a coloração, como o açafraão, que permite a coloração amarela, e urucum, que permite a coloração vermelha) e madeira originária da mata atlântica (Massanet, 2009).

O expoente da cultura Guarani está na essência do membro mais velho da comunidade: a sobrevivência da cultura Guarani, ágrafa por natureza, depende da oralidade dos seus membros, em especial dos mais idosos que constroem a história através da memória (Freire, 1992). Os mais velhos relatam o passado da etnia, revelando e criando vínculo

entre os jovens e a sua história; assim se procede à expansão idiomática e preservação cultural (Freire, 1992). Perto dos 40 anos o Guarani é considerado ancião (desde que se mostre responsável e maduro), pois já terá acumulado suficiente conhecimento para aconselhar e orientar outros membros da comunidade (e.g. Dos-Santos & Torres-Morales, 2007). Na cultura ocidental ancião e pessoa idosa tendem a ser usados como sinónimos; contudo na cultura Guarani, estes conceitos são distintos (e menos definidos pela idade cronológica, que é pouco relevante): ancião associa-se a maturidade; ser velho assume um estatuto ainda mais importante (pessoa mais sábia e respeitada da comunidade), com papel social menos ativo (por exemplo, não participa na luta pelos direitos indígenas), tendo reservado um lugar resguardado, crucial na manutenção das tradições. Assim, são distintos os marcos simbólicos e não-cronológicos que introduzem os indígenas ao *mundo dos velhos*; embora haja classes de idade, não são correspondentes ao número de anos; há, no entanto, marcos indicadores de velhice (inclusive dotado de um ritual próprio): o número de filhos e, posteriormente, o número de netos (Silva & Silva Jr, 2008). Quando têm muitos filhos, o homem e a mulher indígena, são *hentumu* (já está a ficar velho) ou *henkwingédi* (já se tornou velho); quando os seus filhos se casam e têm muitos netos, tornam-se *wikényi* (velho) (ISA, 2003). Entre o *hentumue* o *wikényi*, há mudanças relevantes de conduta: os homens mudam seus ornamentos, o estilo de cantar, deixam de caçar em determinadas festas e passam a receber comida dos mais jovens; as mulheres velhas preservam mais as suas atividades (eminentemente domésticas, que ainda podem desempenhar, apenas com alguma redução de ritmo) e ganham autoridade à medida que sua mãe envelhece e elas têm mais filhos (esta lógica de superação geracional também lhe virá a ser aplicada) (ISA, 2003). A percepção do envelhecimento não tem conexão com idade, mas com limitação física (que se repercute em limitação de desempenhar maximamente o papel social); parece não ser algo pessoal, mas relacional e intersubjetivo (Silva & Silva Jr., 2008). As pessoas idosas, respeitadas pela sua sabedoria diante das inquietudes dos mais jovens, são consultadas enquanto guardiões da cultura sobre variadas situações políticas e estruturais como a andança do seu povo (Luciano-Baniwa, 2006).

Índios Guarani Mbyá, aldeia Krukutu

A etnia Guarani *Mbyá* constitui a maioria da população indígena Guarani no estado de São Paulo (Massanet, 2009), distribuída em várias aldeias: *TekoáPyáú* e *TekoáYtú* (situadas no

Pico do Parajá) e *Tenondé Porã* e *Krukutu* (situadas na zona sul da capital Paulista). Estas últimas são aldeias localizadas no extremo sul da cidade de São Paulo, no bairro de Parelheiros, região da represa Billings. As aldeias tiveram origem nas famílias que se fixaram na região de Parelheiros na década de 1950 enquanto migravam para o litoral, oriundos de estados do Panamá e Rio Grande do Sul. Segundo dados escritos pelos indígenas, fixaram-se lá pela facilidade de acesso à *yvymaraéi*, ou *terra sem mal*, que fica além-mar e permitia reproduzir o modo de ser Guarni, isto é: um mundo onde todos os povos têm o seu espaço e direito a viverem com dignidade e liberdade (Barão, 2006).

A aldeia *Krukutu* tem cerca de 250 habitantes e aproximadamente 45 famílias que têm vivido de doações dos poderes públicos municipais e estadual, assim como da venda de artesanatos e de algumas apresentações culturais de canto e dança (Arias, 2008). Como a aldeia se situa numa região próxima ao centro urbano, a fauna e a flora são escassas; assim, apesar de viverem na mata atlântica, esta não lhes permite realizar atividades tradicionais de subsistência, tais como caça, pesca e agricultura (Fabbri & Ribeiro, 2007). A limitação do espaço físico (represa de Billings) impede a reprodução das condições ambientais que lhes permitiriam viver de acordo com a sua cosmologia (viver do que a terra dá). Assim, as comunidades Guarani Mbya foram beneficiadas pelos programas sociais da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP). Além disso, são beneficiários do Programa Renda Mínima da prefeitura municipal e recebem cestas básicas de várias instituições sociais (Ladeira, 2004; 2008). A aldeia tem atualmente uma unidade básica de saúde; um Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI); e uma escola primária estadual com professores indígenas onde aprendem a falar a sua segunda língua, o Português.

Os Guarani Mbyá falam *guarani* (poucos falam português com fluência, sendo que as crianças, mulheres e pessoas mais velhas são, em geral, monolíngues, ou seja só falam a sua língua) (Massanet, 2009). O contacto com a civilização é feito na língua portuguesa, apenas por quem também fala português (que aprendem desde que frequentam a escola primária) (Associação Guarni Nhê ê Porã, 2010).

Os indígenas da aldeia *Krukutu* mantêm contacto frequente com a sociedade não indígena através de (Bonfim, 2010): i) visitas ao centro urbano para compras; ii) acesso ao ensino formal (a escola primária); iii) uso de computadores com internet no CECI. Ainda que a comunidade indígena da aldeia *Krukutu* esteja habituada a frequentar a escola estadual, as

suas crenças, costumes e valores mantêm-se graças ao esforço, sempre presente, em mantê-los (Bonfim, 2010).

A comunidade possui uma associação registada: Associação Guarani Nhe'ê Porã, fundada em 2001, que procura organizar questões de interesse geral da aldeia (e.g. organiza excursões da civilização à aldeia para visitas de estudos; afirma os direitos indígenas dentro e fora da aldeia) (Massanet, 2009).

Os Guarani Mbya são um povo marcadamente masculino, sendo a liderança (religiosa e outras) essencialmente atribuída aos homens (Schaden, 1974; 1963). A autoridade maior na aldeia é o cacique, ou chefe da aldeia, a quem compete representar a comunidade e os seus interesses perante os seus membros e os diversos setores da sociedade nacional. O cacique conta com a colaboração do conselho de anciãos para a tomada de decisões importantes relacionadas com a comunidade. A liderança espiritual é exercida pelo pajé (*Xamã*) (Massanet, 2009), que é o curandeiro, portador de poderes ocultos e espirituais ou orientadores; é conhecedor da medicina tradicional baseada em crenças culturais e práticas passadas de entre gerações, incluindo rituais místicos, terapias utilizando plantas medicinais e outros tratamentos não esclarecidos pela medicina moderna (Massanet, 2009). Segundo a tradição, a aldeia Krukutu é formada a partir de uma família “extensa” (casal, filhos, genros e netos) (Bonfim, 2012). No caso dos Mbya, a regra de residência consiste na permanência do genro na casa do sogro até o nascimento do primeiro filho e à estabilização do casal, para então decidirem o seu destino residencial (Litaiff & Darella, 2000). A aldeia é formada por pequenas residências, estando no centro a residência do cacique e a casa de reza. A sua tradição é a chamada “família grande”, ou seja, as pequenas residências, chamadas de “ocas” ou “malocas” são acomodadas sempre circunvizinhadas à casa dos pais da filha, de modo que, habitualmente, a aldeia é formada por esses núcleos de pequenas “ocas” (residências) (Schaden, 1969;1974). Atualmente, algumas modificações têm sido observadas, dadas ao fenómeno da “aculturação”, ou do contacto contínuo dos centros urbanos, melhor denominado como “relações interétnicas” (Bonfim & Tardivo, 2008; Bonfim, 2010). O Censo 2010 (IBGE, 2010) indicou que, em geral, no território brasileiro, 63,3% dos domicílios indígenas tinham unidades domésticas nucleares (casal e filhos solteiros). Para as unidades domésticas estendidas (nuclear acrescida de outros parentes), o percentual correspondeu a 19,1%. Entretanto, na aldeia Krukutu, mantém-se ainda um padrão domiciliar mais aproximado da tradicional *família grande*. Assim,

mesmo ante a forte e antiga política de ocupação que dizimou os povos indígenas brasileiros, as populações desta etnia ainda mantém fortes indícios de unidade linguística e cultural, desenvolvendo estratégias relacionais em meio às realidades com as quais são obrigados a conviver. Apesar da baixa populacional, da vida em pequenas reservas ou espaços geograficamente isolados, ainda constituem uma das minorias étnicas que expressam uma identidade específica, um "modo de ser Guarani". A expressão dessa identidade grupal peculiar, aparece na linguagem que define identidade na comunicação verbal, na conservação da figura do pajé, mantendo, portanto, a sua tradição ancestral e profunda religião, além de costumes, hábitos e valores específicos. Na verdade, um comportamento em sociedade sustentado num arsenal mítico e ideológico.

Deste modo, reconhece-se a importância de se estudar esta etnia, compreendendo não apenas a sua estrutura de aldeamento ou de constituição grupal, mas também a sua dinâmica.

8.2 Objetivo

Este estudo exploratório procura compreender a dinâmica cultural da comunidade indígena Guarni Mbyá residente na aldeia *Krukutu*, destacando o papel da pessoa idosa nessa comunidade.

8.3 Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, envolvendo elementos ou *traços* etnográficos (nomeadamente, diário de bordo) (Alder & Alder, 1998).

Procedimentos

Na investigação com grupos indígenas, a discussão ética é essencial, pois têm sido descritos diversos abusos, principalmente associados ao desrespeito pela cultura (e.g. inúmeros casos de investigadores que recolheram os seus dados e nunca mais voltaram às reservas para apresentar e discutir os resultados) (Silva & Grubits, 2006). As investigadoras brasileiras envolvidas neste estudo têm já um historial de investigação e visitas assíduas à aldeia Guarani Krukutu, sempre com o cuidado de devolver e discutir os resultados dos estudos e dinamizar diversas atividades; aspetos esses já discutidos em

estudos anteriores (Bonfim & Tardivo 2008; Tardivo, Bonfim & Vizzotto, 2006; Bonfim, Tardivo, Vizzotto & Arias, 2006; Bonfim, Gil, Fuginaga, Zerwers, Moura, Munari & Tardivo, 2005). Foi esta situação prévia que permitiu a realização deste estudo.

As duas investigadoras já envolvidas com a comunidade Guarani Krutkutu começaram por fazer o primeiro contato telefônico com um elemento do grupo de anciãos da aldeia, concretamente o coordenador educacional do CECI- Centro de Educação e Cultura Indígena (com quem as investigadoras já tinham contactado para os estudos prévios) para solicitar a realização deste estudo e introduzirem a investigadora (1ª autora) que realizaria a recolha de dados. Após o contato telefônico deslocaram-se à aldeia (localizada no extremo sul da cidade de São Paulo, a uma distância de cerca de 150 minutos) na data combinada.

O primeiro encontro ocorreu com o elemento contactado via telefone, para explicar o objetivo, método e participação solicitada no estudo. Como as duas investigadoras brasileiras são conhecidas naquela aldeia, esse elemento de conselho de anciãos contactou o cacique da aldeia para dar o parecer final. O estudo foi autorizado, verbalmente, nesse momento, mas sustentado nas autorizações anteriores de uma das investigadoras (Bonfim, 2010). As investigadoras pretendiam entrevistar as pessoas idosas (≥ 60 anos) da aldeia, todavia, as poucas pessoas idosas (4), além de falarem muito pouco da língua portuguesa, sentem-se muito intimidadas frente a pessoas estranhas e ocultam-se nas suas “ocas” ou pequenas residências. Além disso, a população idosa indígena brasileira é rara, pois, tal como descrito em relatório da Organização dos Estados Americanos (OEA, 2000), a expectativa de vida dos índios brasileiros era de 45,6 anos; e representava um agravamento em relação à taxa de 1993, que foi de 48,3 anos, e refletia um aumento de doenças infecciosas.

Assim, optou-se por recolher os dados sobre a aldeia e o ser idoso através de informantes privilegiados: os membros do conselho de anciãos. De referir que algumas circunstâncias culturais condicionam o acesso a outros elementos da aldeia, nomeadamente: nem todos falam Português (a maioria dos habitantes da aldeia apenas fala Guarani; ou português pouco fluente). As crianças passam a falar português quando entram na escola primária, situada na própria aldeia e criada pelo Governo do Estado de São Paulo desde o ano 2000.

Ainda nesta primeira visita ficou combinado que o cacique seria responsável por explicar aos restantes elementos do conselho de anciãos o objetivo do estudo e solicitar a sua contribuição; foi estabelecida a data da segunda visita (10 dias depois) sublinhando que se destinava a realizar entrevistas. Acrescenta-se que nesse dia a aldeia Krukutu comemorava a eleição de um novo líder, ou seja, novo cacique: uma mulher. A autorização veio desta cacique. Vale salientar que na história dos Guarani, evidencia-se uma tradição masculina (Schaden, 1969;1974) e, a eleição de uma mulher vem marcar mudanças na cultura tradicional. Na segunda visita, que durou aproximadamente 3 horas, a cacique informou que, ela e mais 6 elementos do conselho de anciãos (o conselho de anciãos é constituído por 10 elementos) estavam disponíveis para participar: i) agente de saúde; ii) presidente da associação da aldeia; iii) um dos coordenadores do CECI; iv) ex-cacique; v) secretária do cacique; vi) coordenador do ambiente florestal. Ainda nesta visita, a primeira autora entrevistou a cacique e acordou uma data para uma terceira visita para entrevistar os restantes elementos do conselho de anciãos.

Na terceira visita (com duração de 3 horas) a primeira autora entrevistou uma pessoa que exercia a função de “agente de saúde” e uma outra que presidia a associação da aldeia. Não foi possível falar com o coordenador da floresta ambiental como combinado (que se ausentou temporariamente da aldeia), nem com os restantes elementos do conselho de anciãos que se mostraram indisponíveis. Na quarta visita entrevistamos o coordenador do CECI e a secretária do cacique. E na quinta visita o ex-cacique da aldeia.

Ao longo das entrevistas, observamos que são pessoas tímidas, demonstrando algum medo/desconfiança (perceptível nas suas expressões faciais), o que os impede de falarem das suas vidas (os próprios referiam o facto de *não gostar de falar das suas vidas a estranhos*). As investigadoras brasileiras que conhecem a aldeia há várias anos consideram que existe *vergonha* na eventualidade de serem questionados sobre *o alcoolismo* nas suas famílias (objeto de estudo de outros grupos de investigação).

Todos os participantes foram esclarecidos sobre o conteúdo e carácter voluntário da pesquisa, e deram o seu consentimento livre e informado verbalmente. As entrevistas foram realizadas individualmente em local privado à escolha do entrevistado (uma sala do posto de saúde; a sala de reuniões da associação; na própria aldeia em bancos/espços mais afastados). A todos foi proposta a gravação áudio da entrevista, explicando que seria usado

apenas para facilitar o registo escrito, mas apenas 2 participantes aceitaram (agente de saúde e presidente da associação). Nas restantes situações a entrevistadora registou notas durante a entrevista e depois procedia ao registo escrito com recurso às notas e memórias.

Para a realização deste estudo foram adotadas as sugestões da resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil que dispõe as normas para a realização de pesquisas com seres humanos e da resolução 304, dispõe as normas para a realização de pesquisas com seres humanos – área de povos indígenas. Esta autorização anterior foi concedida pela investigadora brasileira (anexo 4), aprovado pelo CONEP (Conselho Nacional de Saúde do Brasil) para execução do estudo.

Instrumentos

Para a recolha de dados utilizou-se uma entrevista aberta baseada nos seguintes tópicos que estimulavam a narrativa do entrevistado: i) *gostaria de lhe pedir que começasse por caracterizar a aldeia Guarani Krukutu*; ii) *gostaria que me falasse do papel ou função da pessoa idosa nesta comunidade*. Optou-se por questões genéricas para permitir a expressão de opiniões e sentimentos; além disso, atendendo às barreiras linguísticas e culturais, torna-se mais adequado dar liberdade ao entrevistado.

Foi criado um diário de bordo com impressões subjetivas, descrições dos espaços e das pessoas recorrendo para isso a notas de campo, fotografia e o vídeo como meios de observação *em segunda mão* (Flick, 2005).

Amostra

Os 6 participantes (3 homens) são todos membros do conselho de anciãos da aldeia Guarani *Krukutu*, com idades entre os 35 e os 41 anos (tabela 8.1.). Desempenham as seguintes funções na aldeia (para além de pertencerem ao conselho de anciãos): i) agente de saúde; ii) cacique da aldeia; iii) coordenador do CECI; iv) presidente da associação da aldeia; v) secretária da cacique; vi) ex cacique.

Tabela 8.1 Amostra

Participantes ¹⁶	Idade	Sexo	Estado civil	Agregado familiar	Nº filhos
Moema	40	Feminino	Casada	Marido; 2 filhos solteiros.	6
Araci	35	Feminino	Casada	Marido; 5 filhos solteiros; 1 filha casada, genro; neto.	6
Jaci	41	Masculino	Separada	Só	3
Jupi	46	Masculino	Casado	Esposa, 4 filhos solteiros.	5
Iracema	35	Feminino	Separada	Pais, irmão, filha.	1
Ubirajara	51	Masculino	Segundo casamento	Esposa, 2 filhas e genros e netos.	7

Análise de dados

As entrevistas (duração entre 30 e 60 minutos) foram: 2 gravadas e transcritas; 4 registadas por escrito. Depois foram submetidas a análise de conteúdo com apoio do software de análise de dados qualitativa WebQDA (1.4.3) (Web Qualitative Data Analysis) (Souza, Costa & Moreira, 2011).

As autoras (1ª e 2ª) começaram por ler todas as entrevistas; verificaram que os participantes davam respostas breves traduzidas em frases curtas. A entrevista mais curta apresentava 603 palavras (duração de 30 min) e a mais longa tinha 1601 palavras (duração de 60 min) (média da contagem das palavras por entrevista = 1237 palavras). Assim, optou-se por analisar os dados com base na contagem de palavras mais referidas pelos participantes: lexicometria. A lexicometria é o estudo científico do vocabulário, aproximando-se da análise de conteúdo por funcionar com unidades de significação simples (a palavra) e por remeter para classificações e contabilização de frequências (Bardin, 2011). Esta técnica assume que as palavras usadas pelos indivíduos transmitem informação independente do contexto semântico e que localizar a palavra no discurso permite extrair os seus significados.

Assim, a análise de dados decorreu com base na lexicometria e decorreu da seguinte forma (através do software WebQDA) (Maingueneau, 1987): a) contagem das 150 palavras (para evitar palavras repetidas menos de 3 vezes; palavras repetidas três vezes ou mais mostram maior relevância estatística) mais usadas no discurso por cada participante) b) eliminação das palavras de *função* (Tausczik & Pennebaker, 2010; Sinatra, 2008): (as que permitem compor as frases, incluindo preposições, pronomes, artigos, conjunções); c)

¹⁶ Todos os nomes são fictícios

seleção das palavras mais mencionadas (pelo menos 3 vezes) nas entrevistas, que revelem *conteúdo* (transmitem o conteúdo da mensagem, incluindo nomes, verbos regulares, adjetivos e advérbios), tendo emergido 20 palavras (tabela 8.2.), após a junção considerando todos os tempos verbais (e.g. educar; educado; educação), plurais e singulares (e.g. velho e velhos; indígena e indígenas); d) localização das palavras no discurso para categorizar e extrair significados. Este processo de categorização e extração de significados foi realizado pela 1ª e 2ª autora através do seguinte processo de refinamento sucessivo: primeiro individualmente organizavam categorias e as palavras que cada categoria continha; depois reuniam para discutir as propostas; este processo foi repetido até chegarem a uma proposta consensual. Durante este processo foi ainda decidido juntar algumas palavras, pois emergiam sistematicamente associadas nos discursos dos participantes (tabela 8.3.).

Para uma melhor compreensão das palavras e/ou categorias emergentes ao longo dos resultados, foram utilizadas algumas notas do diário de bordo em conjunto com algumas fotografias recolhidas no momento das visitas à aldeia.

Tabela 8.2 Palavras mais frequentes

Participante	Moema	Araci	Jaci	Jupi	Iracema	Ubirajara	Total
Palavras mais frequentes (n)							
Aldeia	12	10	2	8	5	5	42
Casa	9	2	6	8	4	2	31
Família	9	7	1	4	4	5	30
Cultura	2	5	9	2	7	4	29
Guarani	7	3	5	8	1	2	26
Velho (s)	4	2	5	5	7	2	25
Mundo	1	1	3	9	8	-	22
Tradição	3	6	1	8	1	-	19
Cacique	3	11	1	2	1	-	18
Comunidade	2	1	-	1	10	4	18
Educação	5	2	3	3	5	-	16
Indígena (s)	-	1	1	6	6	1	15
Problema	-	5	2	4	-	3	14
Saúde	4	1	1	1	2	-	9
Trabalho	5	-	2	2	-	-	9
Reza	3	3	-	1	-	1	8
Respeito	2	-	4	-	3	-	6
Conversar	-	-	2	1	1	2	6
Ancião (s)	-	3	-	-	-	-	3
Conselho	1	2	-	-	-	-	3
Total	79	66	48	74	69	31	367

8.4 Resultados

A análise dos dados fez emergir 5 dimensões (tabela 8.3.): 4 associadas à dinâmica cultural da aldeia indígena Guarani Krutkutu (*Ser Guarani, Organização da Aldeia; Ligação ao exterior; Vida quotidiana*); 1 ligada às pessoas idosas (*Papel dos mais velhos*).

Tabela 8.3 Palavras mais frequentes e categorias

Categorias e palavras
1. Ser Guarani
Aldeia Guarani
Comunidade e Cultura Guarani
Indígena(s)
Tradição
Educação
Respeito
2. Organização da Aldeia
Conselho de anciãos
Cacique
Saúde
Trabalho
3. Vida quotidiana
Casa
Família
Reza
Problemas
Conversar
4. <i>Ligação ao exterior</i>
Mundo
5. Papel dos mais velhos
Velho(s)

Ser Guarani

A categoria “ser Guarani” evoca a identidade Guarani, considerando o espaço geográfico e a população, assim como a tradição, costumes, cultura e sua transmissão. Inclui 9 palavras (aldeia, comunidade, Guarani, cultura, indígenas, tradição, educação e respeito) referidas, no total, 171 vezes (tabela 8.2.). Ocorreu o agrupamento de algumas palavras que emergiam nos discursos sempre associadas, designadamente (tabela 8.3): Guarani com aldeia; Guarani com comunidade e cultura.

“Aldeia Guarani” (68 referências) foi utilizada por todos participantes para referir o espaço geográfico onde vivem e/ou trabalham.

“Viver na aldeia guarani é maravilhoso (...)! Aqui somos muito unidos. Trabalhamos e vivemos todos juntos! Não me imagino a viver como os brancos: um lá outro cá.” [Araci]

O diário de bordo indica que a aldeia se situa num espaço amplo de terra (área de reserva demarcada pelo governo com ocupação até ano 2012 de 25 hectares e que receberá ampliação na atual área de Proteção Ambiental Capivari Monos para aproximadamente

200 ou mais hectares) circundado pela mata atlântica (ilustração 1) e próximo à represa Billings (ilustração 2), onde os habitantes habitualmente se banham e pescam. Há um espaço infantil constituído por baloiços e escorregas feitos de madeira onde as crianças brincam descalças. Pela aldeia vagueiam também cães visivelmente desnutridos (por exemplo, magreza extrema e barriga proeminente como sinal de parasitas internos, sem pêlo). Um dos elementos do conselho de anciãos explicou que de acordo com as suas crenças, as doenças, ao serem canalizadas para os animais, não atingem as crianças.



Ilustração 1¹⁷. Aldeia Guarani Krukutu e as suas casas



Ilustração 2. Represa de Billings

¹⁷As fotografias apresentadas são disponibilizadas em site (públicas) ou autorizadas para publicação.

“Comunidade e cultura Guarani” (63 referências) é utilizada pelos participantes para se referirem a: i) população que constitui a aldeia, o povo indígena Guarani Mbya; ii) seus costumes e identidade, caracterizados pela estrutura, dinâmica e valores associados à cultura indígena Guarani (viver juntos e transmitir a tradição; morar na mata; manter a língua guarani; manter a religião).

“Ser Guarani é morar na mata e é viver todo junto. (...) A cultura Guarani é uma comunidade, religião, tradição, é continuar a falar a língua Guarani entre nós. Tem uma forma de pensar diferente do ocidente.” [Jupi]

O vocábulo “indígena” referido 15 vezes é utilizado para: i) sublinhar a identidade desta aldeia em termos de etnia, incluindo o fortalecimento dos direitos indígenas permitindo que se *afirmem enquanto etnia* e se *defendam* da civilização; ii) desmistificar preconceitos que sentem existir em relação à sua etnia, tais como serem *menos inteligentes do que os brancos*.

“É bom ter esta associação para nos afirmarmos enquanto etnia e nos defendermos do mundo lá fora, dos brancos. Estamos todos unidos pelos nossos direitos. Lutamos pelos nossos direitos indígenas!” [Jaci]

“Sinto que a visão geral da civilização é que o indígena não sabe ler, escrever, que é burro. (...) Mas os índios também podem ser pessoas inteligentes como os brancos!” [Jupi]

A palavra “tradição” (19 referências) é mencionada para referir a transmissão e preservação *dos costumes da cultura*. São vários os costumes associados à tradição, destacando-se: mitos, rituais e frequência da casa de reza. Há preocupação em preservar os mitos de sua cultura, para evitar *quebra da tradição*; por isso, a função de escritor é relevante e Jupi escreve e tem publicado, *em português todos os mitos da cultura Guarani*:

“Há um mito na aldeia da mulher que virou Urutau[ave]; quase ninguém sabe já... e se um dia o povo esquecer, vai estar registrada no meu livro. Sou velho, um dia não estou mais cá, mas fica a tradição na minha escrita para ninguém esquecer”. [Jupi]

Os participantes referem que os rituais de passagem ocorrem com *menor frequência*, o que os deixa *preocupados com a perda da tradição*.

“A nossa preocupação é passarmos a cultura para não se perder a tradição! Há coisas que agora são difíceis de acontecer. Por exemplo: para a menina passar a mulher na primeira menstruação, tem de cumprir um ritual: tinha de haver dieta nesses dias e as meninas não podiam andar! Só sentar, deitar e ir ao banheiro. Se fossem obedientes ficavam um mês deitadas. Hoje essa tradição não está a ser cumprida porque as mães não têm mais essa informação das pessoas mais velhas; já não contam e não ensinam às filhas!” [Araci]

A casa de reza é o local onde todas as noites é transmitida a tradição pelo Pajé e outras pessoas mais velhas. É um *local sagrado*, onde *todas as noites* a comunidade *se reúne para cantar, rezar e dançar*; e também para conviver e receber as *bênçãos do pajé*, caso estejam doentes. Araci revela que *ninguém é obrigado* a frequentar a casa de reza, mas *fazê-lo contribui para a preservação da tradição*, pois lá transmite-se a tradição que as mães *se têm esquecido de passar às filhas que têm deixado de frequentar a casa de reza*. Araci explica que agora vai menos gente à casa de reza *por desleixo: deixam de ir porque preferem ficar em casa a ver televisão*.

Apesar de ser um local sagrado e restrito ao seu povo, as autoras foram convidadas a assistir à cerimónia de comemoração de aniversário da associação Guarani Nhe' E Porã. Nessa cerimónia comemorava-se a eleição de um novo líder da aldeia, a cacique que agradeceu a eleição garantindo a idoneidade da sua função da aldeia. As crianças dançavam e cantavam músicas características da cultura da aldeia Krukutu. A assistir a esta cerimónia estavam também outros professores, investigadores e estudantes que têm contribuído de algum modo com os seus estudos para a melhoria das condições de vida e manutenção da cultura Guarani.

A palavra “educação” (16 referências) refere-se à transmissão da tradição que é uma das funções principais da comunidade Guarani. A transmissão da tradição necessita de ser assegurada para garantir a sua manutenção. As vias de transmissão são asseguradas pela educação em três locais principais: casa da família, CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena) e escola. Moema explica que a *educação guarani surge em casa com a mãe a ensinar a cozinhar, a cuidar da casa, a não beber*. Jaci, coordenador do CECI, sublinha a importância deste centro na educação e incitamento da tradição indígena *desde tenra idade*. Podemos observar que o CECI é uma casa grande com características semelhantes

às ocidentais (telhado feito de telhas e janelas de vidro), mas com desenhos típicos Guarani no exterior (ilustração3); ou seja, o centro de transmissão da cultura acaba por pelo menos metaforicamente constituir uma ligação entre o interior e exterior da aldeia. Também na escola a *criança tem de aprender a tradição, com o professor indígena a ensinar os mitos da aldeia*. Os participantes assumem que a função da comunidade Guarani é *educar para transmitir e garantir a tradição; esta é a função principal da cultura, em especial da mulher e do idoso* (Jaci).

Cabe destacar que o CECI foi criado pela secretaria de educação do município de São Paulo (Decreto lei nº 44.389)com finalidade de atender ao desenvolvimento da criança indígena, em vários aspetos: físico, psicológico, intelectual e social; julgando-se necessário o fortalecimento da identidade étnica presente no modo de ser e de vida Guarani, principalmente na educação das crianças (*nhandereko*); estimular e valorizar o uso da língua materna; fortalecer as formas de transmissão da cultura oral; valorizar brincadeiras, jogos, cantos e danças infantis tradicionais (*Xondaro e Tangará*); valorizar o saber e conhecimento dos mais velhos (*xe ramói*), entre outras formas de tradição e cultura (PMSP, 2004).



Ilustração 3. CECI

A palavra “respeito” reflete o valor moral mais privilegiado na aldeia e descrito como *proporcional à idade*. Jaci refere que à medida que vai *envelhecendo*, se sente *mais respeitado*. O respeito também se associa ao estatuto que se tem na aldeia ou cargo

ocupado na comunidade. Por exemplo, Moema sente-se *muito respeitada* pela aldeia, o que em muito se deve ao seu *cargo na aldeia* que a *permite ajudar toda a comunidade em caso de doença*:

“As pessoas vão sempre ter comigo com respeito; sabem que eu faço o bem por elas e os filhos dela quando ficam doentes, e então tratam-me bem, agradecem-me e respeitam-me muito” [Moema].

Organização da aldeia

A categoria *organização da aldeia* reúne informação relativa à estrutura e organização da aldeia; inclui as palavras (tabela 8.3): “conselho”, “anciãos”, “cacique” “saúde”; “trabalho”. Neste caso, as palavras *conselho* e *anciãos* foram agrupadas na expressão *conselho de anciãos*, pois eram sempre referidas em conjunto.

“Conselho de anciãos” (6 referências) é o *órgão responsável* pela *discussão de assuntos e tomada de decisões da aldeia em conjunto com o cacique; a eles cabe pesar as decisões a serem tomadas, principalmente articulações políticas internas ou externas da aldeia*, explica Moema. Araci explica ainda ao modo como são eleitos os elementos do conselho:

“Ao considerarem que a pessoa é amadurecida, responsável e tem poder de decisão, ou que tem opiniões que apresentem mais consistência e poder de influência na comunidade, incluem essas pessoas em seus conselhos, seja homem ou mulher. O conselho de anciãos é um dos mais importantes.” [Araci]

“Cacique” é mencionado (18 vezes) e refere-se ao *chefe da aldeia*, que é o elemento *mais importante* e pertence ao conselho de anciãos. O cacique tem as seguintes funções: i) fomentar o (bom) convívio social da comunidade dando exemplo (e.g. não ter vícios relacionados com o álcool e o tabaco); ii) garantir a continuidade das tradições culturais providenciando rituais e ritos sempre que se justifique; iii) comandar a defesa e ataque da aldeia em caso de guerra; iv) determinar atividades diárias do povo (por exemplo, decidir quem deve fazer artesanato para venda); v) resolver os problemas de doenças, mortes, atritos de família, atritos na aldeia, atrito com outras etnias, guerras e outros assuntos ligados à sua etnia; vi) aplicar sanções ou castigos comunitários em caso de desobediência ou mau comportamento (quase sempre relacionado com o álcool); vii) discutir com o conselho de anciãos decisões a serem tomadas em função do seu cargo. Araci, a primeira cacique mulher da aldeia, explica o seu cargo:

“O cacique é o chefe da aldeia... resolve as coisas da aldeia a qualquer hora, não há hora! Tem de se estar atento a qualquer coisa que aconteça, porque as pessoas procuram o cacique para resolver problemas. Agora que sou cacique tenho até agenda! Quando vem alguém bêbado à noite fechamo-la num lugar fechado e seguro para passar a bebedeira. Esperamos pelo dia seguinte e falamos para não fazer mais isso, se fizer expulsamos para outro lugar. Se for de cá da aldeia, há castigos; por exemplo: tem de fazer serviço de limpeza na aldeia.” [Araci]

O cacique é eleito de acordo com as regras da aldeia: por transferência hereditária e votos da aldeia; ou seja, apesar da herança do cargo, a pessoa pode não querer assumir o cargo ou pode não mostrar-se à altura, por isso é sujeita ao voto da aldeia.

“O meu pai já era cacique, mas como o meu irmão não quis ser, o povo nomeou-me cacique porque também me disponibilizei e me mostrei responsável (...) é uma grande responsabilidade.” [Araci]

A “saúde” (9 referências) é um dos principais objetivos da aldeia; pretendem melhorar a saúde da aldeia, pois existem situações *complicadas*, como casos de desnutrição em crianças, o que os faz *desejar mais saúde*. Moema relata: *“Ainda temos muitas crianças em desnutrição, sem saúde. Não temos lugar para plantar nada, dependemos das pessoas de fora. E nós não gostamos muito disso. Hoje em dia só peço a Deus que dê tudo certo e peço mais saúde para todos!”*

A palavra também surge relacionada com o local onde tratam a doença (Unidade Básica de Saúde) (ilustração 4), o *posto de saúde*, considerado uma *grande conquista da aldeia*. Foi criado em 2004 depois de *ter sido solicitado à prefeitura de São Paulo*: *“Conseguimos um posto de saúde para tratar doenças!” [Jupi]*

Nas visitas à aldeia verificámos que o posto de saúde é uma casa com características ocidentais (telhado e janelas), com 5 divisões que constituem os consultórios. Na visita ao seu interior encontramos no átrio da entrada várias mulheres sentadas em bancos com as suas crianças que recebiam nebulizações de oxigénio (por problemas pulmonares provavelmente relacionados com a fumaça das fogueiras que fazem dentro das casas para cozinhar e se aquecer); e uma enfermeira e uma médica da prefeitura que fazem visitas semanais à aldeia.

A palavra também surge para referir os profissionais da área da saúde, destacando-se a agente de saúde (Moema) que reúne as seguintes funções: garante a marcação de consultas

de saúde da comunidade; sinaliza casos de doença aos profissionais de saúde que se deslocam à aldeia semanalmente; providencia o transporte de pessoas doentes e acompanha-as para unidades hospitalares da prefeitura em casos de urgência. Estes profissionais frequentaram cursos disponibilizados pelo estado.

Moema, a agente de saúde refere: *“Sou agente de saúde comunitária, gosto de fazer o bem às pessoas. O meu trabalho é marcar as consultas de prevenção, vacina... dou conselhos para as mães jovens sobre os bebês, se alguém estiver doente eu aviso a enfermeira que vem cá e providencio consulta, e ainda vou com a comunidade e os profissionais da saúde para ao hospital da prefeitura se for necessário.”*



Ilustração 4. Unidade Básica de Saúde

A palavra “trabalho” é mencionada (9 vezes) para se referir as atividades da aldeia, que constituem a base da organização. Inclui: i) atividades remuneradas; por exemplo Jaci sente-se *orgulhoso e feliz* com a sua profissão que é das *coisas mais positivas da sua vida* porque contribui para a *perpetuação da educação e cultura Guarani* ao trabalhar como coordenador do CECI; ii) atividades não remuneradas relacionadas com produção agrícola (desempenhada por homens e mulheres) e com a caça (só feita pelos homens); Moema salienta: *“O que gosto mais aqui é de trabalhar na terra, de plantar mandioca, milho mas a prefeitura não deixa destruir árvores então fica meio limitado para nós”*.

Vida quotidiana

A categoria *vida quotidiana* reflete a dinâmica familiar e comunitária da aldeia, contemplando as seguintes palavras: “casa”; “família”; “reza”; “problemas”; “conversar”; referidas num total de 89 vezes.

A palavra “casa” (segunda palavra mais mencionada) refere-se ao lugar onde moram/habitam (ilustração 5); inclui a casa do próprio e dos pais (neste caso para sublinhar o local de transmissão da cultura Guarani). Ubirajara explica que as *mães ficam em casa a dar o exemplo às crianças*. Iracema, que está em processo de separação conjugal, vive com a filha na casa da mãe que *a ajuda muito nas lidas domésticas e na educação da filha*. Luís saiu da casa dos pais, onde vivia, porque *o pai bebia muito*. As casas são feitas de pau pique e algumas também com taipa (espécie de barro); e os telhados com folhas de guaricanga (espécie de palmeira) ou chapa (ilustração 6). Não tivemos oportunidade de visitar o interior de nenhuma casa da aldeia Krukutu, pois não tivemos convite para entrar.

Mas, tivemos o convite de Jaci, que se encontra em processo de separação conjugal, para *conhecer a casa onde estavam os seus filhos e a sua (ainda) mulher a realizar artesanato*, situada na aldeia Guarani vizinha: *Tenondé Porã* (Jaci mudou-se para a aldeia Krukutu quando surgiram problemas conjugais). Nessa aldeia, as casas apresentam exteriormente características mais ocidentais, pois são feitas em cimento e têm janelas e chaminés. No interior há um intenso cheiro a fumaça, e as paredes estão escurecidas devido ao fumo das fogueiras que realizam no interior das casas para cozinhar e se aquecerem. A matriarca da família encontrava-se em casa a fritar banana-pão, numa fogueira feita no chão e as filhas sentadas num colchão ao lado (que servia de sofá) e mostravam o artesanato que faziam para venda.

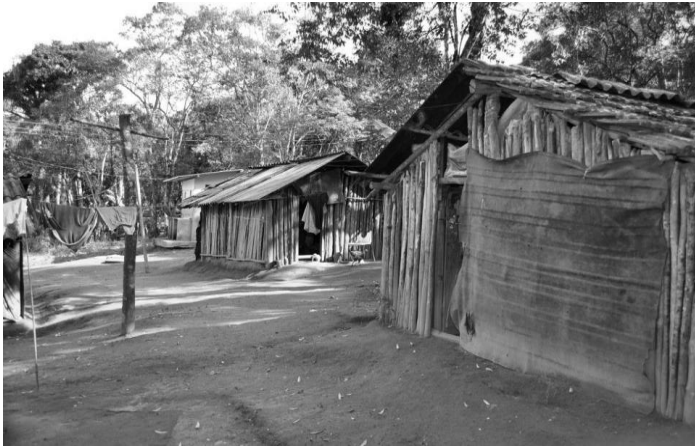


Ilustração 5. Casas da aldeia Guarani Krukutu

Todos os participantes mencionam “família” (30 referências) que assume dois significados: família comunitária Guarani e a família de laços de sangue. Os participantes consideram a comunidade como uma *grande família que vive toda unida*.

“Cá na aldeia vivemos todos juntos, somos uma grande família, todos ajudam todos! (...)A família Guarani tem a função de ensinar a língua, a tradição e a religião.” [Moema]

E também há a família de laços de sangue, que inclui ascendentes, descendentes e/ou colaterais por consanguinidade ou não, com quem podem ou não coabitar. Araci refere que a sua família *é exemplar por viverem muito perto uns dos outros*; sublinha que não imagina como seria *viver como os brancos, sem a família por perto*.

A palavra “reza” (8 referências) está associada às tradições e costumes, e aos mitos e crenças que explicam o mundo em que vivem. Referem-se a um Deus criador. Araci conta que *há reza todas as noites para estarem juntos e transmitirem bons valores e lembrar os mitos*, mas apesar de *irem mais as mães e o pajé*, agradece a *Deus* por ainda *ir muita gente!* A casa de reza (ilustração 6 e 7) é o local onde *transmitem* a religião e tradição; onde *rezam*(transmitindo a religião e tradição). Trata-se de uma casa ampla no centro da aldeia (totalmente vedada com barro para que espíritos indesejáveis não entrem), onde se realizam festas religiosas e rituais sagrados (as crianças recebem nomes, os doentes são curados, as sementes de milho são abençoadas antes de serem plantadas e são realizados os funerais). É ainda o local onde o *pajé* transmite a tradição e se executam rituais indígenas.

“É muito importante ir á casa de reza. Quando há rituais então ainda mais! Insisto que todos venham. As futuras lideranças serão as crianças, é importante que estejam presentes para saberem o que é a nossa tradição e para dar continuidade. A liderança tem de estar unida para se defender do mundo lá fora”.

[Jupi]



Ilustração 6. Casa de reza



Ilustração 7. Interior da casa de reza

A palavra “problemas” (14 referências) evoca os principais problemas da aldeia, que se relacionam principalmente com alcoolismo, dificuldades conjugais e excesso de ver televisão.

O alcoolismo é um problema recente que não existia nas gerações antepassadas. São os vizinhos (não indígenas) da mata atlântica que vendem o álcool (cachaça) fora da aldeia aos habitantes da aldeia indígena Guarani. Ubirajara explica:

“O problema de cá é o álcool. A mãe bebe, o pai bebe, o filho vai beber também! Trazem pinga para a aldeia e isso não é bom. Nós temos de dar o exemplo, ou a aldeia perde-se! Antes não havia nada disso. Os velhos nunca tocaram em álcool. É um problema que antes quase não existia. As mães ficam em casa e devem dar o exemplo.”

Também há diversos relatos de dificuldades conjugais principalmente relacionadas com ciúmes e adultério (que se associa a frequentes recasamentos na aldeia). Jupi refere que desde que a esposa *descobriu* que tem uma *filha de outra mulher*, há problemas todos os dias! Mas relativiza o problema acrescentando que a cultura Guarni é mesmo assim: *casa e descasa!*

A televisão é um passatempo muito recente (há 13 anos) que *prende* os mais jovens em casa, que *deixam de ir à noite à casa de reza* para ficar a ver a novela, o que *quebra a tradição*.

“O que gosto menos é que vejam televisão. Às vezes discuto com eles. Isso é ruim! Na minha casa tem muitas televisões; todas têm televisão. Porque aqui as casas são todas juntas. Cá na aldeia vivemos todos juntos, somos uma grande família. E eu não gosto de ir lá e que estejam a ver televisão, com este calor ainda por cima. Não se fala, não se reúne na casa de reza. Não gosto, não faz parte da cultura. Antes não havia televisão.” [Araci]

“Conversar” referido (6 vezes) é uma atividade que promove a dinâmica familiar, permitindo partilhar a experiência e tradição e educar os mais jovens.

“A mulher está em casa e tem o papel mais importante, porque fica a fazer artesanato, a cozinhar, a rezar, a conversar com as crianças e elas aprendem”. [Jupi]

E, conversar é uma boa forma de resolver problemas:

“Eu converso com os meus filhos para esclarecer situações e perceber se bebem ou não!” [Ubirajara]

Ligação ao exterior

A categoria *ligação ao exterior* é constituída pela palavra “mundo” (22 referências), que descreve o mundo interior e exterior da aldeia e a ligação entre ambos. É usada para descrever o mundo em geral, indicando os diversos países e continentes; por exemplo, Jupi escreve *literatura indígena para o mundo entender a cultura Guarni*. Também se refere à comunidade externa, mas próxima, da aldeia, indicando os *vizinhos civilizados* (não indígenas), que se dedicam à criação de gado e que vendem o álcool à aldeia indígena. Araci vive *preocupada* com os filhos que *vão para o mundo lá fora* porque *é lá nos vizinhos que vendem o álcool*. Aqui incluem a *civilização* ou *mundo Juruá*, que é o mundo dos brancos (os caucasianos; a civilização). Iracema alude *o mundo Juruuá* como *mundo dos brancos*, que *também tem coisas boas*, explicando que *para ser dentista tem de se ser no mundo Juruá*. E, no mundo Guarani, Jupi *sente* que *a civilização* os vê como *um mundo atrasado*, por isso escreve livros para *realçar a ideia de que o mundo indígena sabe ler e escrever!*

Papel dos mais velhos

A categoria *papel dos mais velhos* remete para o mundo de valores associados às pessoas idosas da aldeia, essencialmente ligados à função e/ou dinâmica que estabelecem relacionada com a cultura e tradição Guarani. A palavra “velhos” é referida 25 vezes e engloba os seguintes significados:

- a) Respeito e valorização: o velho é a pessoa *mais respeitada* na comunidade, em quem os mais novos *buscam inspiração para condutas de vida*. Acreditam que ao respeitá-los serão respeitados quando forem idosos. “*Nós respeitamos muito os velhos, para sermos respeitados um dia também.*” [Jupi]
- b) Perpetuação da cultura e tradição: a pessoa idosa é o alicerce da aldeia na transmissão da cultura. Valoriza-se o saber e conhecimento dos mais velhos (*xeramói*). A pessoa idosa é o verdadeiro *guardião e transmissor de conhecimentos* adquiridos e acumulados durante toda a sua vida. Para Jaci, os *velhos têm cultura a*

100%; mas refere também que os novos de agora não vão ter a cultura a 100% quando forem velhos.

- c) Autoridade e experiência: a pessoa idosa é tida como *fonte de sabedoria*, que aumenta à medida que a idade avança. A pessoa idosa tem a maturidade para aconselhar sobre o que fazer, e toda a aldeia segue o conselho.

“O velho assume ainda mais importância; o velho todo o mundo ouve e faz o que ele diz, ele viveu mais e sabe mais. Quanto mais velho, mais experiência de vida, sabe mais! Se tem 60 anos, tem 60 anos de experiências!” [Jaci]

- d) Importância de conhecer o nosso passado: reconhecer o passado *aumenta o conhecimento sobre a cultura* e permite que nunca seja esquecido pelo tempo. Moema fica *encantada* a ouvir a *educação* dos seus *antepassados* por parte das pessoas idosas. São coisas *que não esquece e transmite aos filhos* também!

8.5 Discussão

Os resultados sugerem que a dinâmica cultural da comunidade da aldeia *Krukutu* se caracteriza em quatro categorias: “ser Guarni”; “organização da aldeia”; “vida cotidiana”; “ligação ao exterior”. Para o papel dos idosos na comunidade emerge a categoria “papel dos mais velhos”.

Dinâmica cultural dos Guarani Mbya da aldeia Krukutu

Em termos de dinâmica cultural, “ser Guarani” é um *todo articulado* que envolve: viver na aldeia; manter os costumes (rituais, crenças) transmitindo-os através da educação, para preservar a identidade individual (ser índio) e comunitária (ser Guarani Mbya na aldeia *krukutu*). Ser Guarani é um modo de viver e estar, orientado para a preservação da tradição através da educação e da religião. Ou seja, o termo *Guarani* define a população, o grupo étnico, e a língua (Cassula & Bernardino, 2012). Os participantes corroboram esta afirmação ao indicarem as características fundamentais de ser Guarani: falar guarani; ser camponês e cultivador; praticar uma economia de reciprocidade; e manter os seus rituais e costumes que caracterizam a cultura Guarani.

Os participantes indicam que *viver na mata* tem uma importância fundamental no seu modo de organização, pois é o espaço que reúne as condições para concretizar e preservar a cultura e tradição. O *Tekohá*, ou seja, a terra, mato, campo, águas, animais e plantas representa o espaço físico onde se realiza a vida guarani, o *Teko* (modo de ser guarani) (Almeida & Mura, 2003). A aldeia é um *habitat*, uma casa, um lugar em que se está e onde se vive, um lugar sagrado, pois é gerador da vida.

Assegurar e transmitir a “tradição” caracteriza o modo de “ser guarani”. isto sugere que o que comportamento em sociedade, sustentado num arsenal mítico e ideológico (Susnik, 1980) ainda é uma preocupação desse povo. A “tradição” dos costumes e da cultura valoriza o passado, presente e o futuro que se consubstancia na preservação dessa identidade e permitiu a sobrevivência da aldeia até à atualidade. Esta preocupação permanente em assegurar a cultura *aguça* o empenho desta comunidade na preservação da tradição e torna os Guarani um dos grupos indígenas que sobreviveram até hoje, preservando importantes aspetos de sua cultura e organização social (Litaiff, 1996; 2008).

O processo de transmissão entre gerações, por meio da tradição oral (centrando os segredos seculares da economia da reciprocidade, do respeito e equilíbrio com o meio ambiente e da religiosidade) tem sido as principais armas de resistência do povo Guarani (Litaiff, 2008; Dos-Santos & TorresMorales, 2007).

Nesta aldeia a transmissão da tradição é feita através da “educação”, realizando-se em casa, na escola, no CECI, ao ar livre – na mata e na Casa de Reza (à tarde/noite o pajé reúne as crianças para ensino da mitologia, costumes, na mata ou na casa de reza). A educação valoriza a identidade indígena, dando especial atenção a jovens e crianças e incentivando o protagonismo juvenil indígena (Araújo, et al., 2009). A educação indígena refere-se aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas; enquanto a educação escolar indígena envolve os processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas na escola (Massanet, 2009). A escola é uma instituição dos povos colonizadores, que permite o acesso a outros conhecimentos universais, necessários ao contato com a sociedade global. Em casa, os pais e os avós são os responsáveis por transmitir aos seus filhos ou netos, desde a mais tenra idade, a sabedoria aprendida dos seus ancestrais. Assim, as crianças vão aprendendo a assumir responsabilidades e desafios, que lhes permitem a inserção na vida social; tal ocorre, principalmente, por observação, experiência empírica e autorreflexão, que são proporcionadas por mitos, histórias, festas, cerimônias e rituais realizados para tal fim. No ambiente escolar, as tradições, além de recuperadas e preservadas, são refletidas como eixos geradores de propostas pedagógicas a implementar (Lacerda & Silva, 2009).

A organização da aldeia faz-se através da cosmologia que orienta a vida social, política e espiritual dos indivíduos e da comunidade, pois são definidos os valores a cumprir (e.g. não beber, nem fumar, ser respeitador) e as consequências do incumprimento. As decisões são tomadas de forma coletiva; isto é, através do cacique (líder da aldeia) com o auxílio do conselho de anciãos (pessoas maduras e responsáveis com poder de decisão na aldeia e eleitas pela comunidade). Os grupos indígenas são fundamentalmente guiados por princípios de direitos coletivos; são constituídos por organizações sociais complexas, na sua maioria não-formais, não-escritas, mas que operam como referência para a vida individual e grupal (Luciano-Baniwa, 2006).

A falta de saúde (concretamente a desnutrição) é apontada como uma das maiores fragilidades da aldeia (Litaiff, 1996); no entanto com a introdução de programas sociais da Prefeitura do Município de São Paulo (Ladeira, 2004; 2008) e com a criação da Unidade Básica de Saúde, considerado uma conquista, o problema tem vindo a decrescer. Entre os índios tem existido um conflito no mundo da saúde (LuianoBaniwa, 2006): entre o tradicional e o ocidental científico. Os povos indígenas têm as suas concepções e formas de tratamento de doenças pela medicina tradicional. Contudo observa-se uma aceitação e reconhecimento da medicina ocidental, pois é considerada uma conquista da comunidade que lhes permite evitar doenças graves; no entanto, continuam a valorizar as tradições da medicina indígena como um conjunto de conhecimentos e valores ancestrais (inclui: eficácia das plantas medicinais e conhecimento dos pajés) (LuianoBaniwa, 2006).

A família da aldeia Krukutu (família de laços de sangue e a família comunitária) compõe a família extensa típica dos Guarani, ou seja a família-grande (Arias, 2008). A vida quotidiana da aldeia é orientada para a educação e manutenção da tradição; começa nas casas (por exemplo, a mãe ensina às filhas a lide doméstica) e é mantida pela visita diária à casa de reza onde o Pajé assegura a transmissão do conhecimento pela reza e rituais religiosos. A preservação cultural apoia-se na oralidade do Pajé que, por relatos sobre o passado da etnia, revela e cria um vínculo entre os jovens e sua história (Luciano-Baniwa, 2006).

Os participantes referem que a transmissão desse conhecimento tem sido ameaçada por problemas vindos do mundo ocidental: alcoolismo e excesso de ver televisão. A televisão compromete as rotinas que asseguram a transmissão da tradição (deixam de frequentar a casa de reza à noite, para assistir à telenovela). Esta situação sugere uma mudança na via de transmissão da cultura; i.e. apesar da sobrevivência da cultura Guarani depender da oralidade (forma predominante de transmissão da cultura), a linguagem escrita é essencial para a aldeia, pois garante a continuidade da transmissão, mesmo se a comunidade não frequentar a casa de reza (Cassula & Bernardino, 2012).

O álcool, proibido na aldeia Krukutu, é conseguido junto da população não indígena nas imediações da aldeia, represa de Billings. Diversos motivos levam os índios a consumir bebidas alcoólicas (Conceição, 2007): convivência social com o branco, perda de identidade, tristeza, autoafirmação, problemas económicos, ociosidade e falta de trabalho.

Os problemas conjugais e as separações são relativizados pelos participantes que encaram a situação como parte da cultura.

O facto de as autoras terem sido convidadas a entrar na casa de reza sugere por um lado um elevado grau de confiança conquistado pelas autoras brasileiras em longos anos de estudos prévios, e um modo de agradecimento pelo que fizeram pela sua cultura (sempre devolveram e discutiram os resultados dos estudos e dinamizaram diversas atividades). A participação nas festas e nas cerimónias revela explicitamente as fronteiras das relações de amizade ou de inimizade entre grupos ou povos, sempre comum a lógica de reciprocidade, ou seja: aos amigos, cabe a reciprocidade da amizade; aos inimigos, a reciprocidade da inimizade e a consequente vingança (Luciano-Baniwa, 2006). Por outro lado, o convite para entrar na casa de reza sugere uma *maleabilidade* ou maior *abertura* da cultura Guarani em relação à civilização: se outrora a casa de reza seria *impenetrável* à civilização não indígena, hoje abre as portas à mesma para dar a conhecer com orgulho a sua cultura através dos rituais e cerimónias. Historicamente, a ocupação do litoral pela civilização, a consequente fome, doenças (e.g. sarampo), e indiferença em relação à cultura e aos seus costumes, (Pompa, 2003) levou a que os indígenas se afastassem dos brancos. Esse afastamento permaneceu até aos dias de hoje (Siering 2008) levando a que os índios tenham uma profunda desconfiança em relação à civilização. Todavia, essa confiança tem-se conquistado aos poucos, construída com o tempo com as vivências partilhadas, experiências trocadas, como desenrolar das relações (Silva & Grubits, 2006).

O facto de ter sido nomeada uma mulher para líder ou cacique da aldeia remete-nos também para uma mudança na cultura da aldeia Guarani Krukutu, uma vez que a cultura Guarani sempre foi marcada por ser uma cultura predominantemente masculina (Schaden, 1969).

Papel da pessoa idosa na aldeia Krukutu

Os resultados sugerem a distinção entre dois conceitos: “ancião” e “velho” ou “idoso”. Frequentemente usados como sinónimos na cultura ocidental, *velho* ou *idoso* e *ancião* assumem significados distintos na aldeia Krukutu. Ser *ancião* significa ser detentor de responsabilidade e maturidade suficiente para a tomada de decisões importantes, independentemente da idade cronológica (neste estudo os participantes têm entre 35 e 41 anos). Na aldeia Krukutu, a pessoa anciã tem um papel social mais ativo porque auxilia o

cacique (líder da aldeia) na proteção e implementação dos direitos indígenas, deslocando-se inclusive à civilização para resolução de interesses da comunidade. Apesar da pessoa idosa ter também um papel social ativo (pois contribui para a transmissão do conhecimento sobre a tradição); assume um lugar mais resguardado, mas detém o estatuto mais elevado e respeitado na aldeia, como é o caso da figura do Pajé. A pessoa é considerada idosa no Brasil aos 60 anos. Aqui, apesar da idade cronológica aparentar não ser decisiva para a obtenção do estatuto de idoso, ter mais idade que a maioria que os rodeiam implica ter vivido mais e saber mais sobre o antepassado; principalmente conhecimentos espirituais (mitologia, rituais, hábitos e costumes) desenvolvidos durante toda a vida e a sua transmissão na preservação da cultura e tradição assumem extrema importância. Philibert (1984) explica que segundo as condições de vida, de trabalho, de longevidade da população média de referência e os seus costumes, a pessoa idosa pode ter 30, 40 ou 85 anos. Só os mais velhos atingem os altos níveis de poderes sobrenaturais, como o dom da cura, da clarividência e das profecias, depois de uma longa vida de experiências (Cezar-Mellati, 2004).

Não foi possível ver e conversar com nenhum idoso ao longo da recolha de dados; as razões apontadas pelo conselho de anciãos (o entrave linguístico - apenas falam o Guarani); remete-nos para o passado da cultura Guarani prévia ao contato com a civilização e à aprendizagem da língua Portuguesa. De facto os mais velhos poderiam ser entrevistados com um auxílio de um (interprete) membro do conselho de anciãos; todavia, a timidez (outro dos motivos apontados) remete-nos para uma forma de proteção em relação aos mais velhos e de respeito e valorização da sua vontade; o que reforça o seu lugar resguardado e respeitado na aldeia. Por constituírem o alicerce da tradição e terem conhecimentos culturais e espirituais de (*guardião de conhecimentos do passado*), são protegidos e valorizados pela comunidade. Usufruem de regalias (como a permanência no conforto do lar durante o dia, para que possam frequentar a casa de reza e transmitir a tradição à noite; ou não executar nenhum trabalho árduo) para que possam ter uma vida mais duradoura e continuarem a ser úteis à comunidade por muito tempo: são conselheiros da comunidade. Na cultura indígena Guarani a pessoa idosa é valorizada e *poupada* para a ação mais importante da aldeia (manter e transmitir a tradição que assegura a identidade Guarani através da oralidade). Entre os povos indígenas, os seus sábios idosos têm um

papel de destaque e ocupam um espaço privilegiado na comunidade e na família (Luciano-Baniwa, 2006).

8.6 Limites e perspectivas de pesquisa

O número reduzido da amostra (6) é uma das principais limitações deste estudo. Outra limitação refere-se ao facto de não obtermos informação sobre o papel da pessoa idosa na comunidade indígena na primeira pessoa; seria relevante aceder a esta informação na perspectiva da pessoa idosa. Dada a grande diversidade entre indígenas do Brasil (fisionomia, língua, costumes, espaços geográficos onde vivem) torna-se relevante explorar a dinâmica cultural e o papel da pessoa idosa de outros povos indígenas pertencentes a outros estados brasileiros. Será relevante explorar também outros grupos étnicos residentes no Brasil; por exemplo grupos étnicos descendentes de africanos (e.g. Quilombola).

8.7 Conclusão

A dinâmica cultural dos indígenas Guarni Mbya residentes na aldeia Krukutu baseia-se na preservação da identidade Guarani (ser guarani) através da educação das suas tradições e, fundamentalmente da sua religião. A influência da civilização preconizou a adoção de costumes da sociedade envolvente. Porém, e por se sentir ameaçada relativamente à perda da tradição, esta cultura continua a reunir esforços para preservar elementos relevantes da sua religião, organização social, língua e mitologia. As pessoas idosas têm um papel central na preservação da cultura Guarani, garantindo que as tradições seculares estejam presentes nas gerações atuais através da oralidade.

Contrariamente ao que acontece na cultura ocidental *ancião* e *pessoa idosa* não são sinónimos nesta comunidade indígena. Apesar de a idade cronológica aparentar não ser decisiva para estes termos, ter mais anos significa ter vivido mais e ter mais experiência, o que juntamente com funções simbólicas (p.e. transmitir a tradição) introduzem os indígenas ao *mundo dos velhos*. O conhecimento sobre idosos indígenas desafia a visão ocidental enraizada de declínio na velhice.

8.8 Bibliografia

- Alder, P.A., Alder, P. (1998). Observation Techniques. In. N. Denzin e Y.S. Lincoln (Eds.) *Collecting and interpreting Qualitative materials*. (pp. 79-110). Londres: sage.
- Almeida, R. F. T.; Mura, F., (2003). *Guarani Kaiowá - Povos Indígenas do Brasil*, Instituto Socioambiental, São Paulo.
- Araújo, R., Deosti, A., Faustino, C., Novak, J. (2009). *Memórias, conhecimentos e literatura na escola Indígena Guarani Nhandewaix*. IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro. PUCPR.
- Arias, G, S. (2008). *Psicodinâmica familiar a partir da percepção de crianças indígenas Guarani Mbyá de São Paulo*. Tese de mestrado apresentada ao programa de pós graduação em psicologia da saúde da Faculdade de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade Metodista de São Paulo, Brasil.
- Barão, V, M. (2006) “*Mbyárekómeme é o lugar que a gente vive a nossa cultura*”: o “*lugar*” como cultura material para os Guarani do Litoral Sul. *Biblos*, Rio Grande, 20, 195-210.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edição Revista e Atualizada. Edições 70, Lda.
- Bonfim, T.E., Gil, C.A., Fuginaga, C.H., Zerwes, E. Moura, M.L., Munari, P.C., & Tardivo, L.S.P.C. (2005). *Narrativa de uma Oficina Terapêutica de Foto e Vídeo com Jovens Indígenas Guarani Mbya*. In. Anais da III Jornada APOIAR: Atendimentos Clínicos Diferenciados e Inclusão: O papel da Psicologia Clínica Social. São Paulo: Instituto Psicologia Universidade São Paulo, 65-76.
- Bonfim, T.E., Tardivo, L.S.L.P.C, Vizzotto, M.M. & Arias, G.S. (2006) *Dibujos-Cuentos de una adolescente indígena Guarani-Mbyá Brasileña: aspectos de la dinamica interna y los impasses delante de la aculturacion*. In: Libro de Ponencias – Crises, Mutaciones, Rupturas y posibilidades. X Congreso Nacional de psicodiagnóstico.
- Bonfim, T.E. & Tardivo, L.S.L.P.C. (2008). Reflexões Acerca de uma experiência de intervenção psicológica em comunidades indígenas Guarani-Mbyá da cidade de São Paulo.

In Tardivo, L.S.L.P.C & Gil, C.A. (Eds.) *Apoiar: Novas propostas em psicologia clínica*. (pp. 457-471). São Paulo, Editora Sarvier,

Bonfim, T. H. (2012). *Saúde Mental e sofrimento Psíquico de Indígenas Guarani-Mbyá de São Paulo: um relato de experiência*. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-IPUSP.

Botelho, J. B., Costa, H. L. (2006). Pajé: reconstrução e sobrevivência. *Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, 13*, (4).

Cassula, M., Bernardino M. (2012). *A importância da oralidade para a revitalização cultural dos Guarani Nhandewai*. IX Anped Sul. Seminário de pesquisa em educação da região Sul.

Cezar Melatti, J. (1994). *Índios do Brasil*. Oitava Edição. Editora Hucitec. São Paulo.

Cezar Melatti, J. (2007). *Índios do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

Cockerham, William (1997). *This Aging Society*. (2nd. ed). New Jersey: Prentice Hall.

Coimbra Jr., Carlos Everaldo Alvares; SANTOS, Ricardo Ventura. (2000). Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva, 5* (1).

Conceição, J.J. (2007). *A percepção dos profissionais de saúde da área indígena Potiguara sobre o consumo de bebidas alcoólicas pelos índios*. Monografia (Especialização) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Dos-Santos, S., Torres-Morales, O.E. (2007). *Idosos Indígenas e comunicação: olhares e aproximações*. X conferência Brasileira de Comunicação e Saúde – Com Saúde.

Fabbri, E., Ribeiro, H. (2007). Programa Renda Mínima na Aldeia Indígena Morro da Saudade em São Paulo, entre 2003 e 2004: análise de uma experiência. *Saúde Soc. São Paulo, 16* (2), 61-75.

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Monitor - Projetos e Edições, Lda. Coleção manuais de gestão.

- Freire, J. (1992). *Tradição oral e memória indígena: a canoa do tempo in América: Descoberta ou invenção*. 138-164. 4º Colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Glazer N., & Moynihan, D P. (1970). *Beyond the melting pot: the Negroes, Puerto Ricans, Jews Italians, and Irish of New York City*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Grubits, S., Freire, H., Noriega, J. (2011). Suicídios de Jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (3), 504-517.
- Grubits, S.; Darrault Harris, I. (2003). Ambiente, Identidade e cultura: reflexões sobre comunidades Guarani Kaiowá e Kadiwéu de Mato Grosso do Sul. *Psicologia e Sociedade*, 15, (1), 182-200. Janeiro-Junho.
- Guimarães, L., Grubits, S. (2007) Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação Brasileira. *Psicologia e Sociedade*, 19(1), 45-51. Janeiro-Abril.
- Gurnack, A., Johnson, W. (2002). Elderly Drug Use and Racial/Ethnic Populations. *Journal of Ethnicity in Substance Abuse*, 1(2).
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2012). *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça*. Rio de Janeiro.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). *Características Gerais dos Indígenas*. Resultados do Universo.
- ISA - Instituto Socioambiental) (2000). *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo.
- ISA (Instituto Sócio Ambiental) (2003). Enciclopédia. Povos Indígenas no Brasil. *Kĩsêdjê*. Texto de Anthony Seeger.
- Lacerda L.T.; Silva, G.J. (2009). *Educação, cultura e tradição: contribuições teóricas ao debate sobre educação escolar indígena em Mato Grosso do Sul, Brasil*.
- Ladeira, M. I. (2004). Terras indígenas e unidades de conservação na Mata Atlântica – áreas protegidas? *Marandú – Revista eletrônica do CTI*, 2, agosto.

Ladeira, M. I. (2008). *Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso*. Maringá, PR: Eduem. São Paulo: Edusp.

Litaiff, A. (1996). *As Divinas Palavras: identidade étnica dos Guarani-mbyá*. Florianópolis. Editora da UFSC.

Litaiff, A.; Darella, M. (2000). *Os índios Guarani Mbya e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro*. In: XXII Reunião Brasileira de Antropologia.

Lievesley, N. (2010). *The future ageing of the ethnic minority population of England and Wales*. Older BME People and Financial Inclusion Report.

Litaiff, A. (2008). Sem Tekoa não há Teko – Sem Terra não há cultura: Estudo e desenvolvimento auto-sustentável de comunidades indígenas Gurani. *Espaço Ameríndio, Porto Alegre*, 2(2), 115-123.

Luciano- Baniwa, G.S. (2006). *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD em parceria com o Museu Nacional, Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento – LACED. (Coleção Educação para todos, 12). (Vias dos saberes, n. 1). Obra com apoio da Fundação Ford e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO.

Massanet, T. (2009). *Levantamento e estudos de reintrodução de espécies vegetais utilizadas no artesanato Guarani (Aldeia Krukutu- Palheiros/SP): Busca de uma alternativa sustentável de extrativismo*. Projeto de Iniciação Científica apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Centro Universitário Fundação Santo André.

Ministério das Relações Exteriores do Brasil. (2000). *Sociedades indígenas e a ação do Governo*. Brasília.

OEA - Organização dos Estados Americanos (2004). Comissão Internacional dos Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos. *Relatório sobre a situação dos direitos humanos no Brasil*. Capítulo VI.

Philibert, M. (1984). Le statut de la personne âgée dans la société des antiques et pré-industrielle. *Sociologie et sociétés*, XXI (2), 15-27.

Pagliari, H., Azevedo, M., Santos, R.V. (Org.). (2005). Demografia dos povos indígenas no Brasil: um panorama crítico. In: Demografia dos povos indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Saúde dos povos indígenas).

Pereira, P. (2007). Selva de Pedra. *Sociologia: Ciência e Vida*, 3. São Paulo.

PMSP – Prefeitura Municipal de São Paulo (2004). Decreto nº 44.389 de 18 de fevereiro de 2004 – Dispõe sobre a criação de Centros de Educação e Cultura Indígena (CECIs). disponível em: http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/pesqnumo.asp. Recuperado em 15 fevereiro de 2013.

Pompa, C. (2003). *Religião como tradução: missionários Tupis e Tapuias no Brasil Colonial*. Bauru, S.P. Editora Edusc.

Siering, F. C. (2008) *Conquista e dominação dos povos indígenas: resistência no sertão dos Maracás (1650-1701)*. Dissertação. História Social. Universidade Federal da Bahia.

Silva, M., Grubits, S. (2006). Reflexões Éticas em Pesquisas com Populações Indígenas. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26 (1), 46-57.

Sinatra, R. (2008). Creating a culture of vocabulary acquisition for children living in poverty. *Journal of Children and Poverty*, 14 (2), 173-192.

Mainueneau, D. (1987). *Nouvelles tendances en analyse du discours*. Paris, Hachette.

Siqueira, T.D.A. Martins, E.J., Falcão, J.; Silva, M. L. C.; Peinado, M.M.; Brasão, M.V.M.; Brito, R.; Maia, R.M., Oliveira, Z, F.; Caxias, S.; Veloso, V.M. (2012). A velhice na comunidade indígena dos Baniwas Baixo Içana. *Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia*, 2 (3), 14-20.

Souza, F. N., Costa, A. P., M, A., (2011). *Análise de Dados Qualitativos Suportada pelo Software webQDA*. Atas da VII Conferência Internacional de TIC na Educação:

Perspetivas de Inovação (pp. 49-56) (12 e 13 de Maio). Braga. (ISBN: 978-972-98456-9-7).

Sutton, C. T., & BrokenNose, M. A. (2005). American Indian families: An overview. In M. McGoldrick, J. Giordano, & N. Garcia-Preto (Eds.), *Ethnicity and family therapy* (pp. 43–54). New York: Guilford Press.

Schaden, Egon. (1974). *Aspetos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EPU Editora da Universidade de São Paulo.

Schaden, Egon. (1963). Características específicas da cultura Mbyá-Guarani. *Revista de Antropologia, São Paulo, n. XI*.

Schaden, E. (1969). *Aculturação Indígena*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora & EPU Editora da Universidade de São Paulo.

Silva, A.C.A.P., & Silva Jr., P.I.C. (2008) Para além de um estatuto: direitos e obrigações de velhos indígenas. In: *Anais do XVI Congresso Nacional do CONPEDI: Pensar Globalmente: Agir Localmente*. Belo Horizonte, Brasil. Editora Fundação Boiteux, p. 3432 – 3444.

Sobrevila, C. (2008). *The Role of Indigenous Peoples in Biodiversity Conservation: The Natural but Often Forgotten Partners*. The World Banc Inc.

Squire, A. (2005). *Saúde e bem-estar para as pessoas idosas, fundamentos básicos para a prática*. Loures, Lusociência.

Susnik, Branislava. (1982). *Los aborígenes del Paraguay. V. 2: Etnohistoria de los Guaraníes*. Assunção : Museo Etnográfico Andres Barbeiro.

Tausczik, Y. R. & Pennebaker, J. W. (2010). “The Psychological Meaning of Words: LIWC and Computerized Text Analysis Methods. *Journal of Language and Social Psychology, 29*(1), 24–54.

Tardivo, L.S.P.C. (2007). *O adolescente e o sofrimento emocional nos dias de hoje*. São Paulo: Vetor.

Tardivo, L.S.P.C. (2004). *O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje. Reflexões psicológicas encontros e viagens*. Tese de Pós- Doutorado. Universidade de São Paulo, Brasil.

Tardivo, L.S.P.C., Bonfim, T.E, & Vizzotto, M.M. (2006). *A questão da avaliação psicológica da saúde indígena nos grupos Guarani-Mbya de São Paulo*. In: Anais IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos - ASBRO 2006. Associação Brasileira de Rorschach, Brasília.

Uchôa, E. (2003). Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. *Caderno de Saúde Pública*, 19 (3), 849 - 53.

Whitfield, K.E. & Brandon, D. (2000). Individual differences, ethnicity, and aging: What can gero-genetic studies contribute? *African American Research Perspectives*, 6(2), 115-122.

CONCLUSÕES GERAIS

CONCLUSÕES GERAIS

A configuração da tese engloba capítulos compostos por artigos que apresentam conclusões específicas relativamente aos resultados e à sua discussão, bem como reflexões sobre as limitações decorrentes da metodologia. Esta organização em capítulos independentes com objetivos diferenciados, embora centrados no mesmo objeto de estudo (as famílias envelhecidas) implica que nas conclusões gerais haja uma visão reenquadradora dos principais resultados, conclusões e contributos na investigação. Neste último capítulo providencia-se também os limites e perspetivas de pesquisa futura, bem como uma reflexão crítica do desenho metodológico adotado ao longo da investigação, e sempre que possível recomendações de investigação no âmbito da perspetiva normativa e desenvolvimental das famílias no fim da vida.

1. Síntese dos principais resultados e conclusões

Os principais resultados e conclusões dos estudos contribuem para objetivo geral desta investigação. A aparente heterogeneidade dos estudos desenvolvidos ao longo dos quatro capítulos possibilitou aprofundar o conhecimento sobre as famílias envelhecidas na perspetiva normativa e desenvolvimental. Além disso, a diversidade de populações em estudo contribuiu para um conhecimento alargado sobre contextos familiares, sociais e culturais pouco desenvolvidos na literatura sobre famílias no fim da vida.

1.1 Estrutura, dinâmica familiar e valores de casais idosos

As relações conjugais na velhice têm incidido no cônjuge enquanto cuidador principal em situações de dependência (e.g. Sousa et *al.*, 2009). As transições sociais interligadas ao envelhecimento (e.g. aumento da longevidade) levaram a alterações da estrutura, dinâmica e valores familiares na última etapa do ciclo de vida da família, constituindo desafios fundamentais para estas famílias. A parca literatura sobre casais idosos e restante família na perspetiva normativa (estrutura, dinâmica e valores) tornou este tema relevante.

Compreender a estrutura de uma família implica conhecer a sua dinâmica, pois ambas são *faces da mesma moeda*, na qual uma não pode ser compreendida sem a outra: a noção de estrutura está ligada à configuração dos membros da família, modo como interação, indicando filiações, tensões, hierarquias, e refletem-se no comportamento e nos relacionamentos dos membros (Cardoso, 2006). Por sua vez, os valores são cultivados na história da família e trazem traços da sua dinâmica (e.g. Vitale, 1994; Imber-Black, 1995; Cerveny et al., 1997; Cerveny et al., 2002). Além disso podem ser considerados como padrões morais e “englobam os segredos familiares, tabus, mitos, crenças, rituais e cerimónias” (Cerveny et al., 1997: 173).

O estudo *Agregado familiar de casais idosos: estrutura, dinâmica e valores* sugere que os casais vivem predominantemente em casal (61%), com uma dinâmica relacional do agregado caracterizada pelo respeito, diálogo e carinho; e dinâmica relacional do casal caracterizada por clima afetivo, amizade e diálogo constante e valores familiares adotados com base no amor, diálogo e convívio familiar. O espaço físico parece contribuir para configurar a unidade familiar: viver na mesma casa facilita interações mais frequentes e estreitas (Gimeno, 2001). Outro estudo deste capítulo centrado na relação conjugal (*Longevidade das relações conjugais: valores e dinâmica relacional em casais idosos portugueses*) indica que vivem em casal, e a sua dinâmica relacional é pautada por atividades de lazer realizadas em conjunto e vida sexual tão boa como antes, com valores que dão ao casamento significados de realização pessoal e perpetuação do indivíduo através dos filhos durante a juventude, e de adaptação e descoberta na velhice.

São vários os contributos da caracterização dos casais idosos para aprofundar a perspetiva normativa das famílias envelhecidas. Concretamente, ao *desarmar* estereótipos em torno da díade conjugal nesta fase do ciclo de vida, estes estudos contribuem para encarar a velhice como uma fase da vida normal e expectável. Por exemplo, a imagem de desinteresse e falta de compromisso dos filhos adultos em relação aos pais idosos, muito incutida na sociedade, é aqui contraposta: a permanência ou regresso dos filhos a casa dos pais é tida como um problema familiar que se associa à falta de autonomia dos filhos e de privacidade dos pais. Viver só (em casal) parece ser encarado pelo casal como algo *natural à lei da vida*: os filhos saem de casa para constituir a sua família, fenómeno associado ao *leaving home* (Haley, 1980). A dinâmica familiar destes casais, ainda que vivam sós ou

com outros elementos da família (filhos e/ou genro/nora e/ou netos), é caracterizada predominantemente pelo clima afetivo, amizade e diálogo constante. Além destes resultados sugerirem alguns indicadores de satisfação na última fase da vida familiar, o *diálogo constante* alude a um espírito *pro ativo* na manutenção do compromisso familiar, corroborado pelos valores adotados: diálogo e convívio familiar. Estes dados sugerem que as famílias envelhecidas são *agentes ativos* (com papéis e funções), responsáveis pela interação ou *ligação* que há entre os seus membros garantindo o compromisso familiar: ainda que vivam sós, os casais idosos mantêm interação (por exemplo, reúnem-se em casa de familiares ao fim de semana) com os restantes membros da família (que podem ou não fazer parte do agregado familiar).

Relativamente à longevidade da relação conjugal, também a ideia de uma velhice assexuada é desmistificada: apesar da considerável percentagem de não resposta a esta pergunta (26,2%), 48,2% refere uma vida sexual tão boa quanto antes. Ainda, a dinâmica conjugal do casal é orientada por atividades de lazer em conjunto (63,6%) sugerindo companheirismo; este dado poderá ainda dar indicadores de satisfação conjugal: realizar atividades em conjunto indica mais satisfação, flexibilidade e/ou consenso sobre as atividades (Relvas & Alarcão, 2007). Estes casais idosos atribuem o significado de *adaptação e descoberta* ao casamento na velhice. Nesta fase, o casamento é um período de empatia e de maior liberdade relacional, mas que também se caracteriza pela necessidade de preparação para mudanças como a chegada dos netos ou a ameaça de morte de um dos parceiros (Frank-Lynch, 1986, *in* Relvas, 1996).

1.2 Integridade Familiar: o desafio da diversidade

A integridade familiar é um desafio (epigenético) normativo no desenvolvimento da pessoa idosa e suas famílias influenciado por fatores individuais, familiares e sociais (King & Wynne, 2004). Os (quatro) estudos que compõem o capítulo 2 (*Construir a integridade familiar: diversidade de percursos familiares*) analisaram essas influências ao explorar a construção da integridade familiar em diversos contextos: i) socioeconómico (pobreza ao longo da vida); ii) sociocultural (emigração); iii) novas formas de família (homossexualidade).

Os resultados do estudo *Integridade Familiar: Especificidades em Idosos Pobres* sugerem que o limitado acesso a recursos envolve riscos que aumentam a probabilidade de um indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais e que podem constituir entraves à boa convivência familiar (emprego precário e informal; conflitos familiares; violência doméstica; emigração; múltiplas doenças crônicas). Estes acontecimentos marcantes que ocorreram durante a juventude e adultez continuam a ter influência na velhice, podendo facilitar o processo de desconexão/alienação familiar (reforçando o caráter epigenético da construção da integridade familiar *versus* desconexão/alienação familiar).

A trajetória de vida destas pessoas, marcada pela vulnerabilidade econômica, é modelada pelo desenvolvimento de diversas filosofias de vida que na velhice: promovem a integridade familiar (e.g. relativizar problemas, aceitando-os), dificultam a integridade familiar (e.g. sentimentos de orgulho associado ao enfrentar as dificuldades, recusando ajuda de familiares); ou facilitam a transição da desconexão/alienação para a integridade familiar (e.g. esforço para aceitar o que não pode ser mudado). Concretamente, as pessoas idosas no caminho da integridade revelam um sentido de autovalorização (ter vivido uma vida significativa) apesar da pobreza; o contexto de pobreza parece servir como afirmação pessoal e social positiva e envolve todos os membros da família através do compromisso mútuo (Ynes, Garcia & Albuquerque, 2007). As pessoas idosas no caminho da desconexão/alienação alimentam sentimentos de insignificância devido à escassez de recursos econômicos. Estes resultados ganham consistência com o estudo 4 (*Integridade familiar em pessoas idosas pobres: valores e significados*). Os valores (princípios de conduta) reinterpretem a identidade ao longo da vida e permitem compreender que a integridade familiar ocorre quando ser pobre é encarado pelas conquistas; a desconexão/alienação emerge quando ser pobre incorpora sentimentos de desvalorização e inferioridade. Neste sentido, a integridade familiar emerge em famílias que atribuem um sentido à adversidade, valorizando as relações interpessoais (sentido de pertença) e encarando os riscos como desafios *administráveis*, focalizando-se no potencial. Estas características são apontadas por Walsh (1998) como alguns dos *processos-chave da resiliência*. Walsh (1996, 1998) definiu a resiliência familiar como um processo de superação de desafios, trazendo como resultado o crescimento e a transformação pessoal, salientando a importância dos processos de comunicação, crenças e organização familiar.

Com a importância atribuída a redes de suporte social e a crenças construídas socialmente, a resiliência deixa de ter um caráter individual absoluto e passa a ter um caráter sistêmico (Souza & Cerveny, 2006): a definição do conceito evolui do indivíduo (traços de personalidade), para a família (construção relacional) e redes sociais mais amplas (visão ecológica) (Souza & Cerveny, 2006).

Os resultados destes estudos contribuem para o objetivo geral, pois caracterizam os desafios das famílias envelhecidas ampliando-os face ao contexto socioeconômico, salvaguardando o seu espectro desenvolvimental: o conhecimento sobre as trajetórias de vida permitem identificar dificuldades e/ou influências que modificam melhoram ou alteram respostas pessoais para determinados riscos durante a velhice, sugerindo desenvolvimento durante toda a vida. Além disso, voltam a atenção para a identificação de filosofias de vida que facilitam ou dificultam propostas de vida saudável, oportunidades de desenvolvimento integral e sentimentos de dignidade para as famílias. O estudo da resiliência em indivíduos e suas famílias pode contribuir para reverter a tendência de fragilidade e trazer ênfase salutogênica (Antonovsky & Sourani, 1988) e mais otimista para a compreensão das famílias envelhecidas.

Os resultados do estudo *Trajetoórias de vida de idosos ex-emigrantes Portugueses: a construção da Integridade Familiar* indicam que manter a proximidade emocional e relacional com a família durante a emigração enriquece e protege o sentido de identidade familiar. Por exemplo, a coesão familiar (antes, durante e depois do processo de emigração) contribui para amenizar o peso das adversidades relacionadas com a distância geográfica do país de origem. O estabelecimento de objetivos em família (emigrar para melhorar a condição econômica e depois regressar) potencia a união familiar em torno desse objetivo, fortalecendo o sentido de integridade familiar. À semelhança do que acontece no estudo 3 e 4 (capítulo 2), a construção de filosofias de vida durante a trajetória de emigração surge como fator preponderante na construção do sentimento de integridade familiar. As pessoas idosas ex-emigrantes cujo processo de emigração se desenvolveu em família (pilar desde a fase de *decisão até ao regresso*), construíram uma filosofia de vida assente numa atitude ativa e solidária e estão em integridade familiar; as pessoas em desconexão relatam episódios de conflito familiar que marcam a trajetória de emigração, e uma atitude passiva na resolução desses conflitos; as pessoas em alienação familiar, cujo processo de emigração se desenrolou de forma solitária, desenvolvem uma filosofia de

vida assente na luta solitária: a sua força e identidade estão em enfrentar tudo sem precisar de ninguém.

Num contexto em que Portugal reflete um aumento exponencial de taxas de emigração, reconhece-se a emigração como um evento stressante que faz e que cada vez mais fará parte da dinâmica familiar das famílias portuguesas. Este facto sugere a tendência para que a emigração se torne um evento normativo das famílias. Por conseguinte, este estudo contribui para ampliar ou *acrescentar* desafios normativos (transições esperadas) (contemporâneos) no ciclo de vida familiar.

No estudo *Older gay men: pathways to family integrity* os resultados sugerem influências da homossexualidade na construção da integridade familiar. O momento da revelação da orientação sexual ou *coming out* (implícita ou explícita) constitui o acontecimento mais marcante na vida destas pessoas (cf. Brown et al., 2001). A autoaceitação prévia da orientação sexual parece determinante para este evento ocorrer, sendo que as suas repercussões se perpetuam até à velhice. A revelação da orientação sexual constitui um desafio adicional ao ciclo de vida destas famílias: não é suposto que na transição para a adultez um indivíduo revele que é heterossexual, porque tal é socialmente esperado (Muraco, LeBlanc & Russell, 2008). A reação da família a este evento pontua a qualidade das relações familiares (integridade versus desconexão familiar): os participantes mantêm uma relação robusta com os familiares que aceitaram a sua orientação sexual e uma relação conflituosa e distante com aqueles que a desaprovam. Todavia, esta relação não é linear na construção da integridade familiar: alguns indivíduos com ruturas familiares alcançam a integridade familiar; mas todos aqueles em desconexão referem rutura familiar.

Em ambos os percursos (integridade versus desconexão familiar) a família de *escolha* ou de *afinidade* constitui uma alternativa às relações familiares legais e de sangue, compensando as *falhas* sentidas por parte da família de origem e construindo também - no caso de essa família ser constituída por elementos homossexuais - um contexto de identificação pessoal (Kelly, 2010). A criação de legado também constitui um desafio para esta configuração familiar: os participantes em desconexão familiar alimentam sentimentos de desilusão por não cumprirem o desejo dos pais em perpetuar as gerações através de descendentes; os participantes em integridade familiar referem desejo em ajudar os jovens homossexuais na aceitação da orientação sexual e desejam ser lembrados como um

exemplo da homossexualidade. A integridade familiar evolui desde a revelação (em idade jovem) e culmina na velhice quando a homossexualidade se torna um legado. A desconexão parece evoluir da luta constante da falha da aceitação da homossexualidade pela família e outras pessoas significativas. Estes dados permitem contemplar especificidades desta população pouco consideradas na área das famílias envelhecidas.

Em geral, em todos os contextos (diversidade) é possível trilhar um percurso de integridade ou de desconexão/alienação familiar. As filosofias de vida parecem determinantes nessas trajetórias. Aprender a focar-se no momento e a apreciar as experiências, transformando situações negativas em lições de vida (cf. Sousa et al., 2009), são essenciais na construção de uma filosofia de vida que pode facilitar o desenvolvimento da integridade familiar. O contexto das significações exerce um papel fundamental na construção da integridade familiar.

A filosofia de vida parece construir-se paralelamente ao decorrer da trajetória de vida, ou seja *uma* parece modelar a *outra* com reciprocidade: os diferentes contextos e vicissitudes inerentes à trajetória de vida parecem influenciar o modo como é desenvolvida a identidade individual e a sua filosofia de vida. Porém, o desenvolvimento de uma filosofia de vida (guião de atitudes e comportamentos) influencia o modo como se reenquadra se redefine os acontecimentos de vida.

São vários os contributos destes estudos na investigação, entre os quais a compreensão do desenvolvimento e identidade no contexto das relações familiares: conhecer as trajetórias de vida garante uma leitura de desenvolvimento enquanto processo epigenético; i.e. permite compreender como eventos de vida influenciam a construção da integridade familiar na velhice. Um outro contributo relaciona-se com o conhecimento de tarefas individuais (rever e integrar a vida) e familiares (e.g. proporcionar espaço e tempo para a construção de um legado) necessárias à construção da integridade familiar considerando a diversidade de contextos. Os estudos que compõem este capítulo permitem ainda desenvolver áreas da literatura pouco desenvolvidas (e.g. homossexualidade) no contexto do envelhecimento.

1.3 Influência da homossexualidade: trajetórias de vida

A literatura sobre homossexualidade na velhice é escassa (e.g. Muraco, LeBlanc & Russell, 2008). Os resultados do estudo *Life Trajectories of older gay men* (capítulo 3) indicam que alguns eventos de vida parecem influenciar o curso de vida e o desenvolvimento de homens idosos homossexuais. Os eventos verticais (que ocorrem num momento particular da vida) estão relacionados: cada um leva a outro. O primeiro é relativo à percepção ou reconhecimento da própria homossexualidade: os homens idosos homossexuais deste estudo referem saber *desde sempre* da sua orientação sexual. Apesar disso, num contexto de repressão social, tentam passar por heterossexuais durante a sua adolescência e adultez (assumindo relacionamentos com mulheres ou adotando profissões e atividades tipicamente associadas ao género masculino). Frazão e Rosário (2008) referem que nesta fase os indivíduos envolvem-se numa vida dupla: é comum a manutenção de uma identidade heterossexual perante a família e amigos, mas ao mesmo tempo existir um contacto com a comunidade gay para preencher necessidades sexuais, emocionais e sociais. Assumir a homossexualidade (implícita ou explicitamente) constitui o evento mais stressante da vida destes indivíduos (Frazão & Rosário, 2008) e tende a ocorrer na transição para a vida adulta quando ocorre a primeira paixão. A revelação à família leva frequentemente a uma crise familiar (Kusnetzoff, 1991). A revelação implícita da homossexualidade sugere a aceitação gradual da família evitando o *choque* e o conflito familiar. A não revelação seguida pela descoberta da homossexualidade pela família é tida como uma *traição* promovendo a rutura familiar. Berger & Kelly (2002) sugerem que estas experiências vividas no início da vida dos homens homossexuais podem prepará-los para uma adaptação bem-sucedida na velhice. Na velhice estes indivíduos referem limitações e desafios relacionados com o ser idoso e homossexual: as relações de amizade com pessoas homossexuais são escassas, tal como os *role models* para enfrentar o envelhecimento (as pessoas da suas gerações raramente se assumiram socialmente e vivem um casamento heterossexual de *fachada*). Construir uma família por afinidade é um desafio que acompanha todos os outros eventos ao longo do curso de vida (evento horizontal) e assume funções variadas (D`Augelli, Grossman, & O`Connell, 2001): ajuda o processo de autoaceitação; apoia antes e depois do processo de revelação.

Esta investigação permite desbravar um tema ainda pouco explorado e *tabu* na área do envelhecimento. Mais especificamente dá a conhecer respostas desenvolvimentais aos

indivíduos que ao envelhecer encaram o desafio da diferença da orientação sexual; i.e. conhecer as trajetórias de vida de pessoas idosas homossexuais possibilita que os homossexuais idosos se identifiquem com a velhice e se projetem como pessoas a envelhecer, sem que isso signifique o desaparecimento de utilidade social ou perda de valor, contribuindo para desvanecer o medo de envelhecer diferente (de padrões heteronormativos), antevendo e preparando a velhice.

1.4 Envelhecimento e famílias indígenas

O envelhecimento e a representação da velhice é também culturalmente determinada (Silva & Silva Jr., 2008), tornando-se relevante estudar o envelhecimento numa perspectiva transcultural. O estudo desenvolvido no capítulo 4 (*Viver e Ser Velho na Comunidade Indígena Guarani Mbya: aldeia krukutu*) desafia a visão ocidental enraizada de declínio na velhice contribuindo para a visão normativa do envelhecimento. Contrariamente à ideia de decrepitude incutida na sociedade ocidental, na cultura Guarani a pessoa idosa é a detentora do mais elevado nível de conhecimento (Siqueira et al., 2012), transbordando uma imagem sábia e continuando a desempenhar a função mais importante da aldeia: a transmissão e preservação da tradição através da educação e religião. Nesta cultura o conhecimento e o estatuto são proporcionais à idade: quanto mais velho, mais sábio e mais necessário. Por se tratar de uma cultura ágrafa, as pessoas idosas têm um papel fundamental na preservação da cultura, garantindo que as tradições seculares estejam presentes nas gerações atuais através da oralidade. Também a distinção entre a noção de ancião e pessoa idosa nesta comunidade forçam a uma reflexão sobre estes conceitos: contrariamente ao que acontece na sociedade ocidental, em que a idade cronológica está alicerçada ao conceito de velhice, nesta comunidade este critério não é decisivo. Ser ancião implica maturidade suficiente para a tomada de decisões importantes, independentemente da idade cronológica (neste estudo os participantes têm entre 35 e 41 anos). Apesar da pessoa idosa ter também um papel social ativo (pois contribui para a transmissão do conhecimento sobre a tradição); assume um lugar mais resguardado, mas detém o estatuto mais elevado e respeitado na aldeia. A idade cronológica aparenta não ser decisiva para a obtenção do estatuto de idoso, contudo, ter mais idade que a maioria que os rodeiam implica ter vivido mais e saber mais sobre o antepassado; principalmente conhecimentos

espirituais (mitologia, rituais, hábitos e costumes) desenvolvidos durante toda a vida e a sua transmissão na preservação da cultura e tradição assumem extrema importância.

Ser Guarani é um modo de ser e estar orientado para a preservação da tradição através da educação e da religião; envolve viver na aldeia, manter os costumes, transmitindo-os através da educação, para preservar a identidade individual (ser índio) e comunitária (ser Guarani da aldeia Krukutu).

Este estudo alarga o conhecimento sobre o envelhecimento numa perspetiva transcultural contribuindo com os seus resultados para reformular as imagens *ageístas* incutidas na sociedade ocidental. Senão vejamos, o estatuto mais importante da aldeia está reservado às pessoas idosas que continuam a assumir posições de distinção e a exercer a função principal na aldeia: preservar a tradição e manter a identidade cultural. Esta situação contribui para repensar o estatuto das pessoas idosas da sociedade ocidental a quem, por força da imagem de declínio e debilidade socialmente incutidas, não são dadas oportunidades de contribuírem ativamente na sociedade.

2. Metodologia: considerações

Esta tese de doutoramento envolveu o contributo de várias metodologias de recolha e análise de dados: a natureza exploratória destes estudos levou à opção de cruzar metodologias qualitativas (capítulo 2, 3 e 4) e quantitativas (capítulo 1). Os métodos quantitativos fornecem maior nível de precisão e poder estatístico da medição (Matveev, 2002); e os métodos qualitativos são valiosos para o entendimento das relações sociais, dada a pluralidade dos universos de vida (Flick, 2005). Sendo que três capítulos desta tese utilizam os pressupostos da metodologia qualitativa, recorreu-se a dois programas de análise de dados (N-Vivo 7 e WEBqda 1.4.3.).

Relativamente aos instrumentos de recolha de dados traçam-se algumas apreciações. O questionário da última fase do ciclo de vida adotado no estudo 1 e 2 (capítulo 1) revelou-se exaustivo: os inquiridos demonstravam perda de interesse à medida que o questionário avançava (por exemplo, interrogavam se o questionário ainda lhes ocuparia mais tempo). Além disso, a possibilidade de várias respostas em questões de múltipla escolha (algumas

apresentavam até 10 possibilidades de escolha) tornava a seleção (de 1 até 3 itens) difícil e confusa para os entrevistados.

A técnica da linha de acontecimentos de vida adotada no estudo 5 (capítulo 2) e estudo 7 (capítulo 3) permitiu aprofundar os eventos marcantes da vida dos participantes facultando uma visão cronológica dos acontecimentos. Neste sentido garantiu uma leitura sobre a trajetória de vida do indivíduo que ajudou na compreensão do caráter epigenético do desenvolvimento e construção da integridade familiar. Para os participantes a aplicação desta técnica constituiu um momento de revisão da sua história de vida, ajudando-os a organizar as informações sobre si e os seus familiares. Desenhar a linha de acontecimentos de vida na presença dos participantes obriga a uma organização sequencial: a construção da linha da vida dá ideia de movimento, uma noção de presente, passado e futuro (Acquaviva et al., 2007).

Por se tratar de populações com características típicas de uma cultura não dominante (com a exceção do capítulo 1), importa enumerar alguns obstáculos no recrutamento das amostras ao longo desta investigação.

No caso das pessoas idosas pobres, os profissionais que identificavam os potenciais participantes referiam a existência de poucos casos de classe socioeconómica baixa (22-25 pontos segundo o índice de Graffar); os casos de classe socioeconómica média e média-baixa eram mais frequentes. Isto porque neste instrumento são várias as dimensões que avaliam a classe socioeconómica (profissão anterior à reforma, habilitações académicas, fonte principal de rendimento, tipo de habitação, local de residência); deste modo, bastava pelo menos 2 ou 3 dimensões não corresponderem ao grau 5 (22-25) - por exemplo o local de residência corresponder ao grau 3 (ruas estreitas e antigas com casas de aspeto pouco confortável), e o tipo de habitação corresponder ao grau 4 (casa ou andar degradado), para a classe socioeconómica não ser considerada baixa.

Relativamente às pessoas idosas ex-emigrantes, a informação relativa ao contexto de emigração nem sempre era conhecida pelos profissionais das instituições, dificultando a identificação dos participantes (duas instituições não identificaram participantes que cumprissem os critérios de inclusão). Como tal, a recolha de dados centrou-se em instituições conhecidas da autora: havia conhecimento prévio das pessoas idosas com

história de emigração e/ou de profissionais que trabalharam junto de ex-emigrantes: por exemplo, que desempenharam atividades semanais com várias temáticas (entre as quais a emigração), o que espoletou a recolha de dados nessas instituições.

Concretamente, as pessoas idosas mais difíceis de conseguir ao longo desta investigação foram os homens homossexuais, limitação referida na literatura (Crisp, Wayland & Gordon, 2008). Recrutar homens idosos homossexuais para depoimento de investigação constitui uma tarefa exigente: as pessoas idosas homossexuais são descritas como um segmento *escondido* da população envelhecida (cf. Brotman, Ryan & Cormier, 2003; Butler, 2004; D'Augelli, Grossman, & O'Connell, 2002; Hash & Cramer, 2003). O processo começou através de ONG's, mas sem sucesso. Depois de contactar com várias instituições de apoio a pessoas idosas, a resposta foi unânime: desconheciam qualquer pessoa homossexual em meio institucional. O alcance dos participantes do estudo só foi possível através de conhecimentos da rede social da autora, seguida do processo bola *de neve*. Todavia, também este processo foi complexo: os próprios entrevistados sentiram dificuldade em sinalizar pessoas com a mesma idade, ou superior, também homossexuais, o que mostra continuarem uma população escondida. Com a recente legalização do casamento homossexual em Portugal (em 2010) a tendência será para que os casais homossexuais se assumam em idades cada vez mais jovens. Esses casais jovens também vão envelhecer e com o avançar dos anos a sociedade assistirá a esse envelhecimento e tornar-se-á menos *melindrada* com a homossexualidade na velhice. O conhecimento sobre as especificidades destas pessoas e famílias tornar-se-á mais acessível à investigação. De notar que ao longo desta investigação e sempre que questionava profissionais da área da gerontologia e afins sobre o conhecimento de elementos que pudessem fazer parte da amostra destes estudos a resposta foi quase unânime: "*isso existe*"? Esta *contra pergunta* fez-me perceber em primeira mão que os próprios profissionais não estão preparados, nem familiarizados com a realidade da homossexualidade na velhice.

Igualmente exigente foi o estudo sobre pessoas idosas indígenas. São poucos os idosos nas comunidades indígenas: a taxa de suicídio é elevada na adolescência e adultez; a esperança de vida ronda os 45 anos (Grubits, Freire & Noriega, 2011; IBGE, 2012). O registo etnográfico deste estudo justificou a deslocação à cidade de São Paulo, Brasil. O objetivo inicial deste estudo era compreender o modo de *viver e ser velho*, a partir da perspectiva dos

idosos, na comunidade indígena Guarani Mbya da aldeia Krukutu. Todavia os dados foram obtidos a partir do conselho de anciãos da aldeia (informantes privilegiados) devido às características quase *impenetráveis* da cultura (a história do contacto entre as diferentes culturas, o seja, entre índios e não índios, é carregada de violência e desrespeito), aliada à timidez das pessoas idosas e barreiras linguísticas. A observação e a fotografia têm uma longa tradição na etnografia (Harper, 2002). Assim, neste estudo, o material visual para documentação complementar da cultura e suas práticas foi exposto e confrontado com as interpretações dos resultados.

3. Limites e perspectivas de pesquisa: considerações

As limitações desta investigação centram-se, fundamentalmente, no tamanho das amostras. Concretamente, nos estudos que compõem o capítulo 1, a amostra (136 pessoas) não apresenta representatividade estatística para a população portuguesa. Além disso, a recolha de dados foi restringida ao concelho do Porto, o que impede a generalização dos dados à população Portuguesa. Assim, estudos futuros devem ser mais abrangentes; deverão ainda contemplar outras classes sociais, raças, e outras configurações familiares (e.g. casais idosos homossexuais).

No capítulo 2, o tamanho da amostra é variável consoante a população em estudo. Apesar de os dados terem demonstrado saturação, seria apropriado aplicar a entrevista a uma amostra maior, particularmente para os indivíduos no caminho da alienação familiar (3 entre os ex-emigrantes; 0 homossexuais). Os percursos de alienação estão menos caracterizados, pelo que é necessário aprofundar esta situação. Porém, poderá ser sugestiva de um *familismo*¹⁸ cultural: reforçando a tendência portuguesa para manter a identidade familiar associada aos laços de sangue apesar das quezílias. A expressão *não é boa peça mas é do meu sangue* traduz este raciocínio: o desentendimento não apaga a identidade familiar. Será interessante acrescentar que, o contexto de emigração é o que reúne mais indivíduos em alienação familiar (3), reforçando que a distância geográfica poderá constituir um fator para o *desprendimento* da identidade familiar. No entanto, este facto contrasta com o estudo 3 (capítulo 2), referente às especificidades da construção da integridade familiar em idosos pobres, em que a emigração é uma área emergente somente

¹⁸ Familismo é a doutrina que afirma que o fundamental da ordem social está na família, que deve ser preservada, mantida e fortalecida por todos os meios.

no discurso das pessoas classificadas na rota da integridade familiar. A atitude de compromisso da proximidade emocional com os elementos familiares emigrantes (apesar da distância geográfica) justifica esta classificação. Além disso, é congruente com a ideia de que manter a continuidade com a família durante a emigração enriquece o sentido de identidade familiar e amplia o potencial da família lidar com o processo de emigração.

Ainda sobre o menor número de indivíduos em desconexão e inexistência de casos de alienação familiar, o caso dos homens idosos homossexuais sugere outra justificação: as pessoas que têm conflitos familiares e/ou ausência de identidade familiar não aceitam à partida fazer parte do estudo que, segundo lhes é explicado, incide no âmbito das relações familiares. Concretamente, alguns indivíduos com quem foi estabelecido contacto, recusaram-se a participar no estudo justificando que não poderiam falar da família com quem não tinham afinidade e/ou viviam conflitos. Possivelmente, estas pessoas não teriam os conflitos aceites e/ou resolvidos e poderiam encontrar-se em situação de desconexão ou alienação familiar; não se sentiam à vontade para abordar o assunto, pois fazê-lo seria tocar numa *ferida nunca sarada*.

Outra limitação surge no contexto da média de idades da amostra (63,2 anos de idade) referente ao estudo com pessoas idosas homossexuais. Será importante contemplar em estudos futuros, idades mais avançadas.

O interesse pela diversidade familiar deverá estender-se a outros grupos populacionais; por exemplo a reclusos (que encaram o desafio do compromisso e identidade familiar apesar da distância física e emocional, que implica viver num estabelecimento prisional); a freiras e/ou padres (que, sem descendentes, encaram o desafio de criar o legado e continuidade simbólica) explorando aqui também a questão da espiritualidade.

Seria ainda interessante a possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre as competências familiares na construção da integridade familiar. Para isso, a entrevista adotada pelo quadro conceptual da integridade familiar, que apresenta uma perspectiva mais individualista, deverá ser aplicada ao grupo familiar para avaliar as suas vivências e perceções. Assim, compreende-se a perspectiva da pessoa idosa e, também, a visão dos outros familiares, relevante para a intervenção nos processos facilitadores da integridade familiar.

Além disso, seria importante adotar metodologias quantitativas que avaliam o bem-estar subjetivo da pessoa e que promovam uma triangulação dos dados e sua melhor compreensão (e.g., Satisfaction with Life Scale, by Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985); para perceber a forma de evolução para cada um dos três caminhos, o que poderia ajudar a desenvolver diretrizes de intervenção.

Relativamente ao capítulo 3, será relevante concretizar estudos no âmbito das trajetórias de vida com mulheres idosas homossexuais. A investigação com lésbicas idosas é ainda mais rara comparativamente aos homens idosos homossexuais. (Berger, 1982). A dificuldade acrescida em localizar as lésbicas idosas explica a escassez de estudos na área: tendem a ser consideradas uma *minoría dentro da minoría homossexual*, quase *invisível* porque tendem a socializar em círculos privados e evitar as instituições públicas da comunidade gay (e.g. bares gays), mais do que os homens (Berger, 1982). Contudo, alguns autores têm sugerido diferenças no envelhecimento entre homens e mulheres homossexuais, sugerindo que as mulheres manifestam menor preocupação relativa ao envelhecer (cf. Schope, 2005).

Relativamente ao capítulo 4, seria relevante entrevistar diretamente as pessoas idosas. Dada a grande diversidade entre indígenas do Brasil (e outros países do mundo) torna-se relevante explorar o modo de viver e ser velho de outros povos indígenas. Estudos futuros deverão captar a narrativa das pessoas idosas de outras etnias e comunidades.

4. Bibliografia

Acquaviva, N. L., Salvagni, A., Tronco, C., Corrêa, K., Prates, M., Veríssimo, M., Lunes, M., (2007). *A Utilização da Linha da Vida Como Técnica em Psicoterapia*. Domus – centro de terapia de casal e família. Recuperado em Abril de 2013 de http://www.domusterapia.com.br/principal/ShowSecao.asp?var_chavereg=91

Antonovsky, A., & Sourani, T. (1988). Family sense of coherence and family sense of adaptation. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 79-92.

Berger, R.M (1982). The unseen minority: older gays and lesbians. *National Association of Social Work*, 27(3), 236-42.

Berger, R., & Kelly, J., (2002). What are older gay men like? *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 13(4), 55-64.

Brotman, S., Ryan, B., & Cormier, R. (2003). The health and social service needs of gay and lesbian elders and their families in Canada. *Gerontologist*, 43(2), 192-202.

Brown, Lester B. PhD; Glen R. Alley MSW, Steven Sarosy MSW, Gerramy Quarto MSW & Terry Cook MSW (2001). Gay Men: Aging well! *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 13(4), 41-54.

Cardoso, S.V. (2006). *Tudo o que eu fiz eu não tenho nada que me arrepende: percepções e vivências do estágio tardio na perspectiva de casais idosos*. Tese de mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Cervený, C. M. O. Berthoud, C. M. E. Bergami, N.B.B & Luisi, L. V.V. (1997). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cervený, C, M. O., Berthoud, C, M. E., Coelho, M.R.M.V.P. & Oliveira, A.L. (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Crisp, C., Wayland, S., Gordon, T. (2008). Older Gay, Lesbian and Bisexual Adults: Tools for age-competent and gay affirmative practice. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 20 (1/2), 5-29.

- D'Augelli, A., Grossman, A., Hershberger, S. & O'Connell, T. (2001). Aspects of mental health among older lesbian, gay, and bisexual adults. *Aging and Mental Health*, 5(2), 149-158.
- D'augelli, A., Grossman, A., O'connell, T.S. (2002): Being Lesbian, Gay, Bisexual, and 60 or Older in North America, *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 13(4), 23-40.
- Diener, E., Emmons, R.A., Larsen, R.J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica. Monitor - Projetos e Edições, Lda.* Coleção manuais de gestão.
- Frazão, P., & Rosário, P. (2008). O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1 (XXVI), 25-45.
- Gimeno, A. (2001). *A família: o desafio da diversidade.* Colecção epistemologia e sociedade.
- Grubits, S., Freire, H., Noriega, J. (2011). Suicídios de Jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (3), 504-517.
- Haley, J. (1980). *Leaving Home – The therapy of disturbed young people.* Nova Iorque: Mc Graw-Hill.
- Harper, D. (2002). Photographies as Social Sience Data, in U. Flick, E.V. Kardorff and I. Steinke (Eds). *Qualitative Research: A Handbook.* London: stage.
- Hash, K., & Cramer, E. (2003). Empowering day and lesbian caregivers and under covering their unique experiences through the use of qualitative methods. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 15(1/2), 47-63.
- Imber-Black, E. (1995). Transições Idiossincráticas de Ciclo de vida e Rituais Terapêuticos. In: Carter, B. & McGoldrick, M. *As mudanças no ciclo de vida Familiar – Uma estrutura para a terapia familiar.* (pp. 131-142). Porto Alegre: Artes Médicas.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2012). *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça*. Rio de Janeiro.

Kelly, J. (2010). Challenges to the nuclear traditional family. *Social and Political Review*, XX, 11-17.

King, D. A. e Wynne, L. C. (2004). *The emergence of family integrity in later life*. *Family Process*, 43, 7-21.

Kusnetzoff, J. C. (1991). Crisis en la familia por explicitación de la homosexualidad de uno de sus integrantes: formas de presentación, informaciones, contención psicológica. *Perspectivas Sistémicas*, 16.

Matveev, A.V. (2002). The advantages of employing quantitative and qualitative methods in intercultural research: practical implications from the study of the perceptions of intercultural communication competence by American and Russian managers. In I.N. Rozina (Ed.). *Theory of communication and applied communication* (pp. 59-67). Rostov-on-Don: Institute of Management, Business and Law Publishing.

Muraco, A., LeBlanc, A., & Russell, S. (2008). Conceptualizations of family by older gay men. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 20 (1/2), 69-90.

Raymond M. Berger PhD & Dr. James J. Kelly PhD (2002): What Are Older Gay Men Like? *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 13(4), 55-64.

Relvas, A.P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto, Afrontamento.

Relvas, A.P., Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família*. (2ª edição). Quarteto Editora. Coleção psicologia clínica e psiquiatria.

Schope, R.D. (2005). Who's Afraid of Growing Old? Gay and Lesbian Perceptions of Aging. *Journal of Gerontological Social Work*, 45(4), 23-39.

Silva, A.C.A.P., & Silva Jr., P.I.C. (2008). Para além de um estatuto: direitos e obrigações de velhos indígenas. In: Anais do XVI Congresso Nacional do CONPEDI: Pensar Globalmente: Agir Localmente, Belo Horizonte. Editora Fundação Boiteux.

Siqueira, T.D.A., Martins, E.J., Falcão, J., Silva, M. L. C., Peinado, M.M.; Brasão, M.V.M., Brito, R., Maia, R.M., Oliveira, Z, F., Caxias, S., Veloso, V.M. (2012). A velhice na comunidade indígena dos Baniwas Baixo Içana. *Boletim Informativo Unimotri saúde em Sociogerontologia*, 2(3), 14-20.

Sousa, L.; Silva, A., Marques, F., Santos, L. (2009). Constructing family integrity in later life. In Liliana Sousa (Eds.). *Families in later life* (pp. 163-184). New York: Nova Publishers.

Souza, M., & Cervený, C (2006). Resiliência Psicológica: Revisão da Literatura e Análise da Produção Científica. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 40(1), 119-126.

Vitale, M.A.F (1994). As transformações da família: uma análise em três gerações. In. Macedo, R.M.S. (Ed.). *Estado da Arte. Anais do I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar*. São Paulo: Press grafic.

Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: crisis and challenge. *Family Process*, 35, 261-281.

Walsh, F. (1998). *Strengthening family resilience*. New York, London: The Guilford Press.

Ynes, M., Garcia, N., Albuquerque, B. (2007). Monoparentalidade, Pobreza e Resiliência: Entre as Crenças dos Profissionais e as Possibilidades da Convivência Familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 444-453.

ANEXOS

Anexo 1. Questionário fase última do ciclo de vida familiar (Cervený, 1997)

Questionário

1. Que elemento do casal respondeu ao questionário: (1) homem (2) mulher

2. Cidade: _____

3. Situação habitacional

Residência própria (1) Alugada (2) Emprestada (3) Mora com familiares (4)

4. Religião adotada pela família: _____

5. Há quanto tempo a família reside na cidade (toda a família e não apenas quem respondeu)?

Durante toda a vida (1) Há mais de 30 anos (2) Entre 20 e 30 anos (3) Entre 19 e 10 anos (4)

Entre 9 e 5 anos (5) Menos de 5 anos (6)

6. Caso não tenha vivido sempre na mesma cidade, de que lugar veio: _____

7. Atualmente mantém um relacionamento conjugal (casamento ou união de facto)?

Sim (1) Não (2)

8. Os elementos do casal já tiveram alguma(s) relação(ões) conjugal(ais) anterior(es)?

Não (1) ----> Passe para a questão 11

O marido já teve outro(s) relacionamento(s) (2)

A esposa já teve outro(s) relacionamento(s) (3)

Ambos já tiveram outro(s) relacionamento(s) (4)

9. Qual a causa da quebra do relacionamento anterior? (pode assinalar mais do que uma resposta)

Viuvez (1) Divórcio ou separação (2)

Outra (3) Qual? _____

10. Tiveram filhos da(s) relação(ões) anterior(es)?

Não (1) Só o marido (2) Só a mulher (3) Ambos (4)

10.1. Quantos filhos existem da(s) relação(ões) anterior(es)? _____

A partir da questão 11 foca-se a relação conjugal atual

11. Tipo de união?

Casamento civil e religioso (1) Casamento civil (2) Casamento religioso (3)

União de facto (4) Outra (2) Qual? _____

12. Tempo de união: ____ anos

13. Quantos filhos têm? ____

14. Rendimento familiar mensal líquido? _____

15. Este rendimento é mantido por quem?

Marido (1) Esposa (2) Marido complementado pela esposa (3)

Esposa complementada pelo marido (4) Ambos igualmente (5)

Ambos complementados pelos filhos (6) Filhos (7)

Outra situação (8) Qual? _____

16. A mulher exerce ou exerceu trabalho remunerado?

Sim (1) Não (2)

17. Idade do marido: ____ anos

18. Idade da mulher: ____ anos

19. Idade do filho mais velho: ____ anos

20. Idade do filho mais novo: ____ anos

21. Escolaridade do casal

21.1. Marido	21.2. Esposa
Analfabeto <input type="checkbox"/> (1)	Analfabeto <input type="checkbox"/> (1)
Sabe ler e escrever, mas nunca frequentou a escolaridade formal <input type="checkbox"/> (2)	Sabe ler e escrever, mas nunca frequentou a escolaridade formal <input type="checkbox"/> (2)
1º CEB ou equivalente <input type="checkbox"/> (3)	1º CEB ou equivalente <input type="checkbox"/> (3)
2º CEB ou equivalente <input type="checkbox"/> (4)	2º CEB ou equivalente <input type="checkbox"/> (4)
3º CEB ou equivalente <input type="checkbox"/> (5)	3º CEB ou equivalente <input type="checkbox"/> (5)
Ensino secundário ou equivalente <input type="checkbox"/> (6)	Ensino secundário ou equivalente <input type="checkbox"/> (6)
Ensino superior ou equivalente <input type="checkbox"/> (7)	Ensino superior ou equivalente <input type="checkbox"/> (7)

22. Elementos do agregado familiar (além do marido, esposa)

Filhos (1) Pai (2) Mãe (3) Irmãos (4) Genro/nora (5)

Neto/a (6) Sobrinho/a (7) Enteadado/a (8)

Outros (9) Especifique: _____

26. Quais as melhores características da sua família? (indique até 2)

Diálogo (1) Carinho (2) Respeito (3) Estabilidade financeira (4)

Liberdade (5) Honra (6)

Outra (7) Especifique: _____

29. Na relação do casal atualmente existe (até 2 respostas):

Clima afetuoso (1) Bom relacionamento sexual (2) Frieza e distância (3)

Acomodação (4) Diálogo constante (5) Desrespeito (6)

Amizade (7) Outro (8) Especifique: _____

33. Assinale os três valores mais importantes adotados pela sua família:

Amor (1) Diálogo (2) Convívio (3) Preservar valores religiosos (4)

Comemorar datas significativas (5) Manter o património da família (6)

Preservar as origens familiares (7) Privacidade do casal (8)

Ascensão profissional (9) Ter uma velhice com acesso a bens materiais e saúde (10)

34. Assinale até dois aspectos que considera menos bons na sua família:

- Falta de diálogo (1) Agressividade (2) Conflito (3)
Falta de carinho (4) Falta de tempo (5) Outro (6) Especifique: _____
Nada a assinalar (7)

35. Rituais preservados pela família:

- Trocar presentes em datas comemorativas (1) Fazer as refeições em família (2)
Reunir a família extensa aos fins de semana (3)
Reunir a família extensa em funerais ou casamentos (4)
Praticar juntos ritos religiosos (5) Dedicar-se ao lazer em comum (família nuclear) (6)

36. Em geral, ao Domingo a sua família:

- Reúne-se na casa de familiares (1) Fica em casa a fazer atividades conjuntas (2)
Fica em casa e cada membro faz atividades diferentes (3) Dedicar-se ao lazer em comum (4)
Outro (5) Especifique: _____

37. Indique o que melhor caracteriza a sua família em termos de momentos em que se reúnem:

- Ocasionalmente (1) Às refeições (2) Nos fins de semana (3)
A ver televisão (4) Não se reúne, cada um faz as suas coisas (5)

38. Indique até três assuntos que a sua família evita normalmente falar:

- Sexo (1) Drogas (2) Morte (3) Velhice (4) Doença (5)
Casamento (6) Outro (7) Especifique: _____

39. Quais os acontecimentos (até três) que foram marcantes na sua família e a fizeram rever valores:

- Casamento (1) Separações (2) Morte (3) Nascimento de um membro (4)
Desemprego (5) Saída dos filhos de casa (6) Doença (7)
Outro (8) Especifique: _____

40. Que valores considera que são passados entre gerações na sua família? (até 3)

- Tradição do casamento (1) Importância dos estudos (2)
Virgindade antes do casamento (3) Ser honesto (4) Tradições religiosas (5)
Preservar o património familiar (6) Seguir a profissão dos pais (7)
Outro (8) Especifique: _____

42. Atualmente a vida sexual do casal é:

- Tão boa quanto antes (1) Melhor que antes (2) Pior que antes (3)
Inexistente (só há amizade) (4) Prefere não responder (5)

43. Nesta fase da vida qual é o principal significado do casamento?

- Adaptação e descoberta (1) Criar os filhos (2) Redescoberta do casal (3)
Momento de solidão (4) Acomodação (5) Grandes mudanças em pouco tempo (6)
Outro (7) Especifique: _____

44. Assinale até três ditados populares que acredita serem verdadeiros para a sua família:

- “Quem casa, quer casa” (1) “Pau que nasce torto, morre torto” (2)
“Deus dá o frio conforme o coberto” (3) “Cada um colhe o que semeia” (4)
“Melhor um pássaro na mão do que dois a voar” (5) “Deus ajuda quem cedo madruga” (6)
“Quem tudo quer nada tem” (7) “Devagar se vai longe” (8)
“Em terra de cego quem tem um olho é rei” (9) “Em casa de ferreiro espeto de pau” (10)

45. Quais as principais dificuldades da sua família atualmente? (até três)

- Falta de tempo para o lazer a dois (1) Problemas de relacionamento entre o casal (2)
Incertezas quanto a estabilidade financeira (3) Criar seus próprios valores (4)
Assumir a responsabilidade que a família exige (5) Problemas de relacionamento familiar (6)
Dúvidas quanto a eficácia da educação oferecida aos filhos durante a sua infância (7)
Dúvida frente ao futuro dos filhos (8) Muitas mudanças em curto espaço de tempo (9)
Outro (10) Especifique: _____

46. Assinale até três itens que representam para si uma “família perfeita”.

- Tarefas domésticas e financeiras divididas pelo casal (1)
Prazer pelo surgimento de novas gerações (i.e., netos) na família, ou desejo que isso aconteça (2)
Casal com tempo disponível para se cuidar; os filhos estão criados, o marido ou a esposa já têm o merecido descanso (reforma; aposentação) (3)
Durante a vida construiu-se um património familiar que permite desfrutar de tranquilidade, na fase atual (4)
Outro (5) Especifique: _____

47. Qual o principal significado do casamento nesta fase da vida?

- Continuar a criar os filhos (1) Viver o papel de avós (2)
Acomodação (3) O casal já se conhece o que facilita o convívio (4)
Redescoberta do casal (5) Solidão familiar (6)
Outro (7) Especifique: _____

48. Quais as principais dificuldades do casal atualmente? (até 3)

- Sem dificuldades (1) Saúde (2) Solidão/falta de amigos (3)
Falta de apoio dos filhos (4) Muito tempo livre e poucas atividades (5)
Problemas entre o casal (6) Outros familiares a morarem com o casal (7)
O casal ficar novamente só (8) Preocupação com os netos (9)
-

Outro (10) Especifique: _____

Sobre os filhos adultos

49. Dificuldades com os filho/as (até 3):

Sem dificuldades (1) Nenhum dos filho/as saiu de casa (2)

Filho/a após terminar os estudos voltou para casa (3) Filho/a casado/a mora em casa (4)

Filho/a casado/a voltou para casa (5) Filho/a separado/a voltou para casa (6)

Um dos filhos parece que não vai sair de casa (7) Filho/a/s sem independência financeira (8)

Outro (9) Especifique: _____

50. As razões pelas quais os filhos saíram de casa forma:

Não saíram de casa (1) Casamento/união de facto (2) Morar fora para estudar (3)

Desentendimento (ou dificuldades de relacionamento) familiar (4) Emprego distante (5)

Outro (6) Especifique: _____

Sobre a viuvez

51. A viuvez é vista no casal como:

Algo terrível que não deve ser comentado (1)

Um facto que vai acontecer (nada se pode fazer) (2)

Um facto que merece ser cuidado no sentido económico, legal e emocional (3)

Outro (4) Especifique: _____

FIM.

Anexo 2. Entrevista Integridade Familiar (adaptação sugerida por King & Wynne, 2004; Sousa et al., 2009)

1. Integridade Familiar (Geral)

- 1.1 A maior parte das vezes sente-se satisfeito (ou em paz) com as suas relações familiares?
- 1.2 Com que aspetos da sua vida familiar se sente mais satisfeito e mais em paz? E, com que aspetos se sente menos satisfeito e menos em paz?
- 1.3. Como lida com esses aspetos (positivos e negativos), tendo em conta o seu modo de estar na vida?
- 1.4. Quais são os seus objetivos para o futuro na sua vida pessoal e familiar?
- 1.5. Independentemente de ver ou não os membros da sua família tanto quanto gostaria, sente-se, em geral, próximo e/ou ligado a eles?
- 1.6. Se possível, indique uma ou duas das suas relações familiares mais próximas.
- 1.7. Há membros da sua família aos quais gostaria de se sentir mais próximo ou ligado?

2. Resolução de conflitos/perdas

- 2.1. Sente arrependimento acerca de alguma das suas relações familiares?
- 2.2. Sente que tem alguma coisa a resolver com a sua família?
- 2.3. Se sim, tentou fazer alguma coisa para resolver essa situação?
- 2.4. Há alguns assuntos ou problemas que gostaria de discutir com alguém na sua família?
- 2.5. Se sim, já os aceitou ou resolveu? Ou ainda gostaria de os resolver com a sua família? Como? O que acha que poderia ajudar nessa resolução/aceitação?

3. Criação do sentido de legado

- 3.1. Que aspetos da sua tradição, história ou valores familiares transmitiu aos membros mais jovens da sua família?
- 3.2. Que herança materiais transmitiu aos membros mais jovens da sua família?
- 3.3. O que ainda gostaria de partilhar ou passar aos outros (material e simbólico)? Porquê?
- 3.4. Sente que tem um lugar significativo e respeitado na sua família? Porquê?
- 3.5. Como acha que vai ser lembrado pelos seus familiares depois de morrer?
- 3.6. Como gostaria de ser lembrado?
- 3.7. O que pode fazer para ser lembrado da maneira que gostaria?

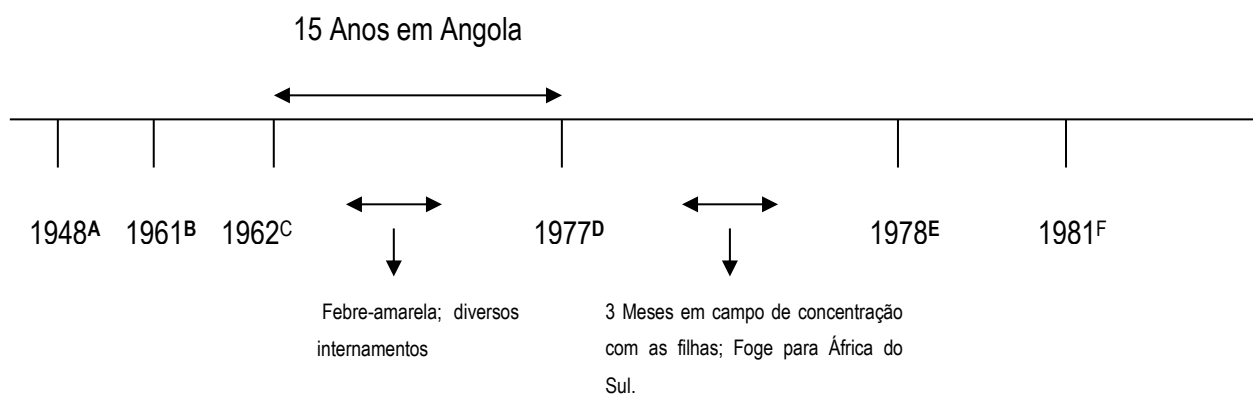
4. Transformação das relações familiares

- 4.1. Como mudaram as suas relações familiares à medida que foi ficando mais velho(a)?
- 4.2. E para o futuro, acha que vão ocorrer alterações nas relações familiares? Se sim, quais? E como vai lidar com elas?
- 4.3. Há elementos da família com quem pode contar para lhe dar apoio se precisar?
- 4.4. É difícil para si pedir ajuda aos membros da sua família? Porquê?
- 4.5. Há pessoas da sua família que contam consigo para lhes dar ajuda?
- 4.6. É difícil para os outros pedir-lhe ajuda?

Anexo 3. Técnica da Linha de acontecimentos de vida (baseado em Acquaviva et al., 2007).

Exemplo 1 (ex-emigrantes).

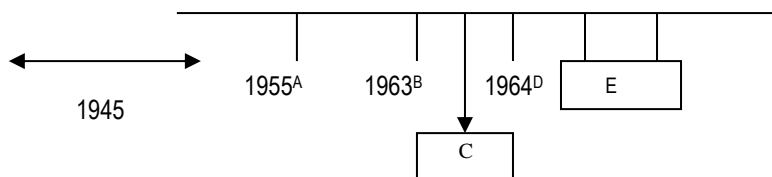
Inicia-se com a seguinte pergunta generativa para estimular a narrativa do entrevistado: *Gostaria de lhe pedir que começasse pela sua história de vida, por exemplo: quando (ou com que idade) emigrou?*



- A- Casa-se em Portugal; devido problemas de saúde (como tétano) só 2 anos mais tarde nasce o primeiro filho;
- B- Marido consegue carta de chamada para Angola através de um tio. Passa a ser funcionário do estado.
- C- Marido consegue carta de chamada para a Sra. O. e as filhas (3 e 4 anos). A Sra. O. vai para Angola trabalhar na restauração.
- D- Ocorre a guerra, o marido morre e foge com as filhas para a África do Sul.
- E- Regressa a Portugal. Dificuldade em arranjar casa e emprego. Vive em casa de familiares durante 3 anos. As filhas conseguem trabalho.
- F- Filha mais nova casa e a Sra. O. vai viver com ela.

Exemplo 2 (Homens homossexuais).

Inicia-se com a seguinte pergunta generativa para estimular a narrativa do entrevistado: *Gostaria de lhe pedir que começasse pela sua história de vida, por exemplo: quando (com que idade) se apercebeu de que era homossexual?*



A – Recorda-se que desde sempre soube que era “diferente” na escola.

B – Fez a tropa e no regresso os pais descobriram a sua homossexualidade através de cartas que recebia de “namoricos” que tinha deixado por lá. Os pais expulsaram-no de casa e ficou a dormir na rua durante uns tempos.

C- Esteve de casamento marcado. Explica que foi obrigado a namorar pela repressão social que existia. Mas à *última da hora* desfez o casamento para não fazer a “*rapariga infeliz*”.

D – Recorda-se que não havia a palavra *gay*, e que ninguém o assumia na altura. Entrou no mundo dos espetáculos. Tem 36 anos de carreira como transformista.

E- Teve dois relacionamentos prolongados: um de 17 anos e outro de 12 anos.

Anexo 4. Parecer da Comissão Nacional de ética em Pesquisa a autorizar a realização do estudo.



Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal da Saúde
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/SMS

São Paulo, 11 de fevereiro de 2009
Ofício nº 07/09 – CEP/SMS

Para
Tânia Helena Bonfim
Sr Pesquisador

Segue, em anexo, parecer de aprovação pela CONEP para seu projeto de pesquisa de CAAE 0144.1.162.000-08 denominado: **“Concepção de Saúde Mental de Indígenas Guarani-MBYA de São Paulo”**, após análise e aprovação da sua resposta para a recomendação de CONEP.

Atenciosamente,

José Araujo Lima Filho
Coordenador

Comitê de Ética em Pesquisa da
Secretaria Municipal de Saúde – CEP/SMS



MINISTÉRIO DA SAÚDE
Conselho Nacional de Saúde
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

PARECER Nº 038/2009

Registro CONEP: 15140 (Este nº deve ser citado nas correspondências referentes a este projeto)

CAAE – 0144.0.162.000-08

Processo nº 25000.194068/2008-37

Projeto de Pesquisa: "Concepção de saúde mental de indígenas Guarani-Mbya de São Paulo"

Pesquisador Responsável: Tania Elena Bonfim

Instituição: Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo - SP

CEP de origem: Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo– SMS/SP

Área Temática Especial: Populações indígenas

Patrocinador: não consta

Sumário geral do protocolo

O estudo dos fenômenos de ordem mental em populações indígenas requer um olhar ampliado que considera as dimensões históricas, políticas, sociais e culturais. Dados da FUNASA (2000) indicam evidências de que diversos problemas atingem a saúde mental das populações indígenas. As dependências químicas, especialmente o alcoolismo e, em algumas áreas, o suicídio, representam agravos importantes dentro da especialidade. Esses problemas, além de suas manifestações clínicas, são entendidos como sinais que expressam um processo de deterioração da pessoa e da sociedade, tendo essas duas últimas noções; definições dadas pelas culturas onde o fenômeno se apresenta. Nesse processo, encontram-se diversas associações, com ocorrência de consumo alternativo de diversas substâncias tóxicas, refletindo a intensidade emocional das tensões vividas.

Os objetivos gerais do estudo são: 1) Descrever e sistematizar concepções de saúde e doença mental de indígenas Guarani-Mbya; e 2) Descrever e sistematizar ocorrências de distúrbio mental e comportamental registrados nos prontuários médicos dos postos de saúde das aldeias. Os Objetivos Específicos são: 1) Descrever a concepção de saúde e doença mental relatada por pajés e anciãos Guarani Mbya; 2) Descrever conteúdo da expressão psíquica relatado em entrevistas preventivas por indígenas que apresentam distúrbio comportamental ou mental; e 3) Relacionar o conteúdo da expressão psíquica apresentado no relato dos casos atendidos às concepções de saúde e doença mental relatados pelos pajés e anciãos.

Participarão da investigação os pajés e anciãos das aldeias Guarani Mbya do estado de São Paulo, bem como indígenas que apresentam distúrbio comportamental ou mental.

Estima-se que serão entrevistadas cerca de 30 pessoas, contudo, este número poderá ser maior ou menor considerando que os entrevistados serão pessoas-chave, particularmente bem informadas a respeito do assunto que se quer conhecer.

Segundo o protocolo, para se evitar que um número desnecessário de pessoas seja exposto aos possíveis desconfortos (previsíveis ou não) da coleta de dados, pretende-se utilizar a técnica de saturação. Nessa técnica, a definição da amostra consiste em considerar um número suficiente de participantes, a fim de que haja reincidência das informações e de que os objetivos do estudo já tenham sido alcançados. Isso quer dizer que o fechamento do grupo de participantes será definido quando as informações coletadas com certo número de participantes começarem a se repetir, ao mesmo tempo que os objetivos do estudo tenham sido alcançados.

É importante ressaltar que a inclusão de indígenas que apresentam distúrbio comportamental ou mental foi ponderada e considerada de grande valia, pois permitirá acesso direto à maneira como indígenas guarani-mbya concebem e vivenciam as experiências

Cont. Parecer CONEP 038/2009

psicológicas que consideraram incômodas e que os levaram a procurar ajuda nos serviços de saúde. Embora, as entrevistas com os pajés e anciãos permitam abrangente acesso à concepção de saúde mental dessa etnia, esta estará assentada na percepção desses membros a respeito das experiências psicológicas descritas por aqueles que os procuram, bem como, referem-se ao saber tradicional. Entendemos, por isso, que o relato das vivências e percepções por parte daqueles que sofrem e que buscaram ajuda, somado aos relatos da concepção dos pajés e anciãos contribuirá para nossa compreensão contextualizada e atualizada de tais noções presentes nessa etnia.

É sabido que cuidados especiais devem de ser tomados, pois se trata de pessoas pertencentes a grupos especiais e membros de população considerada vulnerável conforme descreve a Resolução CNS 196/96. Os cuidados pertinentes se encontram descritos e pormenorizados ao longo dos itens procedimento e aspectos éticos a seguir.

Os procedimentos do estudo incluirão: 1) Análise de Prontuários: Serão consultados os prontuários disponíveis nos postos de saúde das aldeias para identificar os principais problemas de saúde mental detectados e registrados nos últimos dois anos. Serão consideradas queixas relacionadas a: a) nervosismo, irritabilidade, ansiedade; b) perturbações do sono; c) perturbações da alimentação, depressivas; d) distúrbios da percepção; e) angústia e ansiedade, de natureza fóbica, conflitos familiares, conflitos conjugais, conflitos afetivos; f) do tipo conversivo; g) ligadas ao alcoolismo; e h) ligadas a drogadição; difusas; 2) Roteiro de entrevista: As entrevistas com pajés e anciãos serão norteadas por um roteiro contendo os seguintes tópicos: a) Tipos de doença e suas características: a) Doenças que mais ocorreram nos últimos dois anos; b) Procedimentos utilizados no tratamento das diferentes doenças; c) Principais sinais das doenças naturais e espirituais; d) Procedimentos utilizados no tratamento das doenças naturais e espirituais; e) Noção de cura ou restabelecimento; f) Noção de índio sadio; g) Noção de índio doente; h) Doenças que devem ser tratadas pela medicina dos não índios; e i) a noção do que é "Bem" e o que é "Mal"; e 3) Entrevistas clínicas de prevenção.

Em concomitância à realização das entrevistas com pajés e anciãos, haverá a consulta aos prontuários existentes nos postos de saúde de cada aldeia. Com a autorização do órgão competente (Secretaria Municipal de Saúde) e auxílio do profissional de saúde responsável pelo cotidiano do posto, buscar-se-á identificar e descrever queixas e encaminhamentos de casos que procuraram atendimento local ou externo para distúrbios relacionados à saúde mental. Estará garantida a preservação da identidade dos usuários inscritos nos prontuários. A consulta aos prontuários possibilitará a identificação e o convite para as entrevistas preventivas com indígenas que apresentam distúrbio comportamental ou mental.

O protocolo traz uma série de considerações sobre aspectos éticos relacionados à pesquisa, as quais estão descritas no protocolo, quais sejam: a) Quanto ao respeito às peculiaridades de cada povo e/ou comunidade; b) Quanto ao cuidado dos benefícios e vantagens resultantes do desenvolvimento de pesquisa atenderem às necessidades de indivíduos ou grupos alvo do estudo c) Quanto ao respeito à visão de mundo, aos costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças lingüísticas e estrutura política d) Quanto ao cuidado de não admitir exploração física, mental, psicológica ou intelectual e social dos indígenas; e) Quanto ao cuidado de não admitir situações que coloquem em risco a integridade e o bem estar físico, mental e social; f) Quanto à concordância da comunidade alvo da pesquisa que pode ser obtida por intermédio das respectivas organizações indígenas ou conselhos locais, sem prejuízo do consentimento individual; g) Quanto à garantia da igualdade de consideração dos interesses envolvidos, levando em conta a vulnerabilidade do grupo em questão; h) Quanto à descrição do processo de obtenção e de registro do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, assegurada a adequação às peculiaridades culturais e lingüísticas dos envolvidos; i) Quanto à suspensão da pesquisa; e j) Quanto à avaliação de riscos e benefícios.

Apresentação do protocolo

O cronograma prevê a duração da pesquisa entre os meses de Fevereiro de 2008 a Junho de 2010, incluindo desde as fases de Reelaboração do Projeto e Elaboração do Relatório Final. A coleta de dados está prevista para se iniciar em Fevereiro de 2009.

AC/af

Cont. Parecer CONEP 038/2009

O orçamento financeiro apresentado é da ordem de R\$ 5.010,00 (cinco mil e dez reais), incluindo despesas com material de escritório e combustível para deslocamento dos pesquisadores, que serão financiados pela própria pesquisadora, sem que haja despesas para as instituições vinculadas à pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE está redigido sob forma de convite à participação, em linguagem acessível, permitindo que a decisão para participar da pesquisa ocorra após esclarecimento suficiente sobre os procedimentos a serem adotados no estudo.

O currículo da pesquisadora principal, disponível na Plataforma Lattes, demonstra formação acadêmica e profissional compatível com essa função no estudo. Também se anexou o currículo da professora orientadora do estudo, o qual é um dos pré-requisitos para obtenção de título de Doutorado em Psicologia da Universidade Estadual de São Paulo – USP.

Constam Termos de autorização para realização do estudo nos locais, emitidos por dois caciques da Aldeia Krukutu, onde autorizam a realização do estudo no local.

Ainda estão anexados ao protocolo cópias dos seguintes documentos do Conselho Federal de Psicologia e Conselho Nacional de Saúde: Resolução CFP 016/2000 e Resolução CNS 304/2000.

Local de realização

As entrevistas com os pajés e anciãos, como também as entrevistas preventivas com indígenas que apresentam distúrbio comportamental ou mental, serão realizadas nas dependências das próprias aldeias. Buscar-se-á ambiente apropriado para garantir privacidade dos participantes.

Os grupos Guarani Mbya do Estado de São Paulo, mantém íntimo contato com a sociedade não-indígena, já que muitas das aldeias ficam nos arredores de grandes centros urbanos, como é o caso das três aldeias Krukutu, Tenondê-Porã, e Jaraguá, localizadas no entorno da cidade de São Paulo. Entendemos que apesar do permanente contato com a sociedade envolvente, tais comunidades conservam práticas e tradições em função da possibilidade da vida em aldeias com espaço territorial demarcado em reservas.

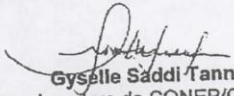
Comentários/Considerações

1. Solicita-se alterar as informações da tabela do cronograma referente ao ano 2010, que está subdividida em meses/09.

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposta, devendo o CEP verificar o cumprimento da questão acima, antes do início do estudo.

Situação: Protocolo aprovado com recomendação

Brasília, 04 de fevereiro de 2009.


Gyselle Saddi Tannous
Coordenadora da CONEP/CNS/MS

AC/af

Anexo 5. Autorização para realização do estudo por parte dos caciques da comunidade Guarani Mbya

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA^(*)

Nós Sr. Marcos Santos-Tupã, responsável legal pela Comunidade Indígena Guarani KRUKUTU, e Sr. Timóteo Vera, responsável legal pela Comunidade Indígena Guarani TENONDE PORÃ, autorizamos a realização em nossas comunidades da pesquisa intitulada "Indicadores e concepção de saúde mental em habitantes de duas comunidades Guarani-Mbya da cidade de São Paulo" sob os cuidados da Profa. Tânia Elena Bonfim, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, a qual tem por objetivos: "compreender alguns fatores psicossociais e psicodinâmicos dos habitantes dessas comunidades e construir um inventário de indicadores de saúde/doença baseado nas próprias concepções indígenas sobre saúde e doença mental".

Vale ressaltar que antes da assinatura do presente termo foram realizadas reuniões com os pesquisadores e as lideranças, nas quais foram discutidos os objetivos e os possíveis riscos à comunidade e seus habitantes, bem como os benefícios. Houve sugestões por parte das lideranças, as quais serão incorporadas ao projeto de pesquisa.

Foi-nos esclarecido que, por se tratar de uma pesquisa descritiva que utiliza entrevistas e questionários para a coleta de dados, não haverá riscos para os participantes da comunidade. Sendo que todos os instrumentos (questionários e roteiros de entrevistas), antes de serem aplicados serão submetidos à análise das lideranças, os quais poderão ser alterados, adaptados ou substituídos, a fim de garantir o respeito à visão de mundo, costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, diferenças linguísticas e estrutura política. Sabemos que participarão da pesquisa, adultos, adolescentes, anciãos e pajés das duas aldeias, cujo número será definido após censo local para garantir representatividade da amostra. A coleta dos dados será realizada pela pesquisadora e seus assistentes acompanhados por um membro da comunidade indicado pelas lideranças.


Estamos cientes que este estudo tem caráter acadêmico-científico e será conduzido pela pesquisadora e assistentes, sob a orientação da Profa. Dra. Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo, docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Declaramos ainda, ter compreendido que não haverá nenhum prejuízo de ordem psicológica ou física e a privacidade dos integrantes será preservada. Concordamos que os dados, mantido o sigilo sobre a participação, sejam publicados com fins acadêmicos ou científicos.

Estamos cientes que poderemos, a qualquer momento, comunicar a nossa desistência em participar do presente estudo, sem qualquer prejuízo. Sabendo também que a pesquisa será conduzida por profissionais psicólogos que garantirão assistência em caso de qualquer transtorno psicológico decorrente da coleta de informações.

Sobretudo, entendemos que o presente estudo contribuirá para a ampliação dos conhecimentos na área da saúde mental criando subsídios para estratégias preventivas e interventivas mais eficientes que possam garantir o respeito às peculiaridades culturais da Nação Guarani, revertendo em benefícios diretos às comunidades envolvidas por meio da melhoria no atendimento em saúde. Por estas razões, assumimos a incumbência de comunicar o Conselho Distrital sobre nosso interesse pelo estudo.

São Paulo, 09 de junho de 2006.


Marcos Santos-Tupã

Cacique da Aldeia KRUKUTU

Documento de Identificação: R.G. 23.330.146-2


Timóteo Vera

Cacique da Aldeia TENONDE-PORÃ

Documento de Identificação: 24.165.094-X

^(*) Termo elaborado a partir das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde – CNS – 196/1996. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. 1997. Brasília, Programa Nacional de Doenças sexualmente Transmissíveis/AIDS, 1997.

